

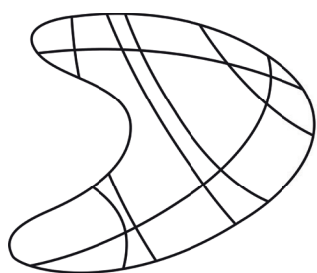
SEARA BENDITA

“Que os nossos planos não sejam os de destruir e sim de transformar.”

Nesse momento de comemorações justas do valoroso “Pacto Áureo”, nossa contribuição é sugerir o diálogo transparente sobre o tema: institucionalização da Unificação. Nesse sentido, grafamos todas as nossas mensagens com clareza, respeito e objetividade.

MARIA JOSÉ C. SOARES DE OLIVEIRA
WANDERLEY SOARES DE OLIVEIRA
POR DIVERSOS ESPÍRITOS

 **Dufaux**
editora



Dufaux
e d i t o r a

**SEARA
BENDITA**

POR DIVERSOS ESPÍRITOS

**“Que os nossos planos
não sejam os de destruir
e sim de transformar.”**

Bezerra de Menezes

**Maria José C. Soares de Oliveira
Wanderley Soares de Oliveira**

SEARA BENDITA

POR DIVERSOS ESPÍRITOS

**Sociedade Espírita Ermance Dufaux
Editora Dufaux**

Rua Oscar Trompowisk, 810
Bairro Gutierrez
Belo Horizonte - MG - Brasil
CEP - 30.441-123

www.editoradufaux.com.br

1ª EDIÇÃO
MAIO - 2011

Maio / 2011

Copyright © 2000 by
Maria José da Costa Soares de Oliveira
Wanderley Soares de Oliveira

Impresso no Brasil

PEDIDOS:

Rua Oscar Trompowisk, 810 - Bairro Gutierrez
Belo Horizonte - MG - Brasil
CEP - 30.441-123
(31) 3347-1531

www.editoradufaux.com.br
Distribuição digital gratuita

Oliveira, Maria José C. Soares

Seara Bendita; Diversos Espíritos / Maria
José C. Soares de Oliveira; Wanderley Soares
de Oliveira - Belo Horizonte:SED, 2000
267 p.

1.Espiritismo.I.Título

**“O produto desta edição é destinado à manutenção das
atividades da Sociedade Espírita Ermance Dufaux”**

SEARA BENDITA

“São eternas as palavras de Jesus, porque são a verdade. Constituem não só a salvaguarda da vida celeste, mas também o penhor da paz, da tranqüilidade e da estabilidade nas coisas da vida terrestre. Eis por que todas as instituições humanas, políticas, sociais e religiosas, que se apoiarem nessas palavras, serão estáveis como a casa construída sobre a rocha. Os homens as conservarão, porque se sentirão felizes nelas. As que, porém, forem uma violação daquelas palavras, serão como a casa edificada na areia: o vento das renovações e o rio do progresso as arrastarão.”

O Evangelho Segundo Espiritismo - capítulo XVIII - item 9

“Haverá casos em que convenha se desvende o mal de outrem?

É muito delicada esta questão e, para resolvê-la, necessário se torna apelar para a caridade bem compreendida. Se as imperfeições de uma pessoa só a ela prejudicam, nenhuma utilidade haverá nunca em divulgá-la. Se, porém, podem acarretar prejuízo a terceiros, deve-se atender de preferência ao interesse do maior número. Segundo as circunstâncias, desmascarar a hipocrisia e a mentira pode constituir um dever, pois mais vale caia um homem, do que virem muitos a ser suas vítimas. Em tal caso, deve-se pesar a soma das vantagens e dos inconvenientes.”

São Luís. (Paris, 1860.)

O Evangelho Segundo Espiritismo - capítulo X - item 21

“Para julgar os Espíritos, como para julgar os homens, é preciso, primeiro, que cada um saiba julgar-se a si mesmo. Muita gente há, infelizmente, que toma suas próprias opiniões pessoais como paradigma exclusivo do bom e do mau, do verdadeiro e do falso; tudo o que lhes contradiga a maneira de ver, a suas idéias e ao sistema que conceberam, ou adotaram, lhes parece mau. A semelhante gente evidentemente falta a qualidade primacial para uma apreciação sã: a retidão do juízo. Disso, porém, nem suspeitam. É o defeito sobre que mais se iludem os homens.”

O Livro dos Médiuns - capítulo XXIV - item 267, questão 26º

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO..... 31

Os espíritos que subscrevem este livro são companheiros que, quando encarnados, prestaram relevantes serviços à causa da Doutrina. Suas abordagens revelam decisiva empenhidade do mundo espiritual, visando, no mundo físico, o despertar e a conscientização das lideranças espíritas para que se empenhem em posicionamentos que interfiram eficientemente no quadro preocupante de distanciamento do movimento espírita daqueles valores simples e profundos que caracterizaram o Cristianismo primitivo, e que a Doutrina dos Espíritos, codificada pelo missionário lionês, veio reviver na atualidade.

VALTER BORGES DE OLIVEIRA

Prefácio

PACTO DE LUZ..... 39

Jamais nos moveu o propósito de que nossos apontamentos fossem considerados uma mensagem de caráter revelador, messiânico; tampouco, como plataforma ideológica, reacionária para estabelecer nova ordem de coisas. Longe disso, constituem apenas reflexões de almas comuns, amantes da verdade e do bem, que trabalham intensamente pelo ideal da formação de uma família espírita unificada e ajustada às proposituras de Allan Kardec e da mensagem moral de Jesus.

CÍCERO PEREIRA

Introdução

ATITUDE DE AMOR 42

Por isso, temos que promover as Casas, de posto de socorro e alívio a núcleo de renovação social e humana, através do incentivo ao desenvolvimento de valores éticos e nobres capazes de gerar a transformação.

Para isso só há um caminho: **a educação.**

O núcleo espiritista deve sair do patamar de templo de crenças e assumir sua feição de escola capacitadora de virtudes e formação do homem de bem, independentemente de fazer ou não com que seus transeuntes se tornem espíritas e assumam designação religiosa formal.

CÍCERO PEREIRA

Capítulo 1

SEARA BENDITA 60

O trabalho a ser feito é imenso, ainda bem! Pior seria se nos faltasse esse ensejo. O importante é estarmos no labor da Seara, não importa em que função. A Seara é grande e não há lados nem partidos. É a Seara Bendita e nela todos somos servidores do último horário. Sem mágoas e sem os calhaus da discórdia, sem afetação e sem os preconceitos lamentáveis, voltemos nosso sentimento a um único ponto: o serviço incondicional.

BEZERRA DE MENEZES

Capítulo 2

ATITUDES UNIFICADORAS 63

Entre nós, na imortalidade, vários servidores valorosos das muitas estradas da unificação no Brasil são categóricos em afirmar o quanto refariam em suas atitudes, guardassem eles a amplitude de visão que hoje logram. Este é recado de rara oportunidade a vós que ainda vos encontrais no vigor do aprendizado.

CÍCERO PEREIRA

Capítulo 3

CONGRESSO ESPÍRITA BRASILEIRO ... 72

E quando destacamos que esse contexto da diversidade é o ponto áureo do congresso, não o fazemos testificando e endossando a conduta das referidas lideranças que fermentam o espírito de mudanças em nossa Seara Bendita; quando chamamos para esse ponto as nossas reflexões, é para dar a conhecer que uma gama de ocorrências testemunhadas por nós nos interregnos da comemoração, deixam-nos uma mensagem do quanto temos por laborar em favor de posturas mais evangélicas e vigilantes a fim de lograrmos o respeito devido frente à multiplicidade de opiniões.

ARMANDO DE OLIVEIRA ASSIS

Capítulo 4

DEBATES E SEGMENTOS 76

O diálogo e o debate são os caminhos para a sensatez e o equilíbrio frente à diversificação. Não estamos nos referindo às polêmicas estéreis que geram os extremos da agressividade e do melindre. A controvérsia pode e deve ser explorada pelos administradores de toda estirpe no movimento espírita para a criação de forças conjuntas. Há sempre pontos de interseção a serem descobertos. Mas, para isso temos que nos despir da onipotência de nossas “verdades” individuais e grupais e partir para os colóquios, e isso só se dará através de uma consciência espírita participativa exercida em relações amistosas, através da destituição da “aura dos cargos”, e também, principalmente pelo conhecimento aprofundado das bases doutrinárias.

ARMANDO DE OLIVEIRA ASSIS

Capítulo 5

AÇÃO SOCIAL ESPÍRITA..... 82

Ainda hoje repetindo o hábito, fundamos a casa espírita e, por cultura adquirida, fixamos todo nosso potencial de louvor e trabalho dentro dos limites, comumente aceitos e usuais em nossos serviços de apoio. Focamos a assistência como ato religioso e, muita vez, a concebemos como tarefa para os benefícios pessoais de aprendizado, e em algumas situações, acentuando, com certa exageração, o caráter de resgate que acaba nos vinculando com a Lei de Causa e Efeito, quando ali deveríamos nos encontrar por amor.

BENEDITA FERNANDES

Capítulo 6

JESUS NA CASA ESPÍRITA..... 87

Seria oportuno, considerando essas recordações do Cristianismo Primitivo, que os centros espíritas, além de tornarem públicos os ensinamentos dos textos do Evangelho, também enviassem esforços para a formação de grupos íntimos nos quais se reunissem os trabalhadores que sustentam as iniciativas da Casa, recolhendo-se no estudo interpretativo da Mensagem Cristã, à luz dos fundamentos espíritas.

CÉLIA XAVIER

Capítulo 7

AMOR À CAUSA 90

Pela causa do Amor o Senhor Allan Kardec, verdadeiro Obreiro do Senhor, presente os alvites da vida maior e se entrega às investigações dos fenômenos espíritas, dedicando carinho e zelo a seus afazeres doutrinários, custando-lhe isso muitas privações, até mesmo a própria saúde.

ERMANCE DUFAUX

Capítulo 8

A CAUSA DO AMOR 94

Evangelho é a rota.

O Espiritismo, a bússola.

O amor, a meta.

A rota é o caminho a seguir.

A bússola confirma a direção.

A grande meta é o amor sobre o qual nenhuma designação segmentária se opõe.

ERMANCE DUFAUX

Capítulo 9

UNIFICAÇÃO, TRANSIÇÃO E NOVA ERA..... 96

Natural que percebamos no corpo do movimento espiritista-cristão embates, lutas, desentendimentos e desacertos. Porém, convém ressaltar que o corpo doutrinário, a se constituir da Doutrina dos Espíritos, não está sujeito a estas tribulações. Referimo-nos aqui ao movimento, reflexo das ações dos homens que se propõem às lides espiritistas carregando para dentro delas as dificuldades e imperfeições que trazem dentro de si. Este estado espiritual de transição íntima de valores que emanam da criatura e que se expressam em tudo o que ela faz também está presente no seio do nosso movimento espírita. Isto não se constitui em fator de escândalo ou alarde porque procede do processo evolutivo e transitório do planeta.

ANTÔNIO LIMA

Capítulo 10

VALORES ÉTICOS DA UNIFICAÇÃO 99

Os dirigentes das nossas unificadoras devem se sentir honrados e jubilosos de terem como desafio ingente o exercício da despretensão, tomando sobre si o compromisso de injetar com carinho e amor na Seara as noções atualizadas da unificação ética, demolindo definitivamente os padrões de formalidade delineados em decênios de hipnose do discernimento que jamais deveríamos ter permitido ocorrer.

ALÍPIO SILVA JUNIOR

Capítulo 11

TRAJE NUPCIAL..... 104

As núpcias, ou a comemoração das núpcias, representam hoje a vinculação dos trabalhadores com uma programação estabelecida pelos desígnios Divinos, que deverão ser levados a efeito por determinados espíritos que se candidataram a ela e para isto se prepararam. Mas, através do livre-arbítrio, da transmutação da visão e dos interesses, pessoais e grupais, abstém-se de comparecerem à estrutura de trabalho às quais se encontravam vinculados.

ANTÔNIO LUIZ SAYÃO

Capítulo 12

ESTAIS PRONTOS? 107

Este traje deve ser alvo como um traje nupcial. Nosso espírito precisa se apresentar ao Senhor com um espaço mental e emocional “desocupado”, limpo de interesses pessoais, para que neste espaço se alojem os ideais superiores de luz e progresso que os mensageiros do Senhor nos oferecem.

Capítulo 13

LIBERDADE PARA O EVANGELHO 110

A história do Cristianismo politizado ensinou o quanto a atitude institucionalista pode ser prejudicial às expressões autênticas do Evangelho vivido. Daí encontrarmos-nos em campanha permanente junto ao movimento espírita brasileiro pela libertação da mensagem de Jesus.

LEOPOLDO CIRNE

Capítulo 14

**HUMANIZAÇÃO NA SEARA
ESPÍRITA 112**

Basta que haja uma leve divergência de opiniões para que a ingratidão compareça através de verdadeiras manobras de bastidor, afastando o indesejável companheiro que pensa diversamente. Outras vezes, basta pequeno engano do comportamento para que o selo da obsessão justifique o desequilíbrio alheio, e passa-se a infligir o descrédito ao coração querido, que até então, com muita tenacidade, soube manter siso moral.

ERMANCE DUFAUX

Capítulo 15

**RECICLAGEM DAS PRÁTICAS
MEDIÚNICAS..... 117**

A reciclagem das práticas deve iniciar pelo entendimento lúcido da finalidade primacial da mediunidade, sem o que a consagração ao serviço sofrerá sempre os reflexos dos nocivos e adulterados objetivos insculpidos pela inferioridade humana.

RAUL HANRIOT

Capítulo 16

MACROTENDÊNCIAS..... 121

A Doutrina Espírita, enquanto representada por um movimento de homens, carece ser difundida e debatida ardente e seriamente junto à sociedade. Para isso é necessário que nossos planos e metas se voltem e se ajustem para uma nova ordem de fatos que se desenrolam céleres.

ARMANDO DE OLIVEIRA ASSIS

Capítulo 17

JORNALISMO ESPÍRITA 125

O receio infundado de proselitismo tem criado uma introversão jornalística nos meios espíritas, recuando os periódicos espíritas do meio social e só comunicando-se com seu ambiente. Os órgãos espíritas noticiosos que já experimentam o contato social não têm como negar os benefícios para a sociedade e para o ambiente das instituições espíritas.

TELLES DE MENEZES

Capítulo 18

RESGATANDO A ESQUINA DE PEDRA 130

O resgate das esquinas de pedra, colunas que, genuinamente, sustentam o serviço do Senhor, é um convite primordialmente dirigido aos que já foram felicitados com a Doutrina Espírita – mensagem cristã dos dias atuais. O compromisso é de extensa significação: livrar os ensinos de Jesus do dogmatismo, estudar a Boa Nova sem exaltações místicas, desalgemar das letras as lições profundas e universais das sábias palavras do pedagogo-modelo.

WALLACE RODRIGUES

Capítulo 19

CARAVANA DA SOLIDARIEDADE..... 133

Observamos em nossas visitas de norte a sul, de leste a oeste de nosso país, a predileção, não total, mas expressiva, pelo bom serviço, pelo trabalho que conforta, pelo material que explica, pela qualidade dos programas, abstraindo-se ênfase e créditos à rotulagem institucional. Mesmo nos casos em que as rotulações institucionais são arroladas para identificar este ou aquele trabalhador e, ainda que ele reúna conteúdo, esse trabalhador tem sido respeitado, admirado e amado, mais pelo que oferece do que pela instituição que representa. Sinais de maturidade...

LEOPOLDO MACHADO

Capítulo 20

LUZ DO MUNDO 136

Este momento é decisivo para nossos espíritos. Mais de uma vez assumimos compromissos com o Cristo no campo de nossa reparação moral através da iluminação do nosso semelhante. Mais de uma vez, também, falhamos no compromisso assumido sob o peso das pressões de interesses pessoais, grupais e de toda uma comunidade de espíritos que ainda teimam em hibernar no campo do próprio progresso espiritual.

BEZERRA DE MENEZES

Capítulo 21

LICITAÇÃO DIVINA..... 139

Os que desejarem participar desse tempo encontrarão roteiro e conforto nas palavras sábias do Codificador. Quando de sua auspiciosa viagem de 1862, foram-lhe propostas várias questões pelos grupos. O apóstolo da era nova fornecia respostas de luz e conforto, e nessas indagações, uma é de rara oportunidade: a que trata sobre os inimigos do Espiritismo dentro do seio das nossas próprias instituições. O lúcido Allan Kardec assevera, em outras palavras, que a força de uma idéia tem a medida das reações que provoca.

ANTÔNIO WANTUIL DE FREITAS

Capítulo 22

TEMPO DE TRANSFORMAÇÕES 144

Nesse tempo de definições, carecemos de uma revisão na conceituação de unificação. A base da unidade doutrinária e da união dos espíritas é o centro espírita. Se pudéssemos deflagrar uma campanha com esse objetivo para o próximo meio século a nomearíamos “célula áurea”, e nisso nos firmamos com certeza. É a unificação de “baixo para cima”. A unificação onde, verdadeiramente, ela deveria existir e vigorar com exuberância e beleza. Por isso a grande definição é delegar a missão a quem pode operacionalizá-la. Nessa revisão de conceitos, a unificação sai da excessiva centralização e prolifera no seio de seu maior e mais visado objetivo: a casa espírita. A causa na Casa é o nosso “slogan”, na vida da erraticidade.

FRANCISCO THIESEN

Capítulo 23

DIRIGENTES COMPROMETIDOS 148

Os dirigentes espíritas dotados de maiores responsabilidades na condução de homens e instituições reflitam no papel que lhes compete nessa hora grave de transformações. Nada do que lhes espera será fácil e glorioso, e quanto mais empenho e utilidade tiver sua colaboração, mais ciúme e inveja, mais crítica e interesses mesquinhos lhes rondarão os passos, quais mariposas sedentas em torno da luminária acesa. Quanto mais luzes acender no caminho escuro do egoísmo humano, mais sombras procurarão apagar-lhes a claridade. E isso deve lhe servir de estímulo, porque pior seria se nada ocorresse na esfera dos compromissos assumidos, então sim, ter-se-ia motivo de preocupações, porque seu labor estaria sem o fermento levedante das necessárias transformações.

ERMANCE DUFAUX

Capítulo 24

CRISES E PARADIGMAS 155

As chagas sociais são bem mais amplas que as medicações oferecidas pelo movimento espírita nos dias de hoje. As noções de Espiritismo de alguns companheiros espíritas da atualidade distam em muito das bases assentadas pela falange Verdade. E o Evangelho, o motivo maior do Consolador Prometido, nem de longe teve sua excelssitude descerrada em nossos ambientes...

CÍCERO PEREIRA

Capítulo 25

UM DEPOIMENTO..... 159

Hoje, mais harmonizado, já faço, sempre acompanhado, visitas de aprendizado aos ambientes da unificação para adquirir a visão sublime do movimento espírita como Seara de Jesus e Escola de Kardec. Venho renovando os conceitos, e percebendo que a unificação há muito deixou de significar um programa de defesa do Espiritismo para se tornar um projeto de solidariedade entre os próprios espíritas.

UM IRMÃO

Capítulo 26

A DIFERENÇA 164

Somente o impacto das vivências coletivas poderá trazer o diferencial na mudança do orbe. Faz-se necessário que somemos o esforço individual de cada um, no clima do entendimento anônimo, a fim de que a postura coletiva unificada expresse a presença de Deus, comovendo todo o planeta na luz do amor fraterno, do entendimento e do perdão que a tudo supera.

RUI BARBOSA

Capítulo 27

OS MITOS E A VERDADE 172

Nesse momento que se avizinha, nenhuma instituição, nenhum homem, ou espírito, guarda consigo verdades definitivas. São todos falíveis, porém úteis; todos fazendo o melhor que podem, credores do respeito e da fraternidade que os deve unir, todavia, nenhum tem a extensão da verdade em sua abrangência maior.

RUBENS ROMANELLI

Capítulo 28

MEDIUNIDADE E CONTEÚDOS ANÍMICOS 177

Nas práticas bem orientadas não há porque cultivar temor e escrúpulos quanto às influências dos conteúdos anímicos nas comunicações, haja vista que não há como desvincular um do outro. Muitos aprendizes desertam do compromisso por assustarem-se com a presença marcante de sua personalidade nas realizações entre os dois planos. Outros que participam de grupos menos experientes são discriminados por juízos apressados de dirigentes insensíveis e terminam por desistir do labor, havendo ainda aqueles que, lamentavelmente, peregrinam nas faixas do “animismo planejado” saindo do âmbito das experimentações necessárias, e entrando na mistificação, em abusos perpetrados intencionalmente através do uso de seus próprios recursos.

YVONE PEREIRA

Capítulo 29

COMUNICAÇÕES DE NOMES ILUSTRES 183

Os nomes ilustres em vossa Seara de amor muito têm vos intrigado. Enquanto uns acham fanatismo e obsessão as assinaturas honrosas, outros culpam os medianeiros pelos nomes desprezíveis e

anônimos que assinam suas psicografias ou enaltecem sua palavra mediúnica. Outros ainda se assustam ao receber as visitas de corações superiores em suas sessões, como se as almas nobres andassem em “céus distantes” e esquecidas dos vossos labores terra a terra. Enfim, a questão dos nomes ainda seduz a uns e incomoda a outros.

AMÁLIA DE ARAGÃO

Capítulo 30

O CENTRO ESPÍRITA E SEUS PROJETOS..... 189

Quanto aos trabalhadores, o que deverá ser a prioridade? Como favorecer a implantação do espírito fraterno? Os pilares de uma Casa são seus servidores e as suas relações interpessoais devem ser enriquecidas por iniciativas que tonifiquem o clima familiar, o toque de carinho e ternura, e, sobretudo, a promoção do cooperador. Aqui uma questão emergente é o crescimento do trabalhador para além dos limites da própria instituição. A ausência de uma cultura promocional do tarefeiro propicia o apego, o personalismo e o desgaste desnecessário. Quantos são os que cresceram em nossos núcleos de trabalho espiritual e perderam, depois de um tempo, os horizontes de progresso, adotando posturas incômodas e clamorosas, tão somente, por não terem o próprio espaço de responsabilidades para atuar em serviço e dedicação?

JERONYMO RIBEIRO

Capítulo 31

EDICTUS VATICANUM 192

tCuidemos para que o ufanismo não encegue a razão e aprisione a ação. A missão do Brasil situa-se indiscutivelmente nas veredas da espiritualização do ser, no entanto, isso não significa afirmar que tal desiderato caiba aos espíritas, mas sim, a todos aqueles que, independentemente de rótulos, saibam honrar a

única instituição segura de alcançar essa meta: o amor.

CAIRBAR SCHUTEL

Capítulo 32

NA HONRA DA VERDADE..... 198

Uma lenda antiga diz que certa feita o “espírito do mal” desafiou o “espírito do bem” a falar uma mentira, e ele, por sua vez, já acostumado a mentir, em retribuição diria então dez verdades. O “espírito do bem”, na ingenuidade e pureza, aceitou o alvitre e, quando mentiu, disse-lhe o maligno: “agora que mentiste, eu direi não só dez verdades, mas um milhão delas, e a minha verdade será dizer a todos que mentiste.” Conta-se que o “espírito do bem” trabalhou um milhão de anos para corrigir cada uma dessas “verdades”.

VIRGILIO DE ALMEIDA

Capítulo 33

A ESCOLA DO LAR 202

Os dirigentes atentem para os trâmites dessa natureza, para que centro espírita seja a extensão dos laços familiares e tenha sempre portas abertas e fontes atrativas para a participação de todos que se vejam vinculados ao colaborador espírita. Muito pertinente que nossas instituições se ocupem com as famílias de seus servidores, antes mesmo de lograr vãos mais amplos de apoio e orientação a outras instâncias do serviço doutrinário.

MAURO ALBINO

Capítulo 34

A INSEGURANÇA DA PROPRIEDADE..... 206

Mesmo tendo conhecimento da perfeição que nos é reservada

ao longo do nosso destino imortal, mesmo sabendo que o Cristo não tinha onde recostar a cabeça e ainda assim mudou a história da humanidade, resistimos, “involuntariamente”, em abrir mão do muito ter, do comandar e ordenar, para vivermos a simplicidade e singeleza da proposta do Cristo. Nenhum cargo Ele ocupou, nada quis possuir, nenhuma posição de destaque reivindicou para si mesmo. Na vivência irrestrita da Lei de Amor, exemplificou-nos, mostrando o caminho a seguir.

CAMILO CHAVES

Capítulo 35

O FUTURO 209

A hora agora é a da unificação no Evangelho. O Pedagogo da mensagem libertadora primeiro cuidou de que sua palavra rediviva chegasse límpida e sem ofuscamentos de nosso orgulho e egoísmo. Feito isso, agora é uma Era Nova, um momento maior no qual a proposta é cuidar da unidade dos ensinos, direcionando-os à nossa individualidade, e nem tanto a parâmetros coletivos.

LINS DE VASCONCELLOS

Capítulo 36

EVANGELHO: ÉTICA PARA O TERCEIRO MILÊNIO 212

Os trabalhadores espíritas carecem de uma reflexão mais acurada sobre a urgente necessidade de resgatarmos o elo e o contato com estudos espíritas do Evangelho.

Não se trata de biblismo místico e dogmatizante, longe disso. Mas de descobrir, pelo estudo profundo dos fundamentos doutrinários e por uma visão progressista da cultura espírita, o quanto a hermenêutica pode adquirir uma explanação confortadora e luminosa, motivadora de uma vivência saudável. Esse estudo, seguido de uma meditação, em ambientes apropriados de nossos

centros espíritas, constituirá em lídimas iniciativas de maturidade espiritual, será o alento imprescindível à nossa caminhada, será o mergulho na intimidade donde extrairemos refazimento e sintonia com as forças superiores da vida.

CÍCERO PEREIRA

Capítulo 37

UNIDADE, UNIFICAÇÃO E UNIÃO 217

Nesse momento do aprendizado por que passam nossos grupos espíritas, é preciso que acreditemos com mais empenho na força do trabalho honesto, leal e coerente. Como adquirir a verdadeira união, senão por esse caminho? E como fazer unificação sem essa união? Trabalhando lealmente, de forma produtiva, deixando o rastro da exemplificação, transmitindo a vibração de firmeza que embaraça os tíbios. Assim, até mesmo os valores da instituição que ainda tanto nos influenciam, fazendo-nos vacilar às vezes, vão amoldando-se à força produtiva do serviço. Essa força de trabalho é a Instituição do Cristo. Esta mudança, com certeza, é uma questão de tempo.

IVON COSTA

Capítulo 38

FARANDOLAGENS RELIGIOSAS..... 220

A nova era da humanidade terá de se concretizar conforme as determinações Divinas. Contudo, somente despindo-se o homem das suas experiências malogradas é que os tempos novos surgirão. Entre esses muitos experimentos humanos, um grande apelo dos céus desce em direção à nossa consciência espírita, conclamando rumos novos sem perda de tempo. São as farandolagens religiosas! A terminologia farandolagem sugere a idéia das vestes rotas, maltrapilhas, fantasias.

PEDRO DE CAMARGO (VINICIUS)

Capítulo 39

POR QUE ELES?..... 224

Na hora de maior solidão, em que te agravares o sentimento infeliz da ofensa, e quando indagares a Deus: por que, Senhor, logo dos que mais amamos sofremos os duros golpes da indiferença? Então nessa hora, lembra Jesus, o Divino Amigo do amor incondicional; traído, negado, crucificado, passou as maiores dores, justo da parte dos que mais amava. Lembra-te deles e peça em oração: (...)

PEDRO HELVÉCIO

Capítulo 40

UNIFICAÇÃO E FRaTERNIDADE..... 227

É necessário aos lidadores da iniciativa em questão que façam o doloroso, porém, urgente e indispensável aprendizado que chamamos de “Coração Silencioso”, ou seja, saber calar as emoções perturbadoras da raiva, do melindre, da discórdia, controlando-as e sublimando-as ao influxo da oração e do tenaz esforço de superação, para que a palavra fale e o coração alterado canalize suas forças em clima de renovação.

NORALDINO DE MELLO CASTRO

Capítulo 41

MESA FARTA 231

Em que mesa farta se encontrava o Senhor!

Farta de trabalho e necessidades.

Ali estavam juntos a hipocrisia, a cultura inóspita, os cobradores de tributos alheios e os pecadores deliberados.

Em que mesa farta se encontrava o Mestre!

GIL JOÃO DE LIMA

Capítulo 42

NO ESCUDO DO EVANGELHO 233

Quando escudados no Evangelho, nada devemos temer; quando pautados nas intenções nobres do serviço desprezioso prestado à causa, nada deve nos deter.

EWERTON QUADROS

Capítulo 43

NAS FONTES DO AMOR 236

O Divino Médico de nossas almas necessita das vossas mãos operosas no campo físico para efetuar esta assistência recíproca. Não ocupem os vossos braços, as vossas mentes, as vossas mãos digladiando-se uns com os outros. Sejam eles, nas mãos dos amigos espirituais, os instrumentos necessários para exercerem a extração das imperfeições mútuas. Mas que estes instrumentos não tenham a rudeza do aço, mas sim, sejam orientados no sentido de valorizar o restante do organismo sadio.

OSVALDO MELLO

Capítulo 44

TESTEMUNHO SACRIFICIAL 239

Nessa hora, no relógio da eternidade, o discípulo é convocado a servir fora de quaisquer condições de segurança padronizada ou de conforto para o trabalho. É o testemunho no qual o homem reveste-se da consciência lúcida e vence os parâmetros estipulados pela milenar ilusão do menor esforço, lançando-se nos terrenos sublimes do sacrifício de si mesmo para seguir o apelo do Senhor.

PADRE VITOR

Capítulo 45

O FUTURO DA UNIFICAÇÃO 242

A nossa palavra, engalanada com os resultados das cinco décadas, enaltece o momento justo das comemorações e congressos desse cinquentenário de áureas conquistas. Valhamo-nos desse ensejo de encontros e trocas. Façamos projeções quanto ao futuro, pois herdamos do passado tão somente a experiência arregimentada. Que essa bagagem nos sirva também para entabularmos os caminhos a seguir.

FRANCISCO THIESEN

Capítulo 46

E A SEIVA? 245

A árvore do Espiritismo, por se enraizar em solo inóspito e árido, muito pedirá a quem quiser propiciar-lhe a água; valas longas e distantes serão cavadas no sacrifício e na solidão da manipulação da ferramenta escavante. Quem, por sua vez, lhe for adubar se entregará à atividade da seleção de componentes orgânicos adequados ao desiderato, e nisso haverá o odor desagradável e asfixiante...

BEZERRA DE MENEZES

Capítulo 47

AOS ESPÍRITAS MINEIROS 248

Os ofícios da unificação, sem dúvida, devem pugnar pela unidade do conhecimento, resguardando a Doutrina das desfigurações e favorecendo a linguagem do entendimento. Todavia, a coerência doutrinária não basta para unir e nem para instituir a fraternidade, porque essa nasce espontaneamente, nas fontes do coração, quando, no fórum íntimo ele se abre para o amor. Mesmo se tratando de uma questão íntima, pessoal, há urgente e flagrante necessidade de envidar-se campanhas pela união em torno dos sentimentos evangélicos, para apresentarem-se de mãos dadas

pelo respeito mútuo efetivando exemplos de perdão e recomeço quantas vezes se fizerem precisas.

ANTÔNIO LIMA

Capítulo 48

UNIFICAÇÃO NA ATUALIDADE 255

Unificação mais que nunca em torno do Evangelho, uma unificação ética é o que precisamos agora, para que, após cinquenta anos do Pacto nobre de 05 de outubro ⁽¹⁾, tenhamos as condições para sair da infância de nosso movimento e deslocá-lo a ações mais enobrecedoras e cooperativas junto a gleba e também à sociedade como um todo.

ARMANDO DE OLIVEIRA ASSIS e CÍCERO PEREIRA

Capítulo 49

EM PANOS 261

Os esforços hoje são direcionados à nova era. Essa era nascente só se estabelecerá através da aliança dos corações que hoje estão vibrantes dentro do ideal da “Boa Nova”, o Evangelho de Jesus.

EWERTON QUADROS

Capítulo 50

UNIFICAÇÃO NO EVANGELHO 264

Comparemos o nosso movimento doutrinário a um edifício de gigantescas proporções, cujas pilastras mantenedoras são as balizas do Espiritismo e as moradias seriam os centros espíritas.

Nessa figuração, é comum encontrarmos os núcleos doutrinários, cada qual olhando da janela de suas experiências aquilo que lhe constitui o interesse.

FRANCISCO THIESEN

Capítulo 51

UNIVERSO UNIFICADO 269

Quando vemos desabrochar no seio da Doutrina da Verdade os ideais de unificação, reconhecemos, nesta planta tenra e nobre, todos os elementos essenciais ao surgimento de uma árvore robusta, capaz de produzir e reproduzir infinitamente a unidade que vige em toda Criação.

ANTÔNIO VANTUIL DE FREITAS

Capítulo 52

O DANO 272

Se entre irmãos deve imperar o entendimento, o legítimo amor fraternal, não será preferível que soframos os danos da incompreensão e inaceitação dos nossos irmãos da família Divina, do que nos contendermos uns com os outros, em nome do nosso Pai de amor, mas na verdade lutando para impor o nosso jeito de entender e fazer as coisas?

OSVALDO MELLO

Capítulo 53

NOVOS HORIZONTES 276

O contato com o mundo espiritual, pelas vias mediúnicas, não tem constituído ampliação da visão sobre as responsabilidades a que

todos são convocados, enquanto seria de esperar que abundante fonte de estímulo e novos panoramas decorressem desses conúbios entre os dois mundos.

ERMANCE DUFAUX

Capítulo 54

RUMORES DE GUERRA..... 279

Ao permitirmos que estes sentimentos de perplexidade e incompreensão abatam o nosso ânimo, abrimos um canal magnético de sustentação e ampliação das ondas mentais de desagregação dos valores evangélicos do Cristo, para serem paulatina e imperceptivelmente substituídos pelos interesses pessoais em relação à Doutrina.

ANTÔNIO LUIZ SAYÃO

Capítulo 55

PUREZA E COERÊNCIA..... 282

Os textos mesmos da codificação merecem nosso indeclinável louvor, porque foram construídos a partir de validações efetuadas em rigorosas observações provenientes da fleuma científica de Allan Kardec, mas nem mesmo eles podem ser dogmatizados pela letra que gera interpretações unívocas e acabadas.

ANTÔNIO LIMA

Capítulo 56

**OS PRESSUPOSTOS
DIANTE DA CRISE..... 285**

APRESENTAÇÃO

Ao apresentar esta obra, organizada pelo “Instituto Espírita de Estudo e Divulgação do Evangelho - INEDE”, encontramos convencidos de que os registros e advertências dos amigos espirituais aqui publicados estão primeiramente direcionados às nossas reconhecidas necessidades de aprendizado.

“Seara Bendita” vem a lume cinqüenta anos após o inspirado momento que nos legou o Pacto Áureo, mantenedor das balizas que asseguraram a integridade da Codificação Kardeciana e estruturaram o movimento espírita de unificação, protegendo-a contra as investidas dos adversários da Luz e do progresso espiritual da Humanidade.

Nesse momento em que a comunidade espírita rejubila-se, com justa razão, pelas vitórias do passado, as Vozes do Alto, também se regozijando com a feliz iniciativa de cinqüenta anos atrás, apontam-nos o futuro propondo reflexões sobre novas posturas que norteiem as atividades doutrinárias nas próximas décadas, direcionando-as ao centro espírita, que na feliz expressão de nosso abnegado e leal Francisco Thiesen, recebeu a denominação de “Célula Áurea”.

O centro espírita, reconhecido como a base fundamental do movimento espírita, estará sendo chamado, segundo depreendemos das mensagens ora publicadas, a exercer papel ativo e relevante no ambiente doutrinário, assumindo postura mais interativa com as outras casas congêneres, numa maior abertura, buscando relacionamento construtivo e revitalizador com as mesmas.

Os espíritos que subscrevem este livro são companheiros que, quando encarnados, prestaram relevantes serviços à causa da Doutrina. Suas abordagens revelam decisiva empreitada do mundo espiritual visando, no mundo físico, o despertar e a conscientização das lideranças espíritas para que se empenhem em posicionamentos que interfiram eficientemente no quadro preocupante de distanciamento, de influentes segmentos do movimento espírita, daqueles valores simples e profundos que caracterizaram o Cristianismo primitivo e que, a Doutrina dos Espíritos, codificada pelo missionário lionês, veio reviver na atualidade.

Trazem estes amigos desencarnados uma contribuição relevante, especialmente por se tratar de tarefeiros com respeitável acervo de realizações prestadas à seara espírita, ao longo de anos de abnegação, renúncia e devotamento às instituições a que serviram quando na escola física, acrescidas, hoje, de visão ampliada pela experiência adquirida no mundo espiritual.

Conhecedores das ciladas que cargos, posições de mando e poder despertam na intimidade de todos nós, pelos hábitos condicionados há milênios e que se enraízam em nossa personalidade, incompatíveis, portanto, com as propostas do Consolador Prometido, reagem fraternalmente, mas com o rigor que a seriedade do problema recomenda. Buscam despertar-nos para o perigo de voltarmos ao passado, onde institucionalizamos a mensagem do Cristo provocando retardamento lamentável nas conquistas espirituais da Humanidade, e que repercutem até os dias atuais de forma constrangedora e penosa em nossa atuação e desempenho nas tarefas doutrinárias.

Não são indiferentes, todavia, a todos os que se encontram vigilantes. Em verdade, nutrem grande esperança naqueles que também engrossam as fileiras da atividade espírita, mantendo-se atentos aos seus compromissos com o Cristo, desempenhando seus papéis, comprometidos com a vivência das máximas evangélico-doutrinárias. A marca destes companheiros inumeráveis, espalhados por todo o Brasil, é a operosidade silenciosa, o quase anonimato.

Assegurados pela convivência e atuação ininterruptos no movimento unificacionista de Minas Gerais, há quase três décadas, e também por incursão recente, embora rápida, pelo movimento espírita brasileiro como secretário da comissão regional centro do Conselho Federativo Nacional, que nos permitiu observar a realidade do Brasil espírita, podemos afirmar que estes abnegados tarefeiros, atuantes em centros espíritas, AME's, ARE's, ADE's, CRE's ⁽¹⁾ e Federativas Estaduais, além de grupos de serviços que se mantêm na simplicidade e despreensão, formam a base sólida e essencial do movimento espírita. Operários abnegados do Cristo, não têm ainda seus exemplos positivos influenciando parte das cúpulas dirigentes unificacionistas, como era de se esperar, mas pela ação benéfica que espalham, sustentam o reconhecimento e respeito da sociedade brasileira pela nossa Doutrina.

Em "Seara Bendita", os amigos espirituais mantêm-se na linha do equilíbrio e da sabedoria, características das almas nobres. Não propõem nenhuma revolução nos ambientes doutrinários ou atitudes

contundentes que levem a confrontos ideológicos. Reconhecem a gravidade das situações infelizes geradas por nós pela má utilização do livre-arbítrio, quando administradores espíritas desatentos, e recomendam cuidados.

“Seara Bendita” é, portanto, uma verdadeira convocação à lucidez, à responsabilidade e ao comprometimento com a causa do Evangelho.

Nosso ínclito Codificador, certificando-se das facilidades com que o mal se multiplicava em nosso orbe, indagou o porquê de o mal proliferar-se de tal maneira. As Vozes da Verdade responderam que a causa era a timidez dos bons. ⁽²⁾

Pela resposta concisa da espiritualidade superior, a “timidez dos bons”, paradoxalmente, abre caminhos largos para o mal se movimentar. Hoje, esse mal visa prioritariamente as hostes do bem agrupadas no movimento espírita. Por isso, a fala dos amigos espirituais em “Seara Bendita” está vazada na mais absoluta clareza, sem meias palavras, sem contemporizações.

Sabemos dos enganos provocados pela carga pesada e milenar que depositamos em nosso psiquismo, ao longo de inúmeras encarnações, quando assimilamos a mensagem libertadora do Cristo como mais uma religião, portanto, organizada, institucionalizada, centralizadora, dogmática, restrita e restritiva, sectária e partidária. Hoje, como dirigentes espíritas, apesar de cientes desta nossa realidade espiritual, em certas circunstâncias tememos ser estigmatizados, na hora do testemunho e definição pessoal de comprometimento com o Cristo, como criaturas contundentes, muito senhoras de suas próprias verdades ou intolerantes. Para evitarmos contendas, conflitos e desconforto, furtamo-nos aos testemunhos mais áspers e, sem percebermos, acabamos encaixando-nos no perfil dos bons, porém tímidos.

Nesta obra está evidenciado que o objetivo dos amigos espirituais é a nossa sensibilização, enquanto dirigentes espíritas, para a importância do momento que experimentamos frente às responsabilidades assumidas no movimento doutrinário. Por isso, em nosso auxílio, buscamos o posicionamento de Jesus como referência que nos estimule a segui-lo, nos momentos de aferição de valores. Na passagem do Lava Pés, o evangelista João registra a fala de Jesus quando disse: **“Vós me chamais Mestre e Senhor, e dizeis bem, porque eu o sou”**. ⁽³⁾

A postura de Jesus neste versículo é de extrema importância

para todos nós, que nos encontramos chamados diante de circunstâncias que nos situam à frente de tarefas na seara espírita, com responsabilidades bem definidas junto ao movimento doutrinário. O exemplo de nosso “guia e modelo”, quando analisado com sinceridade e atenção, cala fundo nos escaninhos mais profundos de nossas mentes e corações.

Ao reconhecer-se aceito como Mestre e Senhor pelo seu grupo e assumindo, inequivocamente, a responsabilidade que estas posições lhe conferiam, sinaliza para todos nós, comprometidos com a condução de tarefas no campo doutrinário, a consciência que devemos ter dos papéis, das atribuições e dos deveres que espontaneamente abraçamos.

Ensina-nos, ao aceitarmos a coordenação de tarefas na seara espírita, a não fugir das responsabilidades e do imperioso dever de assumir os encargos decorrentes dos cargos ou posições em que nos situamos.

Chamando para si a responsabilidade inerente à posição que lhe fora outorgada por aqueles que O admiravam e respeitavam, demarca Jesus, com clareza, qual deve ser nossa postura ao nos encontrarmos nas tarefas em seu nome. Observamos na sua atitude espontaneidade, maturidade, desvinculação completa da idéia de destaque pessoal, ou personalismo, e total desinteresse na busca de vantagens pessoais.

Aceitou, o Senhor, com serena e despreziosa consciência, as expectativas dos companheiros com relação às suas atribuições. Entendeu que, no contexto geral do seu trabalho, as exigências mais rigorosas e contundentes, a não se justificarem de forma alguma, faziam parte do processo evolutivo da comunidade com a qual trabalhou, aceitando como naturais a insipiência e imaturidade da mesma, reagindo positivamente aos fatos. Assim, não se sentia sobrecarregado, irritado, queixoso, inadaptado ao compromisso livre e prazerosamente assumido. “Deus ama a quem dá com alegria.”

(4)

Demonstrou o Senhor saber com clareza a parte que lhe competia realizar no processo em curso. Assume a grandeza da tarefa, mas não se supervaloriza. Também não superdimensiona o trabalho chamado a executar junto ao círculo mais íntimo dos seus seguidores. Deixa transparecer o reconhecimento da sua posição frente ao colegiado apostólico e todo seu comprometimento com a missão a realizar junto dele. Registra, por fim, a marca de que a coerência e a dedicação incondicionais à tarefa são premissas

indispensáveis para a direção responsável conduzir-se com proveito e eficácia, frente aos encargos recebidos.

Mais ainda, aprofunda o ensinamento no versículo seguinte quando diz: **“Ora se eu, Senhor e Mestre, vos lavei os pés, vós deveis também lavar os pés uns aos outros.”** ⁽⁵⁾ Neste versículo Jesus determina uma posição indispensável à direção responsável: a consciência interior, íntima, de que antes de ser Mestre, Ele é Senhor. Devemos, assim, conquistar o “título de Senhor” com o esforço pessoal, a renúncia, a abnegação e a disposição sincera de servir ao outro, ou seja, conquistar a autoridade de quem exemplifica, de quem primeiro faz, para, só depois, ensinar, administrar e orientar.

Vale notar que, no versículo anterior, Jesus demonstra conhecer o perfil psicológico do grupo, que primeiro percebe o Mestre, para depois descobrir o Senhor. Mas aqui, nesse versículo, falando de si, avaliando-se, mantém uma linha de coerência admirável, definindo-se antes como Senhor, e só depois como Mestre.

O Senhor é todo aquele que conquistou com o esforço pessoal no bem a autoridade de si para consigo mesmo, é, portanto, o dono de seus atos, o comandante de sua consciência. É quem não se encontra faltoso com suas obrigações, seus deveres e suas responsabilidades.

A autoridade conferida pela vivência, pela exemplificação, proporciona à criatura plenamente ajustada às suas funções sentimento íntimo de segurança, de firmeza, de convicção, favorecendo o desempenho da mesma na orientação, no ensino e na administração. Tal conquista, fruto de ingentes esforços, constantes renúncias e perene abnegação inibe a contestação aberta e desafiante, o descontrole do grupo, as lutas intestinas e a rebeldia incosequente, quando não seja a equipe de trabalho um grupo de corações já amadurecidos no trato fraternal e habilitados à maior compreensão evangélica. Mesmo aqueles corações ainda insipientes, que discordam de uma direção com tais qualidades, costumam ajustarem-se sem criar dissensões e tumultos, rachas e divisões. O que impede o caos e a desestruturação de um grupo ou de uma comunidade é essa autoridade moral, verdadeira, da direção responsável e não o autoritarismo, a veemência, a imposição, a pressão ou as manipulações partidárias sectárias e infelizes.

Outro dado digno de nota que este ensinamento de Jesus disponibiliza é que o dirigente responsável não é apenas aquele que comanda. Na verdade, quando nos encontramos no desempenho desse tipo de tarefa num grupo ou instituição dentro dos padrões

evangélicos anteriormente definidos, seremos aqueles com mais vontade de servir, de promover o crescimento do outro, de trabalhar pelo bem estar de nossos companheiros. Seremos ainda aqueles que mantêm as estruturas doutrinárias que dirige abertas ao diálogo fraterno, disponível a ouvir posições e reivindicações de outras instituições ou grupos de serviço, buscando sempre a harmonização e o consenso entre as várias correntes do pensamento e entendimento doutrinário.

Usaremos de criatividade, buscando promover os integrantes do grupo, vibrando com as conquistas dos mesmos, encorajando e estimulando a todos em suas realizações. Confiaremos sempre na capacidade dos tarefeiros de se superarem, guardaremos otimismo, não realçaremos pequenos defeitos e falhas à nossa volta, detendo-nos nos aspectos positivos da personalidade dos nossos companheiros de trabalho. Desenvolveremos a maleabilidade, não nos melindrando com os que divergem de nossas atitudes e posições, procurando auxiliar os opositores. Sabendo que temos influência, não a utilizaremos contra ninguém, mas somente a favor das tarefas, dos trabalhos, do movimento espírita, daqueles que nos cercam e de todos os trabalhadores de nossa Doutrina, indistintamente.

Quando direção espírita responsável, evitaremos por todos os meios possíveis o conflito, sem fugir à responsabilidade de combater na defesa da causa. Nunca atuaremos na defesa de nós mesmos e de nossos pontos de vista. Dirigentes responsáveis, deveremos, antes, conquistar o “título de Senhor” através do empenho incessante no labor fraternal para, somente depois, apresentarmo-nos como mestre, conforme exemplificou Jesus. Necessitamos, assim, buscar a ação sacrificial, atuando nas áreas de base dos companheiros, nas estruturas íntimas do grupo onde se requer espírito de renúncia, já que a atuação junto a grupos nem sempre é confortável, exigindo-se maior desprendimento a comodidades e prazeres. Por fim, quando dirigentes espíritas responsáveis, seremos aqueles que escolheram, como Jesus, a prestação de serviço incondicional aos companheiros empenhados na causa do Cristianismo Primitivo que a Doutrina Espírita é chamada a reviver na atualidade, plenamente comprometida com a pureza dos ensinamentos evangélicos de dois mil anos atrás.

Somente assim, poderemos apresentar-nos aos superiores do mundo espiritual que dirigem os destinos do Consolador Prometido, sem nenhum receio de ouvir a alertiva de Jesus, nosso Senhor e Mestre, quando sentenciou: “ Vê pois que a luz que em ti há não

sejam trevas.”⁽⁶⁾

Fiquemos, portanto, com as oportunas considerações de nossos irmãos maiores do mundo espiritual neste “Seara Bendita”, como material de reflexões e debates construtivos, atentos àquilo que nos compete realizar no campo que o Senhor nos concedeu para arar, certos de que, em nossas posições assumidamente comprometidas com a verdade, o mundo espiritual que nos orienta em nome de Jesus fornecer-nos-á os antídotos, capazes de rechaçar as investidas dos inimigos do progresso e da luz que se encontram em nossa intimidade. Não foi por outra razão que o Senhor permitiu a convivência com a dificuldade de relacionamento no próprio colégio apostólico, para sinalizar a seus seguidores as mesmas lutas que, no futuro, deveriam enfrentar. Por isso, esclareceu ainda mais, na passagem do “Lava Pés”: “Não falo de todos vós, eu bem sei os que tenho escolhido, mas para que se cumpra a escritura: O que come o pão comigo, levantou contra mim o seu calcanhar.” ⁽⁷⁾

Enfim, em Seara Bendita, todos aqueles que se sentirem responsáveis e comprometidos com o bom andamento do movimento espírita terão agora mais um excelente aliado e confiável instrumento formador de mentalidade cristã, pelo seu irretorquível conteúdo que parte de corações que detêm valiosíssimas experiências, disponibilizando-as em nome da fraternidade e da solidariedade que os ensinam do Senhor propõem.

Caridosamente, portanto, demonstram com seus esforços, ao grafarem suas percepções, o interesse legítimo e desejo sincero de que alcancemos sucesso em nossos labores doutrinários.

Ao fazerem a parte que lhes coube, certamente estarão na expectativa de que nós, no campo físico, façamos o que nos compete, buscando nosso melhor aproveitamento frente à nossa consciência que mais cedo ou mais tarde terá que se apresentar ao Pai para as prestações de contas indispensáveis.

Atentemos todos para essa nova circunstância que nos envolve nas lides doutrinárias.

Lembrando as falas de Emmanuel, o abnegado benfeitor espiritual de todos nós, quando ensina que “as circunstâncias são a vontade do Criador em favor da criatura”, deixamos nosso abraço fraternal aos nossos leitores.

VALTER BORGES DE OLIVEIRA

-
- (1) AME - Aliança Municipal Espírita; ARE - Aliança Regional Espírita; ADE - Aliança Distrital Espírita; CRE - Conselho Regional Espírita
(2) Questão 932. "O Livro dos Espíritos"
(3) João, 13:13

Prefácio

PACTO DE LUZ

Essa obra é o resultado de trocas de idéias saudáveis e construtivas que temos tido a felicidade de travar em instituição própria de nosso plano, cuja ação propugna por um movimento espírita consciente de seu papel na formação de uma sociedade melhor, onde a mensagem espírita-cristã seja um agente renovador, através das iniciativas de seus profíctentes em quaisquer segmentos sociais.

Nessas mensagens não há nenhuma novidade que os dirigentes espíritas sensíveis e conscientes não saibam ou percebam acerca das necessidades de nosso movimento doutrinário.

Jamais nos moveu o propósito de que nossos apontamentos fossem considerados uma mensagem de caráter revelador, messiânico; tampouco, como plataforma ideológica, reacionária para estabelecer nova ordem de coisas. Longe disso, constituem apenas reflexões de almas comuns, amantes da verdade e do bem, que trabalham intensamente pelo ideal da formação de uma família espírita unificada e ajustada às proposituras de Allan Kardec e da mensagem moral de Jesus.

Reflexões são reflexões, portanto, devem e podem ser discutidas, questionadas, dialogadas, a fim de que se obtenha um coeficiente de utilidade para as realizações espirituais, porque somente de debates saudáveis nascem propostas consistentes, e dessas, surgem os rumos novos...

Os amigos observarão que nosso objetivo não foi traçar mudanças em vosso modelo de trabalho. Esta tarefa não nos pertence, pois não lhes podemos suprimir os méritos das eventuais conquistas que, em nosso entendimento, surgirão pela iniciativa de intercâmbios construtivos, longe das polêmicas estéreis em torno de mitos e pontos de vistas personalistas.

Nesse momento de comemorações justas do valoroso “Pacto

Áureo”⁽¹⁾, nossa contribuição é sugerir o diálogo transparente sobre o tema: institucionalização da unificação. Nesse sentido, grafamos todas as nossas mensagens com clareza, respeito e objetividade.

Muito temos ainda a dizer sobre o assunto, mas por ora nosso objetivo é confirmar às nossas lideranças espíritas que precisamos efetuar uma reavaliação urgente nos conceitos de nossos esforços em prol da Doutrina Espírita, do próximo e da sociedade.

Ante o muito a ser realizado, permita Deus que a oportunidade do intercâmbio proveitoso se multiplique em outros rincões de nossa Seara Bendita, em terras brasileiras, e que novos e mais promissores pactos se estabeleçam em nossos meios, para que possamos edificar um mundo melhor, com mais paz, justiça e luz.

Comemorando esse cinquentenário do “Pacto Áureo” fazemos assim nossa saudação:

Salve Jesus, modelo e guia de nossa humanidade.

Salve Kardec, restaurador da verdade.

Guardando esperanças de bons resultados na formação de uma mentalidade de promoção e libertação humanas, destinamos nossas melhores vibrações a nossos leitores e irmãos de ideal.

Em nome dos demais servidores,

CÍCERO DOS SANTOS PEREIRA

21 de agosto de 1999

(1) referência ao cinquentenário do Pacto Áureo

CÍCERO DOS SANTOS PEREIRA

Nasceu em 14 de novembro de 1881, no povoado de Gorutuba, próximo à Diamantina – MG.

Além do exercício do magistério, foi guarda-livros, taquígrafo e bacharel em direito.

Foi presidente da União Espírita Mineira (1937 a 1940) e fundador de vários centros espíritas em Belo Horizonte e Montes Claros. Foi um dos fundadores do “Abrigo Jesus”, instituição espírita de amparo à criança carente, na capital mineira.

Foi colaborador da imprensa espírita, especialmente “O Espírita Mineiro”.

Desencarnou em 04 de novembro de 1948, na cidade de Belo Horizonte.

- (4) Paulo, II, Coríntios 9:7
- (5) João, 13:14
- (6) Lucas, 11:35
- (7) João, 13:18

Introdução

ATITUDE DE AMOR

“Pois, se amardes os que vos amam, que galardão haveis? não fazem os publicanos também o mesmo?”

Mt. 5:46

A PALAVRA DE BEZERRA: O PERÍODO DA MAIORIDADE

Na primeira noite após o memorável Congresso Espírita Brasileiro ⁽¹⁾, fomos convocados para ouvir a palavra sóbria e cândida do paladino da unificação, Bezerra de Menezes, em ativo núcleo de nosso plano destinado aos empreendimentos voltados para o Consolador.

Ainda invadidos pelos sentimentos sublimes despertados pelo inesquecível conclave ora encerrado na cidade de Goiânia, trazíamos nossa mente imersa em profundas meditações acerca do quanto a ser feito ante as perspectivas descerradas.

No momento azado, dirigimo-nos para o salão onde se daria o conclave. Chegamos minutos antes no intuito de rever companheiros queridos que labutavam em plagas distantes e que, a convite de Bezerra, mantiveram-se ali após o congresso exclusivamente para ouvir-lhe a palestra.

A lotação era para cinco mil participantes e não havia lugares desocupados. Eram os trabalhadores do evento ora realizado, militantes da Seara em outros continentes, poetas, educadores, seareiros dos primeiros tempos, personagens da história brasileira, enfim, grupo imenso; todos comprometidos com os destinos do Espiritismo. Representações de caravaneiros de todos os estados brasileiros e dos países participantes do magno evento também estavam presentes, além dos servidores anônimos que se prestaram aos mais variados serviços de amparo e defesa pelo bem da tarefa

concluída no plano físico.

Seria impossível relacionar todos, mas, com intuitos que atendem a nossas ponderações do momento, destacamos a presença de Robert Owen (o filho), César Lombroso, Humberto Mariotti, Milton O'Relley, Anita Garibaldi, Helena Antipoff, Edgard Armond, Torteroli, Jean Baptiste Roustaing, Benedita Fernandes, Deolindo Amorim, Herculano Pires, Carlos Imbassahy, Freitas Nobre, Toulouse Lautrec, Tarsila do Amaral, Frederico Figner, Cassimiro de Abreu, Olavo Bilac, Castro Alves, Antônio Wantuil de Freitas, Alziro Zarur, Rui Barbosa, Antônio Luiz Sayão, Luís Olímpio Teles de Menezes, Cairbar Schutel.

Fomos chamados para o instante aguardado. Uma pequena e singela mesa, com um belíssimo ornamento de flores, embelezava o palco ao lado de potente aparelho sonoro dirigido ao grande público presente. Tudo guardando extrema simplicidade. Sem cerimônias e delongas, após oração comovida por parte de nosso condutor é passada a oportunidade ao imbatível “médico dos pobres”⁽²⁾:

Irmãos, Jesus seja nossa inspiração e Kardec a luz de nossos raciocínios.

O cinquentenário do acordo de unificação, o Pacto Áureo, ainda agora enaltecido pela comunidade espírita mundial, é vitória de incomensurável quilate espiritual para a glória do Espiritismo. Os esforços não foram em vão.

Passado o conclave nosso olhar se volta, mais que nunca, para o futuro.

Sem demérito de qualquer espécie a corações que têm feito o melhor que podem, os que aqui se encontram presentes conhecem de perto a extensão das necessidades com as quais estamos lidando.

E ainda agora, enquanto muitos se encontram inebriados com a nobre comemoração face às conquistas logradas em meio século de serviço austero, atentemos para o quanto nos falta caminhar, a fim de merecermos com justiça o título de Cristãos da nova era.

Desde as primeiras idéias para a formação das bases organizativas do movimento, são passados quase cem anos. O progresso é evidente.

Entretanto, não será demais e insano afirmar que, a despeito das conquistas, encontramos-nos na infância de nosso movimento libertador ante a envergadura da missão a nós confiada na humanidade.

A progressão do ideário espírita está em boas mãos e a falange verdade continua o programa com sucesso, não obstante os empecilhos que são variados.

Inteiremo-nos com acerto sobre o que o momento espera de todos e façamos o que for preciso, a fim de impedirmos o prolongamento da conveniência prejudicial ao prosseguimento de planos maiores.

Os primeiros setenta anos do Espiritismo constituíram o período da consagração das origens e das bases em que se assentam a Doutrina, que lhe conferiram legitimidade. Heróis da tenacidade e fibra moral, dispostos a imolar-se pela causa, venceram o preconceito do tempo e a pressão da inferioridade humana no resguardo e defesa da empreitada de Allan Kardec. O último lance que delimitou esse período foi o Congresso Internacional de Espiritismo realizado em Paris ⁽³⁾, onde o arauto do bem, Léon Denis, suportou a lâmina sutil da mentira e consolidou o perfil definitivo do Espiritismo como **Doutrina dos Espíritos**, eximindo-a de desfigurações que em muito prejudicariam sua feição educativa e conscientizadora.

O segundo período de mais setenta anos, que coincide com o fechamento do século e do milênio, foi o tempo da proliferação. Uma idéia universal jamais poderia ficar confinada a grupos de estudo ou experimentos da fenomenologia mediúnica de materialização; fazia-se necessária a intensificação dos conhecimentos, dentro de um crescimento ordenado e defensivo na elaboração de um perfil filosófico. Eis o mérito das entidades promotoras da unificação e da multiplicação de centros espíritas. Sob o regime de controle e zelo foram predicados os seus objetivos primaciais. A literatura subsidiária provocou o questionamento, a discussão, o estudo, e com isso o aprendizado dilatou-se.

A primeira etapa consagrou o Espiritismo como ideário do bem, atraindo a simpatia e superando o preconceito; a segunda ensinou a difusão. Penetramos agora o terceiro portal de mais setenta anos, etapa na qual pretende-se a maioria das idéias espíritas.

É necessário atestar a vitalidade dos postulados espíritas como alavanca de transformações sociais e humanas. Sua influência na cultura, nas artes, na ciência, nas leis, na filosofia e na religião conduzirá as comunidades, que lhe absorverem os princípios, a novos rumos para o bem do homem através da mudança do próprio homem.

Esse novo tempo deverá, igualmente, conduzir a efeitos salutareos a nossa coletividade espírita, criando entre nós, seus adeptos, o período da atitude. O velho discurso sem prática deverá ser substituído por efetiva renovação pela educação moral. É a etapa da fraternidade na qual a ética do amor será eleita como meta essencial, e a educação como o passo seguro na direção de nossas finalidades.

Jesus definiu seus discípulos por muito se amarem, o Espírito Verdade assinalou o “amai-vos e instrui-vos” como plataforma do verdadeiro espírita, e esses ensinamentos deverão constituir a base do programa transformador para nossas metas ante a era nova.

Assim como nas demais fases foram programadas reencarnações missionárias, a exemplo do que sucedeu no início dos séculos XIX e XX, igualmente se apronta uma geração nova para os novos ofícios da causa, dentre os quais muitos de vós aqui presentes estão esclarecidos sobre seu auspicioso retorno às fileiras do Consolador, em missões de solidariedade e renovação, enquanto os que guardam maiores compromissos na vida extrafísica estão conscientes dos desafios que a todos nos esperam.

Descrevamos algo de essencial acerca dessas batalhas que enfrentaremos, para não localizarmos o “joio” onde está o “trigo” e definirmos melhor as estratégias de ação.

A PALAVRA DE BEZERRA: O NOSSO MAIOR INIMIGO

Afirmamos outrora que o serviço da unificação é urgente, porém, não apressado⁽⁴⁾. Verificamos no tempo que alguns corações sinceros e leais, entretanto, sem larga vivência espiritual, inspirados em nossa fala, elegeram a lentidão em nome da prudência e a acomodação passou a chamar-se zelo, cadenciando o ritmo das realizações necessárias ao talento de propósitos personalistas na esfera das responsabilidades comunitárias. O receio da delegação, a pretexto de ordem e vigilância, escondeu propósitos hegemônicos em corações desavisados, conquanto amantes do Espiritismo. Em verdade, a tarefa é urgente, não apressada, mas exige ousadia e dinamismo sacrificial para encetar as mudanças imperiosas no atendimento dos reclames da hora presente, e o hábito de esperar a hora ideal converteu-se, muita vez, em medida emperrante.

Ninguém pode vendar os olhos a título de caridade, porque deliberadamente o apego institucional marcou esse segundo período

de nossas lides, em muitas ocasiões, com enfermizas atitudes de desamor como forte influência atávica de milenares vivências. Isso era previsível e, por fim, repetimos velhos erros religiosos...

Honrar e respeitar os antepassados e a história não significa aboná-la de todo, embora os nossos sentimentos devam ser enobrecidos no perdão, no entendimento, na oração e no trabalho. Foi o melhor que conseguimos em se considerando as imperfeições que nos são peculiares.

Na seara espírita, que declara inspirar sua ação em Jesus, o Mestre operoso, e em Kardec, o infatigável trabalhador, não deve haver o pacto insensato com os privilégios e a representatividade improdutiva. Se o Senhor deixou definido que o maior seria quem se fizesse servo de todos ⁽⁵⁾, de igual forma a função das entidades doutrinárias, de qualquer âmbito, é servir e servir sempre, mais e mais, no atendimento das extensas necessidades a vencer nas lavouras doutrinárias, cumprindo o roteiro dos deveres de orientação e apoio, sem jamais avocar para si direitos ilusórios no campo do poder.

Há de se ter em conta que nos referimos ao institucionalismo como grilhão pertinente a todos nós, sem jamais vinculá-lo a essa ou àquela entidade organizativa em particular, porque semelhante marca de nosso psiquismo, por muito tempo ainda, criará reflexos indesejáveis na obra do bem.

O institucionalismo é fruto da ação dos homens; ele em si não é o nosso adversário maior e sim os excessos que o tornam nocivo.

Nosso maior inimigo, de fato, é o orgulho em suas expressões inferiores de arrogância, inflexibilidade, perfeccionismo, autoritarismo, intolerância, preconceito e vaidade, seus frutos infelizes que, sem dúvida, insuflam a institucionalização perniciosa e incentivam o dogmatismo e a fé cega, adubando a hierarquização e o sectarismo.

Seus frutos geram sementes, e precisamos interromper essa semeadura do “joio” que sustenta a ilusão de trabalhadores desprevenidos e invigilantes.

Quando os homens forem bons farão boas instituições⁽⁶⁾, asseverou o insigne apóstolo de Lyon, Allan Kardec.

Nossa luta deve ser íntima e não exterior, não contra organizações, mas contra nós mesmos quando em atitudes praticadas sob o manto da mentira que acostumamos a venerar em

favor de vantagens pessoais.

Esses desvios perpetrados lembram os primeiros momentos do Evangelho sobre a Terra, quando teve circunscrito seu raio de ação ao Judaísmo dominante. Tal realidade levou o Mais Alto a chamar o espírito corajoso e nobre de Paulo de Tarso na ingente missão de servir para além dos muros institucionais da capital do religiosismo, e tornar universal a mensagem do Sábio Pastor.

Conclamamos novos apóstolos para a “gentilidade” nesse momento delicado de nossa seara, porque o orgulho humano reeditou, em larga amplitude, os ambientes estéreis à propagação dos ensinamentos do Senhor. Temos um novo centro de convergência estipulado pela egolatria humana, buscando fixar estacas demarcatórias injustas e dispensáveis para o futuro glorioso da religião cósmica da verdade e do amor.

Essa velha bagagem da alma tem solução. Melhorando os homens, melhoramos as instituições. Por isso, nossa meta prioritária jamais foi ou será incentivar dissidências a fim de comprovar a eficácia de alguma ideologia, porque, em verdade, todas cooperam para um destino comum no futuro.

Apenas não podemos mais adiar medidas, esperando que os homens acordem naturalmente para as realidades que os cercam, junto às perigosas investidas levadas a efeito pelos inimigos confessos do Evangelho do Cristo na humanidade, em ambos os planos da vida. A hora é de ação e campanha para chamar na Estrada de Damasco os que queiram suportar o sacrifício, a renúncia e a obstinação em nome de uma nobre causa que é libertar a mensagem de Jesus dos círculos impregnados de bazófia e fascinação, através de exemplos de vida e do serviço construtivo de uma mentalidade em plena identificação com a mensagem moral do Espiritismo Cristão.

A hora pede clareza e determinação para a segurança dos ideais.

Há um momento em que a atitude de amor pede a verdade a fim de escapar dos pântanos da omissão. Estamos nesse momento. As diretrizes do Espírito **Verdade** não pactuam com as conveniências, embora não incentive o desamor. Esse tempo é daqueles que souberem ser coerentes, sem que a coerência custe o preço da discórdia tempestuosa. O desagrado existirá, porque a verdade incomoda quem se acostumou aos caminhos largos. Estamos no tempo dos “caminhos estreitos”, e os que aceitarem perlostrarão não terão as coroas de glórias passageiras e nem a aclamação geral dos

distraídos do caminho. Serão taxados de egoístas simplesmente por decidirem buscar a “contramão” das opiniões e a percorrer o caminho inverso das consagrações humanas. Entretanto, terão um “contrato de assistência” permanente e irrevogável para angariarem as condições justas ao desiderato. Contudo, justiça aqui não significa facilidades, mas ação mediadora da Divina Providência para o bom andamento dos labores encetados. Temos grupos dispostos a comprometer-se com os misteres da hora a custo de sacrifício; eles serão os apóstolos da “gentilidade” dos tempos modernos.

Respeitaremos em nome do amor a quantos ainda estagiam nas formalidades e convencionalismos. Firmaremos bases seguras fora dos limites da conveniência, para assegurar, aos mais novos que chegarão, a oportunidade de vislumbrarem horizontes que atendam as suas exigentes expectativas, com as quais renascerão no soerguimento desse período de moralização e atitude, nesse momento de Espiritismo por dentro e não fora de nossos corações.

Carecemos de um movimento espírita forte, marcado por uma cultura de raciocínios lógicos e coerentes, e por atitudes afinadas com a ética do amor.

Temos sim um problema, temos um inimigo. Atitude, eis a questão. Más atitudes, eis nosso problema. Atitudes de orgulho, nosso maior inimigo.

A PALAVRA DE BEZERRA: ATITUDE PRIMORDIAL

Para que não nos chafurdemos em análises míopes, torna-se prioritário definir nossa grande meta em auxílio aos que mourejam na coletividade doutrinária, para maximizarem seus esforços nas direções mais nobres e úteis aos deveres dessa nova etapa de maioria espiritual.

A meta primordial é aprendermos a amarmo-nos uns aos outros, para que tudo o que for criado em nome da causa espírita reflita a essência do Espiritismo em nossas movimentações.

Nossa meta essencial é o amor, a atitude que reflete Deus em nós.

Meditemos na inolvidável pergunta do Mestre: Que galardão teremos em amar somente os que nos amam? ⁽⁷⁾

A diversidade é uma realidade irremovível da Seara e seria utopia e inexperiência tratá-la como “joio”. Imprescindível propalar a

idéia do ecumenismo afetivo entre os seareiros, para que a cultura da alteridade seja disseminada e praticada no respeito incondicional a todos os segmentos. A atitude de alteridade será o termômetro do progresso das idéias espíritas no movimento, será o “trigo” vicejante e plenificado na ética da fraternidade vivida. As instituições embebidas desse espírito promoverão o diálogo franco e transparente e construirão, através das relações, as transformações. O desafio está lançado.

Temos como certo que as barreiras de aproximação estão mais frágeis que se imagina em alguns setores, embora muitos apostem na impossibilidade de rompê-las. Falta habilidade para conduzir processos que desafiam a inteligência das direções segmentares e, não propriamente, o desejo de efetivá-las. Precisaremos todos de muita humildade para construir um terreno neutro, como frisou Kardec⁽⁸⁾, e de muito amor para garantir perpetuidade às novas relações de pluralismo e convivência com as diferenças.

Voltemos a atenção para a influência dos exemplos cristãos que constituem referências decisivas para os que, legitimamente, anseiam empreender o discipulado com Jesus e Kardec. Apesar das lutas humanas, necessárias e naturais, não faltaram e não faltam as balizas na Seara para que os espíritas, dispostos ao desafio de superar a si mesmos, encontrem inspiração para travarem o bom combate em direção ao crescimento e à libertação. A jornada é árdua e o calvário é doloroso, por isso muitos preferem as poltronas macias de valores temporais nos regimes institucionais.

No entanto, a despeito da certeza que guardamos sobre a atitude de amor, devemos estar conscientes sobre as sendas a seguir, a fim de não permitirmos romantismo e ingenuidade num momento de lutas ingentes. Para isso, divulguemos a diretriz a tomar para que não aprisionemos tal meta nos sonhos fantasistas do menor esforço e das crenças improdutivas.

A PALAVRA DE BEZERRA: DIRETRIZ INSUPERÁVEL

A renovação de atitudes na edificação de uma nova mentalidade solicita uma inevitável mudança cultural em nossos ambientes doutrinários. O repúdio ao debate e a aversão ao confronto de opiniões são expressões do institucionalismo que ainda estão presentes no psiquismo humano, muita vez realimentado por organismos e oradores respeitáveis.

Quando Jesus convocou seus discípulos ao serviço do amor “deu-lhes poder”, conforme assevera o texto de Mateus⁽⁹⁾. Reeditar esse fato é fundamental, a fim de alcançarmos melhores condições morais ao movimento espírita. Conferir poder é propiciar respostas, caminhos, horizontes, alternativas pedagógicas para instrumentalizar e capacitar alguém para alguma coisa. O Mestre, como educador, após os ingentes deveres públicos do dia, recolhia-se em colóquios íntimos com os corações dos apóstolos, ampliava-lhes as perspectivas sobre os ensinamentos, dimensionava as realizações extrafísicas em torno dos feitos de todo o grupo, e respondia a questões simples, porém, de rara profundidade moral. Era ali, naqueles momentos íntimos, que se efetivava o poder de percepção e o desenvolvimento das condições necessárias ao apostolado, porque havia debates sinceros e resolução de conflitos em clima pacífico, sob a tutela do Senhor.

Hoje, mais que nunca, precisamos repetir tal episódio e permitir o “espírito do Senhor” na contenção de nossos impulsos de desagregação e isolamento. É urgente trabalhar por uma cultura de trocas e crescimento grupal, habituando-se a ter nossas certezas abaladas pelo conflito e pela permuta, para que ampliemos a capacidade de enxergar com mais exatidão as questões que supomos terem sido esgotadas. Essa diretriz conduzirá os homens a uma maior possibilidade de diálogo e intercâmbio, fazendo-os perceber a inconveniência do isolamento em muros de pseudo-sabedoria ou nas masmorras do autoritarismo institucional, ditando normas e idéias em nome de uma verdade exclusivista. Daí a importância de incentivarmos os dirigentes ao contato sadio com a dinâmica operacional dos centros espíritas e dos diversos segmentos da Seara, estabelecendo contatos, atualizando conceitos, tirando dúvidas, agendando encontros, criando ensejos ecumênicos para servirem de exemplos aos menos afeiçoados ao hábito da complacência com a diversidade do entendimento.

A melhor instituição será a que mais expandir as condições para o amor.

O melhor homem será o que mais apresentar tenacidade em amar.

A melhor Casa será a que mais implementar o regime de amor em grupo, imprimindo a seus deveres um caráter educacional .

Os heróis da fibra moral estão despedindo-se da Terra, porque cumpriram seu ministério de amor. Agora é o tempo dos atos solidários pela união das forças, relembrando o calvário no qual Jesus

despediu-se glorioso, conferindo a continuidade da obra a quantos partilharam Seu percurso Divino.

Melhoremos o homem, despreocupemos dos excessos de medidas quanto à renovação de modelos institucionais que, inevitavelmente, surgirão sem pressa. Urgente é nossa adesão consciente aos princípios éticos da mensagem de Jesus atualizados pelo Espiritismo, sem os quais os modelos organizativos, por mais ajustados, vão ruir improficuos.

Carecemos estabelecer programas centrados em valores éticos ao lado das bases fundamentais já esquadrinhadas pelo estudo. Favorecer os trabalhadores e lideranças com melhores noções sobre “As Leis Morais”, contidas na terceira parte de “O Livro dos Espíritos”, e aprofundar o entendimento sobre o inesquecível e universal **sermão do monte** de Jesus, assim como o fez Allan Kardec em “O Evangelho Segundo Espiritismo”, construindo um programa eficiente de renovação moral baseado na sábia filosofia de Jesus.

O conhecimento das verdades espíritas, por si, levará a velhas mazelas do saber se não for acompanhado pela vivência.

O fascínio resultante dos princípios espíritas não ocorre em função de estar o homem diante de conhecimentos novos que o surpreendem, mas sim porque está retomando o contato com idéias que já fizeram parte de seu patrimônio cultural, as quais não teve ele a capacidade de utilizar para a transformação de si mesmo, submetendo-se às injunções das idéias pagãs e do rompimento com a ética do bem. Destarte, é preciso hoje conjugar esse conhecimento, que é milenar, com a moralização, pela educação.

O tão decantado processo educacional de si mesmo passa pela melhor compreensão do mundo moral e suas implicações, que resultarão em melhor auto-conhecimento, pois o “conhecimento de si mesmo é a chave do progresso individual”.⁽¹⁰⁾

Esse investimento no homem é a nossa chance de subtrair a noção inferior, que tenta subjugar o Espiritismo a mera religião de formalidades atualizadas, e colocá-lo, onde deveria estar, no patamar de roteiro lúcido de educação integral da humanidade.

A diretriz insuperável de Jesus continua como roteiro de rara oportunidade. Precisamos “conferir poder”. Como amar o próximo? Como obter abnegação? Como treinar a alteridade? Comprometimento é difícil para quem? É possível desenvolver a indulgência? Como dialogar em climas adversos? Como dialogar?

O que é solidariedade e parceria? Como conceber a unificação em tempos de pluralismo? Ela é viável? Como oferecer essas condições de “poder” aos novos servidores da causa cristã? Qual o poder de transformação estamos viabilizando a homens comuns que encontram esperanças e alento nos celeiros de paz da casa espírita? Que temos feito para que as direções abram-se ao espírito de simplicidade? Que propostas temos a apresentar para facilitar um tempo de aproximação pacífica entre as várias tendências da Seara? Por que é tão importante essa aproximação?

O Espírito Verdade legou-nos o inspirado roteiro no “amai-vos e instruí-vos”. Instrução e amor, conhecimento e dinamização ética.

Levantemos a bandeira da unificação ética em torno da qual ser-nos-á possível atrair pela ação, mais que pelo discurso, ensejando a formação de pólos de conagração ecumênico entre nós, os espíritas com diversidade de idéias, mas num único sentimento, o do amor exalando a fraternidade.

Tomemos como lema a tríade inspirada do Codificador “trabalho, solidariedade, tolerância” ⁽¹¹⁾, e cerremos esforços na campanha para que essa indicativa torne-se o programa da Casa e do movimento espírita mundial.

O trabalho opera as mudanças pela força das circunstâncias, a tolerância cria o clima indispensável para torná-las possíveis e a solidariedade é a mola propulsora capaz de fazê-las acreditáveis.

De que nos valerá conhecer a imortalidade e viver intencionalmente o materialismo? Essa foi uma indagação levantada pelo Codificador com fito de chamar-nos a atenção para a essência ética do Espiritismo.⁽¹²⁾

Se Kardec assim indaga quanto ao Espiritismo, perguntamos de que nos valerá o Evangelho sem a vivência? Por que chamar Jesus se não atentamos para Sua presença no desenvolvimento de relações eticamente ajustadas com Seus ensinamentos?

Enveredemos pela religião, pela filosofia ou pela ciência, estudemos o Espiritismo ou o Evangelho, adotemos essa ou aquela prática com a qual melhor nos afeiçoemos, criemos essa ou aquela entidade para servir a novas experiências, tudo isso pouco importa se não tivermos amor. Recordemos o apóstolo Paulo em sua belíssima poesia: “Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse caridade, seria como o metal que soa ou como o sino que tine”. ⁽¹³⁾

A PALAVRA DE BEZERRA: A SOLUÇÃO

Qual a solução?

Mencionamos a meta prioritária, conhecemos a diretriz insuperável, mas todos sentimos um vácuo no coração quando pensamos nesse ideário maior confrontado com a realidade moral de nosso movimento bendito. O que fazer já sabemos. A indagação que agora toma-nos a mente é: como fazer?

A melhor campanha para a instauração de um novo tempo na Seara passa pela necessidade de melhoria das condições do centro espírita, que é a célula operadora do objetivo do Espiritismo. Lá sim se concretizam não só o conhecimento e o trabalho, mas a absorção das verdades no campo individual, consentidas em colóquios íntimos e permanentes que reproduzem os momentos de Jesus com seu colégio apostólico.

Por isso, temos que promover as Casas, de posto de socorro e alívio a núcleo de renovação social e humana, através do incentivo ao desenvolvimento de valores éticos e nobres capazes de gerar a transformação.

Para isso só há um caminho: **a educação**.

O núcleo espírita deve sair do patamar de templo de crenças e assumir sua feição de escola capacitadora de virtudes e formação do homem de bem, independentemente de fazer ou não com que seus transeuntes se tornem espíritas e assumam designação religiosa formal.

Elaboremos um programa educacional centrado em valores humanos para dirigentes, trabalhadores, médiuns, pais, mães, jovens, velhos, e o apliquemos consentaneamente com as bases da Doutrina.

Saber viver e conviver serão as metas primaciais desse programa no desenvolvimento de habilidades e competências do espírito.

O que faremos para aprender a arte de amar? Como aprender a aprender? Como desenvolver afeto em grupo? Como “devolver visão a cegos, curar coxos e estropiados, limpar leprosos, expulsar demônios”?

Muitos adeptos conhecem a profundidade dos mecanismos desencarnatórios à luz dos princípios espíritas, entretanto, temos

constatado quantos chegam por aqui em deploráveis condições por não se imunizarem contra os padrões morais infelizes e degeneradores.

Amelhoria das possibilidades do centro espírita indiscutivelmente facilitará novos tempos para o pensamento espírita, haja vista que estaremos ali preparando o novo contingente de servidores da causa dentro de uma visão harmonizada com as implicações da hora presente. Dessa forma, estaremos retirando a Casa da feição de uma “ilha paradisíaca de espiritualidade”, projetando-a ao meio social e adestrando seus partícipes a superarem sua condição sem estabelecer uma realidade fictícia e onerosa, insufladora de conflitos e de medidas impositivas, longe das reais possibilidades de transformação que a criatura pode e precisa efetivar em si mesma.

Interagindo com o meio, em permuta incessante de valores e experiências, o centro espírita sai da condição de um reduto isolado no cumprimento de sua missão e passa a delinear a formação de uma rede de intercâmbios, fenômeno esse que vem abarcando a humanidade inteira sob a designação de globalização.

Contudo, a interação da casa doutrinária com o meio deve ser ativa a ponto de transformar-se em pólo irradiador de benesses a outras co-irmãs e, igualmente, para o agrupamento social no qual encontra-se inserida.

Por isso, mais uma vez torna-se imprescindível renovar conceitos e reciclar métodos, a fim de atingirmos os patamares de instituições multiplicadoras da mentalidade imortalista e fraternal.

Esse processo de interação social reclama posturas novas, dentre elas a de abrir canais de permanente relação inter-institucional, na qual o centro espírita catalise fulcros de cultura e modelos experimentais, transformando-se em ambiente de diálogo e convivência para dirigentes e trabalhadores de outros grupos afins, passando suas vivências e aperfeiçoando suas realizações, ao tempo em que se converte em pólo espontâneo da união entre co-idealistas, no regime do mais livre pluralismo de concepções acerca dos postulados espíritas.

Mais uma vez a visão futurista do Codificador, renunciando esse tempo, levou-o a declarar: “esses grupos, correspondendo-se entre si, visitando-se, permutando observações, podem, desde já, formar o núcleo da grande família espírita, que um dia consorciará todas as opiniões e unirá os homens por um único sentimento: o da fraternidade, trazendo o cunho da caridade cristã”.⁽¹⁴⁾

A criação desses pólos são medidas salutares contra o isolacionismo e, pela sua característica essencial de fortalecimento de idéias, ensejam uma relação mais participativa, descentralizadora, operando entre os grupos a prática da solidariedade.

Incentivaremos não só a renovação cultural nas casas espíritas, mas também a estruturação das entidades específicas que, pela sua neutralidade institucional, obterão um trânsito mais intenso junto à seara na dinamização de um arejamento cultural, no atendimento das necessidades humanas que abarrotam em solicitações e demandas.

Há serviço intenso a realizar, e devemos ver com bons olhos a multiplicidade de funções e a diversificação de medidas em favor dos clamores da sociedade.

Os dirigentes, ricos de boa-vontade e espírito cooperativo, anseiam por novos horizontes, todavia, tem faltado quem se disponha a dividir vivências ou a edificar um ambiente que se constitua verdadeira oficina de idéias e diálogo para a criação de caminhos novos.

Serão esses pólos as cooperativas de afeto cristão que permitirão aos servidores e condutores das responsabilidades doutrinárias renovarem esperanças, quebrando os circuitos de rotina dentro do labirinto de obrigações a que se renderam no ramerrão do centro espírita. Serão pólos de arejamento e solidariedade mútua regidos por intenso e espontâneo desejo de somar que, em última análise, é a unificação no que de mais sublime exprime o sentido dessa palavra.

Estamos, portanto, meus irmãos e amigos do coração, instaurando o período da unificação ética, da maioria das idéias espíritas através do melhor aproveitamento individual dos seareiros dispostos a mais amplos vãos de renúncia, sacrifício e amor à causa.

Assim, todos nós aqui hoje reunidos estamos convocados a cerrar esforços continuados ao programa renovador de nosso abençoado movimento espírita, com vistas a ampliar na humanidade a mensagem de esperança e libertação, trazida por Jesus e explicada com lucidez pelo trabalho de Allan Kardec.

Estamos em campanha.

Campanha pela unificação com amor.

Campanha pela renovação das atitudes.

Temos um problema na Seara: **as más atitudes**.

Temos uma solução para a Seara: **novas atitudes**. Seja essa a nossa campanha no bem pelos tempos novos a que todos somos chamados.

Todos aqui, mormente os que se acostumaram à docilidade e ternura de meu coração, não se surpreendam com a franqueza de minhas palavras.

Estejam certos que o sentimento é o mesmo e sempre será.

A clareza e a definição de minha fala são em obediência incondicional e servil a ordens maiores que cumpro em nome do Espírito Verdade.

Sem perder a fraternidade, vós outros que têm o acesso livre pela palavra mediúnica levai essa mensagem ao conhecimento de todos. Aqueles que hoje aqui se encontram temerosos ante as novas chances que logo envergarão na carne, levai convosco a esperança de que em plena infância serão bafejados pelas claridades desse momento de renovação, dentro e fora das movimentações espirituais a que se matricularão. Aqueles que servem a outras fileiras de obrigações junto à humanidade, cooperem com nosso ideal incentivando a superação dos preconceitos e abrindo picadas para a penetração das idéias espíritas frente à sociedade.

Enaltecendo a comemoração, da qual ainda agora quase todos aqui presentes tivemos a bênção de acompanhar junto aos irmãos no Congresso Espírita Brasileiro, peçamos ao Senhor da Vida que fortaleça sempre os ideais em nosso coração, para que as medidas salvadoras representem mãos estendidas e guiadas pelo coração sempre pulsante no bem, em favor das lutas e do aprendizado daqueles que receberam de Deus a gloriosa oportunidade de regressarem à carne no torrão brasileiro, fruindo das benesses do Consolador Prometido. Amparemos nossa bendita Seara em seus novos dias, relembando sempre a nossos tutelados a importância do amor.

Rememoremos como fonte inspiradora de nossa campanha a sublime e inesquecível fala de nosso Mestre: “Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros”.⁽¹⁵⁾

ENCONTROS INESQUECÍVEIS

Terminada a fala de nosso benfeitor Bezerra, estávamos

todos como que hipnotizados pelo afeto e pela autoridade com que externava seus conceitos.

Dissera ele muito bem acerca da surpresa que, durante muitos trechos de sua alocução, tomou-nos de assalto graças à franqueza e clareza com que explanava suas idéias.

Ele fora claro e fraterno, sendo que estávamos habituados somente com sua paternal e ilimitada complacência para com a extensão de nossas necessidades.

Percebia-se durante sua apresentação que irradiações muito intensas vinham de esferas superiores, para nós ainda desconhecidas, deixando evidenciar que, além de sua grandeza espiritual peculiar, realmente ele cumpria determinações excelsas frente aos assuntos dissertados.

Terminada a palestra, tivemos o ensejo de presenciar encontros inesquecíveis que merecem nossos registros, para que os corações na Terra meditem sobre as realidades impostas pela imortalidade na jornada dos antigos servidores da coletividade espírita.

Destacamos o abraço fraterno entre Torteroli e Bezerra que se olharam como irmãos queridos de longa caminhada; em canto discreto do salão, percebíamos um dos mais procurados para o abraço afetivo e a palavra amiga que era Jean Baptiste Roustaing, cercado por amigos da Itália e da França; em outra cena presenciamos amigos queridos vinculados às propostas do Pacto Áureo discutindo as graves medidas que os aguardavam: ali estavam Wantuil de Freitas, Manuel de Quintão, Armando de Oliveira Assis, Osvaldo de Mello, Djalma Montenegro Farias, Militão Pacheco e outros mais. Era indisfarçável o interesse de todos em fraternizar com os nomes que fizeram história no país como Rui Barbosa e Olavo Bilac, cercados por Freitas Nobre, Carlos Imbassahy e outros políticos e religiosos. Observávamos também as caravanas vindas de vários estados e países reunindo-se a esse ou àquele coração de seu interesse no campo do aprendizado, e no caso da caravana mineira, composta por um grupo valoroso de servidores, estava ao centro das considerações o nosso estimado Antônio Lima tecendo alvitre quanto ao futuro.

Para nós, porém, entre tantos encontros e reencontros, ficou gravado no coração o instante de abraçarmos o nosso benfeitor Bezerra.

Acompanhando-nos, discreta como de costume, a nossa Ermance Dufaux, que tem sido o coração de nossas movimentações espirituais.

Constatei surpreendido que os olhos de Bezerra dilataram-se com o aproximar de Ermance. Ele, que sempre ensaiava um termo ou outro na sua costumeira ternura, emudeceu-se, pegou as mãos

delicadas da nossa amiga, beijou-as e disse:

“Filha, suas mãos representam troféus luminosos da vitória do Espiritismo nascente, quando as cedeste para a sublime consecução de “O Livro dos Espíritos”, e se anseias por torná-las úteis novamente nos serviços do bem, providenciaremos rumos a teus inspirados desejos.”

Ermance enrubesceu e lacrimejou, porque o sentimento elevado de Bezerra lhe havia sondado as profundezas da alma, percebendo-lhe a súplica velada na intensa disposição de contribuir com os destinos novos da causa.

Ela, num ímpeto generoso, mas guardando a típica fleuma de uma dama francesa, osculou com um fraterno afago a cabeleira do paladino, e sem dizer uma só palavra abraçou-o incontinentemente, com efusivo amor.

Terminada a atividade, olhamos para o infinito no firmamento e ficamos a meditar longamente sobre o que nos aguardava no futuro...

CÍCERO PEREIRA

-
- (1) Realizado na cidade de Goiânia a 05 de outubro de 1999, em comemoração ao cinquentenário do acordo de unificação, o Pacto Áureo.
 - (2) Nota da editora: o texto que segue é a descrição que o autor espiritual fez da palavra de Bezerra de Menezes.
 - (3) Congresso Internacional de Espiritismo em 1925 coordenado por Léon Denis.
 - (4) Mensagem recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, na Comunhão Espírita Cristã, em 20 de abril de 1963, Uberaba - MG, publicada na revista Reformador de dezembro de 1975.
 - (5) Mateus, 20:26 a 27.
 - (6) Obras Póstumas, segunda parte, Credo Espírita, Preâmbulo.
 - (7) Mateus, 5:46.
 - (8) A Gênese, Allan Kardec, capítulo XVII, item 32.
 - (9) Mateus, 10:1.
 - (10) O Livro dos Espíritos, questão 919a.
 - (11) Obras Póstumas, biografia de Allan Kardec.
 - (12) O Livro dos Médiuns, item 350.
 - (13) I Coríntios, 13:1.
 - (14) O Livro dos Médiuns, item 334.
 - (15) João, 13:35.

CÍCERO DOS SANTOS PEREIRA

Nasceu em 14 de novembro de 1881, no povoado de Gorutuba, próximo à Diamantina – MG.

Além do exercício do magistério, foi guarda-livros, taquígrafo e bacharel em direito.

Foi presidente da União Espírita Mineiro (1937 a 1940) e fundador de vários centros espíritas em Belo Horizonte e Montes Claros. Foi um dos fundadores do “Abrigo Jesus”, instituição espírita de amparo à criança carente, na capital mineira.

Foi colaborador da imprensa espírita, especialmente “O Espírita Mineiro”.

Desencarnou em 04 de novembro de 1948, na cidade de Belo Horizonte.

Capítulo 1

SEARA BENDITA

Enaltecendo o meio século das conquistas nos terrenos da unificação, jamais poderíamos abdicar de prestar nosso incentivo ao movimento espírita.

A ação organizada em torno dos princípios espíritas-cristãos reveste-se de valoroso campo, no qual as sementes da essência doutrinária vicejam abundantes.

Como deixar de entender as Instituições e os seus estatutos, os eventos e suas programações, como sendo um material didático de extensa utilidade aos seus alunos?

Seara Bendita, movimento doutrinário ao qual coube o mérito de ser a âncora de referência e segurança para nossas iniciativas de divulgação e reflexão, entre as quais a base dos conhecimentos espíritas multiplicou-se em muito.

A pergunta nessa hora é para nosso balanço: que seria do conteúdo espírita, não fossem os cinquenta anos últimos destinados a gestar experiências que agora frutificam esperanças para o porvir?

Não podemos escapar de reconhecer, no entanto, que ao lado do trigo, o joio incômodo e lacerante cresce e realça sua influência.

Mas o que esperar de um planejamento no qual estão inseridos homens falíveis e em aprendizado?

O movimento espírita é um reflexo fiel dos nossos temperamentos e atitudes.

Das Casas humildes aos Órgãos expressivos de funções unificadoras, tudo é um espelho translúcido de nossas necessidades morais e espirituais. Foi o melhor que todos pudemos criar e desenvolver, a bem do Espiritismo que todos amamos.

E ao cinquentenário do Pacto Áureo é mister se tenha uma

visão abrangente dos resultados, porque a avaliação regionalizada ou em partes favorece uma miopia de análise.

Os resultados indicam perspectivas muitíssimo promissoras para os decênios vindouros. Há clima de verdadeira alegria pelo que se esboça.

Não nos aturdam os fatos de escândalos; não nos desanimemos quando os caminhos se divergirem; não utilizemos a crítica mordaz ante as muitas mudanças a fazer; que o golpe cruel da palavra mal dirigida não seja a nossa insígnia nessa hora; que a nossa atitude não seja a do agressor, do demolidor.

Aprendamos com a Santa Doutrina.

Que nossos planos não sejam os de destruir e sim de transformar.

O trabalho a ser feito é imenso, ainda bem! Pior seria se nos faltasse esse ensejo. O importante é estarmos no labor da Seara, não importa em que função. A Seara é grande e não há lados nem partidos. É a Seara Bendita e nela todos somos servidores do último horário. Sem mágoas e sem os calhaus da discórdia, sem afetação e sem os preconceitos lamentáveis, voltemos nosso sentimento a um único ponto: o serviço incondicional.

Movimento espírita de tantos rótulos e lutas, de tantas separações e ajuntamentos, és tu, oh movimento bendito, o melhor que pudemos criar. E sendo assim, digamos ao Senhor da Vinha, ao Senhor da Seara: Jesus, receba nossa gratidão pela Seara Bendita desse movimento libertador.

Não nos faltou o desejo sincero de contribuirmos eficientemente em tua gleba; sabemos, Senhor, que devíamos ter feito mais e melhor, mas faltava-nos o heroísmo do amor que ainda não possuímos.

E se algo podemos lhe suplicar pelo trabalho que não é nosso, é que nos conceda a bênção de mais meio século de aprendizado no intuito de fortalecermos as fibras de nossa ação moral e termos o tempo necessário para extirpar de nossa pobreza da alma o joio enfermo de nosso egoísmo e de nosso orgulho contumaz.

Obrigado Jesus.

BEZERRA DE MENEZES

ADOLFO BEZERRA DE MENEZES CAVALCANTI

Nasceu em 29 de agosto de 1831, na cidade do Riacho do Sangue - CE.

Graduou-se em Medicina no ano de 1856. Foi, ainda, abolicionista inflamado, líder do partido liberal, deputado em várias legislaturas e presidente da Câmara Municipal da Corte.

Assumiu pela primeira vez a presidência da Federação Espírita Brasileira, em 1889, e a segunda gestão se deu de 1895 a 1900. Foi o responsável pelo assentamento das bases organizativas do Espiritismo no movimento brasileiro que inspiraram a estruturação do “Pacto Áureo”, quase cinquenta anos depois.

Desencarnou em 11 de abril de 1900, na cidade do Rio de Janeiro.

Capítulo 2

ATITUDES UNIFICADORAS

“Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas: não vim abrogar, mas cumprir.” Jesus - Mt, 5:17

Senhor, dá-nos equilíbrio suficiente para que nossas palavras inspirem a fraternidade, a despeito da nossa sinceridade.

Reflitamos um pouco mais sobre nossas atitudes à frente do tema unificação.

Antes de falarmos das atitudes, façamos algumas conjecturas a título de embasamento.

O conceito de unificação sob a ótica doutrinária carece de urgente revisão. Unificar é, sobretudo, a aproximação afetiva e cristã das almas. Nesse ângulo, unificar é dever inerente a todos que se disponham a sacrifícios íntimos na adoção de posturas que facilitem esse intuito, causando em conseqüência a ligação dos corações em amor verdadeiro.

Sem isso, onde a edificação definitiva do reinado do bem na Humanidade? As “vozes superiores da verdade” demarcaram claramente ao Codificador que a obra do Espiritismo é a renovação das criaturas e agrupamentos sociais no seu melhoramento moral.

(1)

A proposta da unificação é a síntese da moral evangélica, e a atitude de circunscrevê-la a grupamentos com fóruns de legitimidade é o mesmo que institucionalizar o exclusivismo e a paternidade nos serviços do Cristo.

A institucionalização como instrumento administrativo de ordem e disciplina é ainda uma necessidade em nosso ambiente doutrinário, mas, passando disso, é formalismo coercitivo aos mais espontâneos processos de criatividade e produção.

É preciso considerar, no entanto, que nosso problema em

matéria de unificação, a rigor, não são as convenções normativas, e sim as posturas íntimas e atitudes decorrentes de nossa imaturidade espiritual.

Dai a necessidade de vigiarmos ardentemente nossos procedimentos na seara de serviços para que não haja uma apropriação das determinações e normas a fim de justificar sentimentos e ideais pertinentes à nossa bagagem inferior. A questão não são os programas exteriores, e sim as posturas do homem milenar... Por isso, afirmou Allan Kardec em o Credo Espírita: “Quando os homens forem bons, organizarão boas instituições...” (2)

Nos serviços comunitários, ao longo do tempo, o homem comum raramente venceu seu inimigo mais poderoso: o egoísmo. O hábito lamentável de destaque e personalismo, expressão da egolatria moral, sempre se fez latente. Três atitudes infelizes se cristalizaram em reflexos nessa caminhada, sobretudo quando se tratava dos assuntos da religião: a formação de clãs de interesses, a atitude centralizadora, ou centralismo pernicioso, e o gosto pelos títulos.

Analisemos os efeitos prejudiciais de nossa escolha para discernir até onde a prisão do egoísmo ainda agrilhoa nossas ações.

Os corrilhos de segmento fomentam a discriminação, a idolatria, o tradicionalismo, a atitude sectária, a criação de limites através de decretos arbitrários e convenientes, a polidez de superfície e, mais lamentável, a hipocrisia das aparências no “jogo” dos interesses.

O centralismo estabelece direitos e deveres de favorecimento e privilégio, sobrecarrega de obrigações gerando a morosidade, a ineficiência e ainda traz para si as oficializações “divinizadas” por “endosso” de Deus e dos espíritos.

O fascínio por títulos motiva o apego a cargos e o descuido com os encargos. Também cria clima para a pompa, a cerimônia e, acima de tudo, insufla com glórias hipnotizantes a força do orgulho.

Precisamos mesmo pensar.

Entre nós, na imortalidade, vários servidores valorosos das muitas estradas da unificação no Brasil são categóricos em afirmar o quanto refariam em suas atitudes, guardassem eles a amplitude de visão que hoje logram. Este é recado de rara oportunidade a vós que ainda vos encontrais no vigor do aprendizado.

Tomemos o movimento espírita como uma escola imensa;

cada classe representando as atividades espirituais das organizações espiritistas. A classe da mediunidade, dos explanadores da doutrina, das tarefas assistenciais, dos evangelizadores, dos jovens e todas as outras. Temos também aquela onde se encontram os aprendizes da unificação: a classe dos dirigentes. São alunos, muitos deles repetentes. É um grupo “excepcional” pelas necessidades que apresentam e pelas experiências que consolidaram nos descertos do passado. Raros estão ali por primeira ocasião. Via de regra, refazem as lições perdidas e não aprendidas.

Quanto uma classe comprometida, muitas esperanças repousam sobre eles na expansão dos planos do Pastor da Humanidade. Não são melhores, mas guardam consigo extenso cabedal de recursos. O que lhes falta, então? Atitude.

Sim, nosso problema é de atitude, de postura.

A postura de Jesus, o Mestre, é o exemplo singular: “Não vim destruir a Lei”. Respeitou Ele as convenções da época, assim como devemos consideração e respeito às formalidades normatizadas para a tarefa unificacionista. Em nossa Seara, contudo, acrescenta o Senhor: “Porém, vim cumpri-la”. Isso o que nos falta: cumprir, adotar postura de humildade, de doação, da ação construtiva, da vivência.

Face a isso, delinearemos adiante algumas posturas que, de fato, constituem o cerne da lídima unificação.

Na postura de Jesus encontramos um farto conteúdo para nossas reflexões. Ele conhecia a Lei. Esta já tinha as suas bases estabelecidas, faltava-lhe cumprimento, e o Senhor, vivendo a plenitude da justiça mosaica, sublimava-a aos caminhos do Amor. Hoje, igualmente, temos os programas, as normas determinantes do processo unificador, falta-nos cumpri-las na sua integralidade.

Como dissemos anteriormente, temos uma questão de atitude. Aí reside a origem de nossas lutas frente à grandeza da proposta de unidade e união.

Feitas essas considerações, passemos a relacionar algumas das ações benfazejas que são verdadeiros elos de aproximação afetiva, na convivência de nossa seara espírita.

Inspirar-nos-emos no iluminado lema de Allan Kardec para redigir nossa didática: “Trabalho, Tolerância e Solidariedade.”

QUANTO AO TRABALHO

A Atitude de Despretensão

Quando surge a intransigência nos terrenos do trabalho doutrinário, certamente, já esquecemos a quem pertence a “vinha”. Nessa hora, os interesses pessoais já nos fascinaram gerando o clima individualista. Torna-se imprescindível a postura de abnegação porque o serviço não é nosso e jamais rumará em manifestações de sabedoria sob os golpes de nossas ações pretensiosas.

A Atitude de Delegação

A delegação das responsabilidades doutrinárias é mensagem viva de uma relação de confiança e uma ação de promoção dos valores alheios. Preparado o servidor, é hora de propiciar-lhe o ensejo do aprendizado maior.

A Atitude de Participação

A tarefa da unificação requer a postura de comprometimento, da participação consciente na obra que é gigantesca. Participação é atitude solidária. A unificação jamais se fará sem a integração de todos os que anseiam por um movimento tão excelente quanto a qualidade de nossa luminosa doutrina.

A Atitude de Prontidão

É a disponibilidade interior para servir à causa. Isso exige a postura do sacrifício incondicional. A atividade espírita-cristã pressupõe a disposição de dar sem sentimento de posse, servir sem condições, realizar pelo ideal e não por interesses.

Realizando assim o trabalho, teremos a operacionalização da unificação:

na atitude da despretensão, guardada na postura íntima de abnegação;

na atitude de delegação, escudada nas relações de confiança;

na atitude de participação, com a postura íntima de comprometimento;

na atitude da prontidão respaldada na postura do sacrifício incondicional.

QUANTO À TOLERÂNCIA

A Atitude do Perdão

Difícilmente, em nossa convivência, escaparemos dos torvelinhos da mágoa e da intemperança de nossas reações. Este é o momento do proceder em perdão. A atitude de perdoar implica postura íntima de aceitação, e quem aceita, perdoa porque compreende.

A Atitude da Compreensão

Se perdoar implica em aceitar, a compreensão é atitude elaborada pela razão que ensinou ao coração o porquê de cada coisa. Quem compreende a si mesmo, antes de tudo, respeita cada ser em seu lugar e em seu tempo, pois guarda consigo a postura da indulgência. E na indulgência, filha esclarecida da compreensão, podemos e devemos fixarmo-nos no lado bom de todas as pessoas e fatos. Ah, se olhássemos assim nosso movimento espírita estaríamos bem à frente...

A Atitude de Ouvir

Impossível respeitarmos se não ouvimos. Ouvir é atitude que se apóia na postura íntima da paciência, da serena reflexão, da empatia, do altruísmo. Se ouvíssemos mais, nos comunicaríamos melhor, e assim fazendo nossa palavra evitaria muitos incidentes que passamos a vivenciar por constituírem o fruto de nossa inadvertência.

A Atitude de Crítica Construtiva

Raramente conseguimos conciliar a discordância e a crítica com a fraternidade. Divergir não é desrespeitar, criticar não significa amar menos. A postura íntima da fraternidade assegura à nossa crítica os valores morais construtivos e libertadores; somente nessa ação conquistamos a simpatia alheia para nossa atuação.

Assim, devemos conduzir a tolerância, observando:

A atitude de perdão, nascida da tácita aceitação.

A atitude da compreensão, revestida da postura interior de indulgência.

A atitude de ouvir como fruto da postura de paciência.

A atitude de crítica construtiva, exteriorizada no reflexo íntimo de fraternidade.

QUANTO À SOLIDARIEDADE

Atitude Altruísta

O altruísmo, essa virtude de quem ama, enseja que nossos dirigentes, conscientes de sua tarefa, expandam os recursos de suas instituições a outras Casas, criando um intenso processo de intercâmbio. No futuro, certamente, os nossos centros espíritas terão um departamento de intercâmbio que criará laços e aproximação. A atitude altruísta das células doutrinárias fará uma rede de abundante unificação.

Atitude de União

Enquanto nossas relações humanas não se enriquecerem da convivência fraternal, dificilmente teremos o ambiente de união. Para isso, temos que superar em nós mesmos os preconceitos, as suscetibilidades, o verbo descuidado, a tendência separatista, enfim, devemos aplicar em nosso íntimo o buril lapidante da boa convivência através da superação de nossos conflitos e imperfeições. Assim, naturalmente, em reflexo espontâneo, passaremos ao próximo nossa alegria, nossa predisposição em querê-lo ao nosso lado, estabelecendo elos de amizade prodigalizadora e restauradora de nossos anseios.

Atitude de Simplicidade

Graças à facilidade oferecida pelos meios de comunicação, a informação tornou-se veloz e de fácil acesso. Isso possibilitou que todos, dos mais simples aos mais cultos, pudessem adequar à sua própria vivência a notícia do momento, criando um espectro infinito de análise e entendimento. Diante disso, a atitude de elitismo e a postura “professoral” causam mal estar nas relações.

O verdadeiro conhecimento deve ser transmitido na simplicidade das palavras e das ações, a fim de não inibir nem criar resistências psicológicas ou emocionais em quem ouve.

Jesus muito sabia e fez-se o menor, eis a maior lição. Ninguém em nossa Seara detém tanta bagagem que possa assumir posições de infalibilidade.

Sentir-nos-emos melhor ouvindo a experiência alheia, por mais que já tenhamos aprendido. Se perdermos o gosto de conhecer com paciência o que o outro pensa, estaremos nos afastando dos mais valiosos recursos nas relações doutrinárias: a habilidade de relacionamento com pessoas.

Atitude de Servir

“E qualquer que dentre vós quiser ser o primeiro será servo de todos.”⁽³⁾

Servir implica operosidade.

O desejo de ser servido é chamar para si, em forma de exigências, direitos eventualmente justos, mas que poderiam ser transformados na intimidade de cada um de nós em deveres agradáveis, se nos dispusermos a servir.

A atitude serviçal, e não o servilismo, é a disponibilidade à cooperação na extensão do bem da Seara.

Em conclusão, a solidariedade que se expressa em altruísmo, sociabilidade, aprendizado e espírito de servir é resguardada pela postura íntima do amor nos seus vários ângulos.

Assim, temos na solidez do lema de Allan Kardec o roteiro seguro das nossas atividades unificadoras.

Evidentemente, nossos comentários nem de longe esgotam a grandeza dessa plataforma luminosa do Codificador.

Trabalho produtivo.

Tolerância dinâmica.

Solidariedade construtiva.

O trabalho feito com amor gera uma atmosfera de respeitabilidade. A atitude tolerante, por sua vez, insufla o entendimento, e nesse clima de bem estar é agradável conviver. E essa convivência fraterna é a base dinamizadora das ações solidárias que insculpirão o verdadeiro espírito unificador, trazendo frutos sazonados à nossa Seara abençoada.

Parafraseando Jesus, não viemos destruir a vossa plataforma de unificação, respeitável pelos méritos indiscutíveis, contudo, cumprindo determinações de planos superiores, propomos uma revisão urgente de conceitos, planejamentos e metas.

Em atitude de trabalho e colaboração,

CÍCERO PEREIRA

-
- (1) A Gênese – capítulo XVIII – item 25
(2) Obras Póstumas – II parte - Credo Espírita - Preâmbulo
(3) Marcos, 10:44

CÍCERO DOS SANTOS PEREIRA

Nasceu em 14 de novembro de 1881, no povoado de Gorutuba, próximo à Diamantina – MG.

Além do exercício do magistério, foi guarda-livros, taquígrafo e bacharel em direito.

Foi presidente da União Espírita Mineira (1937 a 1940) e fundador de vários centros espíritas em Belo Horizonte e Montes Claros. Foi um dos fundadores do “Abrigo Jesus”, instituição espírita de amparo à criança

carente, na capital mineira.

Foi colaborador da imprensa espírita, especialmente “O Espírita Mineiro”.

Desencarnou em 04 de novembro de 1948, na cidade de Belo Horizonte.

Capítulo 3

CONGRESSO ESPÍRITA BRASILEIRO

Nos primeiros dias de outubro de 1999, mais uma vez o movimento espírita brasileiro reuniu-se para homenagear o Pacto de Luz ⁽¹⁾.

Regozijamo-nos com o evento pelas benesses inspiradas que foram sedimentadas no coração de todos os presentes.

É uma vitória do Espiritismo promovida pelo esforço dos homens.

Passado o conclave no qual as “Bodas de Ouro” honraram o compromisso da unificação, perguntemos sobre os resultados auferidos em considerando as extensas clareiras de serviço a encetar.

Que benefícios solidificaram o evento?

No campo individual, as mais variadas expectativas foram coroadas de êxito através do estudo, do encontro fraterno, das novas amizades e do ensejo de comprometimento com novas ocasiões para distender o espírito de intercâmbio.

Na análise estrutural do movimento unificacionista também vamos perceber que o congresso edificou relevantes conquistas. O evento, por cativar lideranças expressivas do movimento espírita nacional, tornou-se um centro aglutinador de corações comprometidos com o ideal, mas que nem por isso perderam suas percepções individuais que, dentro do conjunto, formam a opinião diversa, o entendimento diferenciado, a agregação de experiências conforme as necessidades regionalizadas, e além disso, a grande versatilidade do pensamento doutrinário que é sempre vazado de conformidade com o nível cultural e espiritual de cada qual.

Muito embora essa versatilidade cause incômodo e insegurança a alguns, de nossa parte ressaltamos nisso o grande

mérito do conclave por encontrarmos aí o embrião das novas e mais saudáveis construções do futuro, nos campos da unificação.

A convivência pacífica e autêntica ante as diferenças é o grande móvel subliminar da verdadeira união entre os espíritas.

E quando destacamos que esse contexto da diversidade é o ponto áureo do congresso, não o fazemos testificando e endossando a conduta das referidas lideranças que fermentam o espírito de mudanças em nossa Seara Bendita; quando chamamos para esse ponto as nossas reflexões, é para dar a conhecer que uma gama de ocorrências testemunhadas por nós, nos interregnos da comemoração, deixam-nos uma mensagem do quanto temos por laborar em favor de posturas mais evangélicas e vigilantes, a fim de logarmos o respeito devido frente à multiplicidade de opiniões.

Conchavos e comentários deprimentes, indisposição vibratória na convivência, mágoas ocultas e declaradas, discursos “ideológicos”, faixas públicas de contestação, aversões, lisonja e dissimulação...

Não se espantem de assinalarmos esse lado sutil dos bastidores, porque se o fazemos é para nos assegurarmos, sem hipocrisias, da verdade sobre nós mesmos. Nada disso empobrece e desmerece a justa e honrosa homenagem. Entretanto, deve nos servir de espelho, esse o nosso objetivo. Para nós, o Congresso Espírita Brasileiro é um espelho translúcido da realidade de nosso movimento!

Sem conveniências e sem desonra, analisemos semelhante fato, a fim de constatarmos que ainda não nos respeitamos tanto quanto devíamos; que ainda não entendemos que unificação não é homogeneidade; que ainda não vivemos entre nós a ética da alteridade⁽²⁾; que ainda não conseguimos abraçar a todos com o amor que pedimos para nós; que ainda guardamos infelizes preconceitos com quantos não nos esposem os mesmos estilos; que ainda não assumimos o comprometimento da fraternidade provada em atitudes; que ainda não conseguimos nos olhar como irmãos; que ainda temos extremos de apego a cargos e exterioridades; que ainda não aprendemos a nos envolver com carinho, independentemente das credenciais; que nossa afeição ao destaque e ao elogio é doença pertinaz que nos persegue; que não temos ainda definido nosso papel de conciliador, que substituímos pelo de incendiário do verbo.

Falta-nos muito.

Nosso congresso enalteceria em glórias se guardasse a simplicidade e pureza de corações. Nosso congresso exultaria

de luzes se nele reeditássemos os primeiros momentos das igrejas simples de Jesus, repletas de afeto e disposição de amar. Nosso congresso certamente seria um pábulo de equilíbrio se experimentássemos a atitude de servo despretenso que nutriu o coração de Allan Kardec e estruturou o discernimento na sua razão.

Saiamos das fictícias ações de festa e criamos que aos cinqüenta anos do Pacto inspirado, não temos vitoriosos, e sim vitórias que a nós não pertencem, mas ao Espiritismo.

E para finalizar nossos apontamentos, recordemos o ínclito Codificador que, fazendo uma comparação sábia da organização do Espiritismo, lembrou os observatórios astronômicos ⁽³⁾, deixando uma reflexão muito conciliadora e fraterna, que encerra a verdadeira essência de uma constituição que congregue com coerência e união a Doutrina e seus profíctentes, em clima de amor abundante em todo o mundo.

Saudemos com júbilo esse auspicioso resultado do conclave.

ARMANDO DE OLIVEIRA ASSIS

-
- (1) Referência ao cinquentenário do Pacto Áureo
 - (2) Alteridade - "Estado ou qualidade do que é outro, distinto, diferente." - Aurélio, 3ª edição revista e ampliada, 1993.
 - (3) "É perfeitamente justa a comparação, de que acima nos valem, com os observatórios. Há-os em diferentes pontos do globo; todos, seja qual for a nação a que pertençam, se fundam em princípios gerais firmados pela Astronomia, o que, entretanto, não os torna tributários uns dos outros. Cada um regula como entende os respectivos trabalhos. Permutam suas observações e cada um se utiliza da Ciência e das descobertas dos outros. Assim acontecerá com os centros gerais do Espiritismo; serão os observatórios do mundo invisível, que permutarão entre si o que obtiverem de bom e de aplicável aos costumes dos países onde funcionarem, uma vez que o objetivo que eles colimam é o bem da Humanidade e não a satisfação de ambições pessoais."
"Obras Póstumas" - segunda parte - Constituição do Espiritismo - item VI -
Amplitude de ação da comissão central

ARMANDO DE OLIVEIRA ASSIS

Armando de Oliveira Assis desencarnou no dia 1º de dezembro de 1988, cerca das quatro horas da madrugada em sua residência, aos setenta e oito anos de idade.

Foi um dos mais lúcidos e profíctuos presidentes da Federação Espírita Brasileira e, por força do cargo, diretor do Reformador. Eleito em agosto

de 1970, sucedendo ao presidente Antônio Wantuil de Freitas, ao lado deste durante longos anos participou da diretoria da FEB, primeiro como segundo-secretário, cargo para o qual foi eleito em 1949 e sucessivamente reeleito até 1954, quando foi então e durante quinze anos sucessivos o seu vice-presidente. Como Presidente permaneceu cinco anos, até 1975. Não desejando mais se candidatar, foi substituído por Francisco Thiesen.

Capítulo 4

DEBATES E SEGMENTOS

“Por que não outorgou Deus as mesmas aptidões a todos os homens?”

“Deus criou iguais todos os Espíritos, mas cada um destes vive há mais ou menos tempo, e, conseqüentemente, tem feito maior ou menor soma de aquisições. A diferença entre eles está na diversidade dos graus da experiência alcançada e da vontade com que obram, vontade que é o livre-arbítrio. Daí o se aperfeiçoarem uns mais rapidamente do que outros, o que lhes dá aptidões diversas. Necessária é a variedade das aptidões, a fim de que cada um possa concorrer para a execução dos desígnios da Providência, no limite do desenvolvimento de suas forças físicas e intelectuais. O que um não faz, fá-lo outro. Assim é que cada qual tem seu papel útil a desempenhar. Demais, sendo solidários entre si todos os mundos, necessário se torna que os habitantes dos mundos superiores, que, na sua maioria, foram criados antes do vosso, venham habitá-lo, para vos dar o exemplo.”

O Livro dos Espíritos - Questão 804

Nessa resposta ao Codificador as “vozes da verdade” asseveram sobre a importância da diversidade de aptidões com a qual cada ser concorre para um fim útil na obra da Criação, como a dizer que nada existe sem um motivo, nada que não seja proveitoso.

Cada experiência humana concorre para a evolução da

comunidade na qual está inserida e, por natural consequência, influencia outros grupamentos. Ante essa abordagem, precisamos rever nossa postura enquanto membros do movimento doutrinário, para não gerarmos separatismo pelo fato de estar aumentando a diversidade de opiniões e pontos de vistas acerca de variadas questões.

É verdade que há muita dissidência declarada por personalismo seguido do lamentável desejo de realce nas fileiras espíritas, mas nem todos podem ser enfeixados nesse prisma, pois outros muitos constituem propostas específicas, experimentos necessários que servirão de piso a mais amplo entendimento das bases do Espiritismo no futuro.

Ninguém tem de todo a razão. E ninguém há que não precise burilar e aperfeiçoar suas concepções, por isso o processo interativo de trocas é muito salutar. Para tal finalidade, carecemos aprender a expor e defender nossas teses com despretensão, e isso exige a boa e clara comunicação que ainda não sabemos utilizar habilmente.

No contexto atual de pluralismo do pensamento espírita, o maior equívoco que pode cometer uma pessoa ou instituição é querer provar sua solidez através de um discurso onipotente e dogmático. A força de uma opinião ou de uma tese, principalmente espírita, mede-se pela sua ampla capacidade de diálogo e debate frente às propostas ou idéias que apresenta. O centralismo obstinado e a arrogância estão perdendo seu lugar para a atitude de participação e de intercâmbio interativo.

O diálogo e o debate são os caminhos para a sensatez e o equilíbrio frente à diversificação. Não estamos nos referindo às polêmicas estéreis que geram os extremos da agressividade e do melindre. A controvérsia pode e deve ser explorada pelos administradores de toda estirpe no movimento espírita para a criação de forças conjuntas. Há sempre pontos de interseção a serem descobertos. Mas, para isso temos que nos despir da onipotência de nossas “verdades” individuais e grupais e partir para os colóquios, e isso só se dará através de uma consciência espírita participativa exercida em relações amistosas, através da destituição da “aura dos cargos”, e também, principalmente pelo conhecimento aprofundado das bases doutrinárias.

No entanto, nossa atenção não deve recair somente sobre os administradores. Poder-se-á também ensinar o debate aos neófitos, instigar-lhes o questionamento através de técnicas e dinâmicas.

O fanatismo, a idolatria, o atavismo, os mitos e as fantasias ganham espaço no seio de nossos trabalhos espirituais em razão de nossa inexperiência na arte de refletir e questionar, debater e dialogar. Precisamos romper com esse ciclo de “divinismo mediúnic” e com a lastimável postura de “baús de sabedoria e infalibilidade” sobre as questões da alma. Temos que criar um “ecumenismo” entre as várias vertentes de nossas ações na Seara Espírita. Nos terrenos da administração e da política, o mundo inteiro tem usado o diálogo para dirimir suas diferenças, e por que nós, os espíritas, não haveremos de conseguir tal intento?

A codificação espírita tem conteúdo instrutivo bastante para séculos de aprendizado e debate em favor do crescimento espiritual da humanidade, e o Evangelho de Jesus mal teve sua profunda mensagem entendida e aclarada a toda gente...

Nos terrenos da sublime “bandeira” da unificação, é necessário assinalar que algumas de nossas associações que defenderam a pureza doutrinária, infelizmente, acabaram por esquecer o objeto de sua defesa: dissecar e promover o debate sistemático sobre os ensinamentos da codificação Kardequiana, aprofundando conceitos e dilatando o entendimento acerca das sábias proposituras do Mundo Maior. Fato esse que só se viabilizaria pela ampla participação da comunidade espírita e mesmo da sociedade. Contudo, o encastelamento em “histórias fantasiosas” e o descuido do serviço desaproximaram-nos do questionamento, da troca.

Mas todos somos responsáveis por esse estado de coisas, não há culpados, e assim sendo, depende de nós a mudança e os novos rumos.

Os diálogos do Codificador com o Padre, o Céptico, o Crítico são exemplos inesquecíveis da postura de senso crítico conciliado com ternura, polidez e respeito, condições extremamente possíveis de ocorrerem entre os homens de bem. Para tanto, basta humildade.

Surjam muitos segmentos, e quantos mais surgirem melhor, mas nunca descuidemos de perceber cada experiência no patamar das condições evolutivas de cada grupo que a encabeça e respeitamos a todas.

O segmento que incorporou a proposta bendita da unificação foi apenas o primeiro, saiu na frente, e fez um belíssimo trabalho a benefício de nossa Doutrina, mas inevitavelmente ainda temos extrema carência de novos experimentos que representem a

versatilidade e a abrangência da proposta espírita e evangélica para nosso movimento e para a sociedade.

Toda alternativa e segmento constituem experimento valioso e progressista quando lhe imputamos a ética espírita-cristã. São ensaios para que num futuro não muito longínquo, todos, sob a elaboração mental que a morte nos descerrará, saibamos dar as mãos e construirmos em clima de cordialidade o movimento cristão redivivo.

Fiquemos com Jesus quando afirma: “...toda a árvore boa produz bons frutos...”⁽¹⁾

E para que aqueles os quais possuem menos resistência psicológica não se chafurdem em um ambiente mental de “babel”, projetando seu clima íntimo para a Seara como a dizer: “tudo está perdido”, refletamos em alguns aspectos que nos ajudam a pensar e discernir sobre a qualidade das plataformas de grupos ou pessoas espíritas, para que melhor ajuizemos sua essência:

- Observemos a forma de comunicar a mensagem. É para ferir ou esclarecer? Existe abertura para debates ou apenas imposição de idéias? Existe respeito à cultura histórica?
- O histórico de serviços da pessoa ou instituição que levanta as idéias ou propostas é de suma importância. Que edificações foram balizadas por eles? Houve uma aceitação razoável, geral ou mínima?
- A natureza das propostas ou realizações. Qual sua afinidade com Jesus e Kardec?
- O tempo de existência da iniciativa. Persistirão aos embates ou apenas levantarão senões, catalisando partidários para depois desaparecer? Que resultados positivos têm apresentado? Qual o plano de metas quanto ao futuro?
- A atitude de despretensão na defesa da proposta ou idéia. São apenas mais alguns inovadores dissidentes ou servidores abnegados e conscientes das responsabilidades com a verdade?

Por fim deixemos que fale o Codificador:

“A razão diz que, de todos os sistemas, aquele que encontra maior acolhimento nas massas, deve estar mais próximo da verdade, do que os que são repelidos pela maioria e vêm abrir claros nas suas fileiras. Tende, pois, como certo que, quando os Espíritos se

negam a discutir seus próprios ensinamentos, é que bem reconhecem a fraqueza destes.” (2)

ARMANDO DE OLIVEIRA ASSIS

(1) Mateus, 7:17

(2) O Livro dos Médiuns - capítulo XXIX - Item 349

ARMANDO DE OLIVEIRA ASSIS

Armando de Oliveira Assis desencarnou no dia 1º de dezembro de 1988, cerca das quatro horas da madrugada em sua residência, aos setenta e oito anos de idade.

Foi um dos mais lúcidos e profícuos presidentes da Federação Espírita Brasileira e, por força do cargo, diretor do Reformador. Eleito em agosto de 1970, sucedendo ao presidente Antônio Wantuil de Freitas, ao lado deste durante longos anos participou da diretoria da FEB, primeiro como segundo-secretário, cargo para o qual foi eleito em 1949 e sucessivamente

reeleito até 1954, quando foi então e durante quinze anos sucessivos o seu vice-presidente. Como Presidente permaneceu cinco anos, até 1975. Não desejando mais se candidatar, foi substituído por Francisco Thiesen.

Capítulo 5

AÇÃO SOCIAL ESPÍRITA

“Procurem-se em todas as partes do organismo social, da família aos povos, da choupana ao palácio, todas as causas, todas as influências que, ostensiva ou ocultamente, excitam, alimentam e desenvolvem o sentimento do egoísmo. Conhecidas as causas, o remédio se apresentará por si mesmo. Só restará então destruí-las, senão totalmente, de uma só vez, ao menos parcialmente, e o veneno pouco a pouco será eliminado. Poderá ser longa a cura, porque numerosas são as causas, mas não é impossível. Contudo, ela só se obterá se o mal for atacado em sua raiz, isto é, pela educação, não por essa educação que tende a fazer homens instruídos, mas pela que tende a fazer homens de bem. A educação, convenientemente entendida, constitui a chave do progresso moral. Quando se conhecer a arte de manejar os caracteres, como se conhece a de manejar as inteligências, conseguir-se-á corrigi-los, do mesmo modo que se aprumam plantas novas. Essa arte, porém, exige muito tato, muita experiência e profunda observação. É grave erro pensar-se que, para exercê-la com proveito, baste o conhecimento da Ciência.”

**O Livro dos Espíritos - Questão 917 -
comentário**

Entre as muitas questões que carecem uma profunda reciclagem de paradigmas e metodologias em nosso movimento consolador, vamos encontrar delicada e desafiante questão social. A chamada assistência social é das atividades espíritas que mais

merecem nossa atenção e meditação nos dias que passam.

O mundo terreno está solapado pelas provas e expiações em todos os continentes, e a comunidade humana “perdeu o endereço de Deus”, padecendo atrozmente com o materialismo lancinante.

O tema é complexo e jamais guardaríamos pretensões de esgotá-lo, porém, reflatamos juntos e incitemos os debates valorosos para os intercâmbios promotores de discernimento e ampliação de visão, nos quais permutamos experiências e alternativas na busca de modelos funcionais para a variada extensão das necessidades do homem moderno.

Observamos com júbilo os esforços pela mudança da mentalidade assistencialista, filantrópica, convergindo as iniciativas de caridade para o ideal da promoção social.

O assistencialismo minora e atenua, mas nem sempre liberta. O agasalho, a sopa fraterna, o quilo refazente, o remédio restaurador, tais recursos aliviam e atendem as primeiras e urgentes necessidades. Sabemos, entretanto, e isso tem sido bem discutido nos cursos, que a proposta de educação e promoção é desafiadora.

Consideramos sobre o assunto que a instrução é o caminho essencial na estimulação de um processo nas ações espíritas de auxílio e amparo. Temos, no entanto, que realizar uma tarefa nas bases, a fim de que não continuemos prolongadamente revendo conceitos e tarefas, causando, muita vez, toda uma série de reações em atendidos e atendentes nas reestruturações, gerando agastamento e desânimo.

Trabalhar nas bases é efetuar uma alteração no foco da missão do centro espírita.

Guardamos conosco uma referência nos porões da mente com relação à noção religiosa vinculada aos templos. Fomos educados para encontrar Deus nos santuários, ritualizando o contato com o Pai através de penitências com o próximo, furtando-nos dos deveres sacrificiais que o dia-a-dia nos impõe na vida de relação.

Ainda hoje repetindo o hábito, fundamos a casa espírita e, por cultura adquirida, fixamos todo nosso potencial de louvor e trabalho dentro dos limites comumente aceitos e usuais em nossos serviços de apoio. Focamos a assistência como ato religioso e, muita vez, a concebemos como tarefa para os benefícios pessoais de aprendizado, e em algumas situações, acentuando, com certa exageração, o caráter de resgate que acaba nos vinculando com a Lei

de Causa e Efeito, quando ali deveríamos nos encontrar por amor.

Nesse contexto, definir com propriedade a missão do centro espírita deveria ser nosso primeiro esforço a fim de identificar com segurança o seu papel social, enquanto instituição inserida no organismo da sociedade. Teríamos assim um plano de trabalho consciente e bem definido, e que refletisse os anseios de seus trabalhadores.

Deixar de considerar a ingente missão social da casa espírita permitiu uma certa reclusão – tendência religiosa milenar – desaproximando, um tanto, o espírita dos dramas sociais de profundidade, restringindo sua ação social ao processo de doações e amparo.

Conquanto as transformações já levadas a efeito, não devemos fechar os olhos para esse desafio de nossa comunidade doutrinária.

Os centros espíritas dirigidos por bons espíritas devem ter como meta principal a educação.

Bezerra de Menezes costuma asseverar que o projeto educacional de uma casa espírita deve ter por objetivo básico a formação do homem de bem, conforme nos ensina O Evangelho Segundo o Espiritismo.⁽¹⁾

Diríamos que hoje a recuperação da dignidade social deve constituir a plataforma dos serviços sociais espíritas.

O homem sofrido dos dias atuais perdeu sua dignidade. A miséria, a falta do lar, as dores físicas, a rejeição e a insensibilidade humana são responsáveis por fazer com que o ser se sinta indigno.

No fundo, a ausência de dignidade é ausência de amor na vida da criatura. Não amando a ninguém, nem sendo amado, não amando a si próprio e nem a Deus que lhe “criou sofrido”, não lhe resta alternativa...

Recuperar a dignidade, sobretudo, é motivar e promover o homem a sentir, novamente, o amor que é a essência do desejo de viver.

Perdendo a dignidade, o ser se estiola e corrompe. Se é uma criatura corajosa, rompe com suas provas; se é morno, abate no desânimo; se é odiento, caminha para as psicopatias.

Mas para encetar tal desiderato, nem sempre deveremos

esperar que a sociedade venha aos nossos ambientes espíritas; precisamos projetar a Casa para a sociedade, noticiar seus recursos e relacionar com o meio.

Temos muito o que aprender com outras instituições, por isso as parcerias são muito valiosas.

O Espiritismo concede-nos instrumentos substanciais na sua teoria para que logremos uma belíssima tarefa na sociedade. O estudo de As Leis Morais, um tratado sócio-espiritual, vai nos ampliar os horizontes para que, além das causas sociais, possamos elaborar um projeto de promoção humana, tomando por fundamento o espírito imortal e sua milenar bagagem nos terrenos morais.

Pensem juntos e definamos com mais clareza a ação social das nossas Casas, para que nosso movimento tenha o mérito da ação social libertadora.

Abramos as nossas janelas espíritas para a humanidade, ela precisa tanto quanto nós.

Trabalhemos educando.

Eduquemos para que o homem recupere sua cidadania, assim como nós, pelas portas da reencarnação, recebemos do Pai a bênção de resgatarmos nossa cidadania espiritual na obra de Sua criação.

Avante com luz e muito amor.

BENEDITA FERNANDES

(1) capítulo XVII - item 3

BENEDITA FERNANDES

Nasceu em Campos Novos de Cunha, São Paulo, no dia 27 de junho de 1883. Aproximou-se da Doutrina sob a prova de lamentável obsessão. Por algum tempo foi peregrina das ruas agindo como louca, até ser amparada e curada. Desde então, trabalhou com afinco pela recuperação de doentes

mentais obsidiados.

Fundou a “Associação das Senhoras Cristãs”, primeira entidade de natureza assistencial na cidade de Araçatuba.

Desencarnou em 9 de outubro de 1947.

Capítulo 6

JESUS NA CASA ESPÍRITA

Nos dias de hoje, o abençoado movimento renovador em torno da Doutrina Espírita instala-se no sentido de abrir suas portas para que Allan Kardec, seu Codificador, possa ter garantido o “espaço” justo no que tange ao estudo e aplicação de sua obra.

E enquanto se trabalha para que Kardec-ensino, Kardec-codificação possam ter transparência e entendimento, outra etapa se descortina, tão ou mais significativa, convidando-nos a permitir a presença de Jesus nos nossos núcleos Espíritas-Cristãos.

Observa-se nas valorosas atividades doutrinárias a busca do próximo com esforços prestimosos; ampara-se a criança, orienta-se o jovem; iniciativas surgem, agora, pela terceira das idades.

Essa excursão em favor das necessidades alheias estava nas primeiras ordens do Senhor: “Curai os enfermos, ressuscitai os mortos, limpai os leprosos...” Contudo, na delegação missionária dos doze, verificamos adiante os alertas do Mestre quanto ao preparo íntimo: “Não possuiais ouro...”, “Não entreis em cidade de samaritanos...” E assim, várias orientações são declinadas por Jesus, concitando uma volta para si, uma incursão.

Em nossos Núcleos Espiritistas, assinala-se essa excursão para o próximo, essa busca da caridade ao semelhante, outrossim, necessários se fazem os cuidados consigo próprio, permitindo uma incursão através da Boa Nova, revivendo, assim, os primeiros tempos do Cristianismo.

Jesus exercia a caridade pública e oferecia ensejo de trabalho aos discípulos, depois recolhia-se a ambientes de harmonia, chamando-os de volta para si.

Os apóstolos que lhe partilharam muitos desses momentos embeveciam-se em profundas meditações quando da fala do Pastor. Dessa forma, refaziavam-se, penetravam em escaninhos de si mesmos, tinham maiores percepções das lutas e voltavam ao labor, com mais

denodado empenho.

Seria oportuno, considerando essas recordações do Cristianismo Primitivo, que os centros espíritas, além de tornarem públicos os ensinamentos dos textos do Evangelho, também emvidassem esforços para a formação de grupos íntimos nos quais se reunissem os trabalhadores que sustentam as iniciativas da Casa, recolhendo-se no estudo interpretativo da Mensagem Cristã, à luz dos fundamentos espíritas.

Isso lhes permitiria um tempo para abrir espaço tanto na casa espírita, quanto na intimidade de cada um.

Esta hora de intensas lutas na Terra conclama o aprendiz do Evangelho a ter um tempo para si, a ter um tempo com Jesus.

Cremos, em nossas expectativas desprezíveis, que se cada Instituição se comprometesse com essa iniciativa, haveria menos engano, mais harmonia e ganho no serviço de assistência e orientação.

É bom lembrar que a premissa do Cristianismo Redivivo é a nossa libertação. Temos encontrado por aqui quem tenha conduzido à libertação muitos corações, entretanto, não conquistaram sua própria alforria e estão cativos de si mesmos.

Temos colaborado com as vossas lides nos terrenos da assistência e promoção humana, e podemos compreender que tal objetivo só se alcançará se abirmos as portas do centro espírita para Jesus, a fim de que em nossas fileiras obtenhamos paz, consciência e luz.

É tempo de Jesus. Ele retornará sim, palmilhando os caminhos aplainados por Kardec. Virá na nossa intimidade. É tempo de Boa Nova.

Que Ele seja conosco, como sempre esteve.

Vamos agora, nós, em busca Dele.

Abramos as portas.

Com carinho,

CÉLIA XAVIER

CÉLIA XAVIER

Nasceu em 19 de novembro de 1916, na cidade de Belo Horizonte.

Em razão de uma congestão cerebral, sofreu, aos 14 anos de idade, um processo de paralisia que lhe impossibilitou prosseguir nos estudos escolares. Isso fez com que passasse a costurar e a bordar para os pobres, não obstante as limitações que a submetiam.

Serviu, assim, de exemplo grandioso a todos que a conheceram.

Desencarnou em 01 de agosto de 1943.

Capítulo 7

AMOR À CAUSA

“Deus procede, neste momento, ao censo dos seus servidores fiéis e já marcou com o dedo aqueles cujo devotamento é apenas aparente, a fim de que não usurpem o salário dos servidores animosos, pois aos que não recuarem diante de suas tarefas é que ele vai confiar os postos mais difíceis na grande obra da regeneração pelo Espiritismo. Cumprir-se-ão estas palavras: “Os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros no reino dos céus.” - O Espírito de Verdade.” (Paris, 1862.)

O Evangelho Segundo Espiritismo Capítulo XX – item 5

O Espiritismo, a mensagem do Evangelho atualizada, é nossa grande causa. Mas será que amamos nossa causa? Será que temos construído pela Doutrina tanto quanto ela por nós? Nosso devotamento é aparente ou posicionamo-nos como servidores animosos?

Quantos, por “amor à causa”, deixaram um rastro de inimizades?

Quantos, por “amor à causa”, abusaram dos poderes temporais dos quais eram depositários no campo doutrinário?

Quantos, por “amor à causa”, abandonaram compromissos pessoais, acumulando ônus conscienciais?

Quantos, por “amor à causa”, serviram de expedientes para anatematizarem os que saíram dos padrões convencionais nos terrenos da ação espírita?

Quantos, por “amor à causa”, arrojaram-se no descuido de

avaliar e promover sua própria melhoria moral?

Quantos, por “amor à causa”, guardaram, em nome da justiça, documentos e arquivos contaminados pelas larvas da discórdia e enlameados pelos retratos da crueldade silenciosa?

Quantos, por “amor à causa”, arruinaram sadias esperanças daqueles que nutriam anseios por ambientes fraternos e amigos em nossa Seara?

E quantos, por “amor à causa”, abandonaram-na, alegando incompatibilidades e excessiva inferioridade dos outros?

Esse “amor” hipnotizado pelas nossas mais dilacerantes imperfeições é o narcisismo, fruto do sentimento atrofiado pelo orgulho e pelo egoísmo. Graças a ele, muitos de nós desviamos dos compromissos pretextando que o movimento espírita é por demais complicado e incorrigível, enxergando, no espelho de nossa miopia, somente a nós mesmos, a quem única e exclusivamente “amamos” de fato.

Porém onde, então, os que verdadeiramente amaram e amam a nossa causa? Para obtermos essa resposta basta que saibamos:

Onde os que souberam perdoar e prosseguiram aferrados ao trabalho e à oração?

Onde os que, feridos com os dardos da infâmia e vilipendiados com os calhaus da mentira, reagiram com mais empenho e desempenho no trabalho?

Onde os que, agredidos, ministraram a sabedoria de entregar ao tempo a arte de cicatrizar e curar feridas?

Onde os que dobraram as décadas vencendo os convites do desânimo?

Onde os peregrinos, vibrantes de afeto, que passam esparzindo simpatia e insuflando admiração?

Onde aqueles que aprenderam a despir-se da “capa de suas verdades” e se submeteram ao bom senso e ao consenso?

Onde os que conciliavam lutas pessoais com sacrifícios e martírios pelo serviço do bem?

Onde aqueles que, tenazes na sua disciplina, honraram noite após noite os seus deveres espirituais?

Por amor à causa, muitos deles tiveram seus dias diminuídos

em quantidade para ganhar em conteúdo.

Por amor à causa, renunciaram a gostos e hábitos, tempo e ideais e conquistaram o “selo” da vitória sobre si mesmos.

É fácil concluir, portanto, que amar nossa causa não é tão simples, tem sido obra para poucos tão somente porque não percebemos ainda que o amor à causa só brotará, espontâneo, quando advogarmos, nos fóruns de nossas vidas, a causa do amor.

Quase sempre nossa ótica de análise colide com o mecanismo de ação da Providência Divina, que estabelece maiores responsabilidades e lutas a quem mais se esforça por adquirir o selo do servidor animoso, enquanto muitos outros aguardam benesses e favores ao toque de seu narcisismo contaminante...

Pela causa do Amor o senhor Allan Kardec, verdadeiro Obreiro do Senhor, pressente os alvitre da vida maior e se entrega às investigações dos fenômenos espíritas, dedicando carinho e zelo a seus afazeres doutrinários, custando-lhe isso muitas privações, até mesmo a própria saúde.

E sentindo o quanto a causa lhe consumia a cada dia mais, recebe do Espírito Verdade a confirmação de sua missão como um clamor de amor incondicional, que serve de alerta a cada um de nós, tecida nessas belíssimas palavras:

“ (...) a missão dos reformadores é prenhe de escolhos e perigos. Previno-te de que é rude a tua, porquanto se trata de abalar e transformar o mundo inteiro. Não suponhas que te baste publicar um livro, dois livros, dez livros, para em seguida ficares tranqüilamente em casa. Tens que expor a tua pessoa. Suscitarás contra ti ódios terríveis; inimigos encarniçados se conjurarão para tua perda; ver-te-ás a braços com a malevolência, com a calúnia, com a traição mesma dos que te parecerão os mais dedicados; as tuas melhores instruções serão desprezadas e falseadas; por mais de uma vez sucumbirás sob o peso da fadiga; numa palavra: terás de sustentar uma luta quase contínua com sacrifício de teu repouso, da tua tranqüilidade, da tua saúde e até de tua vida, pois, sem isso, viverias muito mais tempo. Ora bem! Não poucos recuam quando, em vez de uma estrada florida, só vêem sob os passos urzes, pedras agudas e serpentes.” Espírito Verdade ⁽¹⁾

ERMANCE DUFAUX

(1) Obras Póstumas – Segunda parte - “Minha Missão “ de 12 de junho de 1856 -

ERMANCE DE LA JONCHÉRE DUFAUX

Nasceu em 1841, na cidade de Fontainebleau - França.

Colaborou, como médium, com Kardec na elaboração da segunda edição de “O Livro dos Espíritos”, de 1860, que se popularizou.

O seu guia espiritual deu grande incentivo a Kardec para publicar a “Revue Espirite”. Ermance, com seu pai, tornou-se sócia fundadora da “Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas”.

Capítulo 8

A CAUSA DO AMOR

“Mas um samaritano, que ia de viagem...”

Lc, 10: 33

O Evangelho é a rota.

O Espiritismo, a bússola.

O amor, a meta.

A rota é o caminho a seguir.

A bússola confirma a direção.

A grande meta é o amor, sobre o qual nenhuma designação segmentária se opõe.

A saga do Bom Samaritano - essa peça poética de rara beleza e profundidade - é a metáfora da história evolutiva do ser em suas várias etapas: o homem caído, o homem rótulo, homem comércio, homens espirituais...

Jesus, o emérito pedagogo, utiliza-se da parábola para deixar claro que o próximo não é, propriamente, aquele que está a nossa volta, mas sim quantos nos rodeiam e pelos quais nutrimos o sentimento de amor, daí a pergunta: “quem te parece o próximo daquele que está caído pelo assalto?”

Portanto, Jesus baliza seu ensino colocando como eixo central o Samaritano, aquele que se fez o próximo do próximo...

Estaremos nos fazendo o próximo da nossa humanidade?

A rota todos a possuem. A bússola nós a temos. E a meta?

O Samaritano trilhava o mesmo caminho do assaltado, do assaltante, do levita, do sacerdote da lei, no entanto, não padece dos mesmos mecanismos de queda porque ia “de viagem”, com um

destino, com uma meta: a meta do amor.

Sua viagem tinha propósitos nobres e elevados, bem definidos, o que lhe harmonizava com a rota, a bússola e a meta.

A estrada de Jerusalém para Jericó tem sido o caminho preferido dos homens de sempre. Raros fazem essa trilha guardando a segura rota do Evangelho.

A direção inversa de Jericó, símbolo do materialismo, para Jerusalém, símbolo de espiritualidade, escassamente é a escolha humana.

Nos séculos, muitos se perderam por disputar a rota.

Hoje constatamos uma seqüela dessa disputa, quando outros tantos procuram se apropriar da bússola, imprimindo a direção que lhes parece a mais acertada.

No entanto, em todos os tempos, os que se afirmaram no amor, esse sentimento de religiosidade a Deus, esses venceram demonstrando comprometimento a essa causa.

E para nos assegurarmos da excelência desse sentimento, relembremos as frases que compõem uma das mais belas melodias do Evangelho, na inspirada palavra de Paulo, na primeira carta aos Coríntios, capítulo 13:

“Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse caridade, seria como o metal que soa ou como o sino que tine.”

ERMANCE DUFAUX

ERMANCE DE LA JONCHÈRE DUFAUX

Nasceu em 1841, na cidade de Fontainebleau - França.

Colaborou, como médium, com Kardec na elaboração da segunda edição de “O Livro dos Espíritos”, de 1860, que se popularizou.

O seu guia espiritual deu grande incentivo a Kardec para publicar a “Revue Espirite”. Ermance, com seu pai, tornou-se sócia fundadora da “Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos”.

Capítulo 9

UNIFICAÇÃO, TRANSIÇÃO E NOVA ERA

São passados quase dois mil anos da vinda do Governador Celeste às leiras de trabalhos redentores e transformativos da humanidade terrestre. Naquele tempo, com os olhos já voltados para as lutas que nos envolvem até hoje, o Divino Rabi traçou-nos o caminho seguro a seguir em meio a tantas limitações, dificuldades e tropeços colocados pelo próprio homem em sua jornada evolutiva.

Ao reafirmar a validade da Lei e dos Profetas, Ele somente fez ressaltar destes roteiros divinos a sua essência que é a Lei de Amor. Para que haja aplicação irrestrita desta Lei, é imprescindível que haja convivência plena de trocas, de sustentação mútua, enfim, de união.

Este processo de união deve germinar dentro de cada um de nós, alimentar-se e robustecer-se do amor mais legítimo e sincero que pudermos ofertar, e se expandir de nossa pessoa em direção de todos os que partilham de nossa existência.

Muitas vezes, interpretamos que estes recursos divinos colocados em nosso favor aplicam-se somente à nossa vida familiar, profissional e social. Mas não é assim.

Se a transição envolve o orbe em nossos dias, promovendo e se externando em grandes conturbações coletivas e individuais, seria despreparo e puerilidade de nossa parte pensar que estes mesmos embates não adentrariam em nossas atividades doutrinárias.

Natural que percebamos no corpo do movimento espiritista-cristão embates, lutas, desentendimentos e desacertos. Porém, convém ressaltar que o corpo doutrinário, a se constituir da Doutrina dos Espíritos, não está sujeito a estas tribulações. Referimo-nos aqui ao movimento, reflexo das ações dos homens que se propõem às lides espiritistas carregando para dentro delas as dificuldades e imperfeições que trazem dentro de si. Este estado espiritual de transição íntima de valores que emanam da criatura, e que se

expressam em tudo o que ela faz, também está presente no seio do nosso movimento espírita. Isto não se constitui em fator de escândalo ou alarde, porque procede do processo evolutivo e transitório do planeta.

Se por um lado são aspectos naturais e oriundos da nossa posição evolutiva, convém lembrar e ressaltar que Jesus, já há muito tempo, mostrou-nos o roteiro seguro da união através do amor fraternal. Essa a proposta apregoada pelos mensageiros do Cristo no seio da Doutrina Espírita através do ideal de unificação. Mas para que haja a verdadeira vivência do amor e conseqüente união de valores e recursos no movimento renovado, calcado na Doutrina dos Espíritos, é imprescindível que busquemos a vivência da tolerância, do perdão e do entendimento.

Com o advento do Espiritismo, às portas do período de transição, Jesus instrumentalizou a humanidade para viver este período com a aquisição do conhecimento da Verdade que liberta, a fim de que, através da revivescência da Lei de Amor, as criaturas se fortalecessem, mutuamente se sustentando, para viver esta transição e lançando as balizas de um novo período de redenção e recuperação espiritual da humanidade.

A unificação se faz necessária, não somente para que o movimento espírita reflita com fidelidade os princípios sublimes e divinos da Doutrina dos Espíritos, mas também para consolidar um ambiente moral e mental de entendimento e fortalecimento, para que os espíritas-cristãos sinalizem, de uma só forma e de uma só vez para todo o orbe, o caminho traçado pelo Cristo Jesus.

Ao nos habilitarmos em nossa consciência diante de Jesus e seu Corpo Doutrinário, que é a expressão dos seus pensamentos, e por fim perante o movimento espírita, através da união legítima de nossas aspirações e ideais no trabalho do Cristo, estaremos lançando e edificando a nova era que, no futuro inadiável e imutável que aguarda a humanidade, abrigar-nos-á a todos num só ambiente onde a perfeição será cada vez mais viabilizada aos nossos espíritos.

Quando então alcançarmos a aurora deste novo tempo, a luz de Deus resplandecerá em nosso orbe porque estará refletida no espelho dos nossos corações.

“Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros.” ⁽¹⁾

Avante, o Cristo nos sustenta.

ANTÔNIO LIMA

(1) João 13:35

ANTÔNIO LIMA

Nasceu em 30 de março de 1864, na cidade do Rio de Janeiro - RJ.

Escritor, jornalista e grande expositor da Doutrina Espírita, deixou uma vasta bibliografia espírita e não espírita, além de várias traduções.

Fiel defensor da pureza doutrinária, fundador e primeiro presidente da União Espírita Mineira, e um dos incentivadores do movimento de unificação.

Desencarnou em 26 de março de 1946, na cidade de Paraíba do Sul.

Capítulo 10

VALORES ÉTICOS DA UNIFICAÇÃO

“Fundando-se o egoísmo no sentimento do interesse pessoal, bem difícil parece extirpá-lo inteiramente do coração humano. Chegar-se-á a consegui-lo?”

“À medida que os homens se instruem acerca das coisas espirituais, menos valor dão às coisas materiais. Depois, necessário é que se reformem as instituições humanas que o entretêm e excitam. Isso depende da educação.”

O Livro dos Espíritos - questão 914

Unificação com amor!

Programa de luz para formação da Seara Bendita.

Ideal inspirado pelo Espírito Verdade.

Desafio ético ao espírita do século XXI.

A grande reforma proposta na nossa questão de apoio pode ser analisada no deslocamento do foco institucionalista para o foco ético do programa unificacionista. Enquanto a supremacia e a centralização forem avocadas como alvos pelas entidades de coesão do movimento espírita, estaremos interrompendo o fluxo dos valores espontâneos que devem brotar para o bem de todos em nossos campos espíritas.

O mérito de nossas organizações aglutinadoras consistirá em se tornarem incentivadoras da campanha pela coesão de corações,

de alma para alma.

Os dirigentes das nossas unificadoras devem se sentir honrados e jubilosos de terem como desafio ingente o exercício da despretensão, tomando sobre si o compromisso de injetar, com carinho e amor na Seara, as noções atualizadas da unificação ética, demolindo definitivamente os padrões de formalidade delineados em decênios de hipnose do discernimento, que jamais deveríamos ter permitido ocorrer.

É a era da ética, dos valores morais.

Os tempos apresentam novos misteres.

Qualquer supremacia, para merecer o reconhecimento na atualidade, deve estribar-se no cultivo transparente das diretrizes recomendadas pelo “guia e modelo da humanidade”.

A ditadura de bastidor tem seus dias contados em todos os panoramas das comunidades.

É preciso reformar as instituições que ainda incitam o febril egoísmo com seus modelos contempladores de privilégios, alimentando o orgulho dos incautos e invigilantes...

Uma renovação de mentalidade urge para todos os integrantes de nossas casas-luz.

Dirigir, para o espírita cristão, é ter nas mãos a sublime oportunidade para o golpe de morte no seu egoísmo. É superar papéis, é vencer o nobiliarquismo ainda existente nos escaninhos dos porões mentais.

Aquele que desejar honrar a bênção da ocasião deve munir-se dos valores éticos que insculpirão o homem do século vindouro, cuidando de reformar o modelo vigente, promovendo as instituições que dirigem a se tornarem facilitadoras da autonomia de suas afiliadas e gestora do espírito de fraternidade.

Para isso é preciso coragem e muito, muito sacrifício; eis a delicada questão que nos espera!!!

Coragem para romper com o tradicionalismo.

Coragem para desapegar-se de rótulos.

Coragem para superar convenções.

Coragem para instaurar o pioneirismo onde a maioria estagnou.

Coragem para vencer os estatutos cerceadores.

Sacrifício para ser um dirigente que ama.

Sacrifício para renunciar os ideais pessoais.

Sacrifício para testemunhar com o exemplo.

As mudanças institucionais pedem coragem.

A implementação da ética exige sacrifício.

Se algum programa pudéssemos implementar, erigiríamos por base o Evangelho e disporíamos de uma plataforma que privilegiasse em campanha nacional a unificação como sendo a união entre os espíritas, e a nossa legenda teria os seguintes valores éticos:

- atos de solidariedade;
- atos de liberdade;
- atos de delegação;
- atos de alteridade;
- atos de autenticidade;
- atos de afeto;
- atos de promoção humana;
- atos de participação;
- atos de comprometimento;
- atos de renúncia;
- atos de amor.

Nosso sistema de trabalho seria o de cooperativas espontâneas, regadas pelo apoio e assistência mútua entre as casas espíritas, a fim de serem multiplicadoras do espírito de coesão pela fraternidade.

E a nossa grande meta seria a formação da família espírita feliz na qual pudéssemos, freqüentemente, apesar das diferenças, encontrar a essência espiritual da “Casa do Caminho”, em efusivos laços de amizade, respeito e amor.

Reformemos nossas instituições!

Salve a “Casa do Caminho”.

ALIPIO SILVA JUNIOR

ALIPIO SILVA JUNIOR

Nasceu em 02 de setembro de 1924, na cidade de Belo Horizonte.

Foi o primeiro presidente da Aliança Municipal Espírita de Belo Horizonte, logo após o Congresso Espírita Mineiro, realizado em junho de 1958.

Presidiu por várias vezes o Conselho Municipal Espírita da Zona Metalúrgica, tendo ampla participação nos serviços unificacionistas de Minas Gerais.

Incentivou, organizou e participou do I Congresso de Mocidades Espíritas de Minas Gerais, realizado em Manhuaçu - MG.

Era médium psicógrafo e atuante nas reuniões da União Espírita Mineira.

Desencarnou em 17 de dezembro de 1968, na cidade de Belo Horizonte

- MG.

Capítulo 11

TRAJE NUPCIAL

Nos momentos que vivemos na atualidade, em pleno período de transição e às vésperas do Terceiro Milênio, encontramos muita similaridade com as circunstâncias abordadas na Parábola das Bodas. ⁽¹⁾

Narra-nos o sublime verbo de Jesus, em se referindo ao “reino dos céus”, que já tinha o Rei preparado o banquete para as bodas de seu filho; o jantar já pronto, os bois e cevados já mortos e os convidados para o banquete não se apresentaram.

Após enviar seus servos a conclamar os convidados destinados a comparecer ao banquete das núpcias, recebe negativa resposta dos mesmos, e, na sua sabedoria, percebendo que naquele momento não se encontravam lúcidos e vigilantes os que foram preparados para participar do banquete, manda seus servos pelos caminhos, campos e aldeias a convidar todos aqueles que não foram preparados para a celebração das bodas, mas que traziam em si a potencialidade latente de perceber a riqueza da oportunidade que se fazia.

Como o Rei esperava, muitos responderam ao chamado e a festa nupcial foi cheia de convidados, com clima de regozijo e partilha.

Entretanto, entre os presentes, percebe o Rei que um havia o qual não trajava o vestido de núpcias. Pede o Senhor que ele seja retirado e punido por tal afronta.

Numa primeira vista de olhos, pode nos parecer excesso de rigor na postura do Rei, mas se analisarmos as circunstâncias, perceberemos que não é assim.

As núpcias, ou a comemoração das núpcias, representam hoje a vinculação dos trabalhadores com uma programação estabelecida pelos desígnios Divinos, que deverão ser levados a efeito por determinados espíritos que se candidataram a ela e para isto se prepararam. Mas, através do livre-arbítrio, da transmutação da visão

e dos interesses, pessoais e grupais, abstém-se de comparecerem à estrutura de trabalho às quais se encontravam preparados.

O Senhor, ao perceber a postura destes trabalhadores, e até respeitando-a porque sabe que deve aguardar no tempo o despertamento destes corações, transfere para outros espíritos a oportunidade de trabalho, convidando a todos aqueles que se encontram nos caminhos da conscientização, nos campos de atuação em favor do semelhante e nas aldeias do trabalho individual em favor das estruturas sociais, a fim de que estes se beneficiem com a oportunidade de realização que aqueles outros não souberam, não quiseram ou não puderam levar a efeito.

E o Senhor recebe, na intimidade de sua morada, num banquete de luz e esclarecimento, a todos aqueles que responderam ao chamado. Mas não basta comparecer ao banquete. Temos que comparecer a ele devidamente trajados. Ao recebermos o convite para o banquete de trabalho, onde quer que estejamos atuando em nosso raio de ação, necessário se faz que, antes de aceitá-lo, busquemos a intimidade da nossa morada, preparando-nos devidamente para comparecer perante o Senhor.

Impossível estarmos na celebração das bodas sem o traje nupcial. Não podemos nos entregar às oportunidades de trabalho sem revisarmos a nossa predisposição íntima de transformação moral, trocando os trajes das nossas lidas de interesses pessoais pela nossa veste nupcial, aquela que se constitui de todos os nossos valores mais nobres, mobilizando estes recursos, sob o empenho da nossa vontade, apresentando-nos com as condições mínimas necessárias ao trabalho. Se não portamos um “traje” à altura daqueles que foram convidados e preparados, mas não compareceram, nós nos apresentaremos com vestimentas mais suaves, menos elaboradas, trajes mais simples, porém, nupciais, pois são o que temos de melhor dentro de nós. Entregamos nossa melhor cota de contribuição, de doação voluntária e consciente que, mesmo estando aquém das indumentárias dos convidados oficiais, são condições suficientes para sermos admitidos na comemoração das núpcias.

Não compareçamos perante o Senhor, em Sua Casa, sem oferecermos a disposição sincera de comungarmos com Sua Programação Superior, com a legítima disposição de servir. Sem essa postura essencial, com certeza seremos convidados a nos retirarmos da “Casa de Labor” concedida pela misericórdia Divina, adiando, por tempo indeterminado, a bênção que nos é oferecida. Assim, estaremos perdendo uma oportunidade e levaremos séculos

de luta e suor, em climas dos mais adversos, para conquistarmos novamente as condições necessárias de acesso ao convite do Senhor, para entrar em sintonia com a proposta Divina de União íntima e verdadeira com os desígnios universais do nosso Criador, que sempre regeram e continuarão regendo a redenção espiritual de todas as criaturas.

Que possamos perceber as Leis Universais traçadas pelas palavras sábias do nosso Divino Rabi.

Um abraço fraterno do irmão

ANTÔNIO LUIZ SAYÃO

(1) Mateus, 22: 1 a 14

ANTÔNIO LUIZ SAYÃO

Nasceu em 1829, na cidade do Rio de Janeiro.

Diplomou-se em advocacia, profissão que exerceu durante muitos anos.

Estudioso dos evangelhos, publicou algumas obras, como: “Trabalhos Espíritas de Um Pequeno Grupo de Crentes” (1893) e “Estudos dos Evangelhos em Espírito e Verdade” (1897), sendo essa obra reeditada com novo título: “Elucidações Evangélicas à Luz da Doutrina Espírita” (1902).

Desencarnou em 31 de março de 1903, na cidade do Rio de Janeiro.

Capítulo 12

ESTAIS PRONTOS?

Aproveitando as ilações trazidas na última reunião pelo nosso irmão Sayão ⁽¹⁾, estivemos a perquirir conosco mesmo o porquê de tanto rigor do rei ao perceber no Festim das Bodas um convidado que não trajava o vestido nupcial, mandando prendê-lo e lançá-lo fora, onde haveria “pranto e ranger de dentes”.

Não havia o rei aceitado a recusa dos convidados primeiramente chamados às bodas? Não buscara ele alternativas para que a comemoração das núpcias fosse levada a efeito, sem se deter nas razões pessoais da recusa dos primeiros convidados?

Na simplicidade e limitação de coração e mente que ainda portamos, ousamos entender que, em primeira instância, estava o Rei apenas respeitando o livre-arbítrio de espíritos que possuíam conhecimento e entendimento das imposições evolutivas necessárias para estar convivendo na intimidade da morada real. Porém, não se dispunham, no campo do sentimento, a abrir mão dos seus objetivos e necessidades materiais, cultuando si mesmos ao redor do seu campo individual de interesses.

Se antes de assumirem o compromisso eles o recusam, cabe ao Rei respeitar-lhes o livre-arbítrio.

A mesma análise não pode ser aplicada àqueles que adentraram a morada do Rei para a comemoração das núpcias.

Destes que compareceram pessoalmente ao convite feito, mais se espera do que daqueles outros.

Os que se apresentam perante o Rei e Senhor, ainda que não portando o mesmo nível de conhecimento dos outros, mas trajando a veste nupcial, representam nossa mente e nosso coração quando isentos de interesses pessoais, voltando nossa vivência e potencialidades para a comunhão com os interesses do Senhor.

O Senhor admite em sua morada todos aqueles que desejam conviver intimamente em sua proposta de vida, no trabalho e no

progresso espiritual das criaturas a serem obtidos através da participação daqueles que se afinizarem com seu programa.

Porém, não basta responder positivamente ao convite. Temos que apresentar o traje espiritual necessário e indispensável para o trabalho.

Este traje deve ser alvo como um traje nupcial. Nosso espírito precisa se apresentar ao Senhor com um espaço mental e emocional “desocupado”, limpo de interesses pessoais, para que ali se alojem os ideais superiores de luz e progresso que os mensageiros do Senhor nos oferecem.

Não poderia ser diferente. Por isso o rigor do Rei para com o convidado que não vestia o traje nupcial. Como nos propomos a realizar tão sublime proposta de parceria e trabalho com os desígnios do Senhor, com nossas mentes e corações cheios de demandas particularizadas e pessoais? Para estes haverá maior rigor porque tiveram a coragem e ousadia de entrar na casa do Senhor para privar com Ele sem, no entanto, abandonar a rede de interesses que acalentam em seu íntimo.

Observemos o Mestre e Senhor Jesus. Apresentou-se ao Pai em doação incondicional e irrestrita. Aceitou as propostas Divinas sem questionamentos e, preenchendo sua mente e coração com Suas leis de amor, lançou-se ao trabalho em favor de todas as criaturas que o Criador lhe confiou.

Por elas, desceu das moradas do Pai às profundezas das lutas humanas, sofreu incompreensão no ambiente familiar que lhe amparou a infância e juventude. Amargou a incredulidade de seus conterrâneos, na intimidade do corpo social ao qual se achava vinculado.

Ao lançar-se ao trabalho, viu-se constringido a transferi-lo e levá-lo a efeito com a ajuda de corações ainda muito rudes e em grandes lutas individuais.

Padeceu da ingratidão de muitos beneficiados da véspera, foi desautorizado por sacerdotes e doutores que detinham, supostamente, o conhecimento das Leis Divinas.

Levado a julgamento, nenhuma voz se levantou a seu favor. Nem Ele mesmo advogou em causa própria. Nenhum amigo a lhe amparar e estimular com palavras consoladoras.

E no ápice da loucura e imaturidade humanas, encontra o madeiro ignominioso, a lhe guardar o corpo sofrido e macerado.

Mesmo assim, volta seu pensamento ao Criador, em gratidão pela oportunidade de servi-Lo naquelas circunstâncias, rogando a Ele o perdão para todos. Entrega o seu espírito a Deus em clima de doação completa e irrestrita.

Diante disso, estais prontos para seguir-lhe o exemplo?

Que o Senhor da vida os ampare e os sustente, hoje e sempre.

Do irmão,

NORALDINO DE MELLO CASTRO

(1) Referência à mensagem “Traje Nupcial”, de autoria de Antônio Luiz Sayão, capítulo 11.

NORALDINO DE MELLO CASTRO

Nasceu em 7 de novembro de 1908.

Foi jornalista, escritor e conferencista.

Exerceu o cargo de vice-presidente da União Espírita Mineira por mais de 21 anos.

Signatário do “Pacto Áureo” em 05 de outubro de 1949, teve uma ampla atuação junto ao movimento de unificação mineiro.

Desencarnou em 05 de novembro de 1987.

Capítulo 13

LIBERDADE PARA O EVANGELHO

“Espíritas! amai-vos, este o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o segundo. No Cristianismo encontram-se todas as verdades; são de origem humana os erros que nele se enraizaram. Eis que do além-túmulo, que julgáveis o nada, vozes vos clamam: “Irmãos! nada perece. Jesus-Cristo é o vencedor do mal, sede os vencedores da impiedade.”

*O Espírito de Verdade. (Paris, 1860.)
O Evangelho Segundo Espiritismo
Item 5, capítulo VI*

Que ambientes temos construído para proliferação do Evangelho em nossos arraiais espíritas?

O Espiritismo tem por missão restaurar a linguagem da mensagem moral de Jesus. Mas como lograr esse objetivo cultivando a hegemonia institucionalista?

A história do Cristianismo politizado ensinou o quanto a atitude institucionalista pode ser prejudicial às expressões autênticas do Evangelho vivido. Daí encontrarmo-nos em campanha permanente junto ao movimento espírita brasileiro pela libertação da mensagem de Jesus. Como? Relacionemos alguns pontos:

- Reconhecer e valorizar nosso movimento como uma Seara Bendita, na qual todos temos os elementos precisos para emprendermos uma jornada de muitas bênçãos. Não nos impressione o “joio” da discórdia, do poder, dos modelos administrativos fechados, pois tudo são valores quando

nos dispomos a percebê-los pelas lentes da indulgência. Muito ainda temos a fazer.

- Reconhecer que a Codificação é a chave para libertarmos a mensagem crística da prisão do dogmatismo e do misticismo, do fanatismo e do religiosismo pueril. Estudar Kardec, aprofundarmo-nos nos ensinamentos do Espírito Verdade, contextualizar o método do Codificador e divulgar os princípios dentro das modernas conquistas da comunicação; todos esses constituem serviços primorosos que descortinarão ainda mais a grande mensagem de Jesus.
- Incentivar a composição de pequenos grupos para o estudo metódico dos textos do Evangelho, extraindo seu conteúdo ético acima da exegese histórica e filosófica.
- Fortalecimento da cultura de participação e comprometimento com a causa, desde a humilde casa espírita até as instituições mais expressivas de divulgação e unificação.
- Revisão de conceitos e estratégias que envolvem o abençoado serviço da unificação, a fim de que o ideal não seja corrompido pela hierarquia, pela formação de guetos ideológicos, pela burocracia limitadora. Pugnar pela simplicidade e ambiente fraterno.

Libertemos o Evangelho!

Paz.

LEOPOLDO CIRNE

LEOPOLDO CIRNE

Nasceu em 31 de abril de 1870, na Paraíba.

Exerceu o cargo de presidente da Federação Espírita Brasileira (1900-1914), também substituindo Bezerra de Menezes na direção da Casa de Ismael.

Foi fundador da Federação Espírita Brasileira na Avenida Passos, Rio de Janeiro.

Desencarnou em 31 de julho de 1941, na cidade do Rio de Janeiro - RJ.

Capítulo 14

HUMANIZAÇÃO NA SEARA ESPÍRITA

“ E disse-lhes: O Sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do Sábado”.

Jesus, Mc. 2:27

Verificamos no movimento espírita vários tipos de relações humanas que constituem amplos campos para estudo e compreensão de nossas necessidades de aperfeiçoamento moral. Dentre elas destacamos as relações institucionais, que ocorrem em função de papéis e formalidades decorrentes de normas eleitas para a administração, a ordem e o bem estar da coletividade espírita.

O relacionamento nesse setor tem deixado o homem e seus valores, quase sempre, em último lugar.

O contexto administrativo de nossa Seara, com raras exceções, tem agasalhado soluções e decisões que priorizam benefícios para a Doutrina e as instituições, desconsiderando o trabalhador com suas idéias, sacrifícios, sentimentos e carências, criando inúmeras situações de indiferença ou insensibilidade afetiva.

Basta que haja uma leve divergência de opiniões para que a ingratidão compareça através de verdadeiras manobras de bastidor, afastando o indesejável companheiro que pensa diversamente. Outras vezes, basta pequeno engano do comportamento para que o selo da obsessão justifique o desequilíbrio alheio, e passa-se a infligir o descrédito ao coração querido que, até então, com muita tenacidade, soube manter siso moral.

Fundamentam-se decisões desse porte nos estatutos, nas normas e em bandeiras ideológicas, e então são estabelecidos inflexíveis tribunais de marginalização seguindo as determinações do “Sábado”...

Hoje, porque não temos mais os instrumentos penalizantes do apedrejamento e da fogueira, utiliza-se dos expedientes da exclusão, da calúnia, da intolerância, das hipocrisias...

E ficamos a indagar por que priorizar o Sábado, quando esse foi instituído para o homem e não o inverso?

A finalidade precípua de qualquer instituição humana deveria ser servir ao homem.

Esse doentio amor institucionalista, a ponto de desconsiderar o lado humano, deveria merecer muita atenção de todos nós, os espíritas, porque, em uma análise de profundidade nos aspectos emocionais e culturais que regem tais ocorrências, encontraremos motivos para urgentes providências, pois, quando esse sentimento se apresenta desafinado da sinergia construtiva a bem da comunidade, suas expressões podem ser de natureza patológica.

O que leva o homem a amar mais uma idéia, um rótulo, um nome, que propriamente a seu próximo? Nesse quadro, o sentimento se vê agredido pela lâmina do personalismo e algemado pelo apego, enquanto o raciocínio sofre a mutilação da insensatez.

Dois fatores contribuem para isso:

O fator cultural, com a exacerbação dos valores institucionais.

O fator emocional, com o reflexo do instinto de posse.

Os conceitos estipulados historicamente para a nossa causa levaram-nos a definir uma escala de valorização na qual primeiro viria a Doutrina, posteriormente a instituição e o seu labor, para somente depois, em algumas situações, cogitarmos do espírita enquanto ser humano. Isso determinou um fortíssimo condicionamento na excessiva valorização das ações administrativas para organização do movimento doutrinário, em detrimento de sua conotação ético-moral.

Qual será a nossa tão propalada causa? A Doutrina, o bem, o amor, a unificação, o Evangelho?

Nossa grande causa deveria ser a ética universal do amor, sem a qual nenhum dos objetivos do Espiritismo serão alcançados.

Carecemos de homens Espíritas que saibam superar os papéis e as formalidades, e sobrepondo-os, sem desprezitar os processos normativos, possam estimular e nutrir as relações institucionais de valores afetivos e moralizantes.

O Sermão da Montanha e as Leis Morais de “O Livro dos Espíritos” deveriam constituir os roteiros normativos de quaisquer códigos éticos e estatutos para nossas agremiações doutrinárias, a fim de que tenhamos em mente sempre os deveres, sem preocupações com prestígio...

Em outra análise, verificamos que o milenar instinto de posse humano, açulado pela crueldade da vida moderna, tem levado à criação de um sistema emocional de falsa segurança, no qual o homem apega-se a situações materiais que lhe imprimem a sensação de sossego e garantias.

Esse estranhável afeto a cargos, títulos e toda coorte de formalidades que costuma ser aceito como natural entre vós é analisado, por nós, da vida espiritual para a terrena, como lamentável desequilíbrio da emoção enregelada.

Por isso mesmo, quando clamamos por humanidade na Seara, evidentemente, estamos incluindo nossos pedidos de oração e muito respeito a todos os homens e a todas as instituições que se escravizaram nesse lamentável quadro das experiências da psique.

Três posturas sublimam nossa ação institucional. São elas a indulgência, o perdão e a beneficência.

O cultivo do afeto e do interesse uns pelos outros, a alegria espontânea, os abraços de saudade, a conversa amena e familiar, o telefonema esporádico, uma carta de lembrança, são todos expedientes de gentileza e humanidade despidos dos desejos sutis de realce e controle, e que fazem todas as relações mais humanas, mais afetuosas, mais solidárias.

É um trabalho de se autodesnudar das máscaras emocionais, das auto-imagens que engendramos para esconder nossa falsa condição íntima.

O Espiritismo não carece mais de soldados da defesa doutrinária e sim de operários decididos na construção de um mundo melhor, com mais amor.

Jesus é o grande exemplo de superação dos ditames institucionalistas. Ante a religião da época, em meio aos doutores, ensinava informalmente⁽¹⁾; testado na sua posição frente à política, recomenda dar a César o que a ele pertencia⁽²⁾; nas leis rígidas, exara: quem estiver isento de pecado atire a primeira pedra.⁽³⁾

Respeitemos o “Sábado” nas linhas justas do dever, todavia não nos furtemos de viver nas sendas claras do amor que nos inclina a exceder a justiça de escribas e fariseus. ⁽⁴⁾

E na cura do cego de Betsaida, quando Jesus diz, pela segunda vez, sobre como ele enxergava os homens, narra:

“Vejo os homens ao longe e distintamente a todos”. ⁽⁵⁾

Seja, portanto, essa indicativa o nosso grande desafio na humanização de nossa Seara.

ERMANCE DUFAUX

(1) Lucas, 2:46

(2) Mateus, 22:21

(3) João, 8:7

(4) Mateus, 5:20

(5) Marcos, 8:25

ERMANCE DE LA JONCHÉRE DUFAUX

Nasceu em 1841, na cidade de Fontainebleau - França.

Colaborou, como médium, com Kardec na elaboração da segunda edição de “O Livro dos Espíritos”, de 1860, que se popularizou.

O seu guia espiritual deu grande incentivo a Kardec para publicar a

“Revue Espirite”. Ermance, com seu pai, tornou-se sócia fundadora da “Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas”.

Capítulo 15

RECICLAGEM DAS PRÁTICAS MEDIÚNICAS

“Este dom de Deus não é concedido ao médium para seu deleite e, ainda menos, para satisfação de suas ambições, mas para o fim da sua melhora espiritual e para dar a conhecer aos homens a verdade. Se o Espírito verifica que o médium já não corresponde às suas vistas e já não aproveita das instruções nem dos conselhos que lhe dá, afasta-se, em busca de um protegido mais digno.”

*O Livro dos Médiuns
Item 220, 3º*

O exercício mediúnico é das tarefas do movimento espírita que mais carecem reavaliações.

Os trabalhadores, ao longo do tempo, imprimiram-lhe um caráter eminentemente socorrista, restringindo suas expressões educativas e reveladoras ao talante do “assistencialismo mediúnico”, impropriamente denominado “caridade com os desencarnados”.

A reciclagem das práticas deve iniciar pelo entendimento lúcido da finalidade primacial da mediunidade, sem o que a consagração ao serviço sofrerá sempre os reflexos dos nocivos e adulterados objetivos insculpidos pela inferioridade humana.

A compreensão do finalismo sagrado das faculdades psíquicas é antídoto contra as sombras e os abusos do egoísmo.

Os “Espíritos Luz” assinalam na Codificação que a melhoria moral e o conhecimento da verdade constituem a direção Divina no exercício mediúnico, e todas as demais benesses da misericórdia

surgem exuberantes quando os percipientes se ajustam a essa plataforma de disciplina e exemplificação.

Os aprendizes têm aplicado a si mesmos as lições hauridas com os desencarnados? Como desobsidiar sem nos esforçarmos para vencer nossas tormentas? Como doutrinar “mortos” se não convencemos com o exemplo os “vivos” que se encontram ao nosso lado? A Casa tem contextualizado seus trabalhadores na tarefa de amor ao próximo, nos cuidados com a harmonia do lar e com os conhecimentos Evangélico-doutrinários? Os servidores da mediunidade encontram motivações no grupo para o cultivo da auto-educação?

Mediunidade é labor de renúncia, devotamento e abnegação, e se seus profíctos não se afinarem a um programa de melhoria pessoal, vão obstruir os recursos promissores de esperança e consolo, esclarecimento e libertação provenientes do intercâmbio sadio e redentor com os planos da imortalidade.

Outro aspecto salientado em “O Livro dos Médiuns” é o conhecimento da Verdade ⁽¹⁾ – essência da vida universal –, o que só lograremos vencendo o misticismo, o dogmatismo e a idolatria; sem superar esses óbices d’alma, entretanto, os médiuns ficam à mercê das injunções da fascinação ou sob o domínio de quadros psíquicos dolorosos, por entre as neuroses fóbicas e os desajustes esquizóides.

É urgente essa reciclagem de metodologias, estruturação de grupos e de condução das atividades.

Para isso, pensemos na importância das discussões em fóruns de pequenos grupos entre os atuais lidadores e também com os futuros tarefeiros.

A associação do conceito do Espiritismo com os fenômenos espirituais é algo acentuado na comunidade social, portanto, a prática correta e equilibrada, as reuniões instrutivas e sérias, certamente, determinarão uma influente comunicação da mensagem espírita.

Nessa reciclagem, incluir-se-ão as publicações, o travão do animismo, a educação das manifestações e tantas outras questões necessárias na atualidade.

Debatamos o assunto e tenhamos coragem para as mudanças imprescindíveis.

Reciclagem de conceitos somente se efetuará com renovação de mentalidades, por isso mesmo iniciemos pela disseminação

límpida dos conteúdos das bases doutrinárias após lê-los, meditá-los e escoimá-los de nossas interpretações limitantes.

Ao longo da história do Espiritismo ressaltamos dois momentos que demarcaram fases nas quais a bênção da mediunidade se apresentou com caracteres próprios a cada época. O primeiro instante foi quando da consecução do embasamento teórico obtido com uma ostensiva fenomenologia; logo adiante, em um segundo tempo, vemos o trabalho missionário de medianeiros que atenderam ao chamado da segurança doutrinária através dos desdobramentos subsidiários.

Primeiro o fenômeno, logo após, os missionários, sob a tutela de programações espirituais muito bem urdidas em planos maiores. Estamos agora adentrando um terceiro tempo. Em pleno amanhecer do novo milênio está nascendo a era da “mediunidade de parceria”, na qual as expressões fenomênicas e missionárias serão mera consequência, e na qual o preparo e a experiência adquiridos nas fontes da evangelização de si mesmo serão o canal apropriado para os serviços específicos desta modalidade, conforme as demandas infundáveis de nossas fileiras espíritas. Dessa forma, os médiuns saem da posição de meros instrumentos do além para a posição de servidores conscientes e participativos da obra entre os dois mundos.

Rogamos a Deus pelos dias vindouros para que consigamos encetar as necessárias reconsiderações junto ao abençoado trabalho da mediunidade.

RAUL HANRIOT

(1) O Livro dos Médiuns - item 220 - questão 3º

RAUL HANRIOT

Nasceu em 01 de junho de 1874, na cidade do Rio de Janeiro.

Foi funcionário da Estrada de Ferro Central do Brasil.

Ajudou a fundar a União Espírita Mineira, sendo seu presidente por 04 vezes. Criou aí a Farmácia Homeopática e o curso noturno de alfabetização

para operários.

Dos seus vários trabalhos literários, sobressai o livro “A Invencível Igreja de Roma”.

Capítulo 16

MACROTENDÊNCIAS

“Bastante grande é a perversidade do homem. Não parece que, pelo menos do ponto de vista moral, ele, em vez de avançar, caminha aos recuos?”

“Enganas-te. Observa bem o conjunto e verás que o homem se adianta, pois que melhor compreende o que é mal, e vai dia a dia reprimindo os abusos. Faz-se mister que o mal chegue ao excesso, para tornar compreensível a necessidade do bem e das reformas.”

**O Livro dos Espíritos
Questão 784**

É muito confortadora a resposta do Espírito Verdade a Kardec. É visão dialética do bem e, ao mesmo tempo, um enfoque sistêmico sobre a evolução da moral nos tempos atuais.

Numa análise conjuntural, verificamos os embriões de uma nova ordem de coisas na Humanidade direcionando à vitória da luz.

Inferindo a sábia resposta, nossas anotações sobre as tendências do movimento espírita consideram o “conjunto” dos fatos que se esboçam em variados pontos. Essa análise não se constitui em previsões proféticas e futuristas, mas em projeções alvissareiras, tomando por base os múltiplos experimentos dos laboratórios de nossa Seara.

Alinhemos apenas dez dessas macrotendências, a fim de propormos reflexões sobre as mesmas:

- Maior interesse pela mensagem moral de Jesus, cultivada no estudo permanente do Novo Testamento;
- Priorização das bases Kardecianas face aos subsídios

complementares;

- Formação de estruturas apropriadas à pesquisa e integração entre os princípios espíritas e os múltiplos segmentos específicos da sociedade;
- O centro espírita atento à estimulação da cidadania e promoção do homem bio-psico-sócio-espiritual;
- Participação efetiva na mídia;
- Utilização constante dos conhecimentos científicos mais recentes, compatibilizando-os com as bases da Doutrina Espírita;
- A unificação descentralizada na operosidade das forças produtivas de serviço;
- Congressos catalisadores de propostas conjuntas entre os vários segmentos doutrinários;
- Aceleração do intercâmbio espírita com as várias culturas;
- Projeção de grupos de trabalho em detrimento das expressões de individualismo.

Essas macrotendências, evidentemente, serão inculpidas na dependência de fatores humanos, porém, materializar-se-ão mais ou menos rápido nas próximas duas ou três décadas.

Já podemos observar no todo do movimento algumas realizações que estão inseridas na realidade das nossas projeções.

Face a esses rumos novos, fica claro o motivo pelo qual estamos, persistentemente, avaliando o tópico referente à unificação.

A unificação, como vem sendo efetivada, pode ser comparada a uma válvula reguladora do potencial estático de muitos valores de nossa causa. Trabalhar por uma atualização de seu conceito e aplicação significa o desabrochar de muitos fatos novos direcionados para estas macrotendências.

Assim como nossos planos de ação são voltados a esse mister, encontramos também, muitos outros corações no mundo espiritual, amantes da verdade, da paz, da justiça, da igualdade e da liberdade. Também eles insuflam suas idéias, agora recicladas pela imortalidade, a vários grupamentos doutrinários. Desta forma,

fazem luzir os princípios universais do Espiritismo e do Evangelho no pluralismo das concepções filosóficas, sociais e científicas, atestando, claramente, mais uma vez, a sabedoria do Espírito Verdade quando afiançou ao Codificador que “o Espiritismo se tornaria crença comum, porque era chegado o tempo dele fazer parte de todos os conhecimentos humanos”.⁽¹⁾

Como vemos, é injustificável colocar o “velador debaixo do alqueire”.⁽²⁾

A Doutrina Espírita, enquanto representada por um movimento de homens, carece ser difundida e debatida ardente e seriamente junto à sociedade. Para isso é necessário que nossos planos e metas se voltem e se ajustem para uma nova ordem de fatos que se desenrolam céleres.

O centro espírita, os órgãos unificadores, as atividades específicas avaliem com cuidado os seus planejamentos, para apurarem se têm acompanhado o progresso ou a tradição cultural.

É um momento novo, meus bons amigos, trabalhem juntos por esse tempo.

Conforta-nos ver registradas essas tendências alvissareiras, de uma era mais pacífica para nossas ações espíritas na comunidade. Nós que tivemos, outrora, a bênção imerecida de participar desse reino de esperanças, sentimos-nos jubilosos por vivenciar novamente, com nossos irmãos encarnados, essa construção espiritual benfazeja pela Seara espírita.

Com carinho e esperança,

ARMANDO DE OLIVEIRA ASSIS

(1) O Livro dos Espíritos - questão 798

(2) Lucas 8:16

ARMANDO DE OLIVEIRA ASSIS

Armando de Oliveira Assis desencarnou no dia 1º de dezembro de 1988, cerca das quatro horas da madrugada em sua residência, aos setenta e oito anos de idade.

Foi um dos mais lúcidos e profícuos presidentes da Federação Espírita Brasileira e, por força do cargo, diretor do Reformador. Eleito em agosto de 1970, sucedendo ao presidente Antônio Wantuil de Freitas, ao lado deste durante longos anos participou da diretoria da FEB, primeiro como

segundo-secretário, cargo para o qual foi eleito em 1949 e sucessivamente reeleito até 1954, quando foi então e durante quinze anos sucessivos o seu vice-presidente. Como Presidente permaneceu cinco anos, até 1975. Não desejando mais se candidatar, foi substituído por Francisco Thiesen.

Capítulo 17

JORNALISMO ESPÍRITA

“Haverá casos em que convenha se desvende o mal de outrem?”

“É muito delicada esta questão e, para resolvê-la, necessário se torna apelar para a caridade bem compreendida. Se as imperfeições de uma pessoa só a ela prejudicam, nenhuma utilidade haverá nunca em divulgá-la. Se, porém, podem acarretar prejuízo a terceiros, deve-se atender de preferência ao interesse do maior número. Segundo as circunstâncias, desmascarar a hipocrisia e a mentira pode constituir um dever, pois mais vale caia um homem, do que virem muitos a ser suas vítimas. Em tal caso, deve-se pesar a soma das vantagens e dos inconvenientes. “- São Luís. (Paris, 1860.)

*O Evangelho Segundo Espiritismo
Capítulo X - item 21*

O nosso velho jornal espírita continua sendo aquele veículo de expansão da mensagem espiritual. Desde a Revista Espírita – jornal de estudos psicológicos – até os dias de hoje, percebe-se o quanto o progresso determinou avanços significativos para a expressão, a comunicação.

A mídia eletrônica, através do telejornalismo, faz do fato a notícia, e as técnicas de cor e movimento impressionam com requintes os sentidos, fazendo que a informação se materialize o mais perto possível da realidade. Na mídia impressa, o jornal diagramado estrategicamente faculta conforto ao leitor na seleção do que lhe interessa.

Esses avanços precisam ser absorvidos pela divulgação espírita.

O jornalismo doutrinário deve priorizar o conteúdo, mas não deve desmerecer a qualidade de suas edições.

Imperioso absorver para os ambientes espíritas todo acervo da tecnologia, adaptado às possibilidades, pelos comunicadores e jornalistas espíritas.

Nossos periódicos devem sofrer uma avaliação contínua e metas devem ser traçadas para seu aperfeiçoamento à luz da experiência da linguagem social.

Entre as várias considerações a tecer, podemos enumerar que o cerne da notícia deve ser a verdade e a coerência. Outro ângulo é observar a que público se destina nossa mensagem, e aí refletir no valor de nos empenharmos para fazer dos veículos jornalísticos um meio de contato entre as Casas Doutrinárias e a sociedade. Levar a notícia do dia, do mês, sob a angulação da reencarnação, da causa e efeito, citando fontes e instigando a curiosidade, para que o público não espírita encontre material de reflexão e uma informação coerente com a modernidade das conquistas culturais e dos costumes.

Procuremos fazer de nossos noticiários os intermediários da cultura espírita genuína, gerando interatividade para que o papel impresso seja um convite de aproximação e cooperação mútua.

O receio infundado de proselitismo tem criado uma introversão jornalística nos meios espíritas, recuando os periódicos espíritas do meio social e só comunicando-se com seu ambiente. Os órgãos espíritas noticiosos que já experimentam o contato social não têm como negar os benefícios para a sociedade e para o ambiente das instituições espíritas.

O jornalismo espírita deve pugnar pela ética profissional e doutrinária. Muitos órgãos, alegando a causa da verdade, fazem o noticiário hostilizante, muita vez inferior, incitando réplicas insidiosas e desnecessárias, gerando dúvidas e insegurança nos leitores, catalizando forças “arquetípicas” de rebeldia.

A verdade deve ser preservada e os instrumentos da comunicação devem prestar-se ao serviço de denunciá-la sempre que haja, como atesta São Luiz, o prejuízo a terceiros.

O “status quo”, os sistemas perniciosos à causa, as teorias insensatas, enfim, tudo que mereça uma ponderação para tomadas de posição e esclarecimento podem compor as quadras do jornal

espírita, contudo, seus redatores e instituições promotoras devem aferir as intenções da denúncia. Denunciar, em certas circunstâncias, pode ser necessário. Porém, saibamos de nossos intuitos quais serão: denegrir, defender ideologias, esclarecer ou ser coerentes com a verdade?

A verdade deve ser dita, no entanto, indiscutivelmente, para que guarde propósitos nobilitantes deve ser, em muitas circunstâncias, dosada e muito bem apresentada pelos articulistas. E mesmo dosando-a, utilizemos de técnicas atuais da crítica sensata conciliada com a indulgência. Muita vez a denúncia pode ser feita realçando o bem, a correção, sem que haja destaque às feridas e às ocorrências infelicitantes. Guardando a ética do amor, nossa mensagem será construtiva e eficaz.

Ataques personalistas e exagerada atenção às ocorrências políticas de nossa Seara deveriam ter pouco ou nenhum espaço em nosso jornalismo. Falemos do eixo em torno do qual se encontra nossa segurança: os fundamentos doutrinários. O excessivo interesse pela matéria jornalística escandalosa deve ficar para a mídia do materialismo.

Saibamos imprimir em nossos tablóides o otimismo, a lógica, a informação científica, o serviço comunitário, a campanha sanitária, a necessidade da espiritualização, os eventos e cursos, os temas acadêmicos, o texto edificante, a imagem de sensibilidade, as chamadas para o serviço doutrinário, a divulgação da literatura espiritualizante.

O jornal espírita é a peça gráfica nômade que passa de olhos a olhos levando a linguagem do mundo novo de paz, que todos temos que construir nesse próximo milênio. Edifiquemos nossos órgãos divulgadores; façamo-lo, quando no mínimo, um mensário.

Seja sua consistência bastante motivadora para incitar a participação que lhe garanta subsídios financeiros e doutrinários à perseverança.

Façamos com unção e zelo a tarefa do jornal doutrinário. Hoje, com o recurso da internáutica, apresentamo-lo virtualmente ao mundo todo, abrindo ainda mais sua abrangência e interatividade.

Honremos nosso jornalismo com qualidade e tratemos dele como abençoado recurso de difusão e entrelaçamento. Os comunicadores e suas associações congreguem debates e fóruns propiciadores de subsídios e técnicas, experiências validadas e

cuidados, para que melhoremos o fato noticioso.

Se o jornal faz do fato a notícia, em nossas lides de ação, a notícia deve espiritualizar o fato.

Trabalhemos hoje e sempre pela comunicação de nossa Doutrina.

Paz.

TELES DE MENEZES

LUIZ OLÍMPIO TELES DE MENEZES

Nasceu em 26 de julho de 1825, na cidade de Salvador - BA.

Pioneiro do espiritismo no Brasil, fundou o primeiro e legítimo agrupamento de espiritas do país, em 1865, o Grupo Familiar do Espiritismo.

Criou o primeiro jornal espírita, o “Eco D’Além Túmulo”.

Desencarnou em 16 de março de 1893, na cidade do Rio de Janeiro -

RJ.

Capítulo 18

RESGATANDO A ESQUINA DE PEDRA

Amigos, guarde-nos o Amantíssimo em dúcida paz.

Vivemos um tempo de reconstruir e resgatar na seara cristã.

As esquinas de pedra fragilizadas pelos torpedos da política declinaram em derrota...

Uma idade negra, qual nuvem espessa, sufocou por séculos a excelitude dos conteúdos da Boa Nova.

Impedido de pensar, o homem adequou-se às imposições de tirania dos governantes de época, que exploraram os textos do Evangelho para os interesses temporais.

Com o renascimento, a criatividade se expande, correntes filosóficas passam a teorizar livremente sobre o teocentrismo e a teocracia que dominaram a idade média e, novamente repetindo ciclos, a mensagem do Novo Testamento é esquadrinhada. Com a “bula” de teses, Lutero deflagra uma nova seqüência de ocorrências que coloca mais acessível as anotações cristãs a todo o povo.

Entre os momentos derradeiros dos últimos grupos do cristianismo nascente e o despontar do Espiritismo verificamos um elo que se perdeu, o qual nos compete resgatar e reconstruir.

Os tempos são outros, o cenário político, cultural e social é diverso, e atualmente os adversários, os oponentes, são íntimos.

O movimento espírita brasileiro, celeiro abundante de lições, deixou-se identificar, através dos homens que o compõem, com as antigas estruturas morais e culturais que embaraçaram ostensivamente a elaboração de uma ambiência simples e operosa como a dos primeiros tempos do cristianismo primitivo.

Tal força, impingida por esses reflexos seculares, tem subtraído os ensejos de acelerar o entendimento, de concretizar a verdadeira

identidade do caráter do Espiritismo e, principalmente, de efetivar na intimidade dos novos discípulos a conquista inalienável da transformação nas sendas da espiritualização.

Atentemos todos os que nos definimos pelo título de espíritas-cristãos por qual compromisso essencial estamos sendo convocados nos dias que passam.

A moral cristã é a alma do corpo do Espiritismo...

Como nos valerá a crença no escopo fundamental do Espiritismo, se de nossa parte apegamo-nos à ética de “César”?

O resgate das esquinas de pedra, colunas que genuinamente sustentam o serviço do Senhor, é um convite primordialmente dirigido aos que já foram felicitados com a Doutrina Espírita – mensagem cristã dos dias atuais. O compromisso é de extensa significação: livrar os ensinos de Jesus do dogmatismo, estudar a Boa Nova sem exaltações místicas, desalgemar das letras as lições profundas e universais das sábias palavras do pedagogo-modelo.

O Evangelho entendido e aplicado é o grande desafio dos cristãos modernos. Espíritas, cuidai de vossos talentos para que o ônus das responsabilidades não seja novamente adiado. Jesus não prometeu facilidades para os que lhe desejassem partilhar as obrigações na construção de uma humanidade liberta do orgulho e da desdita.

E nesse momento em que se honra a história do Espiritismo através da abençoada ocasião do Pacto Áureo⁽¹⁾, por nossa vez congratulamo-nos com as iniciativas valorosas da época de nossa última existência.

Nessa hora é preciso considerar a profunda lacuna que continua aberta para que o Evangelho seja explanado e iluminado em nossa Seara pela ótica de nossos princípios doutrinários.

Assumamos esse desiderato de construir a “Casa do Caminho” nas agremiações de agora.

Simplicidade, disposição de servir e pureza de coração.

Relembremos o “Sermão do Monte” como o programa mais completo para que as esquinas de pedra sejam resgatadas.

E dos planos mais altos parte um sublime cântico, uma voz a sussurrar:

“Bem aventurados os puros de coração, porque eles verão a Deus...”

Encetai o labor, e não temais os óbices.

Sejais o elo de reconstrução que solidificará a nova era.

Espiritismo, caminho lúcido de acesso às propostas universais de vitória e redenção na obra do Criador.

Porfiai com fé e trabalho.

Jesus e Kardec, guardem-nos no serviço do resgate.

WALLACE RODRIGUES

(1) referência à comemoração do cinquentenário do Pacto Áureo em 05/10/99

WALLACE LEAL VALENTINO RODRIGUES

Nasceu em 11 de dezembro de 1924, na cidade de Divisa - ES.

Escritor apreciado, deixou os seguintes livros: “E, Para o Resto da Vida...”, “Esquina de Pedra”, “Katie King” e “Remotos Contos de Belém”. Traduziu cerca de duas dezenas de obras espíritas para o português, além de prefaciá-las com talento, dentre as quais se destacam: “León Denis na Intimidade”, “A Obsessão”, “Viagem Espírita em 1862” e “Sessões Espíritas na Casa Branca”.

A partir de 15 de agosto de 1965 assumiu as funções de redator-chefe da “Revista Internacional de Espiritismo” e do jornal “O Clarim”, ambos de Matão - SP, fundados por Cairbar Schutel.

Desencarnou em 13 de setembro de 1988, na cidade de Araraquara - SP.

Capítulo 19

CARAVANA DA SOLIDARIEDADE

Outrora, a nossa foi a Caravana da Fraternidade, pela união, pela pureza da doutrina de luz.

Agora, nova caravana arregimenta-se sob as ordens do Excelso. Conduzida por Ismael, zelador das hostes de amor nas Terras do Cruzeiro, essa atual é a caravana da solidariedade.

Muito a propósito, porque passados esses decênios de nossa volta à pátria dos espíritos pudemos, sob a bússola segura dos sustentadores espirituais, de servidores maiores, avaliar com justeza o progresso gratificante do movimento humano em torno do Cristianismo Redivivo.

O movimento espírita, obra de homens falíveis, muito cresceu e amadureceu. O tempo, os fracassos e os sucessos trouxeram lições duradouras, particularmente, para o “Coração do Mundo”, o nosso querido Brasil.

No conjunto geral, as vitórias são de magna amplitude para os augustos anseios do Pastor de nossas vidas.

Nessa ocasião, destaquemos para reflexão, entre muitas destas conquistas logradas, a evolução da idéia de instituição frente ao cadinho das vivências doutrinárias.

Devido aos vários conceitos exarados pelo “Espírito Verdade” sobre a fraternidade, nossos ambientes espiritistas, desde as casas espíritas até os órgãos de maiores responsabilidades nos campos da unificação, moldaram para seus integrantes uma concepção diversa de instituição e organização religiosa, rompendo com os nossos seculares sistemas de ordenação, poder e interesses mesquinhos.

Embora ainda viceje muito “joió” a extirpar na organização dos moldes espíritas, temos que convir: mesmo portando ainda uma miopia de entendimento, os espíritas têm amadurecido seus sentimentos para buscar a essência, o conteúdo e não a forma.

Observamos em nossas visitas de norte a sul, de leste a oeste de nosso país, a predileção, não total, mas expressiva, pelo bom serviço, pelo trabalho que conforta, pelo material que explica, pela qualidade dos programas, abstraindo-se ênfase e créditos à rotulagem institucional. Mesmo nos casos em que as rotulações institucionais são arroladas para identificar este ou aquele trabalhador e, ainda que ele reúna conteúdo, esse trabalhador tem sido respeitado, admirado e amado mais pelo que oferece do que pela instituição que representa. Sinais de maturidade...

Nesse sentido, as instituições espíritas e seus condutores devem se cuidar para que ofereçam substância, conteúdos, como sendo a melhor garantia de fazer se respeite o nome da instituição que representam.

Por isso mesmo, a sociedade espírita deve se ater à “caravana da solidariedade” e mobilizar-se para auxiliar, amparar, apoiar, orientar a quantos puder, oferecendo sempre mais e mais.

Aos mais frágeis, apoio.

Aos iguais, sinergia de experiências.

Aos mais vividos, respeito e recolhimento de vivências.

Solidariedade é a nova e mais fidedigna ordem “hierárquica” na “igreja” que é revivida pelo Consolador.

Jesus, o amor solidário da humanidade, legou seu ensino. Respeitou a instituição humana, com ela foi caridoso assentando-se entre os doutores no templo, mas esteve sempre, em toda sua trajetória, acima das ordenações do mundo.

Ele mesmo, para não criar uma instituição apostólica nos moldes da política de época, quando retornou em glórias da crucificação não buscou sua mãe, ou a Pedro, ou a seus íntimos. Voltou-se primeiro a uma pecadora, Maria de Magdala, fundando a instituição do perdão. A seguir caminhou entre os discípulos amados na estrada de Emaús, inaugurando o tempo do auxílio com discrição, mais adiante busca o apóstolo da gentildade dando nascimento à igreja livre da instituição organizada dos Israelitas.

Vivemos agora o tempo dessa prática de solidariedade.

As “igrejas” nascentes do Cristianismo faziam-se compor de grupos humildes e dispostos a testemunhos. Na verdade, as “igrejas” primitivas eram grupos não institucionalizados e o clima era o da mais pura alegria solidária, onde cada qual dava o que tinha e todos se beneficiavam.

Vamos resgatar esse tempo.

Que a nossa instituição seja a “caravana da solidariedade”, com abnegação.

Invistam no conteúdo e trabalhem para que alcancem a mais poderosa instituição do cristão que é a possibilidade de sempre ter o que oferecer a quem precisa.

Alegria cristã.

Somos bons amigos...

LEOPOLDO MACHADO

LEOPOLDO MACHADO BARBOSA

Nasceu em 30 de setembro de 1891, no arraial da Cepa Forte, hoje Jandaíra - BA.

Jornalista, professor, poeta, compositor, pregador e polemista, difundiu a Doutrina Espírita por todos os meios e formas.

Incentivou a criação de Mocidades Espíritas e Escolas de Evangelização para a infância.

Após o estabelecimento do “Pacto Áureo”, formou a “Caravana da Fraternidade”, visitando todo o país buscando adesões para o movimento unificador.

Deixou-nos vasta bibliografia espírita e não espírita.

Desencarnou em 22 de agosto de 1957, na cidade Nova Iguaçu - RJ.

Capítulo 20

LUZ DO MUNDO

Meus filhos,

Em meio às densas trevas que envolvem a humanidade nos dias atuais, sustentada ainda pelos interesses primários dos corações aqui exilados, compete a cada um de nós, que já descristalizamos os nossos clichês mentais dos processos hipnóticos de estagnação espiritual, a tarefa de fazer luz em nós para todos que nos cercam, através da Luz Maior que a todos nos sustenta.

Ao penetrarmos a densa psicofera das formas mentais da comunidade humana, nosso coração já percebe com alegria, pequenos, mas múltiplos focos de luz que têm sustentado os trabalhos dos planos superiores na crosta terrena.

Se tivéssemos que descrever a visão da rede magnética de luz que vem sendo traçada ano após ano, poderíamos dizer que, no limiar do terceiro milênio, o manto divino do Evangelho do Cristo já se teceu, e que este manto delicado de fios de Luz já repousa fraternalmente no coração do solo brasileiro.

Neste contexto nacional de conscientização dos valores morais pelo resgate da mensagem do Evangelho de Jesus, afirmamos, com toda a certeza, que se inicia para o coração humano o retorno à vivência do Cristianismo primitivo.

Neste particular, encontram-se várias almas em atividade no plano físico que, em sua programação reencarnatória, estabeleceram para si o compromisso da reabilitação desta proposta. Renascidos em diversos pontos do orbe, sob o signo desse compromisso grandioso, a maioria, entretanto, encontra-se em solo brasileiro, onde viceja o espírito da fraternidade, proporcionado pela miscigenação das raças.

Muitos destes trabalhadores, verdadeiros desbravadores no campo das crenças religiosas, buscaram e efetivaram o resgate do Evangelho de Jesus para o contexto da Terceira Revelação. Fazem

eles parte de um grande grupo de servidores que, atuando em todos os rincões desta terra bendita, irão, em tempo oportuno, unir-se e deflagrar, de norte a sul, o processo de recristianização de nossos espíritos.

Neste aspecto, não há primazia pessoal, de grupo ou de instituições, porque todos são chamados a assumir a sua parcela de responsabilidade perante a reabilitação do Evangelho.

Não tenhamos dúvidas de que todos nós, que hoje nos encontramos consciencialmente comprometidos com esta empreitada, somos aqueles mesmos que, em passado longínquo, deturpamos a pureza dos ensinamentos do Mestre e encarregamo-nos, no decorrer dos séculos, de limitar o alcance de sua luz esclarecedora a todos os corações acrisolados nas peias da ignorância e das trevas espirituais.

Por isso, o esforço hercúleo dos poucos ceifeiros da seara cristã, pois, nós mesmos nos encarregamos mas nem nos preocupamos, no passado, de preparar novos trabalhadores que se habilitassem a espalhar a luz esclarecedora dos ensinamentos do Mestre.

Compete-nos agora o dever intransferível de não enganarmos nossa consciência; não utilizarmos o conhecimento das verdades espirituais em interesse próprio; não ocultarmos a quem quer que seja a luz da verdade consoladora do Cristo e, sobretudo, não nos omitirmos, mais uma vez, do compromisso assumido pessoalmente com a “Luz do Mundo”, de atuarmos em Seu nome, em favor da iluminação e esclarecimento espiritual de toda Humanidade.

Este momento é decisivo para nossos espíritos. Mais de uma vez assumimos compromissos com o Cristo no campo de nossa reparação moral através da iluminação do nosso semelhante. Mais de uma vez, também, falhamos no compromisso assumido sob o peso das pressões de interesses pessoais, grupais e de toda uma comunidade de espíritos que ainda teimam em hibernar no campo do próprio progresso espiritual.

A hora é de vigilância, de atenção, para que não percamos a oportunidade que se renova para nossos corações devedores e carentes da misericórdia divina.

Não acreditem no êxito do trabalho sem embates, incompreensões e testemunhos. Se no início do Cristianismo foram indispensáveis os testemunhos dolorosos, individuais e coletivos, imprescindível se torna que, nesse processo de resgate do Cristianismo primitivo, não nos omitamos perante o clima de lutas e

testemunhos árduos, pesados e até, às vezes, por demasiado duros. É nesta proporção que se faz imprescindível a aferição de nossos valores e de nosso comprometimento com a causa do Cristo.

Se Dele recebemos a Luz do Mundo, em nossos corações e mentes, é necessário que nos transformemos em espelhos onde a figura luminosa do Cristo se reflita no íntimo de nossas almas.

Que a Luz do Cristo de Deus nos guarde e nos guie.

Do irmão menor,

BEZERRA DE MENEZES

ADOLFO BEZERRA DE MENEZES CAVALCANTI

Nasceu em 29 de agosto de 1831, na cidade do Riacho do Sangue - CE.

Graduou-se em Medicina no ano de 1856. Foi, ainda, abolicionista inflamado, líder do partido liberal, deputado em várias legislaturas e presidente da Câmara Municipal da Corte.

Assumiu pela primeira vez a presidência da Federação Espírita Brasileira, em 1889, e a segunda gestão se deu de 1895 a 1900. Foi o responsável pelo assentamento das bases organizativas do Espiritismo no movimento brasileiro que inspiraram a estruturação do “Pacto Áureo”, quase cinquenta anos depois.

Desencarnou em 11 de abril de 1900, na cidade do Rio de Janeiro.

Capítulo 21

LICITAÇÃO DIVINA

A história do movimento espírita brasileiro está tecida sobre acontecimentos cujo perfil é a preservação da base doutrinária, resguardando sua pureza e coerência. Devido a essa trajetória, muitos homens deram suas vidas em holocausto a serviço da grande causa.

Também por isso, nosso movimento doutrinário foi cunhado por normas e procedimentos institucionalizados por necessária e justa defesa dos postulados da Codificação.

Face a essa história, compete-nos atentar, nesse atual momento, que os alicerces estão assentados. O Espiritismo poderá sofrer vexames e infidelidades localizadas, todavia, não cremos venha, a essa altura, ser motivo de escândalo que ponha em risco seus princípios e finalidades, ou ainda, que sofra a prova de alguma apropriação indébita nos terrenos da justiça e da política humanas.

Nesse momento histórico em que constatamos essa singular vitória, devemos projetar nossas avaliações quanto aos novos fatos que se desenvolvem, e que constituirão, no futuro, as sendas que balizarão novas páginas na saga luminosa do Espiritismo, nas Terras do Cruzeiro.

Percebe-se que variadas experiências e iniciativas são levadas a efeito em toda a nação e, basicamente, se fôssemos resumir seus caracteres, o faríamos em duas vertentes valorosas.

Na primeira, percebemos honrosos trabalhadores da tarefa de unificação na postura de guardiões zelosos. Buscam fidelidade à seqüência histórica, natural, cuidando de um patrimônio que representa todas as nobres conquistas de nosso labor doutrinário no “Coração do Mundo”...

Na segunda constatamos, ao lado daqueles, operosos renovadores repletos de idealismo construtivo, abrindo novos rumos

e alternativas para nossas ações e campanhas.

Ambos, evidentemente, estão servindo à vinha; uns e outros, necessários.

Nossa análise não tem propostas de facções ou castas. Entendemos por outro prisma as ocorrências dessa hora, vendo-a de forma otimista e promissora.

O que deve ser motivo de nossas cogitações é como estamos cada qual de nós, em sua função, posicionando-nos ante essa virada de milênio que prenuncia mudanças significativas em nossas atividades.

A esses que cumprem com denodo as funções de defesa, indagamos se estão preparando-se para o testemunho de fraternidade que lhes aguarda logo mais, quando então deverão deixar as mesas administrativas e os púlpitos dos congressos e eventos para atuarem de forma mais produtiva junto aos campos da operacionalização. Para tanto, indispensável o amor incondicional para abraçar, com a exemplificação e o sentimento puro, todos os nossos irmãos divergentes.

Por outro lado, os renovadores operosos devem vigiar para que seu idealismo contagiante não se converta em atitudes reacionárias que catalisam a revolta humana. Tomemos um exemplo: será que o jornalismo deprimente e hostil, a crítica mordaz e o divisionismo personalista são instrumentos para resgatar a verdade e incentivar a participação?

Pensemos todos, nesse instante de transformações, qual o nosso papel, como cumpri-lo a contento e com que fins.

Não é nossa tarefa sugerir programas, planos ou mesmo traçar rumos. Não se deve esperar isso de nossa parte. Não se pode subtrair aos companheiros os méritos da aquisição pelo aprendizado. Entretanto, é preciso saber-se que há uma “licitação” na erraticidade e o quesito básico é a disposição evangélica. Todos os projetos que visem propiciar à casa espírita o resgate do espírito do Cristianismo Primitivo será avalizado pelos nossos tutores maiores.

O movimento doutrinário carece de propostas consistentes e inteligentes. Como a história ensinou, a força e o valor dessas iniciativas serão o fruto que venham a produzir. Depois de gestadas sob os auspícios do Pai, ninguém as abortará.

A casa espírita tem regime de urgência, dizem os nossos maiores, e a Boa Nova dos tempos modernos – o Espiritismo – não

pode se deixar jugular à tradição ou a estatutos impeditivos que dificultem o labor em favor das pequenas células.

Saibamos como fazer para que a nossa não seja uma ação de afronta e desafio. A atitude cristã é o endosso seguro para todos os que desejarem compor o grupo pioneiro de servidores, que aprenderão a criar as alternativas da qual nosso movimento se vê carente.

O desafio está posto. Ele é íntimo, porque, certamente, as iniciativas que apresentarem os quesitos nessa “Licitação Divina” para o serviço encontrarão o clima da intransigência formalizada e da insipiência dos imaturos. Porém, não temais e nem vos afadigueis.

Os que desejarem participar desse tempo encontrarão roteiro e conforto nas palavras sábias do Codificador. Quando de sua auspiciosa viagem de 1862, foram-lhe propostas várias questões pelos grupos. O apóstolo da era nova fornecia respostas de luz e conforto, e nessas indagações, uma é de rara oportunidade: a que trata sobre os inimigos do Espiritismo dentro do seio das nossas próprias instituições. O lúcido Allan Kardec assevera, em outras palavras, que a força de uma idéia tem a medida das reações que provoca. ⁽¹⁾

Deus os guarde.

Cristo os estimule.

Caridade como nossa insígnia da geração nova.

ANTÔNIO WANTUIL DE FREITAS

-
- (1) “O Espiritismo tem inimigos, como toda e qualquer idéia nova os tem. Uma idéia que se estabelecesse sem oposição, seria um fato miraculoso. E ainda há mais: quanto mais for falsa e absurda, menos encontrará adversários, enquanto que os terá em número tanto maior quanto mais ela for verdadeira, justa e útil. Está é uma consequência natural do estado atual da Humanidade. Toda idéia nova, vem necessariamente, suplantará uma idéia velha. Se ela é falsa, ridícula ou impraticável, ninguém lhe dá importância, pois que, instintivamente, compreende-se que não tem vitalidade. Deixam-na morrer de morte natural. Se é justa e fecunda, ela atemoriza aqueles que, a qualquer título, por orgulho ou interesse material, estiverem interessados em manter a idéia antiga.”
Allan Kardec – Viagem Espírita em 1862 – página 117
-

ANTÔNIO WANTUIL DE FREITAS

Nasceu em 23 de outubro de 1895, em Patrocínio do Muriaé (MG).

Presidente da Federação Espírita Brasileira por 27 anos, foi trabalhador dos mais realizadores, sendo considerado o missionário do livro espírita,

fundamentando e ampliando o parque gráfico da Federação, a partir do que o livro ganhou espaço vastíssimo na divulgação do Espiritismo.

Desencarnou em 11 de março de 1974, no Rio de Janeiro – RJ.

Capítulo 22

TEMPO DE TRANSFORMAÇÕES

Meus amigos e irmãos, estamos vivendo um tempo de transformação mundial. Nossa seara espírita, como qualquer comunidade, passa também por mudanças rápidas e decisivas, considerando as expressões de espiritualização que o terceiro milênio reserva. Assim sendo, por amor a causa, compete-nos o dever da sinceridade e da objetividade.

Muitos corações queridos de nossa história espírita brasileira, convidados pelo paladino do exemplo cristão, Adolpho Cavalcanti, o Bezerra de Menezes de todos nós, tendo suas palavras registradas em instituto próprio de nosso plano, fixaram-nas igualmente no campo físico, relatando esses tempos novos.

Vários medianeiros de pontos diversos têm presenciado os estudos e reflexões dessas lavras espirituais, em momentos de emancipação pelo sono, no intuito de recolherem, pelas vias da sagrada faculdade mediúnica, a essência das idéias que ora vários grupos de trabalho têm registrado.

Pelo teor das mensagens fica claro que não é uma hora de meias palavras e nem da conivência prejudicial ao progresso de nossos labores de organização e divulgação dos postulados lúcidos da Codificação Kardeciana.

A grande causa da hora é Jesus. Não o Jesus mitológico-angelical, mas sim o guia e modelo, exarado pelas vozes da Verdade.

O Espiritismo sem Jesus é uma filosofia de belos raciocínios. É preciso que o centro espírita, célula nova do Cristianismo Redivivo, abra sua esfera de ação para a mensagem universal dos textos da Boa Nova. Necessário estudá-la, entendê-la, divulgá-la. Acima disso, indispensável vivê-la, sempre à luz dos luminíferos princípios da lógica e do bom senso, encontrados em “O Livro dos Espíritos” e desdobrados nos demais compêndios da Codificação. O Espírito da

Verdade e sua falange continuam obrando com amor pelos valores do Consolador. Sua ocupação maior é destinada às necessidades pungentes que se avizinham.

Por isso, a casa espírita, nestes nossos tempos, não pode ser ornamento de “religiosismo” ou núcleo de operosidade apenas filantrópica, uma vez que as carências humanas são de profundidade incomensurável. É preciso dar às nossas agremiações doutrinárias o caráter de células conscientes e lúcidas de sua missão frente à transição planetária. Nessa ótica, as reestruturações partem de dentro e, também, de fora das paredes das nossas instituições.

A alguns está confiada a experiência portas adentro da unidade fundamental do Espiritismo. Nossa palavra, porém, é dirigida às valorosas entidades unificadoras que guardam papel estratégico, no que tange às mudanças atuais.

Tivemos cinqüenta anos ⁽¹⁾ de luz na geração de um ambiente seguro e propício para que os modelos alternativos e embrionários de serviço viessem a delinear rumos novos e surpreendentes ao nosso movimento doutrinário.

Os irmãos estão vivendo os últimos anos de um cenário que será transmutado celeremente.

Não podemos permitir que cinqüenta anos de luz se apaguem ao talante do personalismo formalizado e de intenções que, embora nobres, não fortalecem ações de profundidade que são requisitadas nesse instante.

Quando os planos dos homens cerceiam os de Deus, então a Providência Divina entra em regime de exceção e age definindo e consolidando as premissas elementares à demanda.

Nesse tempo de definições, carecemos de uma revisão na conceituação de unificação. A base da unidade doutrinária e da união dos espíritas é o centro espírita. Se pudéssemos deflagrar uma campanha com esse objetivo para o próximo meio século a nomearíamos “célula áurea”, e nisso nos firmamos com certeza. É a unificação de “baixo para cima”. A unificação onde, verdadeiramente, ela deveria existir e vigorar com exuberância e beleza. Por isso a grande definição é delegar a missão a quem pode operacionalizá-la. Nessa revisão de conceitos, a unificação sai da excessiva centralização e prolifera no seio de seu maior e mais visado objetivo: a casa espírita. A causa na Casa é o nosso “slogan”, na vida da erraticidade.

As meias palavras atrasam o caminho, daí o cuidado que todos devemos ter com a tarefa.

Seria oportuno, a quem guarda maiores deveres institucionais em nossos arraiais doutrinários, ocupar-se de eleger um movimento estimulador da participação consciente e abnegada para o denodo da unificação. Quem coordena deve também definir com segurança sua posição. Que haja nessa definição o comprometimento com o ideal superior, estribado solenemente na prática da humildade que permeia a abnegação e a despreensão. Unificar é dever a ser conferido a cada espírita que, para isso, precisará ser adredemente preparado na postura moral.

Por mais bem posto o serviço, os méritos não nos pertencem. Nada de cultivar glórias pessoais que, apesar de justas, devem brilhar a bem de nossa Doutrina. Kardec deixou esse exemplo narrado em suas “Impressões Gerais” da Viagem Espírita de 1862 ⁽²⁾, ao assinalar que, não fosse a Doutrina, ele nem conhecido seria, transferindo ao Consolador as benesses trazidas pelos espíritas da França aos seus esforços de divulgação.

Honra seja feita a todos nós, trabalhadores; brilhe nossa luz, mas tenhamos coragem para oferecer aquilo que o Senhor pede a nós.

Analistem estas considerações e não descuidem, pois a hora é rápida. Lembrem o suceder de fatos pós Pacto Áureo. A hora é de posicionamentos, e que o Senhor nos proporcione a inspiração a fim de que não percamos a oportunidade. Luzes e alegrias com votos de muita paz.

FRANCISCO THIESEN

(1) referência ao acordo de unificação assinado a 05/10/49 denominado Pacto Áureo

(2) “ Essa acolhida poderia, realmente, ser de molde a nos encher de orgulho, não considerássemos que tais demonstrações se endereçam bem menos a nós como pessoa, do que à Doutrina Espírita, como constatação do crédito em que é tida, pois que, não fosse por ela, nada seríamos e tão pouco alguém se preocuparia conosco.”

Viagem Espírita em 1862 - Ed. Clarim - 2ª edição - 1981

FRANCISCO THIESEN

Nasceu em 28 de março de 1927, na cidade de Cruz Alta - RS.

Durante quinze anos exerceu a presidência da Federação Espírita Brasileira, sendo eleito para a primeira gestão em 16 de agosto de 1975.

Sob sua gestão foi lançada, no Rio de Janeiro, em 09 de outubro de 1977, a Campanha Nacional de Evangelização Infanto-Juvenil.

Promoveu a modernização do parque gráfico, lançou campanhas do Estudo Sistematizado, aprimorou as zonais e concluiu a sede em Brasília.

Desencarnou em 06 de agosto de 1990.

Capítulo 23

DIRIGENTES COMPROMETIDOS

“Escrevo esta nota a 1º de janeiro de 1867, dez anos e meio depois que me foi dada a comunicação acima e atesto que ela se realizou em todos os pontos, pois experimentei todas as vicissitudes que me foram preditas. Andei em luta com o ódio de inimigos encarniçados, com a injúria, a calúnia, a inveja e o ciúme; libelos infames se publicaram contra mim; as minhas melhores instruções foram falseadas; traíram-me aqueles em quem eu mais confiança depositava, pagaram-me com ingratidão aqueles a quem prestei serviços. A Sociedade de Paris se constituiu foco de contínuas intrigas urdidas contra mim por aqueles mesmos que se declaravam a meu favor e que, de boa fisionomia na minha presença, pelas costas me golpeavam. Disseram que os que se me conservavam fiéis estavam à minha soldada e que eu lhes pagava com o dinheiro que ganhava do Espiritismo. Nunca mais me foi dado saber o que é o repouso; mais de uma vez sucumbi ao excesso de trabalho, tive abalada a saúde e comprometida a existência.”

*Obras Póstumas - Minha Missão
12 de junho de 1856 - nota de Allan Kardec*

As noções de esforço e dedicação dos trabalhadores espíritas devem tomar por espelho essas anotações do Codificador. Enquanto muitos discípulos de Jesus anseiam pelo serviço com folgas é sinal de que não compreenderam a extensão da tarefa a que foram convocados, porque a jornada dos operários da construção de um novo tempo para a humanidade é feita de “canseiras” infindáveis e de “perdas” dolorosas nos terrenos pessoais. Porfiar pela renúncia e pelo

sacrifício são os altos preços da fidelidade e do comprometimento do servidor cristão e espírita.

A lógica dos planos superiores do espírito, por natureza Divina, opõe-se à nossa sede de ilusões e facilidades. E quanto mais se enrijecem as fibras morais na aquisição da maturidade espiritual, mais ainda se percebe o quanto há para ser feito na obra do bem.

A zona de comodidades não é para os que querem testemunhar sua lealdade a um Mestre que nasceu em estrebaria e teve o final em uma cruz. Servir a Jesus e à Doutrina Espírita é guardar incondicional disposição de conviver com obstáculos, incompreensões, ingratidões, calúnias e críticas levianas. Tudo pode parecer pessimismo acentuado, mas essa tem sido a realidade na vida daqueles que realmente conseguiram diminuir-se em personalismo para que o Cristo crescesse.⁽¹⁾

A pergunta de Jesus ecoa até hoje nos sons universais: Que fazeis de especial? ⁽²⁾ “Duro é esse discurso: quem o pode ouvir?” ⁽³⁾

Portanto, devemos assinalar que a grande insígnia que destaca o discípulo fiel é o seu comprometimento com os cometimentos a que se entrega em nome do Evangelho e do Espiritismo.

Os dirigentes espíritas dotados de maiores responsabilidades na condução de homens e instituições reflitam no papel que lhes compete nessa hora grave de transformações. Nada do que lhes espera será fácil e glorioso, e quanto mais empenho e utilidade tiver sua colaboração, mais ciúme e inveja, mais crítica e interesses mesquinhos lhes rondarão os passos, quais mariposas sedentas em torno da luminária acesa. Quanto mais luzes acenderem no caminho escuro do egoísmo humano, mais sombras procurarão apagar-lhes a claridade. E isso deve lhes servir de estímulo, porque pior seria se nada ocorresse na esfera dos compromissos assumidos, então sim, ter-se-ia motivo de preocupações, porque seu labor estaria sem o fermento levedante das necessárias transformações.

Quanto mais se aproxima alguém dos verdadeiros objetivos do Senhor na sua Seara, mais incômodos provoca nos círculos onde opera em seu nome, porque, via de regra, os que se declaram seguidores de Jesus ainda se encontram contaminados pela epidemia milenar da acomodação e das facilidades...

Onde labora o servidor do Cristo há comoções... Diz o Evangelho que Ele orou e a terra tremeu...⁽⁴⁾

É a participação com comprometimento íntimo, com amor pela causa do amor... O ato de comprometer é abrir a alma em plenitude de amor, doando-se incondicionalmente ao dever espiritual.

Nossas observações não devem servir para o negativismo cultivado por alguns trabalhadores espíritas na Seara de bênçãos, que recebem os deveres como se fossem “carmas” e expiações dolorosas pelas quais vem purgar seus débitos doutras eras, e fazem para si mesmos um ambiente de provas voluntárias!!!

Preferimos perceber as tarefas como escola de preciosas lições e senda florescente de benesses. Pensemos na tarefa como uma decisão de amor e ela nos será muito mais educativa e motivadora.

A tarefa espírita é voluntária porque deve ser assumida em regime de espontânea adesão; nem por isso merece ser encarada com menor comprometimento. A voluntariedade, ao contrário, deve ser externada como compromisso inadiável, assumido de dentro para fora nos recessos da consciência.

Muitos cumprem com seus deveres nas tarefas pelas sendas da disciplina, enquanto o homem comprometido excede os limites da obrigação, fazendo de suas atividades doutrinárias um projeto de vida. E só o amor pode levar o trabalhador a essa condição de servir além dos rigores do dever, muito embora devamos constatar que o descaso tem estado presente em muitas de nossas Casas de amor, quando o assunto é responsabilidade com a atividade do bem.

A princípio, é aceitável que os primeiros momentos do tarefeiro sejam instáveis relativamente ao dever assumido, considerando que quase sempre ele se aproxima da novel verdade em trâmites de dor e tormentas. Embora, mesmo assim, os mais experientes pontuarão alertas salutareis e educativos para que ele vigie o seu esforço inicial.

Já não deveriam ser tão toleráveis os descuidos dos coordenadores e dirigentes que envergaram sobre si a responsabilidade de presidir, conduzir, decidir rumos e soluções. A tarefa do dirigente espírita cristão deve constituir-se de pólos irradiantes do espírito do Senhor e fonte viva de caminhos para a liberdade e engrandecimento espiritual; para isso devem organizar-se com retidão e muito empenho.

Evidentemente não estamos depositando virtudes exclusivas na pessoa dos dirigentes, mas temos que reconhecer seu papel catalisador e influente nos grupos. Seu comprometimento se

apresenta em pequenos lances de atenção e cuidados. Daí podermos afirmar que o verdadeiro condutor é aquele que passa a viver a tarefa quando ela se encerra para a maioria. Ele faz dos momentos de realização do trabalho apenas a concretização daquilo que elaborou, anteriormente, em doações fora do ambiente, através de horas de estudo, de reuniões de preparo e avaliação, da sua integridade de vivência, nas doações de tempo para soluções materiais e problemas que envolvem a atividade espiritual por ele conduzida.

A tarefa espírita cristã não comporta improvisos continuados, nem variações que se condicionem aos bons ou maus momentos do dirigente, pois ele é o maestro da equipe. Essas variações terão as suas características. Se o dirigente é possuído de limitações, essas serão todas repassadas ao grupo, assim como seus valores.

Na passagem da figueira, Jesus pede os figos fora de época como a demonstrar que o testemunho de seus discípulos é oferecer sem condições temporais, dar mesmo em estado de carência, se isso se fizer solicitado pelo Senhor.⁽⁵⁾

O servidor, na medida em que amadurece moral e psicologicamente, vai percebendo que é exatamente nos instantes de mais intensa prova que ele necessita do labor, das ensanchas de auto-superação, e que os adiamentos e férias solicitadas nos momentos da tormenta, quase sempre, convertem-se em fugas e escapatórias que multiplicarão as amarguras e adiarão as genuínas soluções...

O tempo para o dever espiritual deve ser assumido como um horário que já não possuímos mais. Aquele horário é da Doutrina, do próximo, e deve ser considerado ocupado frente à maioria dos apelos recebidos para a ausência e inassiduidade.

A disciplina e perseverança no trabalho vão credenciando o trabalhador a ser observado e avaliado pelos seus tutores - aqueles espíritos que lhe endossaram a reencarnação - e por aqueles outros amigos que vão se arregimentando no transcurso dos labores ao longo dos anos; e na medida de sua desenvoltura de amor ao serviço espírita, vão sendo-lhe concedidas melhores condições íntimas e exteriores, sempre com um único objetivo: seu maior denodo, seu maior acumpliamento com os campos de construção da era do espírito.

Muitos reclamam de tempo e condições para servir, todavia, tais tesouros só podem ser conferidos a quem, incontestavelmente,

na virada dos decênios de dedicação e renúncia, tem provado ser capaz de assimilar tais empréstimos da vida no engrandecimento de si mesmo.

Eis aí mais um dos muitos temários credores de nossa mais ampla acuidade e debate. Nossas reflexões são para levantar as seguintes questões: nossos dirigentes estão sendo devidamente preparados para assumirem com comprometimento necessário as atividades? Quem vai lhes preparar? Nossos dirigentes sabem conduzir construtivamente os grupos de trabalhadores? Como se conduz um grupo espírita? Qual sentido tem sido vinculado a nossas responsabilidades doutrinárias: um compromisso ou um ato religioso? Nossos dirigentes estão comprometidos ou apegados às tarefas? Qual a diferença entre ambos? Como preparar pessoas para prepararem outras? Qual o papel dos dirigentes espíritas nas mudanças imprescindíveis do movimento espírita? Como vai a vida psíquica de nossos dirigentes?

As Casas do futuro deverão se ocupar de estabelecer setores preparatórios e de reciclagens contínuas de seus trabalhadores; isso resultará em benefícios incalculáveis para os nossos campos de amor e aprendizado.

Muitos companheiros bem intencionados, mas inexperientes, têm alegado que basta a boa vontade para os empreendimentos doutrinários. Se isso bastasse, como explicar a ausência de trabalhadores, os desentendimentos, o despreparo, a indisciplina, a falta do estudo?

Aliados à boa vontade, temos que criar mecanismos de suporte e preparação para nossas fainas, considerando sempre que o compromisso é algo interno, no entanto, sua efervescência se dá a partir dos conteúdos de experiência repassados como instrução. Isso nos faz relembrar o Espírito Verdade que asseverou: Espíritas, amai-vos e instruí-vos, ⁽⁶⁾ como a dizer que o amor, para se engrandecer, precisa da instrução para lhe orientar.

As oscilações têm prejudicado a Seara.

Além de nossa cumplicidade com a preguiça e o desânimo, temos constatado as nefastas induções obsessivas como consequência de nossas “largas portas” mentais abertas para esse assédio.

Allan Kardec foi o exemplo incontestado de amor e comprometimento. Foi ele o primeiro dirigente espírita comprometido. Tendo iniciado suas observações dos fenômenos por volta dos

cinquenta e cinco anos de idade física, em apenas treze anos de Espiritismo realizou toda a obra; fez seis exaustivas viagens em humildes carruagens e composições ferroviárias de baixa velocidade. Eram ele e Amelie sozinhos para responder volumosa correspondência que lhe chegava, e entre essas havia muitas missivas desagradáveis de ataque e mentira sobre sua pessoa; os que se declaravam amigos na Sociedade Espírita Parisiense eram influenciados lá fora pela casta religiosa que o designava como um farsante; muitas amizades com educadores eminentes romperam-se inexplicavelmente, a despeito das cordiais visitas do Codificador; não tinha tempo para os salões de festa; seus editores de livros didáticos se enciumaram das edições das obras espíritas e recusaram-nas; jornais influentes da época tiveram matérias pagas por cientistas inescrupulosos a respeito de sua conduta aliciadora; sua viúva sofre vexames levianos no “Proces des Spirites” que condenou Pierre-Gaétan Leymarie a um ano de prisão; parentes afastados da Espanha católica lhe abjuraram em isolamento; mulheres obsidiadas escreviam-lhe cartas de apaixonado “amor” sob influência de inimigos espirituais e damas francesas da nobreza, assíduas à Sociedade Espírita, através dos fenestrais da mentira de seus esposos enciumados, divulgaram publicamente a existência de relações adúlteras que nunca chegaram a existir.

Sofrendo todo tipo de pressão, continuou a sua missão “comprometendo a sua existência”.

Esse é o espírito que deve vigorar entre os “Obreiros do Senhor”.

Essa plena identificação com a missão só foi conseguida com lágrimas, coragem, muita renúncia; e nós não teríamos condição de sintetizar de forma tão brilhante e inspirada um programa para o dirigente comprometido, quanto o fez o Espírito Verdade dizendo: “Não mais vos assusteis! As línguas de fogo estão sobre as vossas cabeças. Ó verdadeiros adeptos do Espiritismo!... sois os escolhidos de Deus! Ide e pregai a palavra divina. É chegada a hora em que deveis sacrificar à sua propagação os vossos hábitos, os vossos trabalhos, as vossas ocupações fúteis. Ide e pregai. Convosco estão os Espíritos elevados.”⁽⁷⁾

ERMANCE DUFAUX

-
- (1) João, 3:30
 - (2) Mateus, 5:47
 - (3) João, 6:60
 - (4) Atos, 4:31
 - (5) Mateus, 21:19
 - (6) O Evangelho Segundo Espiritismo - capítulo VI - item 5
 - (7) O Evangelho Segundo Espiritismo - capítulo XX - item 4

ERMANCE DE LA JONCHÉRE DUFAUX

Nasceu em 1841, na cidade de Fontainebleau - França.

Colaborou, como médium, com Kardec na elaboração da segunda edição de “O Livro dos Espíritos”, de 1860, que se popularizou.

O seu guia espiritual deu grande incentivo a Kardec para publicar a “Revue Spirite”. Ermance, com seu pai, tornou-se sócia fundadora da “Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas”.

CRISES E PARADIGMAS

“São eternas as palavras de Jesus, porque são a verdade. Constituem não só a salvaguarda da vida celeste, mas também o penhor da paz, da tranqüilidade e da estabilidade nas coisas da vida terrestre. Eis por que todas as instituições humanas, políticas, sociais e religiosas, que se apoiarem nessas palavras, serão estáveis como a casa construída sobre a rocha. Os homens as conservarão, porque se sentirão felizes nelas. As que, porém, forem uma violação daquelas palavras, serão como a casa edificada na areia: o vento das renovações e o rio do progresso as arrastarão.”

***O Evangelho Segundo Espiritismo
Capítulo XVIII - item 9***

O século XX foi marcado por crises e o próximo o será por definições. No contexto conturbado das crises, a sociedade torna-se instável e volúvel. As mudanças são lépidas, deixando os homens atordoados com o ostensivo volume de acontecimentos. Essa crise, evidentemente, atingiu as sociedades espíritas. Muitos companheiros, assustados com os fatos desenrolados nos recintos doutrinários, deliberam pelo abandono em fuga, alegando que os desequilíbrios são incompatíveis com a teoria espírita. Outros permanecem no labor, isolando-se o quanto possam dos problemas, guardando-se em lamentável omissão e desânimo.

Convenhamos que, sendo as crises dos homens, não poderia nosso movimento estar isento desses trâmites tormentosos. A crise é do pensar e agir.

Os padrões culturais e éticos estão sofrendo abalos, sendo

sacudidos por forças dialéticas dentro de uma ordem natural do progresso. Idéias e comportamentos morais passam por duros testes de consistência e atualização, para o estabelecimento de um novo tempo para o planeta Terra no século XXI.

E os nossos rincões evangélicos devem abrir-se para acompanhar, solícitamente, os rumos desse porvir de esperanças.

O movimento de revivescência do Cristianismo começa a sair de sua infância e adentra-se pelas crises da adolescência... Bom sinal!!!

Nossas organizações espíritas-cristãs sofrem golpes cruéis de instabilidade no clima das necessárias mudanças. Surgem “guerras e clamores de guerra” em nossos campos de fé.⁽¹⁾ As Casas estão abarrotadas de lutas a vencer, os espíritas sôfregos com os conflitos lancinantes, e tudo parece em bancarrota moral...

É a crise! Ainda bem!

As referências meritórias, tidas por seguras e idôneas, começam a deixar um vazio em muitos; o tradicionalismo envilece o que era bom, por faltar com a adequação para o momento que passa.

As novidades, muita vez, causam incerteza, chegando a atordoar outros.

Os parâmetros institucionais e administrativos de nossa seara são abalados nos seus pilares, gerando um “caos” nos modelos, enquanto os mais conservadores tomam iniciativas exóticas de controle e poder.

É a crise! Ainda bem!

Embora com o desconforto causado, é nas crises que surgem os novos e mais preciosos paradigmas para a felicidade e a paz do homem. Como destaca o Dr. Barry⁽²⁾ em sua belíssima mensagem, as crises são sempre seguidas de uma fase de progresso material e moral.

Costumeiramente a ilusão dos discípulos incipientes do Cristo faz-nos imaginar uma Seara cândida e terna, sem óbices e testemunhos, quando o nosso próprio Senhor deixou claro que não vinha trazer a paz e sim a espada...⁽³⁾

São dessas comoções, pelas quais passam as instituições espíritas que nascerão os paradigmas mais sólidos de espiritualidade no atendimento das necessidades do homem do terceiro milênio.

E se nós, os espíritas de ambos os planos, desejamos ter a oportunidade de compor o grupo dos pioneiros da era nova, temos que muito repensar nossos labores e programas, ajustando-os aos novos tempos.

Uma geração nova renasce imprimindo linhas de serviço e ação que, no futuro, determinarão padrões bastante diversos de divulgação e ação social, intercâmbio e unificação.

As chagas sociais são bem mais amplas que as medicações oferecidas pelo movimento espírita nos dias de hoje. As noções de Espiritismo de alguns companheiros espíritas da atualidade distam em muito das bases assentadas pela falange Verdade. E o Evangelho, o motivo maior do Consolador Prometido, nem de longe teve sua excelsitude descerrada em nossos ambientes...

Aqui e acolá surgem novos paradigmas ainda tímidos, porém, viçosos e fomentadores de segurança. Surgem nas posturas e idéias daqueles que estão sabendo extrair o lado bom das crises. Naqueles que já se conscientizaram de quais serão as referências ético-culturais dos próximos cem anos.

Para reflexão e debate, anotemos alguns desses paradigmas que devemos materializar em nossos campos de trabalho, para que nos aproximemos das credenciais exigidas ao servidor de Jesus, vinte e um séculos após sua vinda, no século da maturidade espiritual da Terra:

- Nossa melhor instituição: o amor;
- Nossa maior necessidade: o Evangelho;
- Nossa política mais oportuna: a fraternidade;
- Nosso método mais eficaz: a simplicidade;
- Nosso êxito no trabalho: equipe;
- Nossa bússola teórica: a codificação;
- Nosso primeiro dever comunitário: a família;
- Nossa melhor administração: promocional;
- Nossa primordial divulgação: o exemplo;
- Nosso projeto unificador: a união entre os espíritas;
- Nossa meta social: o resgate da dignidade humana;
- Nossa estratégia segura: nunca ser contra ninguém;

- Nossa mais útil discordância: a que fizermos conosco;
- Nosso melhor trabalho: a realização despreziosa;
- Nosso maior compromisso: a melhoria íntima.

Notemos que todos eles são nossos conhecidos; falta-nos honrá-los com a prática nos nossos dias, iluminando as idéias e espargindo claridade com a vivência.

Ante o convite dos discípulos para conhecer a estrutura do templo, Jesus iniciou seu Sermão Profético vaticinando que não ficaria pedra sobre pedra que não fosse derribada⁽⁴⁾, confirmando, assim, uma era nova que um dia se instalaria no coração e no mundo dos homens que buscam a Deus.

Convidamo-vos a serem os pioneiros dessa era nova.

Comecemos o trabalho assimilando no plano de nossos sentimentos o título comprometedor de “trabalhadores da última hora”!

CÍCERO PEREIRA

(1) Mateus, 24:6;

(2) “A Gênese”, cap. XVIII, item 9;

(3) Mateus, 10:34;

(4) Mateus, 24:1 e 2

CÍCERO DOS SANTOS PEREIRA

Nasceu em 14 de novembro de 1881, no povoado de Gorutuba, próximo à Diamantina – MG.

Além do exercício do magistério, foi guarda-livros, taquígrafo e bacharel em direito.

Foi presidente da União Espírita Mineiro (1937 a 1940) e fundador de vários centros espíritas em Belo Horizonte e Montes Claros. Foi um dos fundadores do “Abrigo Jesus”, instituição espírita de amparo à criança carente, na capital mineira.

Foi colaborador da imprensa espírita, especialmente “O Espírita Mineiro”.

Desencarnou em 04 de novembro de 1948, na cidade de Belo Horizonte.

Capítulo 25

UM DEPOIMENTO

Irmãos, só tenho mesmo a agradecer.

Jamais poderia supor que um dia retornaria a contar meu aprendizado para que fosse útil a mais alguém. Graças ao estimado Armando ⁽¹⁾, grande tutor de minha estadia espiritual, aqui estou para um breve resumo. Passei e passo por instantes dolorosos como resultado inevitável de minha movimentação infrutífera junto à Seara Espírita. Uma palavra me dói profundamente: unificação...

Mas tenho que enfrentar minha luta sem fugas, haja vista que outra coisa não fiz além de fugir da verdade.

Ingressei ainda jovem nas lides espíritas, entusiasmei-me rápido pela ilusão provocada pelos cargos administrativos. Na minha imaturidade, apesar da cultura que possuía, cria solenemente possuir as soluções para a apatia e o atraso no movimento espírita.

Assumi inicialmente cargos inexpressivos, mas com os quais muito aprendi, e gozei de sobejadas ocasiões de nutrir-me em efusivos sentimentos de paz e contentamento. No íntimo, porém, agasalhava sempre a esperança em “chances de ouro”; ansiava pela presidência da Casa e tinha uma “intuição” de que esse era meu “compromisso”.

Soube ser paciente.

Presenciei fatos que a princípio causaram-me mau estar e desânimo, quando de discussões e intrigas não veladas entre os diretores maiores da instituição a que me filiava.

O tempo insensibilizou-me. Passei a achar natural e mais tarde até necessário que as pendências fossem resolvidas em climas inamistosos. Em pouco tempo já tomava partidos e posições frente a esse ou àquele episódio que envolvia a nossa Casa.

Certa feita, um drama lamentável abateu-se sobre todos, afetando inclusive a mim, que em nada me havia comprometido.

Cizânias, calúnias e farpas de todo lado, e foi então que nas profundezas de mim mesmo encontrei forças e raciocínios, atitudes e palavras, que a mim próprio surpreenderam, mas que encantaram os meus companheiros, porque foram analisadas por alta capacidade de articulação e sabedoria. Daí nunca mais fui visto da mesma forma e engabelamo-nos todos com os adjetivos pomposos para ressaltar que certamente tinha uma “missão”...

Era o que mais queria ouvir dos “maiorais”!

O cérebro passou a fervilhar em sonhos e o coração a cultivar renovadas expectativas. Até que minha tão almejada “chance de ouro” chegou. Não tinha ainda passado dos quarenta anos de vida. Assumi a presidência da instituição federativa unificadora de meu Estado querido. Prossegui defendendo a mesma “bandeira” de meus antecessores, “a pureza doutrinária”, como envergasse uma missão gloriosa.

Para desempenhar a pureza da nossa Doutrina, furtei-me aos cuidados cristãos com o próximo. “Amava” o Espiritismo, entretanto, o rigor com o purismo fez-me um déspota religioso.

Não era minha primeira vez...

Logo ao assumir encetei um programa inflexível de adesões e, como sempre, julgando ser um “missionário” a serviço de Ismael, impingi muitos conciliábulos separatistas e sectários a título de unidade.

Em verdade julgamo-nos, eu e os meus comparsas de usura, “proprietários do Movimento Doutrinário” em nossa área geográfica de atuação.

Criei libelos dispensáveis em função dos que ousaram reclamar ou criticar a Casa Mãe...

Dono de uma pena escorreita, articulei, em jornalismo barato e febril, vários vaticínios contra os que faziam os “trabalhos paralelos”.

Tinha uma “gaveta secreta” na qual, desde a juventude, arquivava atas, documentos, periódicos, circulares, notícias que constituíam “peças jurídicas” de meu tribunal pessoal, e com os quais ofendi a muitos e muitos...

Nessa altura já não fruía mais dos instantes de paz dos primeiros tempos.

Formei corrilhos e determinei estatutos.

Nesse afã de um espírito missionário, fiz-me vítima para projetar uma imagem, a fim de receber a piedade dos menos informados sobre as “políticas de bastidor” e deles receber o prestígio interesseiro que me manteria os votos da reeleição.

Com essa rotina retive-me na masmorra da fé sem trabalho, e passei a ser um “burocrata da unificação”.

Foram longos os anos e, conquanto minhas possibilidades de manipular, muito fui magoado, ferido e agredido, e posso dizer que, se fiz sofrer, sofri muito para manter essa ordem de coisas.

Todavia, tinha tudo à conta de uma missão; e assim, o tempo passou e no meu íntimo construí um mundo de expectativas de colheita de paz na vida dos imortais...

Qual não foi minha decepção!...

São quatro décadas passadas e não estou de todo no Espírito de Deus...

Desta forma, meus amigos, agora que me encontro desiludido de minha hipnose, o que posso lhes dizer sobre meu drama? Digo-vos do quanto me arrependi. Sou um “sofredor” segundo a classificação de “O Céu e o Inferno”(2), porque tive a bênção do recomeço e a desperdicei.

Somente aqui vim a saber, com surpresa imensa, que, ao longo de minha encarnação, assumi responsabilidades para as quais não me encontrava preparado.

Não era a primeira vez...

A ilusão é tão grande que aquilo que supus ser meu grande “compromisso reencarnatório” foi, na realidade, uma prova voluntária. Meu caminho seguro seria o anonimato e o serviço.

Não era a primeira vez...

Em aqui chegando, imagens tormentosas do tempo das Cruzadas causaram-me crises desarmonizantes do equilíbrio mental. Depois veio a revolta e a queixa: “por que não me avisaram? E o grande médium, por que não me alertou? Éramos amigos”. Isso só piorou meu quadro.

No auge das crises vinculei-me ao ambiente de minha instituição no plano físico e pude constatar, para fúria de meu ser, que haviam revogado tudo o que determinei... O ódio então instalou-me por “definitivo”.

Caí nas malhas das redes inferiores, com as quais, por longos anos, entabulei planos nefandos que não tive ensejo para concluir, graças à alma querida de minha vida, uma filha que me havia antecedido o decesso carnal, a qual foi retirar-me dos ambientes infectos.

Voltei então ao sanatório no qual até hoje permaneço como prova da misericórdia de nosso Pai.

Hoje, mais harmonizado, já faço, sempre acompanhado, visitas de aprendizado aos ambientes da unificação para adquirir a visão sublime do movimento espírita como Seara de Jesus e Escola de Kardec. Venho renovando os conceitos, e percebendo que a unificação há muito deixou de significar um programa de defesa do Espiritismo para se tornar um projeto de solidariedade entre os próprios espíritas.

Que decepção a minha! Mas de ninguém posso reclamar, sou um equivocado de mim mesmo.

Se minhas palavras lhes forem úteis, ficarei um tanto mais confortado.

Escrevo sem nenhuma autoridade, pedindo que Deus os livre das ciladas do egoísmo que me consumiram.

UM IRMÃO ⁽³⁾

(1) Referência feita a Armando de Oliveira Assis - um dos autores espirituais de Seara Bendita.

(2) Segunda Parte, Capítulo IV - Espíritos Sofredores

(3) A identidade espiritual de nosso companheiro foi resguardada com objetivo fraternal.

Capítulo 26

A DIFERENÇA

Deus, em sua infinita misericórdia, tem mandado à Terra seus apóstolos para que esses luminares da colonização espiritual gerem uma ordem no caos das mentes e corações aqui degredados. Esses espíritos têm constituído a grande diferença no que diz respeito à história evolutiva dos homens. São eles portadores dos fachos de luz do conhecimento divino face à escuridão da mentalidade e sentimento das criaturas humanas, que em sua grande maioria optaram por permanecer na rebeldia e no campo dos interesses sensoriais.

Podem-se perceber na presença e na atuação do missionário Moisés os primeiros passos em direção à maturidade espiritual terrena. Veio ele ter à superfície do orbe treze séculos antes do advento do Amor, revelado por Jesus, em meio a lutas, morticínios e escravidão. Era necessário que ele viesse em meio a um povo preparado pelas dores acerbadas desses sofrimentos. Se assim não fosse, aqueles espíritos permaneceriam encastelados na insensibilidade do conforto.

Veio Moisés propor aos Hebreus, que traziam em seu arcabouço espiritual a crença no Deus único desenvolvida pelos patriarcas da antigüidade, uma nova postura moral perante a vida, à luz da Presença Divina. Conseguiu o nosso irmão lançar as bases de uma nova civilização ocidental, junto a um povo que se apresentava em melhores condições para receber, no futuro, o Guia e Modelo Maior.

A diferença trazida por enviados celestes faz-se presente em outras plagas do orbe. Registra-se então, cinco séculos antes de Jesus, em plena China absolutista, a presença do operário divino Confúcio despertando os homens para a necessidade do amor e da cooperação. Numa sociedade corrupta, onde vicejavam a pobreza e o despotismo, ele indica aos governantes que entre seus maiores deveres destaca-se o de prover as necessidades e anseios dos governados, e não esses aos dos governantes. Assinala que a virtude consiste em amar aos homens, e a sabedoria, em compreendê-los.

Pregava Ele a igualdade de direitos e deveres independentemente de castas.

Sua proposta é tão profunda que dos seus ensinamentos, ofertados gratuita e publicamente em todos os ambientes e classes sociais, surge uma religião que humanizou e despertou o povo do oriente para a lei do amor e da tolerância, muito embora não alimentasse ele a pretensão de ser um religioso.

Com antecedência de pouco mais de meio século desses acontecimentos, na Índia, fronteira com Nepal, gravada com letras douradas dos potentados de então, percebemos, na pessoa de um príncipe, a proposta diferente. Sidharta Gautama, o “Buda”, em sânscrito “Iluminado”, criado dentro das muralhas do império paterno em Kapilavastu, Reino de Çakias, sem qualquer contato com a dor e o sofrimento humanos para que não sofresse com eles, ao ver pela vez primeira que havia criaturas que não viviam como ele, desperta em seu coração leal e corajoso todos os ensinamentos divinos colocados na intimidade de seu ser pelo infinito amor do Pai.

Parte então em busca de todos os irmãos de raça pregando a mansidão, o esquecimento de si mesmo e a superação do mundo das aparências, despertando em seus corações a ânsia das conquistas espirituais. Apesar da carência no campo do progresso intelectual e científico de seu povo, raiando às vezes à porta da miséria material em grande parte da população, seu trabalho foi tão profícuo que sua nação se encontra entre aquelas que mais consciência da presença divina possuem.

Desejando amparar todos os povos, as vistas do Pai excelso se voltam para a Grécia, civilização que trazia em seu berço grandes conquistas no campo intelectual. Do sexto ao quarto século antes da vinda de Seu Filho, envia vários missionários aos corações de seus filhos muito amados. Pitágoras revela a transmigração das almas e a reencarnação; Aristóteles destaca a necessidade de buscar numa filosofia sublime a origem das criaturas; Platão chama a atenção para os potenciais da alma; Sócrates convida a todos para o “Conhece-te a ti mesmo...”.

Chega então a época em que o Pai Amoroso decreta a maioria de suas criaturas enviando-lhes seu amado Filho que propõe, às “ovelhas perdidas”, a necessidade de buscar a diferença no entendimento das Leis Divinas. Como prometera aos espíritos entregues a sua tutela e guarda ⁽¹⁾, Jesus vem à Terra, tomando sob si a veste física que lhe possibilitaria levar a termo a missão confiada a Ele pelo Pai: a de recuperação espiritual do orbe.

Vem os **Kcristo** (“enviado”) e **Metian** (“ungido”) trazer a proposta universal e eterna da vivência legítima do Amor para a intimidade dos corações humanos. Reconhecendo, porém, que a humanidade dava os primeiros passos na senda de sua maturidade espiritual, envia ainda o Pai vários apóstolos do bem que ampliariam os caminhos do conhecimento e das verdades espirituais aos homens.

No desenrolar dos três séculos que sucederam a presença do Mestre na Terra, percebe-se, na pessoa dos primeiros mártires do Cristianismo, a presença de espíritos portadores do mais alto grau de devotamento e fé. Regam os solos onde foram plantadas as sementes de amor com seu próprio sangue.

Sendo necessário que a humanidade caminhasse por seus pés e não que fosse sustentada por uma avalanche de espíritos de escol, a testemunharem com a própria vida a validade e assertiva da proposta do Cristo, vemos o determinismo traçado pelo uso do livre-arbítrio lançar sob a humanidade o véu de sombras da Idade Média.

Nesse período, a igreja cristã, associada aos poderes políticos, declara-se a instituição mais importante do ocidente. Avoca para si a autoridade universal e, fazendo das ciências, dos estudos, das artes e das letras um monopólio eclesiástico, lança sobre a comunidade ocidental um véu de obscuridade onde a ignorância, o temor e a subjugação do semelhante são utilizados com o fim precípuo de manter a supremacia religiosa como instrumento de poder.

Este tempo, de certa forma, serviu para preparar a humanidade para o período revolucionário de progresso e crescimento trazidos pela Reforma, Renascimento, Industrialização e outros tantos movimentos libertadores. Foram eles os precursores de uma nova mentalidade que, pouco a pouco, preparava o mais importante advento após a vinda do Cristo.

Percebe-se intenso planejamento e movimentação nos planos superiores da vida espiritual a fim de que a Verdade ganhasse corpo entre os homens. Então, os magnânimos operários de Deus instrumentalizam o solo europeu buscando sua unidade política para que viesse, por sua vez, favorecer a unificação das idéias no

campo do Consolador Prometido. Entretanto, mesmo não podendo contar com a realização integral desses alvítores no plano físico, a espiritualidade superior encaminha ao orbe a doutrina prometida pelo Cristo.

Para que a Doutrina dos Espíritos fosse codificada era de fundamental importância que viesse a lume num ambiente altamente intelectualizado, onde o racionalismo viabilizaria a unidade doutrinária necessária à sua implantação.

Não sendo, porém, suficiente apenas a estruturação de uma filosofia de vida grafada à luz das Leis Divinas, busca a espiritualidade a simplicidade de corações que muito realizam, em detrimento daqueles outros que se isolaram nos píncaros culturais. Necessária a presença de corações dóceis, crédulos, aqueles mesmos que, no passado, experimentaram vivências extenuantes na improficuidade do só “muito saber”, e na ânsia do muito viver.

Neste contexto encontra-se em plagas brasileiras grande leva de espíritos que se deixaram gastar nos evos dos tempos pelos enganos do poder, das lutas políticas e religiosas, pela manipulação das verdades de Deus em interesse próprio. Espíritos lúcidos no que diz respeito às sutilezas dos enganos passados e capazes de vencer, por isso mesmo, os percalços que o cristão espírita terá de superar para transformar o solo brasileiro em celeiro de bênçãos para todo o mundo.

Não se perca mais esta oportunidade redentora que a todos é oferecida. Tenhamos o discernimento de conseguir superar nosso personalismo e individualismo para que nos integremos na programação da espiritualidade superior.

Sem isso, muitos séculos passar-se-ão até que consigamos, em nome da misericórdia divina, oportunidade semelhante.

Se até os dias de hoje as grandes idéias e propostas que têm impulsionado o progresso humano, nos mais diversos setores, têm sido corporificadas na postura diferenciada de indivíduos isolados do contexto geral, que se destacaram dos contemporâneos pelo arrojo e perfil inovador de suas idéias e propostas, é chegado o tempo de mudar.

Neste novo período evolutivo que aguarda a humanidade nos séculos vindouros, a diferença de referencial para implementação do

progresso espiritual dar-se-á através da atuação coletiva de grupos coesos, que venham a sensibilizar as comunidades nacionais, chamando a atenção sobre si devido ao alto grau de vivência das virtudes morais arduamente adquiridas no cadinho das existências, sob a forja do esforço, da perseverança e da fé.

Atravessamos agora momentos muito similares aos das últimas comunidades verdadeiramente cristãs. Mas, uma diferença assinala profundamente o direcionamento dos fatos futuros. Se naquela época o cristianismo primitivo sucumbiu sob as peias dos interesses políticos e do “poderio” humano, hoje se dá exatamente o oposto.

Encontramos o orbe num grau de progresso intelectual e material bem adiantado. Na era em que imperam as conquistas revolucionárias e requintadas das ciências, deparamo-nos com a mentalidade humana reclusa na algidez do excesso de conforto em alguns países, sendo que, em contrapartida, em outros mais pobres e incultos, crianças e velhos morrem pelos caminhos em fuga das guerras e lutas fratricidas, mantidas pela rudeza de corações endurecidos na cobiça e na indiferença.

Num mundo de tantas conquistas intelectuais a par de tanta pobreza moral, o luxo excessivo convive com a fome que mata, onde o mundo interligado nas comunicações globais se encontra “desligado” de tantos desmandos sociais e tragédias coletivas.

Como apresentar uma proposta diferente?

A diferença no contexto atual precisa e deve ser trazida para ser notada, respeitada e seguida por uma sociedade que consiga vivenciar os ensinamentos do Mestre Jesus em toda sua profundidade e amplitude.

Como formar o caráter de um povo para que ele sirva de referencial para toda a humanidade?

Para sustentar tão ampla e profunda transformação no mundo, somente uma doutrina universal e divina, como a trazida pelo Cristo e elucidada sob a luz Consoladora da Verdade, poderá dar o roteiro seguro do equilíbrio e do bem viver.

Não é o momento do testemunho de poucos enviados divinos perante a turba ignorante. Já se encaminha a maturidade espiritual do orbe. É chegada a hora de efetivar-se a autonomia das conquistas morais.

O Cristo já veio. Legou-nos o Código Universal da Vida. Já o entendemos em sua profundidade, aplicação e vivência. Não necessitamos mais de mártires e testemunhos isolados que comovam o despertamento de sociedades.

É tempo de assimilação e vivências coletivas. Nesse tempo, as comunidades cristãs de toda ordem são chamadas a exemplificar o amor e o entendimento de Deus em espírito e verdade.

Somente o impacto das vivências coletivas poderá trazer o diferencial na mudança do orbe. Faz-se necessário que somemos o esforço individual de cada um, no clima do entendimento anônimo, a fim de que a postura coletiva unificada expresse a presença de Deus, comovendo todo o planeta na luz do amor fraterno, do entendimento e do perdão que a tudo supera.

No solo dos corações brasileiros, busca o Divino Rabi encontrar a terra fértil onde floresçam as sementes do Seu Evangelho de redenção, a fim de que os ventos da Nova Era possam espargir essas sementes em outras terras longínquas, sensibilizando e despertando a humanidade para um novo tempo, um novo porvir.

Espíritas-cristãos, unam-se. Somente sob o peso maciço da vivência crística de um povo, esse mesmo povo poderá estender as mãos para alcançar os corações daqueles que se encontram perdidos e ao desamparo dos recursos espirituais, sem o conhecimento da verdade que liberta, que mostra quem somos, porque vivemos e para onde vamos.

Desde muitos séculos aguarda o Governador Celeste que uma nação mostre ao restante do mundo a diferença entre o que se pode ter e crer e o que se deve buscar.

Muita responsabilidade é depositada na comunidade espírita cristã do Brasil, celeiro de bênçãos e alvo incessante dos investimentos e interesses dos planos superiores.

Não se turbem vossas mentes e corações perante as lutas a serem travadas com os agentes escravizadores da humanidade em todas as épocas.

Essas lutas estarão presentes, de início, no próprio seio do movimento doutrinário. Para superá-las somente há o entendimento e a união com vistas aos interesses de nosso Pai. É imprescindível que as diferenças de posições e opiniões sejam contornadas, para que as divergências do movimento espírita não desautorizem a Doutrina Espírita perante o mundo.

“... e a casa, dividida contra si mesma, cairá.” (2)

Somente com o Cristo poderemos vencer.

Avante irmãos, o trabalho nos espera!

RUI BARBOSA

(1) A Caminho da Luz, Capítulo III, Espíritos Exilados na Terra.

(2) Lucas 11: 17

RUI BARBOSA

Nasceu em 05 de novembro de 1849, na cidade de Salvador - BA.

Foi, sem dúvida, um dos mais importantes personagens da história do Brasil.

Deixou marcas profundas nas várias áreas profissionais em que atuou,

como jurista, jornalista, diplomata e político.

Amou profundamente o Brasil quando encarnado como José Bonifácio de Andrada e Silva; onze anos depois do desencarne, retorna como Rui Barbosa, o Águia de Haia.

Desencarnou em 01 de março de 1923, na cidade de Petrópolis - RJ.

OS MITOS E A VERDADE

“Por que a verdade não foi sempre posta ao alcance de toda gente?”

“Importa que cada coisa venha a seu tempo. A verdade é como a luz: o homem precisa habituar-se a ela, pouco a pouco; do contrário, fica deslumbrado.

“Jamais permitiu Deus que o homem recebesse comunicações tão completas e instrutivas como as que hoje lhe são dadas. Havia, como sabeis, na antigüidade alguns indivíduos possuidores do que eles próprios consideravam uma ciência sagrada e da qual faziam mistério para os que, aos seus olhos, eram tidos por profanos. Pelo que conheceis das leis que regem estes fenômenos, deveis compreender que esses indivíduos apenas recebiam algumas verdades esparsas, dentro de um conjunto equívoco e, na maioria dos casos, emblemático. Entretanto, para o estudioso, não há nenhum sistema antigo de filosofia, nenhuma tradição, nenhuma religião, que seja desprezível, pois em tudo há germens de grandes verdades que, se bem pareçam contraditórias entre si, dispersas que se acham em meio de acessórios sem fundamento, facilmente coordenáveis se vos apresentam, graças à explicação que o Espiritismo dá de uma imensidade de coisas que até agora se vos afiguraram sem razão alguma e cuja realidade está hoje irrecusavelmente demonstrada. Não desprezeis, portanto, os objetos de estudo que esses materiais oferecem. Ricos eles são de tais objetos e podem contribuir grandemente para vossa instrução.”

A palavra mito pode ser entendida como a crença que cultivamos em idéias que representam algum fato ou pessoa. Em seu simbolismo, os mitos são fruto de elaborações de frágil racionalidade. Podemos assim dizer que são âncoras psicológicas de nossa irracionalidade, ou seja, aquilo que não tem definições muito concretas para nós e que costumamos coligar aos nossos condicionamentos arquivados na vida mental.

A história dos mitos que envolvem o homem na sua trajetória evolutiva se perde no tempo. Encontramos, sobretudo na teologia, os conceitos mitológicos nas antigas civilizações e, ao longo dos registros milenares, verificamos que eles se tornaram parte integrante das variadas comunidades do orbe. Os mitos, via de regra, surgem de modo mais destacado nas vertentes do religiosismo milenar, no qual o homem procura seu encontro com Deus.

Sendo ainda uma maneira infantil de adorar, as formas mitológicas guardam fortes influências no comportamento humano; exemplo disso, constatamos a milenar mitologia grega e sua força nas raízes culturais das sociedades atuais, influenciando, inclusive, nos meios científicos e na definição de muitas questões.

Analisando o processo mitificador à luz da razão espírita, vamos encontrar subsídios oportunos às nossas considerações. Embora seja a Doutrina Espírita um conjunto de ensinamentos capaz de moldar a fé racional, assinalamos ainda entre nós a presença marcante de lendas, dogmatismo e misticismo que são subprodutos culturais e atávicos de nossa estrutura educacional secular.

Como não poderia deixar de ser, a força da cultura religiosa através dos mecanismos educacionais, formais e informais, é uma determinante ascendente sobre a nossa forma de agir, pensar e ser.

Esse estudo das nossas âncoras psicológicas auxiliar-nos-á na melhor definição de posição em relação ao futuro de nossa seara espírita.

Vivemos no movimento um momento novo.

Os cinqüenta anos que comemoramos agora ⁽¹⁾ na organização de métodos e práticas podem ser vistos, ainda, como a infância de nossos esforços conjuntos para a glória do Espiritismo.

É um período de infância, embora bem proveitoso. Os sofrimentos e as decepções muito ensinaram. Contudo, há de se frisar que os mitos fizeram parte de ocorrências dessa etapa de vivenciações, como foi natural acontecer, porque ainda nos achamos na infância emocional e psíquica como espíritas.

O mito da infalibilidade, o mito da divinização favorecendo a idolatria, o mito dos cientificistas e dos místicos, o mito do corpo de Jesus, o mito Roustaing, o mito da supervalorização da mediunidade, enfim toda crença destituída de lógica, bom senso e amor é uma máscara dos estigmas mitológicos subliminares.

Esse período está passando. O estudo e entendimento da obra do mestre de Lyon, Allan Kardec, descerra horizontes promissores nos quais a verdade, essência eterna do universo, é exaltada na mudança de nossos costumes e de paradigmas culturais.

Não mais é tempo de crer nas inverdades. A cada época são revelados conceitos que favorecem um salto no aprendizado, asseveraram os espíritos maiores ao Codificador⁽²⁾.

Nesse momento que se avizinha, nenhuma instituição, nenhum homem ou espírito guarda consigo verdades definitivas. São todos falíveis, porém úteis; todos fazendo o melhor que podem, credores do respeito e da fraternidade que os deve unir, todavia, nenhum tem a extensão da verdade em sua abrangência maior.

Homens e grupos são, como diz a questão acima transcrita, parcelas de verdade, e de todos pode-se extrair algo de positivo.

Amigos, transformemos os mitos compreendendo Kardec.

Estudemos e meditemos a obra basilar para resgatarmos a postura de equilíbrio do Codificador. Pratiquemos a moral cristã para formarmos o piso afetivo indispensável, a fim de que nosso conhecimento não se torne desrespeito e cientificismo inoperante.

A verdade, apesar de ir sendo revelada individualmente, tem seu instante de consagração em nossos labores doutrinários. Busquemos, portanto, romper nossos pactos com a irracionalidade. O Espiritismo é luz e razão.

Rompamos com as crenças dogmáticas e ancestrais que pesam na nossa linhagem espiritual, gerando o religiosismo, a atitude exterior. Passemos, assim, a buscar a verdade sobre nós mesmos, compreendendo a verdade do universo.

movimento espírita de muitos mitos, tua infância acabou!

Agora estais mais forte, mais maduro, pronto a novos vãos.

Homens espíritas lúcidos, não tendes medo das novas diretrizes, dos novos rumos.

Esse é o tempo renovador para a Verdade. Tendes tino, coragem, fé racional inabalável e libertadora. Honremos Allan Kardec e Jesus, o sábio de todos os tempos.

Jesus, o Mestre do Amor.

Kardec, o paladino da Verdade.

Na alegria e no mais profundo sentimento de amor à Verdade,

RUBENS ROMANELLI

(1) referência ao cinquentenário do acordo de unificação assinado em 05/10/49 – Pacto Áureo

(2) questões 626 a 628 de O Livro dos Espíritos

RUBENS COSTA ROMANELLI

Nasceu em 14 de dezembro de 1919, na cidade de Divinópolis - MG.

Considerado como superdotado, dominava doze idiomas. Formou-se em Letras, vindo a exercer a diretoria do ginásio espírita “O Precursor”, órgão da União Espírita Mineira. Escritor, jornalista e conferencista, foi o idealizador do Festival de Inverno de Ouro Preto - MG.

Com a ajuda de companheiros organizou a ABUC, organização para estudo de “A Grande Síntese”, de Pietro Ubaldi.
Desencarnou em 24 de dezembro de 1978.

MEDIUNIDADE E CONTEÚDOS ANÍMICOS

“Com um médium, cuja inteligência atual, ou anterior, se ache desenvolvida, o nosso pensamento se comunica instantaneamente de Espírito a Espírito, por uma faculdade peculiar à essência mesma do Espírito. Nesse caso, encontramos no cérebro do médium os elementos próprios a dar ao nosso pensamento a vestidura da palavra que lhe corresponda e isto quer o médium seja intuitivo, quer semimecânico, ou inteiramente mecânico. Essa a razão por que, seja qual for a diversidade dos Espíritos que se comunicam com um médium, os ditados que este obtém, embora procedendo de Espíritos diferentes, trazem, quanto à forma e ao colorido, o cunho que lhe é pessoal. Com efeito, se bem o pensamento lhe seja de todo estranho, se bem o assunto esteja fora do âmbito em que ele habitualmente se move, se bem o que nós queremos dizer não provenha dele, nem por isso deixa o médium de exercer influência, no tocante à forma, pelas qualidades e propriedades inerentes à sua individualidade.”

*O Livro dos Médiuns
Capítulo XIX - item 225*

A mediunidade é concessão de incomparável valor para a espiritualização do homem. Face a isso, os seus escolhos são de múltiplas espécies, sendo que, dentre eles, o animismo - faculdade de exteriorização da própria organização do médium - costuma tomar uma conotação credora de nossas meditações.

Tomemos a faculdade mediúnica como sendo a “propriedade psíquica” capaz de alterar, neutralizar e acrescentar, aos conteúdos anímicos do intermediário, tudo o que seja fruto de uma indução ou atração decorrente da interação de sua mente com a de um desencarnado. Ressaltemos que essas funções de transformação, anulação e soma estarão submetidas, sobretudo, ao talento das qualidades morais.

Face a essas considerações, o animismo, que se tornou tema “aterrorizante” a muitos trabalhadores, ganha um panorama novo, porque o esforço reeducativo do sentimento acaba por transformá-lo em ferramenta eficiente nos labores entre os dois mundos, devendo ser encarado como a colaboração indispensável dos médiuns e que, sob a ação de complexos mecanismos de metamorfose nos domínios da vida mental, será canalizado com fins construtivos.

Por analogia, a faculdade mediúnica é, enquanto recurso orgânico e psíquico, semelhante ao vosso aparelho radiofônico, cujo sentimento funciona como dial sintonizador e filtro seletivo dos processos de intercâmbio.

Portanto, o sentimento educado nos roteiros do Evangelho constituirá a base segura para as produções mediúnicas superiores, ainda que alto coeficiente de conteúdos anímicos as componham.

Nas práticas bem orientadas não há porque cultivar temor e escrúpulos quanto às influências dos conteúdos anímicos nas comunicações, haja vista que não há como desvincular um do outro. Muitos aprendizes desertam do compromisso por assustarem-se com a presença marcante de sua personalidade nas realizações entre os dois planos. Outros, que participam de grupos menos experientes, são discriminados por juízos apressados de dirigentes insensíveis e terminam por desistir do labor, havendo ainda aqueles que, lamentavelmente, peregrinam nas faixas do “animismo planejado”, saindo do âmbito das experimentações necessárias e entrando na mistificação, em abusos perpetrados intencionalmente através do uso de seus próprios recursos.

Aliás, essa é a primeira consideração a se fazer para utilizarmos bem as interferências anímicas, pois elas não são exteriorizações conscientes e pré-determinadas por parte dos instrumentos medianímicos, mas uma expansão natural de suas energias e arquivos mentais, e que, somente com o tempo e a experiência, poderá ele traçar com mais precisão os limites entre o que lhe pertence e a outrem.

Não sendo um ato desejado, o animismo não deveria ser analisado na pauta dos temas morais e sim do exercício prático, devendo ser avaliado até onde pode ou não prejudicar os resultados da tarefa, sendo que, a rigor, principalmente nos trâmites iniciais, pode ser tratado como mecanismo de “desintoxicação de clichês”, em verdadeiro trabalho de “limpeza psíquica” das formas e energias habituais à vivência do mediano. Na medida em que sutilha seu “tônus energético” vai liberando-se desses clichês mentais e seus canais de recepção vão funcionar como antenas mais fiéis e sensíveis, já que se encontram livres daquele acúmulo de resíduos e substâncias que oneram a cristalinidade do espelho mental.

Mais adiante, quando o servidor estiver mais preparado, ainda se verá sob as injunções das interferências anímicas e aprenderá a discernir que, para a grande maioria dos aprendizes nos labores de intercâmbio entre dois mundos, via de regra, a idéia pertence à entidade comunicante, enquanto a palavra, qual embalagem e forma, vai delinear-se conforme o seu vocabulário e a sua cultura. Frequentemente o impulso criador da idéia é dos desencarnados e a forma pertence ao colaborador encarnado, não havendo nisso nada que fuja ao trivial dos mais experimentados médiuns, em qualquer tempo e lugar, compondo, quase sem exceções, o que se dá nas interações mente a mente.

Numa prática muito bem orientada por dirigentes conscientes, o conhecimento doutrinário e geral e a renovação dos costumes serão as linhas de segurança para que o animismo seja **ferramenta construtiva** nas produções mediúnicas de todos os matizes, alterando o menos possível as mensagens do alto em direção à Terra. Não havendo como exterminar o animismo, deveremos a ele adequar-nos, tornando-o, quanto possível, elemento de soma e parceria nas edificações espirituais.

Haverá exceções, muito raras, em que a exteriorização anímica persistente e pouco construtiva seja um indício de desajustes psíquicos que carecem tratamento especializado, daí porque, sempre que possível, é preciso antes de matricular alguém nos ofícios desse teor enquadrá-lo no estudo e melhoria de si mesmo, para que as “infestações psicopatológicas” não desagreguem a personalidade de almas doentes, sob as induções de potenciais de energias acima daqueles que têm condição de suportar, nas provas dolorosas em que se encontram.

Afora isso, os conteúdos anímicos devem ser categorizados como componentes de avaliação para os dirigentes e doutrinadores,

no que tange ao progresso das comunicações dos médiuns, pois, na medida de sua integração, mais responsáveis à disciplina e reforma de suas inclinações e pelo esforço na aquisição da luz do conhecimento, apresentarão melhor coeficiente de filtragem da linguagem universal do pensamento.

Ainda podemos ressaltar que alguns temas e algumas afinidades espirituais constituirão outros fatores que determinarão o maior ou menor predomínio da **ânima**, haja vista que as vivências pretéritas do médium naquele assunto em questão e sua vinculação com esse ou aquele coração favorecerão, respectivamente, um melhor ou pior desempenho.

A isso podemos ainda acrescentar a influência determinante do meio, detendo-nos, especialmente, na composição mais ou menos homogênea do grupo mediúnico. Esse tem papel relevante nos deveres de apoio e assistência às atividades mais ostensivas nos “laboratórios do mundo invisível” em que se transformam as “salas sagradas”, reservadas à tarefa entre dois mundos. Os elos de autêntica solidariedade, construída na convivência rotineira, repercutirão nessa hora de modo a favorecer aquela sustentação essencial do **quantum** energético às operações mais delicadas. Assim também, não havendo elos de cordialidade e amizade, os percipientes passam a atrair, em regime de troca, as forças ambientes, vindo a ser obstáculos, muita vez intransponíveis, graças ao teor inferior de emissões que conturbam a psicofera reinante.

Como diz Erasto no trecho supra referendado, “os ditados tomam o colorido e a forma do encarnado”, e não tenhamos dúvidas de que os apóstolos mais dedicados e ajustados a missões gloriosas não escapam dessa realidade.

Portanto, não há porque cultivar o temor e a dúvida, embora eles sejam, pelo menos em princípio, bons sinais de sinceridade e responsabilidade daqueles que querem ser úteis e não desejam enganar a ninguém. Não devem os médiuns persistir em tais emoções, desenvolvendo, paulatinamente, a fé racional e o desejo de aprender e servir como medidas evangélicas de sututilização das forças anímicas. Esse ajuste do coração é o cerne de nossas reflexões, porque aí reside o diferencial que dará direção e utilidade a quaisquer manifestações espirituais, afinando-as com os propósitos Divinos na consecução do bem.

Irmãos da mediunidade, recordemos...

Se estamos dispostos ao trabalho de reformar as nossas

tendências inferiores, se asilamos na alma o desejo de cooperar na obra Divina da melhoria da sociedade, se temos renunciado a instantes de deleite para o aprimoramento intelectual, se a nossa vida é um esforço pela conjugação dos verbos amar e trabalhar, se nos empenhamos em solidarizar-nos com a dor alheia, se edificamos à nossa volta a simpatia e a admiração, se estamos aprendendo a aceitar cada pessoa como é, se nos furtamos a deslizes tão comuns à maioria das criaturas, e se ansiamos, verdadeiramente, pela nossa libertação espiritual, então não tenhamos dúvidas de que estamos gerando os laços sagrados de amor com a vida que se expressa nas Leis Divinas, e sendo assim, tudo que brota de nosso ser, em animismo santificado, terá mais serventia nas mãos do Criador em favor de sua obra.

Deus nos guarde servindo, sempre e sempre.

YVONNE PEREIRA

YVONNE DO AMARAL PEREIRA

Nasceu em 24 de dezembro de 1906, no município de Valença, hoje Rio das Flores - RJ.

Foi uma das mais profícuas médiuns que o Brasil conheceu, além de escrever muitos artigos de significativo conteúdo.

Dedicada seareira espírita, psicografou várias obras, dentre elas

“Memórias de um Suicida”.

Desencarnou no Rio de Janeiro - RJ em 9 de março de 1984.

COMUNICAÇÕES DE NOMES ILUSTRES

“Para julgar os Espíritos, como para julgar os homens, é preciso, primeiro, que cada um saiba julgar-se a si mesmo. Muita gente há, infelizmente, que toma suas próprias opiniões pessoais como paradigma exclusivo do bom e do mau, do verdadeiro e do falso; tudo o que lhes contradiga a maneira de ver, a suas idéias e ao sistema que conceberam, ou adotaram, lhes parece mau. A semelhante gente evidentemente falta a qualidade primacial para uma apreciação sã: a retidão do juízo. Disso, porém, nem suspeitam. É o defeito sobre que mais se iludem os homens.”

**O Livro dos Médiuns
Capítulo XXIV - item 267, questão 26º**

Nomes ilustres: eis uma das questões que mais mereceram a atenção de Allan Kardec em suas relações com o mundo dos espíritos.

As sábias orientações declinadas no capítulo XXIV de “O Livro dos Médiuns” não deixam dúvidas sobre a identidade dos espíritos. Lá são enfeixados nada menos que 26 itens decorrentes das verificações do Codificador e mais 28 perguntas respondidas por entidades de escol acerca do tema.

A mediunidade, tão largamente estudada em vossos meios, guarda nuances e grandiosidades que ainda não foram apreendidas pelos sentidos humanos. O limite natural das percepções, somado aos juízos padronizados dos lidadores do intercâmbio, têm prejudicado em muito a compreensão das mensagens destinadas do nosso para o vosso mundo.

Viveis, nessa prática de identificação dos espíritos, um momento de necessária reciclagem e mais reciclagem.

Muitas novidades surgirão desafiando o vosso discernimento, e quaisquer julgamentos apressados, sejam favoráveis ou não à aceitação dos conteúdos exarados, serão uma atitude imprudente ou mesmo preconceituosa. Vosso discernimento será amplamente testado com as abordagens feitas pelas vias da mediunidade. Essas contestarão quaisquer padrões eleitos como definitivos no âmbito da segurança e do recomendável.

Os nomes ilustres em vossa Seara de amor muito têm vos intrigado. Enquanto uns acham fanatismo e obsessão as assinaturas honrosas, outros culpam os medianeiros pelos nomes desprezíveis e anônimos que assinam suas psicografias ou enaltecem sua palavra mediúnica. Outros ainda se assustam ao receber as visitas de corações superiores em suas sessões, como se as almas nobres andassem em “céus distantes” e esquecidas dos vossos labores terra-a-terra. Enfim, a questão dos nomes ainda seduz a uns e incomoda a outros.

É verdade que a presença de animismos, predisposições inatas para estilos e temas, e até plágios têm permeado as produções mediúnicas de vossas Casas Espíritas; nomes ilustres têm sido emprestados a textos medíocres e muita vez focados de forma infeliz.

Tudo isso, porém, pouco importa por agora, já que ainda não desenvolvestes o hábito e o método de uma verificação mais minuciosa das identidades em vossas frentes de labor, estagiando ainda em formas primárias na absorção dos ensinamentos do mundo extrafísico.

Sendo assim, o que vos interessa é aprofundar a análise na linguagem e conteúdo das matérias expostas por aqueles que falam ao vosso plano. Verificai se as palavras são atreladas ao objetivo primordial do Espiritismo, e não vos preocupeis com as insígnias. Entidades espirituais conhecidas de vossos ambientes doutrinários se tornaram respeitáveis não só pelo que foram, mas pela essência de suas boas novas trazidas através de medianeiros seguros e dedicados.

Outro tanto, a linguagem usada pelos desencarnados deverá constituir tema de reflexões e estudos detalhados, se não desejais perder os frutos benéficos de muitas experiências que vos serão ministradas, através de formas que ainda não estais acostumados,

nas quais a linguagem vos trará dúvidas e cepticismo no tocante à verdade de suas mensagens. Considereis que também os espíritos acompanham as épocas e que não justificaria que utilizassem de uma linguagem dos tempos do Senhor para vos explicar idéias.

As falas serão claras e sintéticas, reflexivas e símplices, com muita profundidade. Surgirão temas inexplorados, estilos incomuns, palavras objetivas, enfim o linguajar do nosso para o vosso mundo cada dia mais tem que versar sobre a realidade que vos envolve, se desejamos ser ouvidos. O classicismo, o enxerto histórico, os conceitos filosóficos, o tempero lendário, a fábula e as metáforas, todos tão valorosos e admirados, terão que ser preteridos porque o tempo do homem e seu estado ansioso não lhe permitem mais a empatia demorada com a escrita, embora ler menos e meditar mais seja uma boa estratégia, quando se tem que optar entre ambos.

Sem perder a estética moral e adaptando-nos aos vossos termos e costumes sadios, temos de esmerar-nos em falar objetiva e claramente.

Por isso, estão sendo chamados às mensagens de amor e instrução, preferencialmente, os valorosos servidores da erraticidade, próximos à vos, conquanto muitos deles guardem vínculos com os planos maiores da vida e dos quais recebem os reparos e acréscimos sobre as temáticas referentes às necessidades prementes dos homens.

Vós, que ficais intrigados com nomes ilustres, deveis saber que essa preocupação sem sentido tem levado muitos desses valorosos servidores a esconderem-se por entre pseudônimos, e a guardarem anonimato para não constranger a vossa “cultura de inferioridade”, como se as almas nobres estivessem distantes de vossas extensas carências.

Onde pensais que se encontra Eusápia Paladino? E Gabriel Delanne? Léon Denis? Florence Cook? E todos aqueles que se dedicaram com tanto heroísmo à causa do Espiritismo nascente?

Observa-se em nossos planos um fenômeno consentâneo a essa nossa perspectiva. A cada dia, as almas que desencarnam sem conhecimento e conscientização das verdades espirituais, embora portadoras de um estado de consciência impoluto, buscam os medianeiros para testemunhar sobre suas experiências. O anseio de falar por parte daqueles que tiveram desenvoltura espiritual, apesar de desconhecerem a vida imortal, é cada vez mais ostensivo.

Eles rogam continuamente para enviar mensagens particulares e também para transmitir o tesouro de experiências nas áreas em que palmilharam na extinta vivência carnal.

E com grande dificuldade encontram os grupos e médiuns apropriados ao mister, devido ao despreparo que incentiva uma mentalidade condicionada e sem abertura às suas manifestações, fora dos padrões aceitáveis.

Eles são políticos, educadores, religiosos de várias denominações, escritores, militares, artistas, advogados, descobridores e inventores, cientistas, servidores do bem de todas as latitudes, ou ainda mesmo, os enfermos de etiologia obscura. Todos interessados em oferecer o contributo de sua bagagem específica, agora gratuitamente e sem ônus, em nome do amor, a fim de ensejar esclarecimento às comunidades com que ainda guardam vínculos, preparando os ambientes onde renascerão brevemente e distribuindo a cultura da imortalidade sob a ótica de suas lições recém-interrompidas.

A seara espírita, porque guarda mais acesso às questões do Espírito, tem sido muito visitada por criaturas harmonizadas que nutrem esperanças de serem ainda mais úteis agora que vislumbram horizontes antes não percebidos.

Celebridades e nomes ilustres de todos os tempos acercam-se de vossas mentes.

Não vos preocupeis em demasia. Analisai sim seu teor vibratório, o que seus sentimentos infundem, pesquisai a linguagem sem juízos apressados.

O Codificador, sempre de uma sabedoria sem mesclas, quando afirmou que “para julgar os espíritos, primeiramente deveis aprender a julgar a vós mesmos”, deixou claro que, comumente, transferis aos conteúdos mediúnicos as sombras e luzes que tendes em si mesmos. Daí algumas medidas se tornam cautelares e a primeira delas é que, preferencialmente, as comunicações sejam analisadas em grupos afins ou por pelo menos uma tríade de pessoas bem preparadas no conhecimento espírita e de boa índole moral.

Passai tudo pelos crivos da razão, do bom senso e da lógica. Averiguai se a trilogia “bom, útil, e verdadeiro” vos é aprovada pelo raciocínio, e quando um desses não for atendido, cuideis em reprovar.

Vosso tempo é outro, já estais promovidos a um degrau a mais nas responsabilidades, portanto, vossos testes de agora serão mais sutis, e não consistirão em pontos óbvios e evidentes. O tempo vos será um forte aliado, assim como poderá ser também uma barreira intransponível fazendo-vos perder oportunidades valiosas por não aceitar antecipadamente idéias que farão seu ciclo no futuro...

Discernimento é o diferencial.

E como discernimento só se adquire com tarimba de vida, ajuizai convosco mesmos como se encontra vossa bagagem de vida: ela tem acompanhado as necessidades de cada dia ou está estagnada no tempo, resguardada por velhos e ultrapassados conceitos?

AMÁLIA DE ARAGÃO

AMÁLIA DE ARAGÃO

Abadessa espanhola da cidade de Aragão, no século XIX. Teve grande interesse pelas questões espíritas e chegou a trocar correspondência com Allan Kardec após o incidente do Auto-de-Fé, em Barcelona, ocorrido em 09 de outubro de 1861, no qual foram queimadas em praça pública mais de trezentas obras kardequianas.

A despeito de sua crença, foi incentivadora do Codificador frente aos muitos golpes contrários à expansão da Doutrina Espírita na Espanha, levados a efeito pela Igreja.

O CENTRO ESPÍRITA E SEUS PROJETOS

O centro espírita, em quaisquer estágios de seu desenvolvimento, é sempre aquele oásis para os viajantes da vida sedentos de amor e luz, face às provas do caminho.

Nos dias que passam, a despeito dessa conotação consoladora de nossas Casas, torna-se urgente que promovamos debates saudáveis em nossa Seara, buscando avaliar os destinos e a missão que as aguardam face ao século XXI que se avizinha.

Nesse tempo da “cibercultura”, do progresso globalizante, das mudanças sociais, é mister repensar o papel de uma instituição espírita no contexto dessas transformações céleres.

Definimos o centro doutrinário como unidade fundamental do movimento espírita, conferindo-lhe prioridade e autonomia com muito acerto. O seu desafio maior é restaurar o pensamento lúcido de Jesus através da argumentação lógica e sensata dos princípios espíritas, tendo o espírito imortal como fundamento de validação da ética do amor.

Etapas várias terão que ser vencidas e por isso mesmo convém o debate saudável sobre a questão.

A qualidade de nossas atividades, o conteúdo de nossos programas, a rotina e tantos outros compromissos carecem de nossa reavaliação.

A história de nossas Casas insculpiu uma cultura de multiplicação de paredes, enquanto hoje devemos qualificar o que se passa dentro delas, ou seja, nossos grupos.

Antes de fundações é importante a formação de grupos sólidos, amigos, conscientes da tarefa, a fim de que a nova agremiação tenha perspectiva e não se desenvolva ao léu das circunstâncias.

Dentro dessas discussões sobre o futuro da casa de Espiritismo, é imperioso considerar também a retificação da cultura da “intuição providencial”, pois este é um instante de maturidade suficiente para que vós outros, os encarnados, participem de forma mais organizada e íntegra na definição de projetos promissores.

Projetos! Como são necessários! O que queremos? Como queremos? Quando? E quantos outros itens a projetar?

Nesse sentido, é oportuno que todo grupo iniciante faça três indagações para direcionar de forma mais segura suas plataformas de ação, quais sejam:

Que faremos pela comunidade?

Como assistiremos nossos trabalhadores?

Como nos estabeleceremos em relação à Doutrina Espírita?

Pensemos sobre alguns aspectos sem qualquer intenção de ditar normas.

Quando enuncia-se o termo comunidade deveríamos arrolar de qual estamos falando. Esta pode ser a sociedade, a região de localização e, mais ainda, a própria comunidade espírita. Quais parcerias criaremos? Com quem? Por quê? Como vamos atuar junto à Seara? Como participaremos para unificar? O centro espírita deve intercambiar valores, ensinando bênçãos e recebendo apoio.

Quanto aos trabalhadores, o que deverá ser a prioridade? Como favorecer a implantação do espírito fraterno? Os pilares de uma Casa são seus servidores e as suas relações interpessoais devem ser enriquecidas por iniciativas que tonifiquem o clima familiar, o toque de carinho e ternura, e, sobretudo, a promoção do cooperador. Aqui uma questão emergente é o crescimento do trabalhador para além dos limites da própria instituição. A ausência de uma cultura promocional do tarefeiro propicia o apego, o personalismo e o desgaste desnecessário. Quantos são os que cresceram em nossos núcleos de trabalho espiritual e perderam, depois de um tempo, os horizontes de progresso, adotando posturas incômodas e clamorosas, tão somente por não terem o próprio espaço de responsabilidades para atuar em serviço e dedicação?

Daí o imperativo de incentivarmos os programas de atendimento, acompanhamento e promoção do trabalhador para que ele tenha garantido, desde sua chegada à Casa, um processo contínuo de crescimento na ampliação de suas experiências.

Pela Doutrina, o que realizaremos? Um projeto para uma cultura sólida? Ou quem sabe, uma forma de comunicação mais equiparada ao mundo da mídia? Comunicação pela arte? Pela tecnologia? A proposição de uma abertura da difusão doutrinária adotando linguagem apropriada ao tempo das cores e movimentos?

Tomemos nossos projetos à semelhança de um corpo, assim teremos os braços estendidos à comunidade, o coração voltado aos aprendizes e o cérebro buscando iluminar o conhecimento com a clareza das bases espiritistas.

Projetar é aclarar caminhos e estabelecer metas possíveis.

Cuidemos de estruturar nossas linhas de ações e com elas nos comprometamos no tempo, compreendendo os apelos de profundidade que são dirigidos à Casa de Jesus e Kardec.

Criemos nossos planos e cuidemos de nossos núcleos de paz com a atenção e o empenho que todos a eles devemos, em retribuição aos benefícios auferidos por cada um de nós nos primeiros momentos de nossa vida espírita.

Honremos o centro espírita com trabalho, instrução e caridade.

JERÔNIMO RIBEIRO

JERÔNIMO RIBEIRO

Nasceu em 17 de março de 1854 em Lamas, pequena aldeia de Coimbra, Portugal.

Instalou-se em Cachoeiro de Itapemirim – ES em 1912, onde foi presidente da “Associação Espírita Benfícite e Instrutiva”, implantando de modo pioneiro uma espécie de estudo sistematizado da Doutrina Espírita. Em 1916 criou a “Liga Brasileira Contra o Analfabetismo” e fundou a revista espírita “Alpha”, primeira do estado.

Em 1918 fundou o “Asilo Deus, Cristo e Caridade” onde abrigava órfãos e doentes mentais, cuja recuperação chegava a 40% ao ano.

Desencarnou 5 de outubro de 1926, naquela mesma cidade.

Capítulo 31

EDICTUS VATICANUM

“Uma coisa que vos parecerá estranhável, mas que por isso não deixa de ser rigorosa verdade, é que o mundo dos Espíritos, mundo que vos rodeia, experimenta o contrachoque de todas as comoções que abalam o mundo dos encarnados. Digo mesmo que aquele toma parte ativa nessas comoções. Nada tem isto de surpreendente, para quem sabe que os Espíritos fazem corpo com a Humanidade; que eles saem dela e a ela têm de voltar, sendo, pois, natural se interessem pelos movimentos que se operam entre os homens. Ficai, portanto, certos de que, quando uma revolução social se produz na Terra, abala igualmente o mundo invisível, onde todas as paixões, boas e más, se exacerbam, como entre vós. Indizível efervescência entra a reinar na coletividade dos Espíritos que ainda pertencem ao vosso mundo e que aguardam o momento de a ele volver.”

Doutor Barry
A Gênese
Cap. XVIII, item 9

O trabalho de Allan Kardec contou com inúmeros obstáculos no terreno das oposições religiosas.

Para situarmo-nos, relembremos os relatos contidos no opúsculo “O Que é o Espiritismo”. Quando de suas refutações ao padre, o Codificador demonstra argúcia e lucidez, enquanto seu perquiridor trazia o raciocínio atrofiado pelos preconceitos daquele tempo.

E assim como as pressões sociais incidiram sobre os

primórdios do Espiritismo, os registros espirituais rezam de modo ainda mais minucioso sobre nefandas manobras delineadas para conter a marcha progressiva do Cristianismo Redivivo, e que não passaram alheias à perspicácia de Kardec.

O ano de 1861 é marcado pelo “Auto-de-Fé” em Barcelona, uma conspiração inquisitorial que terminou por beneficiar a divulgação espírita. Naquela ocasião, estava sendo lavrado no mundo das almas o **edictus vaticanum** ⁽¹⁾ contra o movimento nascente...

Fora exarado pelo prelado no mundo espiritual que todas as formas de idéias que associavam a Doutrina Espírita ao Cristianismo deveriam sofrer golpe mortal.

Cardeais desencarnados que ainda guardavam o voluntário desconhecimento das realidades do pós-morte assinavam novos “editos” que eram absorvidos, incontinenti, pelas autoridades eclesiásticas reinantes no mundo, através das vias mediúnicas ou em encontros triviais durante a emancipação da alma. A ordem era dizimar tudo que dissesse respeito ao Espiritismo face à sua apropriação indébita das anotações do Evangelho.

As lutas foram muitas e em 1875 um novo escândalo atormenta Paris sob o signo dessas deliberações, o “procés des spirites”, envolvendo os espíritas em mais uma ação que reeditava o “tribunal do santo ofício”, já há muito extinto pelas vias da lei, no entanto, existente nas vias de fato.

A viúva Allan Kardec sofre vexames lamentáveis no tribunal por conta das “fotografias espíritas” e Pierre-Gaétan Leymarie é preso por um ano.

Os desforços foram muitos e continuam sua sanha até os dias de hoje...

O tumultuado final do século XIX para a doutrina somente acena, com mais amplas e promissoras perspectivas para a falange da Verdade, quando as reuniões socorristas organizadas no Brasil passam a servir de benéficas válvulas de alívio das tensões mentais insidiosas da Igreja sobre a política pusilânime da França.

A assistência mediúcnica passa a ser freqüentada por grandes “autoridades” da Itália católica que arremessavam dardos e contavam planos nefandos para infelicitar essa “classe desonrosa para o Cristo”, os espíritas. Não justificava - asseveravam eles - que uma classe qualquer fosse a disseminadora das verdades que só a Igreja poderia difundir na hora certa...

Sabiam eles sobre a verdade dos princípios estruturais do Espiritismo, não aceitavam, porém, que outra instituição patrocinasse a difusão do que constituía para eles os **secretus vaticanum spiritus** ⁽²⁾, ou seja, as bases secretas dos princípios de Deus, da qual se sentia proprietária exclusiva.

Os climas psicoféricos atenuaram-se.

Muitas reencarnações, reencontros e novos rumos surgiram a partir das “doutrinações calorosas” e das posturas inclementes de homens espíritas audaciosos que ousaram defender publicamente o Espiritismo em pleno início do século XX.

Até os dias de hoje, entretanto, temos resquícios lamentáveis desses grupos que, em muitos casos, consorciaram-se a estirpes outras mais inferiores.

Quando nascidos na carne, surgem no movimento doutrinário guardando estigmas ostensivos sobre a relação Espiritismo-religião, sob o eco altissonante de várias idéias germinadas ainda além-túmulo.

Quando na vida espiritual, insuflam o ideário em forma de chavões, já que não conseguem a mesma liberdade de ação dos tempos do Codificador para manietar socialmente os espíritas e a doutrina. E é assim que alimentam no seio de nossos ambientes as costumeiras formas de travas às ações, através de operações “prudentes” e “zelosas” que mais caminham para o conservadorismo, fazendo com que homens e instituições espíritas assimilem o sentimento exclusivista, avocando os mesmos direitos que supõem possuir esse “clero desencarnado”.

Nem sempre tais ciladas são engendradas pelos corações fervorosos dessas almas, que possuem mais infantilidade que maldade; contudo, novas conotações foram adicionadas ao estratagema e o gênio pensante de tais ações partiu de furnas infelizes, onde reinam os arquitetos culturais dos movimentos de retardo e acrisolamento da verdade, do progresso e do bem.

Os anos 80 desse nosso século se revestiram de um novo quadro nas esferas religiosas do país e as comoções na vida extrafísica foram sentidas de pronto. A vinda da autoridade romana ao Brasil, João Paulo II, desarmou processos singulares de ferrenha oposição à doutrina, atingindo de chofre a muitos propósitos herméticos de hierarquia e tutela filosófica sobre a sociedade espírita, por parte dessas instituições de ambas as esferas de vida.

Por outro lado, os dissidentes, ofendidos com a vinda do Santo Padre, passaram a assediá-lo de forma mais tenaz, sob as influências dos “mentores intelectuais do mal”, incitando uma campanha ardilosa de combate ao Espiritismo na nossa própria Seara, intensificando as querelas de rotas e velhas bandeiras, como a drenar as últimas reservas infecciosas dessas plataformas fugazes e sem sentido...

Não há quem possa contestar: queiramos ou não, vez por outra, de forma mais ou menos intensa ou prolongada, acabamos por penetrar nas faixas enfermigas promovidas e sustentadas por essa hedionda falange da mentira, construída por todos nós, os religiosos de todos os tempos.

Cuidemos de nossos ofícios doutrinários, mantenhamos vigilância em nossas diligências espirituais para que não nos atrelemos aos agastados e improficuos desmandos do institucionalismo religioso, que ainda é marcante em nossas fileiras.

A essência da disputa é a propriedade da verdade que todos querem possuir, sem serem por ela possuídos.

O cardinalato extrafísico não abre mão de segurar por mais meio século as verdades espíritas para que possa, no futuro, através do **edictus milenium** ⁽³⁾, promulgar os princípios gerais que o Espiritismo já no-lo revelou há mais de cento e quarenta anos, enquanto nas esferas superiores, desde os idos de 1870, já foi decretada a falência da Santa Igreja em sua função reeducadora da alma e definidora dos rumos espirituais da Humanidade...

Se as comoções, como acentua o Doutor Barry, agem da vida física para a vida espiritual, será de bom e significativo alvitre que as comunidades espiritistas encetem um plano renovador de mentalidades e projetem um século novo de conquistas para o acanhado, porém valoroso, movimento espírita.

O cerne de tal programa deverá ser a libertação da fé dos porões infectos do dogmatismo e a conseqüente conquista da fé racional, seguindo-se a isso a mudança das posturas medievais de perseguição e nacionalismo, de feudos e suserania nas relações.

O vaticínio do futuro é a vitória do bem, incontestavelmente.

Resta saber qual de nós vai querer, desde agora, participar de um dos mais “escandalosos” processos de mudança e redirecionamento que a Terra já sofreu nas suas expressões do pensar e do agir.

Cuidemos para que o ufanismo não encegue a razão e

aprisione a ação. A missão do Brasil situa-se indiscutivelmente nas veredas da espiritualização do ser, no entanto, isso não significa afirmar que tal desiderato caiba apenas aos espíritas, mas sim, a todos aqueles que, independentemente de rótulos, saibam honrar a única instituição segura de alcançar essa meta: o amor.

A missão é do país e não necessariamente dos espíritas, cabendo sim aos espíritas um nível muito mais declarado de responsabilidade para com a hora que passa. Daí não devermos cair em “obsessiva distração” para com as questões externas e transitórias, fugindo assim das inflamações mentais das “forças eclesíásticas perturbadas no além”.

Fixemos nossa mente e coração no serviço, nada há de mais essencial.

O espírito do Cristianismo primitivo estava no trabalho e na ação, e Jesus não definiu nenhuma religião ou mandamento que não seja esse: “Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros...”⁽⁴⁾

E vejamos, em conclusão, que sem definições institucionalizadas os apóstolos fermentaram todos os meios sociais daquele tempo com as idéias de Jesus, ao ponto do Imperialismo Romano torná-la uma questão política que interessava ao seu mundo.

Inscrevamos o *edictus resnovarum* ⁽⁵⁾, consumando com uma nova postura a lei divina em nossos corações.

CAIRBAR SCHUTEL

-
- (1) *editus vaticanum* - proclama ou determinação papal
 - (2) *secretus vaticanum spiritus* - o espírito confidencial do vaticano
 - (3) *edictus milenium* - proclama do milênio
 - (4) João, 13:34
 - (5) *edictus resnovarum* - proclama da renovação, dar coisas novas
-

CAIRBAR DE SOUZA SCHUTEL

Nasceu em 22 de setembro de 1868, na cidade do Rio de Janeiro.

Fundador do jornal "O Clarim" e da "Revista Internacional do Espiritismo". Foi um pioneiro na propaganda espírita pelo rádio nos anos de 1936 e 1937.

Foi considerado o "pai da pobreza de Matão", pois receitava e distribuía remédios gratuitamente. Além disso, transformou sua casa em manicômio, onde recebia as pessoas obsidiadas que eram devidamente tratadas ou encaminhadas a nosocômios adequados.

Desencarnou em 30 de janeiro de 1938, na cidade de Matão, Estado de São Paulo.

Capítulo 32

NA HONRA DA VERDADE

“(...) Qual quereis que vos solte? Barrabás, ou Jesus, chamado Cristo? Porque sabia que por inveja o haviam entregado.” – Mt., 27: 17 e 18

Irmãos, guarde-nos o Senhor para que as nossas palavras sejam mensageiras da verdade.

A verdade é luz, a mentira é treva densa.

A saga da humanidade traz em seu âmago a batalha da luz contra as trevas...

Nessa hora, vamos servir-nos do calvário do Senhor para os registros necessários ao nosso aprendizado. Judas, sob o golpe da mentira política, trai Jesus; Pedro, sob o golpe da mentira aterrorizante, nega-o; Pilatos, a mentira entronizada, lava as mãos e condena-o.

Porém, merece destaque, nesse capítulo do testemunho de Jesus, a posição dos Judeus que lhe entregaram por inveja. Essa classe de religiosos simboliza a mais vil e lamentável ordem de todos os tempos: a aristocracia da conveniência. Por conveniência religiosa, o ardil da mentira levou o justo à cruz. A conveniência é uma roupagem da mentira, e nesse assunto devemos refletir sobre as ações de nossa lida diária.

A inveja dos Judeus pode ser também a nossa, nos dias que passam. Preciso então considerar que a inveja é o gatilho da mentira que, uma vez disparado, espalha dardos venenosos, ofensivos e contagiantes.

Vigiem os nossos sentimentos. O nosso ideal de união espírita-cristão não pode ter o preço da conveniência temporária, débil. Caso contrário, logo mais, quando chamados à aferição dos valores de discernimento e sinceridade nos campos da tolerância e da fraternidade, fatalmente a formalidade exterior cederá lugar à

mentira interesseira dos pontos de vistas.

Cuidemos de nossas palavras, pois quando uma mentira satisfaz o gosto de muitos, sendo aceita, transforma-se, então, no que for conveniente ao momento. A primeira palavra falsa nessa hora pode ser o desastre de muitos séculos.

Uma lenda antiga diz que certa feita o “espírito do mal” desafiou o “espírito do bem” a falar uma mentira, e ele, por sua vez, já acostumado a mentir, em retribuição diria então dez verdades. O “espírito do bem”, na ingenuidade e pureza, aceitou o alvitre e, quando mentiu, disse-lhe o maligno: “Agora que mentiste, eu direi não só dez verdades, mas um milhão delas, e a minha verdade será dizer a todos que mentiste.” Conta-se que o “espírito do bem” trabalhou um milhão de anos para corrigir cada uma dessas “verdades”.

Nesse momento de inversão de valores, a mentira ganhou a arte, a cultura, a educação, a mídia, a política, e também, a religião.

Não tratamos aqui de qualquer religião. Lamentamos, isso sim, que em nossos ambientes de gestação da revivescência cristã também a ilusão tenha enganado o raciocínio e impingido a mentira. Nesse campo, ela chama-se calúnia, mordacidade, ofensa, ressentimento, difamação, e tem contaminado a quantos, descuidados da conduta ou calcados em interesses pessoais, abrem a guarda invigilantes e assimilam a toxidade de sua fúria.

Amigos, sejamos leais e pensemos na imortalidade que espera a todos. Que interessa a vantagem de nomes limpos, disputas inglórias, honras passageiras, sendo que o grande diferencial é a consciência íntima de paz?

O ofensor deve, não o ofendido.

A oração é para o difamador, não para o difamado.

Se venderam por moedas o Guia e Modelo, que será feito ao discípulo incipiente?

O labor unificacionista é uma Seara de lutas na qual a remição de nossas mazelas interiores ganha o tempo de muitas vidas.

É fato que a mentira faz a conveniência, e essa manipula estatutos e regimentos; e o homem, na sua arbitrariedade milenar, usa a seu favor o que resguarda os seus interesses, segundo sua interpretação.

Mas não penseis, meus amigos, que relacionamos essa

batalha luz-trevas sem um objetivo em prol de nossas tarefas. Assim, gostaríamos de definir três apelos oportunos.

Primeiro: Oração por todos os que estejam escravos, no cárcere da conveniência. Eles encontram-se em provas sutis e dolorosas. Estão algemados a teias mentais criadas por eles mesmos. Pensai bem de todos eles, é o que mais acertadamente se pode fazer.

Segundo: Fazei mais e melhor, quando julgardes que a conveniência entrou o serviço a ser feito; sem acusações, reprimendas e espírito de rebeldia. A obrigação de quem vislumbra ângulos diferentes é apresentar soluções melhores.

Terceiro: Honremos a verdade sempre, com lealdade consciencial, fidelidade ao Evangelho e sintonia com as forças do alto. Nunca obteremos vitórias eternas se nos acumplicarmos com a mentira.

Não façamos coro com o mimetismo e a falta de coragem. Sejam firmes e coerentes.

Conciliábulo infelizes, conchavos comprometedores, enfim, quaisquer ações que expressem sectarismo e partidarismo são terreno fértil para a semente da hipocrisia, filha primeira da mentira.

O tempo é um artífice perfeito. Recoloca cada situação e pessoa à verdade de si mesma, daí não devermos dar tanta atenção às palavras que nos cheguem, nesse contexto.

Vigiem, hoje e sempre, para não sofrerem a talha da inveja.

Definição e franqueza, limpidez de caráter e palavras de enaltecimento na nossa lida espírita na honra da verdade.

Jesus, fortaleça nossas fibras do coração na defesa do bem.

VIRGÍLIO DE ALMEIDA

VIRGÍLIO PEDRO DE ALMEIDA

Nasceu em 17 de maio de 1909, na cidade de Capela - SE.

Foi presidente da Aliança Espírita, diretor administrativo do Hospital Espírita André Luiz, presidente do Conselho Regional e fundador de várias instituições espíritas, em Belo Horizonte.

Trabalhador incansável, cooperou valorosamente nos serviços da

unificação.

Desencarnou em 08 de janeiro de 1974, na cidade de Belo Horizonte.

Capítulo 33

A ESCOLA DO LAR

O lar é, fora de dúvida, o esteio de todas as nossas realizações. E para o trabalhador espírita é o eixo principal de sua doação.

Enquanto, dentro das “quatro paredes”, não obtivermos um “quantum” de paz, não teremos à nossa disposição as melhores condições para seguir nas demais áreas do crescimento espiritual. Por outro lado, quando construirmos relações de autêntico respeito e afeto no grupo familiar, dispostos dos recursos indispensáveis ao bom labor.

Relacionamos semelhantes verdades, tão somente no intuito de atestar o quanto nossos serviços doutrinários refletem as experiências emocionais e morais das vivências em família.

Muita vez, o servidor de boa vontade recorre à casa espírita na busca de auxílio, uma vez que ali já aporta agastado, desnutrido espiritualmente, graças ao clima de intensas lutas no parentesco.

O trabalhador espírita precisa de apoio nesse setor. O investimento urge para que consigamos envolver no idealismo do serviço todo o lar do servidor.

Os dirigentes atentem para os trâmites dessa natureza, para que o centro espírita seja a extensão dos laços familiares e tenha sempre portas abertas e fontes atrativas para a participação de todos que se vejam vinculados ao colaborador espírita. Muito pertinente que nossas instituições se ocupem com as famílias de seus cooperadores, antes mesmo de lograr vãos mais amplos de apoio e orientação a outras instâncias do serviço doutrinário.

O lar, como escola bendita do espírito, é o terreno fértil para as mais “lucrativas” sementeiras de virtudes e desenvolvimento de habilidades.

Sem exageros, podemos constatar que a vitória no ambiente doméstico credencia nossa oportunidade reencarnatória com

bênçãos de paz e libertação. Esse deve constituir o primeiro ambiente de aprendizado e reeducação do verdadeiro espírita.

A tarefa espírita será campo de reparo e refazimento energético até o dia em que, invertendo a ordem, superando as provas em família, construindo elos de amor, passaremos então a levar desse ambiente-luz o melhor de nós mesmos, a benefício de quantos esperam de nossas atividades o ósculo fraterno da atenção, da cordialidade, do esclarecimento e todo gênero de amparo nos quais empenhamo-nos.

Os lares estão sofrendo açoites impiedosos do desvalor moral.

A peçonha do egoísmo tem minado as forças dos cônjuges.

A ausência do idealismo superior que agrega o grupo familiar tem esfacelado as mais ricas experiências do amor, que se converte em amargura, saudosismo doentio, insegurança e culpa.

O ciúme tem criado mecanismos de revolta e incompreensão.

O adultério tem alargado as fronteiras da obsessão e da doença.

O materialismo tem consumido as noções éticas da preservação dos limites da honestidade e da polidez.

A casa espírita, na pessoa de seus organizadores, deve desdobrar-se em esforços para acolher as “famílias de Deus”. Não cometamos o despautério de cerrar os olhos para a célula da ordem social.

Levemos a bússola da Doutrina Espírita e esclareçamos sobre o significado do estudo do Evangelho e sua aplicação.

O lar, como já foi dito, é a primeira escola do espírito na vilegiatura carnal, e nós acresceríamos, a mais importante.

Após os cuidados na intimidade de nossas instituições, cuidemos das famílias alheias em padecimentos múltiplos.

Organizemos programas suplementares que tratem sobre as formas mais seguras que o aprendizado espiritual nos tem oferecido na superação dos testemunhos de perdão, nos sacrifícios da fidelidade ao dever, nos pequenos gestos de amor que fazem do lar o centro estimulador da afeição, da priorização do altruísmo constante, da sexualidade com responsabilidade, da educação pelo exemplo,

do comportamento social pautado na solidariedade, enfim, de toda a temática que envolve as vivências familiares.

Meus bons amigos, debatamos sobre quais metodologias e iniciativas tomaremos para que o lar não seja esquecido nas várias e valorosas frentes de trabalho de nosso abençoado organismo doutrinário.

Guardando paz e desejando bênçãos de esperança, despeço-me com um abraço saudoso.

MAURO ALBINO

MAURO ANTÔNIO ALBINO DE ALMEIDA

Nasceu em 17 de junho de 1942.

Espírita atuante junto ao movimento mineiro, em particular ao Grupo Espírita André Luiz, em Belo Horizonte.

Desencarnou em 27 de junho de 1989, fazendo uma palestra sobre o cap. XXII de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, “Não Separeis o que

Deus Juntou".

A INSEGURANÇA DA PROPRIEDADE

Desde as mais remotas eras da evolução humana, percebemos as criaturas lutando para sobreviver às custas do amealhar recursos no campo da matéria. Quis Deus que assim fosse. Compelidos a lutar e vencer obstáculos, domando a natureza fértil e descobrindo-lhe os segredos e utilidades, estavam os homens ajustados à Lei de Progresso.

Porém, com o passar dos milênios, no que tange ao aprimoramento do campo racional das criaturas e no uso de seu livre-arbítrio, deixando predominar suas tendências e condicionamentos menos felizes, os homens vincularam o sentimento de segurança, bem estar e poder à acumulação de bens materiais. Durante muitos séculos, as ciências sócio-políticas introjetaram na mente humana a correlação entre o “ter” e o “ser feliz”.

Percebemos, então, a reverência exagerada às posses e tronos efêmeros que incitaram nações a combates e conquistas, colocando a aquisição de riqueza e poder muito acima do respeito ao semelhante, do bem-estar dos irmãos que sofrem em penúria às portas dos palácios.

Após tantas existências nesse processo de inversão de valores, é natural que encontremos o homem hodierno portando em seu arcabouço mental o clichê da luta pelo ter, pelo poder, pelo destaque e pelo mando.

Presenciamos em todos os tempos a reverência ao poderio econômico, social e político. Parece-nos, muitas vezes, quase que impossível fugir desse sistema. Mesmo dentro dos templos religiosos, percebemos a busca da riqueza, da suntuosidade, como forma de expressão do poder temporal.

Nesse contexto, “chocamo-nos”, dentro da nossa imaturidade espiritual, com a mensagem sublime e singela de toda uma Vida que,

iniciada no ambiente rústico e pobre de uma estrebaria, reflete, na simplicidade do “nada ter” no campo material, toda a sublimidade divina do destino “de ser” das criaturas. Destino este que mostra a sabedoria de Deus a qual, em algum momento da nossa história evolutiva, invertemos em nossa escala de valores. Encontramo-nos hoje em luta com todos estes condicionamentos sedimentados em nosso modo de pensar, interpretar e agir perante a vida.

Quando o Cristo trouxe o amor ao próximo como a si mesmo ⁽¹⁾, o dar a túnica a quem pede o vestido ⁽²⁾, o andar a segunda milha a quem solicita o amparo na caminhada da primeira ⁽³⁾, vinha Ele propor uma revisão e mudança de códigos e valores.

Mesmo tendo conhecimento da perfeição que nos é reservada ao longo do nosso destino imortal, mesmo sabendo que o Cristo não tinha onde recostar a cabeça e ainda assim mudou a história da humanidade, resistimos, “involuntariamente”, em abrir mão do muito ter, do comandar e ordenar, para vivermos a simplicidade e singeleza da proposta do Cristo. Nenhum cargo Ele ocupou, nada quis possuir, nenhuma posição de destaque reivindicou para Si mesmo. Na vivência irrestrita da Lei de Amor, exemplificou-nos, mostrando o caminho a seguir.

Cabe-nos agora sedimentar em nossos corações e mentes um novo modo de viver e agir. Que esta proposta crística penetre em nossa vida íntima e se expresse em todos os meios em que atuamos. Possamos perceber que as propriedades que temos buscado amearhar e ajuntar se convertem hoje, para nós, em fator de insegurança e instabilidade.

Tenhamos a lucidez de eleger valores espirituais como meta de vida e que nossas lutas e labores se constituam na aquisição dos tesouros do céu.

Não tragamos para nossos templos de oração, fé e trabalho toda suntuosidade que temos dentro de nós, em detrimento da qualidade de atendimento e amparo humanos que damos ao nosso semelhante. É chegado o tempo de não repetirmos em nossa vivência espírita-cristã os mesmos comportamentos adotados nas existências anteriores, perante os princípios espirituais. Não podemos mais utilizar-nos dos “bens” cedidos por Deus como empréstimo para obrarmos em proveito e interesse próprios. Isto foi o que fizemos em nosso passado. Utilizamos o conhecimento das verdades espirituais para manipular as criaturas em prol de nossas demandas e pontos de vista particularistas.

Sendo a Doutrina dos Espíritos o advento da Verdade, é necessário que estas verdades, penetrando em nosso íntimo, façam luz perante os “desvios” e “atalhos” de nossas jornadas evolutivas e apontem o caminho seguro da simplicidade e pureza cristãs, que nos foram ofertados no clima do mais puro e acendrado amor.

CAMILO CHAVES

(1) Mateus, 22:39

(2) Mateus, 5:40

(3) Mateus, 5:41

CAMILO RODRIGUES CHAVES

Nasceu em 28 de julho de 1884, no povoado de Campo Belo do Prata, hoje cidade de Campina Verde - MG.

Foi senador, deputado, parlamentar e diretor da Loteria de Minas.

Exerceu o cargo de presidente da União Espírita Mineira. Fez circular com regularidade o “Espírita Mineiro”, com orientação doutrinária segura. Elaborou novos Estatutos e ampliou os Departamentos da Sociedade, como do Conselho Federativo Estadual, obedecidas as normas constantes do “Pacto Áureo” da unificação.

Promoveu o Segundo Congresso Espírita Mineiro, quando da aprovação da “Declaração de Princípios Espíritas”.

Desencarnou em 03 de fevereiro de 1955.

Capítulo 35

O FUTURO

Pelos meados de 1865, Allan Kardec começou a receber, esparsamente, algumas comunicações do Espírito Verdade acerca da unidade doutrinária.

Em 1868, agrupando-as e estudando-as, estabeleceu-se o Projeto 1868, versando sobre a constituição que atenderia à segurança do corpo doutrinário.

Mais tarde, o respeitável irmão Adolpho Bezerra de Menezes Cavalcanti, em fins do século XIX, deixa estruturada uma idéia elementar de organização do Espiritismo em terras brasileiras. Passado meio século de sua proposição, superando embates gigantescos da treva contra a luz, nasce então o Pacto Áureo, coroando esforços e conjugando idéias afins.

Lavradas as diretrizes para uma harmonia doutrinária e considerando a diversidade cultural do país, eis que são passados agora mais 50 anos, que mais exatamente completar-se-ão no ano vindouro⁽¹⁾. Verificamos que novas movimentações e decisões são exaradas do Plano Maior, para nós outros, “espíritos espíritas”, e para vós outros, espíritas-cristãos, projetando o futuro do conceito de unificação para nossas fileiras de serviço espírita.

Quando chamado de bom, o Senhor não aquiesceu, mas quando o nominaram Mestre, Ele expressou: Disseste bem, porque Mestre eu o sou ⁽²⁾. A pedagogia espiritual do Mestre Jesus é comprovada nessa história da unidade doutrinária. Desde Kardec, aos nossos dias, seu coração generoso e sábio, ao fundamentar o granito luminescível da Codificação na França positivista, já projetava, a tempo, sua transposição para as clareiras de Ismael. O Seu zelo é incomensurável quando busca o venerável irmão Bezerra de Menezes para assegurar o futuro-passado do Espiritismo, nas Terras do Cruzeiro.

E nesses momentos de novas decisões, o Mestre amorável já nos aponta, através de seus prepostos maiores, os novos rumos

da unificação de nossa alcandorada Doutrina Espírita.

Hoje, a mentalidade em formação é a da unificação em torno da Boa Nova. Assevera-se com razão, em nossos núcleos espirituais, que a proposta unificadora já alcançou as conquistas necessárias a fim de que não se esfacelasse a essência e a origem dos Princípios Fundamentais da Doutrina, mantendo-a livre de enxertos, exotismos e misticismos.

A hora agora é a da unificação no Evangelho. O Pedagogo da mensagem libertadora primeiro cuidou de que sua palavra rediviva chegasse límpida e sem ofuscamentos de nosso orgulho e egoísmo. Feito isso, agora é uma Era Nova, um momento maior no qual a proposta é cuidar da unidade dos ensinamentos, direcionando-os à nossa individualidade, e nem tanto a parâmetros coletivos.

É o tempo da aplicação. É a segunda geração de espíritas, renascendo mais conscientes de sua finalidade reencarnatória e que guardam planos de lídima esperança relativamente a esses novos destinos.

Unificação em torno da proposta Crística. Proposição do Mestre que pesa-nos sobre os “ombros espirituais”.

Não mais o discurso somente, sobretudo, a vivência exemplar revelada em gestos e sentimentos, palavras e pensamentos.

Por tudo isso, temos incentivado em nossos arraiais doutrinários as forças produtivas de trabalho cristão. Elas já têm surgido aqui e acolá, contudo, nem sempre guardando as metas que deveriam buscar.

É preciso maturidade de visão quanto à estrutura organizacional de religião, resistência mental aguçada, paz interior para superar as pressões. Onde encontramos grupos que apresentem essas credenciais aliadas à conduta cristã, temos sugerido caminhos de aprendizado que atendam aos planos dessa hora nova.

É o tempo do Cristianismo Redivivo, livre do institucionalismo ameaçador. Esses grupos alimentam tal ideal, entretanto, estipulam suas construções nobres, com respeito e consideração ao que ainda constitui uma necessidade para a maioria, no tocante a regulamentos, normas e cultura histórica dos centros e de suas atividades espíritas.

Nesse momento grave, meditemos em tudo isso e avaliemos nossas variadas possibilidades. Não se trata de aversões, dissidências ou incentivo a sectarismos. Acima de tudo, essas são Boas Novas que

nos lembram o instante culminante da cruz do Senhor, que respeitou todas as necessidades e caminhos do mundo e até mesmo os cravos da crueldade. Porém, sempre acima de todos, proclamou: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”⁽³⁾, deixando entrever o quanto Ele sabia sobre o futuro.

LINS DE VASCONCELLOS

(1) Esta mensagem foi psicografada em 10.09.98, quase um ano antes da comemoração do Pacto Áureo.

(2) João 13: 13

(3) Lucas 23:34

ARTUR LINS DE VASCONCELLOS LOPES

Nasceu em 27 de março de 1891, na cidade de Teixeira - PB.

Foi engenheiro agrônomo.

Teve uma expressiva atuação no movimento de unificação, sendo um dos signatários do “Pacto Áureo” de 1949.

Deixou obras sociais e doutrinárias valorosas em várias localidades do país, particularmente no Estado do Paraná.

Desencarnou em 21 de março de 1952, na cidade de São Paulo.

EVANGELHO: ÉTICA PARA O TERCEIRO MILÊNIO

“Não, o Espiritismo não traz moral diferente da de Jesus. Mas, perguntamos, por nossa vez: Antes que viesse o Cristo, não tinham os homens a lei dada por Deus a Moisés? A doutrina do Cristo não se acha contida no Decálogo? Dir-se-á, por isso, que a moral de Jesus era inútil? Perguntaremos, ainda, aos que negam utilidade à moral espírita: Por que tão pouco praticada é a do Cristo? E por que, exatamente os que com justiça lhe proclamam a sublimidade, são os primeiros a violar-lhe o preceito capital: o da caridade universal? Os Espíritos vêm não só confirmá-la, mas também mostrar-nos a sua utilidade prática. Tornam inteligíveis e patentes verdades que haviam sido ensinadas sob a forma alegórica. E, justamente com a moral, trazem-nos a definição dos mais abstratos problemas da psicologia.”

*O Livro dos Espíritos
Item VIII – conclusão (trecho)*

Os dois mil anos do Evangelho na Terra marcam um período decisivo na expansão de sua mensagem para a Humanidade.

A história dos ensinamentos de Jesus guarda uma relação alegórica profunda com a tragédia do Calvário em três etapas bem definidas, quais sejam: a prisão, a crucificação e a ressurreição.

Numa primeira etapa desses dois milênios, assistimos ao aprisionamento da Boa Nova aos caracteres do intelectualismo, da traição, do poder, que foram constritores instrumentos da política; o “jogo do interesse” subornou a ingenuidade e comprou a pureza dos

corações com ilusões e favores.

Na etapa posterior, encontramos a crucificação da mensagem cristã ao madeiro humano e transitório das convenções dogmáticas que motivaram a salvação e oficializaram a intolerância e o fanatismo; a esse período nominamos religiosismo.

Estamos inaugurando, às vésperas do terceiro milênio, o período ético das lições do Senhor. É a ressurreição magnificente da fé em bases racionais e moralizantes, que gera a mudança do comportamento.

Nesse período ético da mensagem cristã, encontra-la-emos despida da interferência aprisionante da política e do formalismo religioso exterior.

O Evangelho, que foi aclamado e reverenciado pela política e pela religião, também o será pela ciência no terceiro milênio. O método e a pesquisa, o raciocínio e a experimentação conceder-lhe-ão, nos séculos vindouros, o título glorioso de um tratado ético completo para a ordem social, a felicidade e a paz perseguidas pelo homem.

Jesus, Guia e Modelo, deixou estabelecido o cânon ético-universal, não pertencendo a nenhuma instituição perecível o seu conteúdo.

Mais do que nunca, nesse período de ressurgimento, assinalamos o homem espiritual cansado e oprimido na busca por Deus através do Novo Testamento. Conquanto a força implacável do materialismo, o homem pugna em clamores pelo espírito da moral e dos bons costumes para a regência de uma ética relacional de bem e honestidade. E Jesus é o nome mais mencionado.

Nesse contexto, coube ao Espiritismo a missão de ser o primeiro degrau para o entendimento da Boa Nova sob o prisma da lógica, do bom senso e da razão, caracterizando com excelência os textos evangélicos com uma exegese lúcida e plena de habilidade para extrair a essência, eminentemente profunda e libertadora, da moral sublime das parábolas, do Sermão da Montanha, das cartas paulinas e de fatos extraordinários da vida do Cristo.

Apesar de a Doutrina constituir o ressurgimento e atualização da moral cristã, preciso se labore por estabelecer pontes entre o conhecimento espiritual e todas as fontes de saber humanos, a fim de que essa chave trazida pelos espíritos superiores se estenda a outras plagas, levando lenitivo e espiritualizando os variados segmentos do

saber da humanidade.

O Terceiro Milênio se deflagra e o ressurgir do Calvário se efetua plenamente na antevéspera da Era Nova.

É Jesus-mensagem, livre do despotismo e do interesse, que se apresenta sob os auspícios da imortalidade, assim como o fez com Maria Madalena, a mensageira da vida imortal.

Essa inexistência da morte, que terá o aval da pesquisa científica, fará com que o texto mais corrompido da Humanidade seja declarado como o compêndio da saúde, do bem, da liberdade autêntica, e então compreenderemos melhor porque a moral espírita é toda estribada na Boa Nova.

Os trabalhadores espíritas carecem de uma reflexão mais acurada sobre a urgente necessidade de resgatarmos o elo e o contato com estudos espíritas do Evangelho.

Não se trata de biblismo místico e dogmatizante, longe disso. Mas de descobrir, pelo estudo profundo dos fundamentos doutrinários e por uma visão progressista da cultura espírita, o quanto a hermenêutica pode adquirir uma explanação confortadora e luminosa, motivadora de uma vivência saudável. Esse estudo, seguido de uma meditação, em ambientes apropriados de nossos centros espíritas, constituirá lídimas iniciativas de maturidade espiritual, será o alento imprescindível à nossa caminhada, será o mergulho na intimidade donde extrairemos refazimento e sintonia com as forças superiores da vida.

A questão decisiva é a vivência.

Somente quem fizer da ética de Jesus o seu modo de vida terá como envolver os mais enregelados e sensibilizar os mais distraídos.

Paz a todos.

CÍCERO PEREIRA

CÍCERO DOS SANTOS PEREIRA

Nasceu em 14 de novembro de 1881, no povoado de Gorutuba, próximo à Diamantina – MG.

Além do exercício do magistério, foi guarda-livros, taquígrafo e bacharel em direito.

Foi presidente da União Espírita Mineira (1937 a 1940) e fundador de vários centros espíritas em Belo Horizonte e Montes Claros. Foi um dos fundadores do “Abrigo Jesus”, instituição espírita de amparo à criança carente, na capital mineira.

Foi colaborador da imprensa espírita, especialmente “O Espírita Mineiro”.

Desencarnou em 04 de novembro de 1948, na cidade de Belo Horizonte.

UNIDADE, UNIFICAÇÃO E UNIÃO

Meus irmãos, paz e trabalho a todos nós.

Qual o caminho ideal para a unidade da Doutrina Espírita?

Os rumos já apontados e muito claros são definidos na palavra unificação: unificar esforços, unificar procedimentos, unificar metas, unificar experiências.

Mas, outra pergunta poderíamos levantar a partir dessa resposta: qual o caminho para a unificação?

Já está dito que o melhor caminho é o da união. A união dos que esposam os conceitos do Evangelho do Senhor, à luz da Doutrina Consoladora.

Uma nova pergunta ainda poder-se-ia levantar: qual o caminho ideal para a união?

O trabalho consistente, a ação correta, a vivência do discurso cristão.

É preciso que, nesse contexto de unificação, façamos uma comparação entre a força do trabalho corretamente executado e a força da Instituição em sua feição humana. Muita vez, em função do nosso milenar passado, quando as estruturas institucionalizadas tiveram um valor muito intenso, hoje, mesmo que carreguemos novas propostas no nosso mundo íntimo e espiritual, elas refletem-se muito comum e rotineiramente em nossa individualidade, como uma sombra a empanar propósitos de luz que começam a nascer em nossos corações.

Mas é preciso crer que, mais valorosa e mais sólida que o trabalho correto, não existe nenhuma instituição humana, nenhuma a ele capaz de sobrepor-se.

A instituição humana é necessária para a vida social, para que o homem comum, ainda afeito ao processo de evolução gregária,

possa encontrar formas iniciais de organizar-se, de identificar-se e de posicionar-se. Mas, na justa medida de seu amadurecimento, é preciso que aquele homem, que começa a procurar os caminhos do Cristo, renove-se em conceitos e passe a colocar como a sua maior instituição o trabalho íntimo.

Nesse momento do aprendizado por que passam nossos grupos espíritas, é preciso que acreditemos com mais empenho na força do trabalho honesto, leal e coerente. Como adquirir a verdadeira união, senão por esse caminho? E como fazer unificação sem essa união? Trabalhando lealmente, de forma produtiva, deixando o rastro da exemplificação, transmitindo a vibração de firmeza que embaraça os tíbios. Assim, até mesmo os valores da instituição que ainda tanto nos influenciam, fazendo-nos vacilar às vezes, vão amoldando-se à força produtiva do serviço. Essa força de trabalho é a Instituição do Cristo. Esta mudança, com certeza, é uma questão de tempo.

No Sermão Profético, ao sentir nos discípulos, ainda insipientes, a forte impressão que lhes causava a estrutura do templo, disse o Senhor que não ficaria pedra sobre pedra que não fosse derribada ⁽¹⁾, embora aquela obra humana tivesse sido edificada com labor e carinho, mas servindo, apenas, aos objetivos primários do processo evolutivo. Mais tarde, Ele mesmo diria em linhas claras que nossa instituição seria a do amor, no campo íntimo.

Recordemos essas observações nos instantes da dúvida, para que a nossa crença e a nossa fé sejam depositadas naquilo que é eterno, no que é duradouro, e que, efetivamente, pertence-nos. A instituição humana não é nossa; passageira, falha, vai desaparecer um dia. Tal experiência transformar-se-á, contudo, na nossa intimidade, em conquista inalienável.

Rendamos, pois, nossos melhores esforços na crença ao serviço correto antes de aos nomes institucionais.

A unificação, quando o homem acolher o Evangelho no seu coração, não terá o patrocínio institucionalizado. Neste contexto futuro, o relacionamento será entre irmãos, e não entre espíritas ou religiosos.

Nós que estamos tendo a oportunidade, pelo volume dos nossos compromissos e pela bagagem das nossas experiências transatas, de comprometermo-nos com uma nova era, servidores menores de uma nova etapa, embora trabalhadores de última hora, agradeçamos a Deus a benção de, mesmo carregando extensa folha de compromissos, ainda podermos fazer parte desse tempo

e de sermos semeadores dessa nova fase para os trabalhos doutrinários.

O compromisso evidentemente é pesado para todos nós que estamos nos habilitando ao trabalho, mas na lembrança do Senhor, não é maior do que os nossos ombros podem suportar⁽²⁾.

Avante com firmeza, creiamos cada dia mais no valor e na força do trabalho. Nós, que aqui no mundo espiritual encontramos, afiançamos os esforços com uma única palavra de estímulo, ao lhes dizer que, quando estivermos juntos em seu retorno ao nosso ambiente, é que poderão os nossos irmãos avaliarem, como nós podemos hoje, a cadeia de conseqüências da força motriz de um trabalho honestamente levado à frente.

Avante, irmãos, com ânimo forte, crença fidedigna, coragem, franqueza fraternal e sacrifícios, sempre que necessários, sem esmorecer um só instante.

Que Deus nos guarde intemoratos no serviço do bem, e que nos ofereça, nos momentos do testemunho, a coragem que tanto precisamos.

Do servidor menor, o abraço de paz e fortalecimento.

IVON COSTA

(1) Mateus, 24:2

(2) Mateus, 11:30

IVON COSTA

Nasceu em 15 de julho de 1898, na cidade de São Manuel, hoje Eugenópolis - MG.

Diplomou-se em medicina. Era também poliglota, falando o francês, inglês, alemão e espanhol.

Notável conferencista espírita, proferiu palestras em todas as capitais brasileiras e também em vários países europeus.

Desencarnou em 09 de janeiro de 1934, na cidade de Porto Alegre - RS.

Capítulo 38

FARANDOLAGENS RELIGIOSAS

“(...) pois que sois semelhantes aos sepulcros caiados, que por fora realmente parecem formosos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos e de toda imundícia.” Mt. 23:27

A nova era da humanidade terá de se concretizar conforme as determinações Divinas. Contudo, somente despindo-se o homem das suas experiências malogradas é que os tempos novos surgirão. Entre esses muitos experimentos humanos, um grande apelo dos céus desce em direção a nossa consciência espírita, conclamando rumos novos sem perda de tempo. São as farandolagens religiosas! A terminologia farandolagem sugere a idéia das vestes rotas, maltrapilhas, fantasias.

No campo moral temo-las muitas: farandolagens da hipocrisia, da vaidade, da teimosia, do despotismo, e outras.

O egoísmo humano é o grande motor das fantasias morais que pesam decisivamente na caminhada evolutiva. Mas, conquanto as muitas farandolagens de nosso homem velho, as “vozes” do Mais Alto têm sido incisivas em alertar com veemência quanto a essa veste secular de nosso organismo social e íntimo, que se expressa nas fantasias morais revestidas de religiosismo.

As farândolas religiosas originaram-se na petulante hipocrisia que aprendemos a viver dentro das ordens sacerdotais e sacras da história humana, que fizeram sulcos profundos na nossa estrutura mental. Hoje, até com mais intensidade, insinuam-se na nossa atividade doutrinária espírita, sutilmente disfarçadas em atitudes comuns e aceitáveis, freqüentes entre nós, espíritas encarnados e desencarnados.

Consideremos o hábito do discurso sem a prática. Falamos,

não fazemos e nos travestimos em uma roupagem de desculpismo sistemático que está sempre a justificar-nos, levando-nos a outras tantas farandolagens inconseqüentes.

Relembremos o hábito pernicioso de assumir cargos e responsabilidades, mas não desempenhando os objetivos e funções a nós atribuídos, descurando com grande indiferença das tarefas delegadas. Assim, ficamos vestindo a casaca elegante da queixa quanto à ausência de servidores, para que também nada façamos.

Verifiquemos nosso vício milenar de conquistarmos o albergue do conforto para somente depois, tão somente depois, podermos servir a Deus conforme nossas conveniências, colecionando em nosso armário das roupagens morais a lamentável vestimenta da preguiça disfarçada em necessidades, que nada mais são que exigências ou condições para trabalhar.

São muitas as farandolagens religiosas adquiridas em nossas vivências seculares. Diante disso, perguntemos a nós mesmos: faremos novamente no Espiritismo o papel figurativo do Novo Testamento de muros pintados de branco por fora e sujos por dentro? Até quando guardaremos obstinadamente a nossa postura infantil de receber os benefícios de nosso Pai, sem nada oferecer em troca?

Essa é a hora. O Espiritismo conclama homens e mulheres valorosos, dispostos a servirem sem impor condições e a se despirem desses ornamentos que ainda tanto prejudicam nossa Seara.

Cuidemo-nos, pois a oportunidade do serviço espírita-cristão, em plena fase de alicerçar as balizas da Nova Era, é verdadeiro talento de Deus concedido como empréstimo do qual, a seu tempo, prestaremos contas justas.

Relembremos algumas pérolas que a experiência doutrinária tem nos ensinado. Elas servirão como antídotos preciosos a essas movimentações infelizes e mantenedoras de nosso homem velho:

- Desenvolver o costume da auto-reflexão para checar se estamos vivenciando o que temos aprendido.
- Cuidar para reprimirmos a queixa em nós e usar a inteligência para apresentarmos soluções, amenizando problemas.
- Evitar relacionar dificuldades para o cumprimento da tarefa, buscando sempre encontrar rumos que contornem obstáculos para que não percamos oportunidade.
- Guardar conosco a consciência de que, quem deseja servir

a um Mestre que deu a vida física por um ideal, jamais terá uma vida de facilidade, se quiser chegar à felicidade.

- Procurar sempre o lado bom de tudo e de todos.
- Compreender que unidade doutrinária não significa uniformidade de estilos e de enfoques.
- Exercitar sempre a franqueza dirigida com fraternidade, evitando provocar melindres, porque construímos farandolagens enfermigas junto a muitos corações que conosco convivem na atualidade.
- Servir à causa Divina acima da instituição humana quando não for possível atuar nas duas em comum.

São algumas idéias com as quais esperamos, com muito fervor, termos contribuído para nossa reflexão nessa ocasião.

Rogamos a Deus, nosso Criador, que nos fortaleça para despirmo-nos das farândolas pesadas de nosso passado, alcançando com nossa melhora a conquista da Túnica Nupcial ⁽¹⁾ referida pelo Mestre na Boa Nova, que haverá de nos trazer paz, liberdade e muita alegria.

PEDRO DE CAMARGO (VINICIUS)

(1) Parábolas das Bodas, Mt 22:1 a 14

PEDRO DE CAMARGO (VINICIUS)

Nasceu em 7 de maio de 1878, na cidade de Piracicaba - SP.

Foi conhecido pelo pseudônimo de “Vinícius” por mais de cinquenta anos. Sem dúvida, foi o maior educador e evangelizador espírita de nossos tempos.

Deixou-nos obras literárias como: “Em Torno do Mestre”, “Na Seara do Mestre”, “Nas Pegadas do Mestre” e “Na Escola do Mestre”.

Chegou a ser presidente da União Federativa Espírita Paulista e por mais de uma década diretor de “Semeador”, órgão da FEESP, fundado em 1944.

Compôs o grupo de seareiros que conduziram a criação do Conselho Federativo Nacional.

Desencarnou em 11 de outubro de 1966, na cidade de São Paulo.

Capítulo 39

POR QUE ELES?

Nas fileiras do serviço espírita, erigistes laços de afeto e carinho com aqueles que partilham contigo as horas de alegria e aprendizado. O tempo flui e intensificam-se as amizades, estreita-se a convivência, e tudo parece-te um elo familiar de longas eras.

Porém, chega o momento rude de tuas provas necessárias à elevação moral. Os elos afetivos dos cooperadores de ideal são abalados. Tribulações inesperadas colocam-te, e também aos amigos de lidas doutrinárias, em indesejável situação.

Donde menos aguardavas, e donde menos esperavas, surgem as ofensas, as calúnias, as reações lamentáveis da inveja...

Surpreende-te e sofres a perguntar: Por que eles? Por que justo dos que mais amas partem as farpas e dardos tóxicos de desamor? Por quê? A história se repete. É sempre no círculo mais íntimo de nossa convivência que aparecem os desertores, os traidores, os dilapidadores.

Guardas contigo expectativas para além das reais possibilidades de recursos morais daqueles que te ferem. Quanto mais tiveres contigo a convivência de entes amados, mais se desenvolverá, no jogo das relações, um binômio de forças recíprocas a demandar de ambos uma expectativa não declarada de esperanças, com as quais se cria uma imagem mental daqueles com quem convives, a partir da qual toda tua experiência com aquela criatura passa a ser tutelada por essa força sutil dos campos mentais.

Sendo assim, nutre o amor incondicional.

As expectativas acentuadas para com aqueles de tuas lições expressam apego e sentimento de posse. Inversamente proporcional é o amor incondicional que permanece sem contabilizar créditos e débitos.

Envolve-te nesse amor e perceberás que, desatrelando-te dessa vinculação dolorosa, harmonizar-te-ás com as fontes

superiores da vida e, então, pelas vias da aceitação e do perdão, te colocarás em posição elevada de liberdade dos grilhões do ressentimento e da injúria.

Amar nessas condições é sobrepor tudo que esperavas de todos com quem viveste os momentos de tua espiritualização.

Enquanto houver de tua parte os sentimentos inferiores de mágoa e rancor, angústia e saudosismo, é sinal de que há em teu mundo íntimo cobranças e pendências que atribuis àqueles que, no rol de tuas reflexões, foram-te verdugos.

Perdoa e segue adiante.

Liberta-te das ondas destruidoras do afeto condicional. Também eles esperam de ti, e sentem-se muito lesados. Daí a importância da guarda mental e vigilante sempre que deles lembrares.

Busca o trabalho, persevera.

Nem todos vão partilhar teu ideal, como não vais, igualmente, compartilhar com todos os ideais que lhes inspiram.

O tempo e a oração são tuas alternativas divinas.

Na hora de maior solidão, em que te agravares o sentimento infeliz da ofensa, e quando indagares a Deus: por que, Senhor, logo dos que mais amamos sofremos os duros golpes da indiferença? Então nessa hora, lembra Jesus, o Divino Amigo do amor incondicional; traído, negado, crucificado, passou as maiores dores, justo da parte dos que mais amava. Lembra-te dele e peça em oração:

Jesus, auxilia-me para que me nutra nas fontes da compreensão.

Dá-me, ó Senhor, as condições imprescindíveis para cultivar o amor sem exigências.

Ampara-me para que tenha as forças necessárias para aceitar meus amigos como são e poder amá-los, cada qual na sua condição.

Senhor, fortifica-me para o perdão e cede-me as benesses de vossa bondade para alimpar o visco de minha amargura.

Mas, se eu não lograr compreender, luminifica minha mente e coração para que eu prossiga e possa, com o tempo, abraçar em amor verdadeiro a quantos me feriram.

Senhor, na tua paz quero me guardar,

Assim seja.

PEDRO HELVÉCIO

Jovem integrante da mocidade espírita “O Precursor” da União Espírita Mineira.

Desencarnou entre os 19 e 20 anos, deixando marcas indeléveis em todos que com ele conviveram.

Demonstrou, desde as primeiras participações, muita lucidez e profundo amor aos registros do Evangelho, tendo incentivado a criação de reunião de estudo do Novo Testamento, que ainda hoje se realiza na União Espírita.

Muito frágil, portador de problema cardíaco que o levou à desencarnação, apresentava, todavia, surpreendente vitalidade espiritual.

Era assíduo participante das tarefas assistenciais, com visitas semanais à favela para a evangelização e atendimento às famílias, além das visitas à penitenciária de Neves - MG.

Seu verbo era fácil e muito rico em imagens dos ensinamentos de Jesus.

Seus exemplos de humildade e comprometimento com o Evangelho indicavam que por traz daquela aparência frágil e jovem existia um espírito forte e de grande maturidade espiritual.

UNIFICAÇÃO E FRATERNIDADE

Nessa oportunidade, tomaremos por base, para nossos apontamentos, um episódio vivido em nossas lições na Vida Espiritual.

Foi numa noite inesquecível. Tivemos a alegria de contar com a palavra experiente e amorosa do grande paladino da unificação, o irmão Bezerra de Menezes. Nessa palestra, ele versava com maestria sobre “A unificação nos Tempos Atuais”, quando no findar de sua explanação alguém indagou:

“Meu irmão, quando na terra servi as fileiras do Movimento Unificador, aprendi que unir idéias, pontos de vistas e experiências individuais em torno do corpo Doutrinário não é tarefa fácil. Muita vez, leva-nos a revolver todo um complexo de interesses, sentimentos e desejos muito amplos que, por fim, quase sempre nos leva a relações inamistosas e adversas, fugindo do clima de harmonia dos ensinamentos espíritas. Diante disso, meu irmão, indago-lhe: Qual o limite? Até onde devemos esforçar-nos para garantir com fidelidade a finalidade da unificação?”

O nosso benfeitor, de coração muito sereno e confiante na resposta, disse:

“O limite, meu filho, é a fraternidade. Quando nossos esforços e puras intenções nesse setor acabam por gerar a suscetibilidade ferida, o sectarismo de grupos, ou ainda, as manobras infelizes das estratégias de domínio e poder, então é chegado o tempo da fraternidade”.

“A unificação é um desafio - seguia Bezerra a discorrer - e como desafio, podemos qualificá-lo como prova dentro da conceituação da codificação”:

- Prova de Paciência;
- Prova de Amor;

- Prova de Perdão;
- Prova de Disposição a servir;
- Prova de Abnegação e Renúncia;
- Prova para a Fraternidade.

“É necessário aos lidadores da iniciativa em questão que façam o doloroso, porém, urgente e indispensável aprendizado que chamamos de “Coração Silencioso”, ou seja, saber calar as emoções perturbadoras da raiva, do melindre, da discórdia, controlando-as e sublimando-as ao influxo da oração e do tenaz esforço de superação, para que a palavra fale e o coração alterado canalize suas forças em clima de renovação.

A boa palavra, a palavra fraterna também dirige o sentimento.

Na hora do tumulto e do testemunho, faz-se mister sempre a boa e amiga palavra como significativo exercício de fraternidade, e sinal de disposição ao entrelaçamento, à postura de aceitação.

Fraternidade não tem o sentido da omissão, da conveniência, da aceitação de propostas advindas da vaidade humana, ou ainda, do cultivo da amizade condicionada a concordâncias.

Fraternidade é ação dinâmica de busca da relação de amor e solidariedade.

Os tarefeiros da unificação devem aprender a lição da fraternidade se desejam ser úteis à causa.

Quando em nossas experiências na terra, tive a felicidade de exercitar uma técnica que a mim muito furtou de escabrosos processos de sofrimento e de climas adversos. Costumava falar de meus sentimentos discordantes com franqueza e equilíbrio, assim, conseguia expor sem ferir, discordar sem agredir e propor sem impor.

Contudo, até chegar aí, tive o treino do “Coração Silencioso” como ferramenta útil.

Hoje, ainda mais, a sagrada tarefa da unificação exige de seus colaboradores assumirem este desafio de resistência.

Quando o irmão finalizou sua palavra, rememorei meus tempos na Seara Espírita e, passando em revisão minhas ações, pensei comigo: Ah! Meu Deus! Com exatidão, lembrei dos instantes de luta e de quantos dissabores poderiam ser evitados se eu tivesse sido

mais fraterno. Agora, falando aos amigos matriculados na escola que palmilhei, só me alegro de podê-los advertir sobre essa tão aclamada fraternidade.

E a unificação legítima só se faz nesse clima. Somente passando essa mensagem no nosso proceder é que nos colocaremos em condições de apresentar-nos uns frente aos outros, em nome de Jesus, no serviço laborioso da unidade Doutrinária e Evangélica.

Pensem nisso agora, nas horas de decisões, e depois, quando os trabalhos forem planejados.

Cargos não têm a representatividade da ação fraterna e consciente.

Disse Bezerra: “A unificação é um desafio.” E nós comentamos: aceitemos esse desafio. Ele não é fácil, sem dúvida. Ele não é indolor, isso é inquestionável. Mas é regime seguro de libertação para os que o aceitem, sobretudo, em ambiente da mais pura fraternidade.

A lição da noite lembra-nos Paulo: “Não sabeis que um pouco de fermento faz levedar toda a massa?” ⁽¹⁾. Usemos o fermento da fraternidade, mesmo que pouco!!!

NORALDINO DE MELLO CASTRO

(1) I Coríntios, 5:6

NORALDINO DE MELLO CASTRO

Nasceu em 7 de novembro de 1908.

Foi jornalista, escritor e conferencista.

Exerceu o cargo de vice-presidente da União Espírita Mineira por mais de 21 anos.

Signatário do “Pacto Áureo” em 05 de outubro de 1949, teve uma ampla

atuação junto ao movimento de unificação mineiro.
Desencarnou em 05 de novembro de 1987.

Capítulo 41

MESA FARTA

“ E os escribas e fariseus, vendo-o comer com os publicanos e pecadores, disseram aos seus discípulos: Por que come e bebe ele com os publicanos e pecadores”?

Mc. 2:16

Fariseus e escribas continuam, em todos os tempos, indagando sobre a atividade de Jesus.

Em que ambiente se encontrava Jesus? Por que se misturava a tanto desleixo moral?

Os fariseus das atitudes hipócritas, os escribas do conhecimento enregelado, ainda hoje, injuriados e críticos contumazes, continuam a falar das atitudes dos mais sábios e dos mais firmes.

Muitos podem ver, nesses episódios da vida de Jesus, um momento de pobreza e rebaixamento.

Em que mesa farta se encontrava o Senhor!

Farta de trabalho e necessidades.

Ali estavam juntos a hipocrisia, a cultura inóspita, os cobradores de tributos alheios e os pecadores deliberados.

Em que mesa farta se encontrava o Mestre!

Essa mesa de serviço lembra-nos a casa espírita que reedita esse quadro de carências nas suas mais diversas expressões. Nela encontramos também todos esses personagens da vida moral, e aí também temos os que, com sua ação correta no bem, personificam a atitude zelosa de Jesus.

Todos os que buscamos na mensagem do Evangelho os recursos de crescimento devemos estar atentos ao exemplo dessa passagem.

O ambiente de redenção e trabalho nem sempre será o Tiberíades, o Mar da Galiléia, ou as montanhas do sermão.

Naquela ocasião, a despeito de Jesus encontrar-Se na “Mesa Farta”, temos de destacar a adversidade do ambiente.

Hostilidades, superficialidades, sentimentos escusos e interesses mesquinhos, essa era a comida e a bebida dos necessitados daquela hora.

Nesse ângulo de análise, o espiritista cristão deve verificar, nas ambiências de luta e clima inamistoso da instituição doutrinária, o seu campo de serviço.

A casa espírita carece daqueles que tomem a atitude do Senhor, a fim de que nessa Casa de necessidades espirituais possam todos encontrar “bebida e comida” novas, nas diretrizes de conforto e iluminação espiritual.

Não esperemos, nos terrenos da organização espiritual, que tenhamos sempre o banquete da afinidade ou a recepção inesgotável de bênçãos e favores.

Passado o instante do chamado, é a hora do serviço. Jesus espera de todos os seus discípulos o banquete do serviço incondicional e a participação abnegada da sua Seara.

Aquela “mesa” era a casta de Levi. Ele fora chamado e, ali mesmo, o Senhor iniciou seu ministério, apontando ao novo seguidor que, no próprio ambiente do seu lar, a uma nova ordem de tributo ele teria que se render.

Paz e harmonia.

GIL JOÃO DE LIMA

GIL JOÃO DE LIMA

Espírita militante, foi presidente da Aliança Espírita de Belo Horizonte. Orador inspirado, portador de várias faculdades mediúnicas e um incentivador do estudo do Evangelho à luz da Doutrina Espírita.

Foi um dos fundadores da Fraternidade Espírita Paulo de Tarso em Belo Horizonte, entidade que há mais de 40 anos vem prestando seus serviços à comunidade da capital mineira.

NO ESCUDO DO EVANGELHO

Irmãos e Irmãs, que Jesus nos abençoe nessa hora.

Este é um instante de decisão, é a hora da coragem, é o instante da grande batalha. Nossas armas, não como outrora, serão sim, as armas do Evangelho, as armas íntimas da definição, da certeza e da confiança.

A luta que hora enfrentamos é a de deixar claro, tão claro quanto nos trouxe Allan Kardec, a atitude espírita límpida, isenta do farisaísmo pernicioso que durante milênios fez parte da nossa personalidade. Sem esta postura, nós, os responsáveis pelos rumos da valorosa Doutrina Espírita, não haveremos de vencer...

Evidentemente que a coragem não poderá ser revestida dos termos mal dirigidos, do clima da antifraternidade ou mesmo do desrespeito aos valores alheios. Contudo, ela deverá se fazer presente sempre nas nossas ações e nos nossos planos.

Quando escudados no Evangelho, nada devemos temer; quando pautados nas intenções nobres do serviço despretensioso prestado à causa, nada deve nos deter.

Marchemos confiantes. Nosso Grande Comandante observa-nos atento. O Mestre nos segue os passos, corrigindo as falhas, mas, sobretudo, endossando os nossos atos de destemor e firmeza.

Muitos caminhos ainda devem ser abertos, a luta só se inicia. Muitos tarefeiros novos convocados pelos planos superiores serão, sem sombra de dúvida, os pioneiros de uma nova era, os arregimentadores estratégicos de um novo tempo para o nosso movimento espírita, embora isso pouco lhes importe. Mas é aí que, mais uma vez, é preciso mencionar a firmeza dos propósitos, a transparência dos sentimentos, a limpidez das ações.

Na retaguarda estaremos todos nós, os servidores da nobre causa, evitando os erros dos impropérios que circulam em torno das

atitudes corajosas de quem serve a Jesus. Estaremos neutralizando, tanto quanto possível, os males ardilosos sustentados por aqueles que ainda têm suas mentes aprisionadas ao sectarismo, por aqueles que ainda se encontram encarcerados a um “Espiritismo de partidos”, alterando os rumos nobres de quando foi entregue pelo Codificador o abençoado granito da codificação.

Por isso, onde a flâmula tremulante, vibrante do Evangelho se fizer presente, atendendo aos apelos do Mais Alto, lá estaremos nós, seja no norte ou no sul, no leste ou no oeste, nesse torrão fértil do Evangelho que é o Brasil, atacando em defesa, montando nossa guerra íntima. Sobretudo, usando as divisas da Boa Nova, nos roteiros traçados pelo Mestre, para que os nossos sejam ataques não beligerantes, mas ataques de fidelidade.

Essa é a grande hora. Estaremos sempre apoiando as atitudes corajosas, os planos destemidos, desde que eles se resguardem na mais lúcida consciência evangélico-espírita. Isto, porque é chegado o tempo de descortinarmos, no seio do nosso próprio movimento espírita, os valores mais fiéis, mais originais, e que possam representar no futuro a verdadeira consciência espírita.

Em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”⁽¹⁾ vamos encontrar a referência feita sobre os Obreiros do Senhor. Deus já colocou o selo nos seus servidores e entregará os postos mais difíceis do Espiritismo a estes. Meditemos naquele trecho, pois é de extraordinária oportunidade às nossas reflexões.

Quando muitos procuram vantagens e facilidades no seio do serviço espírita, a afirmativa kardeciana, justa, porque assinada com o propósito de Jesus, diz-nos exatamente dos desafios, dos obstáculos que teremos de transpor.

Hei-os agora. Vamos servir. Estaremos sempre a postos na batalha do Evangelho. Vamos empunhar essa baioneta da vontade e disposição revestida de amor e equilíbrio, que espelhe ao ser alheio uma reflexão, um repensar.

Prossigamos irmãos amados, nesta tarefa árdua, porém compensadora. Continuemos fazendo o melhor. Ninguém está pronto para o serviço, todos estamos aprendendo. Não seremos somente felizes. Teremos instantes em que nossas ações serão revistas para melhorias, mas prossigamos sempre, porque o ato de prosseguir destemido nos seus ideais é a maior prova da coragem de alguém que acredita naquilo que defende.

Não fosse assim, Jesus, nosso tutor maior, teria motivos de

sobra para parar; Allan Kardec mal começaria sua tarefa e outros destinos o encaminhariam a ser somente um brilhante professor. Que Deus nos guarde nesta hora de luta que sobretudo se faz no íntimo de nós próprios.

Ensariemos as nossas armas e vamos avante.

Paz a todos. O servidor menor,

EWERTON QUADROS

(1) Capítulo XX -item 5

FRANCISCO RAIMUNDO EWERTON QUADROS

Nasceu em 17 de outubro de 1841, na capital do Maranhão.

Foi Marechal do Exército Brasileiro e doutor em engenharia.

Participou ativamente da Federação Espírita Brasileira, e foi eleito seu primeiro presidente (1884-1888), antes de ceder o posto ao Dr. Bezerra de Menezes.

Colaborou no “Reformador” e em outros órgãos da imprensa espírita.

Deixou-nos várias obras literárias, como: “História dos Povos da Antigüidade”, “Os Astros”, “O Espiritismo”, “As manifestações do Sentimento Religioso Através dos Tempos”, “Catecismo Espírita” e outras.

Desencarnou em 20 de novembro de 1919, na cidade do Rio de Janeiro - RJ.

Capítulo 43

NAS FONTES DO AMOR

Filhos do meu coração, entreguem-se aos braços amorosos e misericordiosos de Jesus, nosso Mestre maior, e deixem-se envolver pelas ondas avassaladoras e infinitas do amor sublime.

Possam nossos queridos irmãos movimentar-se nas vibrações desta onda de amor que a tudo resiste, a tudo sobrevive e sempre vence.

Em todas as reflexões, ponderações, falas e atitudes coloquem os nossos irmãos o amor como a cobertura perfeita a refazer os ajustes necessários para a convivência pacífica na obra do Cristo. Se dizemos convivência pacífica, é porque a Lei natural é a Lei de Amor.

Se por alguns momentos rápidos e passageiros nossos irmãos encontram-se enredados em lutas e conflitos, não estão esses mesmos incluídos na Lei de Amor? Porque se na Sublime Lei tudo perdamos, então, tudo entendemos e, sobretudo, no Cristo confiamos.

As dificuldades na Seara unificacionista são de natureza humana e encontram raízes nas imperfeições pessoais. No mundo físico onde os contrários se atraem, todos se encontram atraídos e enredados na sintonia das imperfeições mútuas e sustentados pelos anseios grupais de progresso, de crescimento e de trabalho.

Separem, portanto, queridos irmãos, aquilo que lhes é pessoal dentro das lutas e embates do movimento espírita, isolando esses focos na cobertura do amor, para que eles não se espalhem no organismo doutrinário, gangrenando as expectativas do plano maior no campo da instrução e da consolação.

Uma vez assim tratadas, isoladas pela membrana impenetrável do amor, as pústulas que ainda trazemos em nosso íntimo, como as do orgulho, da vaidade, do egoísmo, do personalismo serão devidamente transformadas na fraternidade, na compreensão e no

amor ao próximo.

Portanto, meus irmãos, protejamo-nos uns aos outros nesta cobertura de amor para que as nossas chagas, que ainda são muitas e todos nós carregamos, possam ser tratadas eficazmente através do processo de sustentação mútua.

O Divino Médico de nossas almas necessita das vossas mãos operosas no campo físico para efetuar esta assistência recíproca. Não ocupem os vossos braços, as vossas mentes, as vossas mãos digladiando-se uns com os outros. Sejam eles, nas mãos dos amigos espirituais, os instrumentos necessários para exercerem a extração das imperfeições mútuas. Mas que estes instrumentos não tenham a rudeza do aço, mas sim, sejam orientados no sentido de valorizar o restante do organismo sadio.

Muito se espera nestes anos vindouros de todos os trabalhadores do Cristo. Que os nossos irmãos saibam, portanto, aproveitar as aparentes imperfeições alheias, transformando-as em valores construtivos para a base da Nova Era que se inicia em breve tempo.

Meus irmãos, já se foi o tempo em que lançávamos ao fogo aqueles instrumentos parcialmente inadequados e deficientes.

Nestes tempos de transição, somos chamados a trabalhar em momentos e ambientes adversos como instrumentos imperfeitos, porém, úteis e eficazes.

Todos vós enquadrar-vos neste contexto, sem exceções. Portanto, dilatam os vossos olhos a fim de compreenderem o que de bom existe na atitude de cada companheiro. Todos são do Cristo! Todos querem o bem da Doutrina. Necessário se faz o entendimento e a luz.

Rogo a Jesus que ampare os nossos irmãos na execução dos caminhos propostos e que, sobretudo, a vontade de Deus encontre, em vossas mentes e corações, um campo fértil de sintonia e de assimilação.

Os nossos irmãos ajam com zelo, mas não com excesso de zelo. Ajam com cautela, mas que esta cautela não expresse a indiferença e o desvalor. Sejam prudentes, mas que esta prudência não expresse a maldade que ainda reside em muitos corações. Que os nossos irmãos sejam mansos, mas que jamais sejam coniventes com os adversários do bem e do trabalho.

Muitas vezes alguns companheiros se perguntam se teriam o

perfil necessário e essencial para o envolvimento com questões tão intrincadas, delicadas e íntimas, com repercussões tão extensas no campo do trabalho doutrinário. E eu vos digo, meus irmãos, que se vocês ainda não adquiriram o perfil, não foi por falta de oportunidade, mas sim por terem negligenciado os momentos de trabalho que lhes foram confiados.

Tenham vocês o valor íntimo ampliado e colocado em ação a favor dessa nova proposta, porque a espiritualidade muito conta com todos vocês, em todos os setores, em todos os postos, em todas as frentes de trabalho.

Prossigam todos porque nós também prosseguimos sustentados pelo Cristo hoje e sempre.

Que assim seja.

OSVALDO MELLO

OSVALDO FERREIRA DE MELLO LUIZ

Oswaldo Ferreira de Melo Luiz nasceu em Florianópolis (SC), em 21/07/1893 e desencarnou em 25/07/1970.

Escritor e jornalista, fundou a Federação Espírita Catarinense, da qual foi presidente por 23 anos. Secretariou a reunião realizada na Federação Espírita Brasileira, da qual resultou, em 05/10/1949, o Pacto Áureo de unificação do Espiritismo no Brasil.

Consta desses anais que Oswaldo Melo, num momento decisivo para a concretização desse Pacto importantíssimo para o Movimento Espírita, foi médium de Guilon Ribeiro, em reunião íntima com os companheiros da caravana, quando este afirmou ser chegado o momento daquele grandioso passo.

Capítulo 44

TESTEMUNHO SACRIFICIAL

“E ele disse: Vem. E Pedro, descendo do barco, andou sobre as águas para ir ter com Jesus. Mas, sentindo o vento forte, teve medo...”

Mt., 14: 29 e 30

A narrativa de Mateus leva-nos a meditações oportunas sobre os testemunhos dos modernos cristãos.

Pedro fora convocado por Jesus à prova de fé, quando enunciou o “vem”.

“Descendo do barco”, diz o texto. Como extrair dessa simbologia um conceito espiritual?

O barco de Pedro, que é também o de todos nós em crescimento e ascensão moral, é o recurso justo e necessário para a navegação segura. Contudo, Jesus chama-nos à ação incomum de andar “sobre as águas”, como a declarar que os obreiros do reino do amor serão convidados a servir para além das linhas do dever e das facilidades.

Nessa ótica, o barco pode significar as facilidades, a inteligência, o destaque e tudo aquilo que embora sejam conquistas justas, passa a constituir mordomias frente aos testemunhos sacrificiais que o Mestre espera, na obra de construção dos tempos novos, na implantação da paz tão desejada pela humanidade.

Reflitamos na necessidade desses testemunhos, se de fato ansiamos servir nas nossas lides espiritualistas.

Quantos de nós, usando das facilidades de toda espécie, guardamo-nos a fazer a travessia das provas de serviço doutrinário com um sorriso largo? Todavia, descendo do barco das sobras de tempo, de moedas, de cargos e posições, das vantagens de toda

estirpe é que, então, o servidor terá ensejo de provar sua fé frente às rajadas fortes do vento da discórdia, da mentira e da lisonja.

Quanto continuaremos firmes no idealismo ao descermos do barco do destaque e dos aplausos, quando então nos chega o teste da humildade e do serviço incondicional?

Quanto preservaremos a integridade nas responsabilidades, frente à aferição das ventanias, das reprovações às idéias, colocando em cheque a nossa inteligência?

O serviço executado no barco tem importância incomensurável nos estágios de fixação dos valores indispensáveis aos desafios que a todos esperam, na promoção a mais amplos testemunhos nos domínios da espiritualização.

Chega o tempo, porém, do convite imperativo na acústica da alma: “vem”.

Nessa hora, no relógio da eternidade, o discípulo é convocado a servir fora de quaisquer condições de segurança padronizada ou de conforto para o trabalho. É o testemunho no qual o homem reveste-se da consciência lúcida e vence os parâmetros estipulados pela milenar ilusão do menor esforço, lançando-se nos terrenos sublimes do sacrifício de si mesmo para seguir o apelo do Senhor.

Diz o evangelista que, frente ao vento forte, Pedro temeu. É a fé em avaliação.

Qualquer testemunho pelo idealismo passa pela fé íntima e resoluto. Ela, e somente ela, será a força interior de que carecemos nos passos sobre o mar tempestuoso das nossas lutas.

Ante isso, nos instantes em que formos ao encontro das “águas provacionais”, mantenhamos fidelidade aos alvitreiros da vida sem temor, porque Jesus jamais nos chamaria ao mar a fim de que naufragássemos em renúncias que não podemos suportar.

Guardemos a certeza de que os serviços redentores do Espiritismo, nos rumos da restauração do Cristianismo, só terão validade na medida em que aceitarmos a convocação Divina para servir sem condições. Aguardar o barco das facilidades é ainda demonstrar que não conhecemos a profundidade da proposta.

O mesmo medo que fez Pedro afundar nas águas, mais tarde o faria negar a benção do testemunho da convicção.

Arregimentemos nossa coragem e assumamos os desafios a que somos convocados, guardando no coração a certeza de que,

penetrando em direção ao mar desconhecido das novas experiências, estaremos candidatando-nos a tornarmos os proprietários da própria paz.

PADRE VÍTOR

FRANCISCO DE PAULA VÍTOR

Nasceu em 12 de abril de 1827, na cidade de Campanha - MG.

Ordenou-se padre em 16 de junho de 1851. Foi diretor e professor do Colégio Sagrada Família, na cidade de Três Pontas.

Transformou sua residência em verdadeiro “hotel” dos pobres, onde esses eram tratados física e espiritualmente.

Possuidor de grande envergadura moral e cômico de suas responsabilidades cristãs, abraçou a bandeira do Evangelho e o vivenciou.

Desencarnou em 23 de setembro de 1905.

Capítulo 45

O FUTURO DA UNIFICAÇÃO

Caros confrades e amigos de ideal, guarde-nos o Senhor da vinha em sua paz.

O ideal da unificação segue incólume, progressivo. Passaram-se cinco décadas e o pacto se fortalece. Isso ocorre porque origina-se sua fonte em recantos luminíferos de esferas maiores. Mesmo entre lutas e açoites, a despeito de ataques impiedosos, sutis ou escandalosos, guarda o pacto seu objetivo inicial de unir e manter a unidade. O ideal maior de unificação continua envolvendo em sentimentos flamejantes, cada dia, um maior número de adeptos.

A nossa palavra, engalanada com os resultados das cinco décadas, enaltece o momento justo das comemorações e congressos desse cinquentenário de áureas conquistas ⁽¹⁾. Valhamo-nos desse ensejo de encontros e trocas. Façamos projeções quanto ao futuro, pois herdamos do passado tão somente a experiência arregimentada. Que essa bagagem nos sirva também para entabularmos os caminhos a seguir.

Nesse intuito, permitam-me uma metáfora elucidativa quanto aos novos e esperançosos rumos de nosso abençoado movimento espírita. Evidentemente, hoje nosso enfoque é de conformidade com as perspectivas mais amplas por nós alcançadas, agora que nos encontramos reavaliando nossas opiniões e visão sob a égide da imortalidade, sobretudo pelas experiências hauridas com o venerável paladino da unificação, o estimado Adolpho Bezerra de Menezes Cavalcanti.

Tomemos, portanto, o movimento espírita como estrada de acesso ao Espiritismo através de seus labores. Os viajores e grupos que peregrinam em aprendizado somos cada um de nós, e também, cada casa espírita. Os órgãos unificadores seriam postos de atendimento aos serviços de orientação e apoio aos caminhantes da senda. Nessa figuração, temos um clamor dos céus para os viajores

e, igualmente, para esses postos sinalizadores de benesses.

Dos viajores será pedido mais participação, mais ação na condução de suas fileiras de trabalho, sustentando casas espíritas altruístas, abertas.

Considerando a unificação um dever de todo espírita, uma responsabilidade de cada Casa, nunca deveremos restringir essa tarefa ao processo hierarquizante; ao contrário, espera-se maior participação, com atuação consciente e responsável para que se formem células produtivas de serviços, com as quais o organismo da unificação possa contar.

Dos administradores dos postos de atendimento aguarda-se que fomentem os recursos, a fim de que sua representatividade passe a ser mais expressiva; para tanto a palavra de ordem é delegação.

Delegar não significa, como muitos imaginam, demolir ou arriscar. A delegação não implica romper com o que já fora edificado, mas sim aprimoramento do processo administrativo. O sistema de delegação inclui todos os valores acondicionados e já gestados pelo movimento espírita nesses cinqüenta anos. Delegar àqueles com os quais guardamos elos de confiança não se trata de desordem. Porém, devemos chamar a responsabilidades maiores quem apresenta condições de prosseguir, sem os prejuízos das castas, das vaidades humanas.

O futuro de nosso ideal sofrerá inevitavelmente mudanças substanciais.

Houve um tempo de gestação, torna-se conclusivo que agora haja o parto, o nascimento do filho, a colheita do fruto...

Quando na carne vislumbrávamos esses horizontes, não era nossa hora, e talvez, ainda não seja a hora dos que se encontram à frente dos postos. Por isso mesmo, dever-se-ia voltar maiores atenções aos viajores, aos grupos.

O movimento de unificação é um caminho pródigo e promissor, entretanto, em um mesmo caminho há muitas vias alternativas e todas conduzem ao mesmo destino. Frente a esse momento tão rico de conclave e júbilos, façamos nosso balanço, tracemos nossas estratégias e trabalhemos. Uma nova missão aos viajores, uma nova missão aos postos de atendimento delinea-se no horizonte.

Viajores dispostos ao sacrifício, lúcidos no conhecimento espírita e comprometidos com a causa já se preparam para as responsabilidades vindouras.

Aos dirigentes dos postos de atendimento pedir-se-á a coragem de ousar, o desapego das exterioridades e o rompimento com a hipocrisia.

O Espiritismo cristão, para alcançar seus objetivos nobres na Humanidade, carece de homens que estejam dispostos a dar sua vida pelo amor à causa em detrimento da Casa.

Ao terminar nossos apontamentos, ficamos na esperança de havermos, com nossas reflexões, contribuído para que nos aproximemos mais preparados de um tempo que se avizinha.

Postos e viajores, estradas e vias alternativas, todos sem exceção, admitamos ou não, estamos sob as augustas e sábias diretrizes do Mestre. Ele sim é o caminho que nos conduz à Verdade e nos enriquece, na intimidade, a vida.

Meu saudoso e fraternal abraço aos peregrinos e aos atendentes dos postos.

FRANCISCO THIESEN

(1) Referência ao 1º Congresso Espírita Brasileiro realizado em outubro/1999, em comemoração aos cinquenta anos do Pacto Áureo.

FRANCISCO THIESEN

Nasceu em 28 de março de 1927, na cidade de Cruz Alta - RS.

Durante quinze ano exerceu a presidência da Federação Espírita Brasileira, sendo eleito para a primeira gestão em 16 de agosto de 1975.

Sob sua gestão foi lançada, no Rio de Janeiro, em 09 de outubro de 1977, a Campanha Nacional de Evangelização Infante-Juvenil.

Promoveu a modernização do parque gráfico, lançou campanhas do Estudo Sistematizado, aprimorou as zonais, e concluiu a sede da FEB, em Brasília.

Desencarnou em 06 de agosto de 1990.

Capítulo 46

E A SEIVA?

Jesus, o Pomicultor excelso.

A Doutrina Espírita, árvore frondosa e verdejante.

E nós, os serviçais menores da Seara.

O Consolador, qual árvore benfazeja, vem guardando-nos sob sua sombra generosa, servindo de referência aos viandantes da estrada da vida, e alimentando com seus frutos as nossas necessidades da alma.

E quais jardineiros zelosos, cada qual de nós vem fazendo os serviços de poda e limpeza nessa fronde exuberante.

A uns foi confiada a tarefa de vigilante, a outros coube o dever da tesoura e da apara, a muitos foi delegada a benção de preservar a beleza e o viço.

São cinqüenta anos de luz e vitórias que, em verdade, refletem a atenção de Jesus, o pomicultor do espírito, para com sua fronde libertadora ⁽¹⁾.

E nesse tempo de homenagens justas, nessa hora de festa e comemoração do cinqüentenário jubiloso do Pacto Áureo, deveríamos convidar o Mestre à mesa de nossas alegrias e ceder-Lhe a palavra luminosa.

O que diria o Senhor nessa hora?

Que verbo seria o do Tutor Maior em nossos congressos de avaliação e reverência?

Ficamos a imaginar, na escassez de nossos minutos de meditação, semelhante quadro, e é como se sentíssemos um apelo vindo dos céus na acústica da alma a dizer: e a seiva? Quem dela cuidará?

Creemos que, na hora em que nos reuníssemos para prestar nossa gratidão pelo meio século passado, certamente Ele não nos

entregaria a faixa das glóriolas efêmeras, e nem tampouco nos lisonjearia com palavras de incentivo a nosso narcisismo pertinaz.

E a seiva? Façamos essa pergunta a todos nós, serviçais infieis, que tão pouco oferecemos ao pacto da união e aos labores da unificação.

Que melhor lembrança para nós haveria que ao invés de colhermos glórias imerecidas, visualizássemos sim a tarefa que nos espera?

A fronde foi bem cuidada: o Espiritismo luz alvissareiro.

Todavia, uma árvore frondosa perde a sua beleza se falta a seiva da vida.

Nessa figura, a seiva é a mensagem universal da moral contida nos textos da Boa Nova.

A seiva é o Evangelho.

E quem dela cuidará?

Em todos os tempos o Pomicultor Divino não deixou de enviar operários sábios e amáveis para manter a seiva nutriente em constante revigoramento.

A hora é de todos que nos encontramos na vinha. Não é serviço para programas exteriores e coletivos, e sim missão individual para os que se candidatarem a preparar o terreno com a adubação e irrigação.

A árvore do Espiritismo, por se enraizar em solo inóspito e árido, muito pedirá a quem quiser propiciar-lhe a água; valas longas e distantes serão cavadas no sacrifício e na solidão da manipulação da ferramenta escavante. Quem, por sua vez, lhe for adubar se entregará à atividade da seleção de componentes orgânicos adequados ao desiderato, e nisso haverá o odor desagradável e asfixiante...

Água e adubo, eis as substâncias que estão reservadas aos tratadores da Seiva Divina do Evangelho nos galhos e folhas reluzentes do Espiritismo Cristão.

E a seiva? Quem dela cuidará?

Vamos refletir, nesse ciclo de sucessos, ao resguardo do granito-luz, o quanto nos reserva o porvir.

Tempos novos.

No cinquentenário abençoado de esforço heróico vamos nos unir e trabalhar.

Se unificação é agregação de valores morais e doutrinários, muito ainda falta a fazer.

Em 1949 foi o instante do chamado⁽²⁾, essa é a hora da escolha, e a pergunta está feita: e a seiva?

O servidor menor,

BEZERRA DE MENEZES

(1) referência ao cinquentenário do Pacto Áureo

(2) referência à data de assinatura do Pacto Áureo em 05/10/1949

ADOLFO BEZERRA DE MENEZES CAVALCANTI

Nasceu em 29 de agosto de 1831, na cidade do Riacho do Sangue - CE.

Graduou-se em Medicina no ano de 1856. Foi, ainda, abolicionista inflamado, líder do partido liberal, deputado em várias legislaturas e presidente da Câmara Municipal da Corte.

Assumi pela primeira vez a presidência da Federação Espírita Brasileira, em 1889, e a segunda gestão se deu de 1895 a 1900. Foi o responsável pelo assentamento das bases organizativas do Espiritismo no movimento brasileiro que inspiraram a estruturação do "Pacto Áureo", quase cinquenta anos depois.

Desencarnou em 11 de abril de 1900, na cidade do Rio de Janeiro - RJ.

AOS ESPÍRITAS MINEIROS

“Qual a mais meritória de todas as virtudes?”

Toda virtude tem seu mérito próprio, porque todas indicam progresso na senda do bem. Há virtudes sempre que há resistência voluntária ao arrastamento dos maus pendores. A sublimidade da virtude, porém, está no sacrifício do interesse pessoal, pelo bem do próximo, sem pensamento oculto. A mais meritória é a que assenta na mais desinteressada caridade.”

*O Livro dos Espíritos
Questão 893*

“Concilia-te depressa com teu adversário, enquanto estás no caminho com ele (...)”

Jesus - Mt. 5:25

Minha saudação fraternal.

Jesus deve ser a inspiração para a reeducação dos sentimentos e o Espiritismo, a luz dos raciocínios.

Disciplina emotiva e entendimento são as sendas libertadoras de todos, pois nisto segundo os “Espíritos da Luz” consiste a felicidade dos bons espíritos.

Na mensagem do Mestre, pródiga de indicativas seguras para a jornada evolutiva, a estrebaria e a cruz encerram lições de profundidade para as diligências espiritistas.

Nascimento e morte no roteiro de Jesus são expressões excelsas de ensino para quantos se candidatam a serem os balizadores de uma Era Nova.

A estrebaria é o símbolo Divino que apresenta a abundância do Amor Paterno sobre os lugares e as pessoas em simplicidade, atestando que a compreensão da tarefa designada aos seguidores do Senhor passa pela virtude essencial do desprendimento, próprio das criaturas abnegadas. Mas a cruz do martírio é a etapa seguinte aos que se nutriram de abnegação e renúncia, gerando o sacrifício pelas sendas heróicas do amor.

O sacrifício sempre inclui o desprendimento, no entanto, há desprendimento de tempo, de prazeres, de coisas. Refiro-me à mais gloriosa de todas as virtudes, segundo a Resposta-Verdade de O Livro dos Espíritos, que é a abnegação, na qual está a base da mais desinteressada caridade. Essa abnegação que se demonstra, quando se tem sintonia plena com os Propósitos do Pai. Quando se aprende a “ler” os sinais da vida na força das circunstâncias, que indicam servir conforme se deve e não como se deseja, abrindo mão dos interesses personalísticos carregados de vontades próprias, moldados para satisfação pessoal.

Estrebaria e cruz, desprendimento e sacrifício. Eis as marcas sublimes do Cristo.

Minas Gerais, sem qualquer sentimento de exclusivismo e preferências, é bem essa estrebaria em solo brasileiro. Aqui se encontraram almas desprendidas e símplices que deram exemplos inesquecíveis de bem à Seara e à sociedade, deixando amparado com suas ações uma infinidade de corações em dores pungentes, e abrindo as portas de muitas Casas de amor para que a comunidade social se beneficiasse do consolo e da esperança. No entanto, a missão do Cristão é aferida pelo Alto através do testemunho sacrificial da cruz de penosos deveres assumidos para além desse desprendimento. Não basta “deixar tudo que tem para seguir” a Jesus, é preciso “tomar a cruz” segundo Ele próprio afiançou. A renúncia de si mesmo sem a tomada do madeiro é aquisição de experiência, todavia, os méritos nos campos do amor são contabilizados quando a abnegação é impregnada pelo idealismo fomentador de benesses ilimitadas.

Mineiros valorosos têm seus nomes eternamente registrados nas páginas do Espiritismo Cristão pelo denodo sem limite a que se consagraram na doação de si mesmos ao bem comum, erguendo templos e plantando a semente do conhecimento; é preciso, porém,

engalanar o desprendimento com os cravos dolorosos do trabalho sacrificial em prol da vitória da causa que se afirma honrar. Nesse sentido, vale lembrar os baluartes do amor incondicional na caridade Cristã que foram Irthes Therezinha, Olímpia Belém, Jerônimo Mendonça, João Batista Pipoca, Eurípedes Barsanulfo, Francisco Cândido Xavier, para que se conceba o que seja essa estrebaria levada até à cruz. Eles foram referências célebres, embora muitos outros no anonimato consumiram-se nesses rincões e vielas das Minas pelo bem geral.

Desnecessário lembrar que a vida dos homens idealistas é prenhe de incompreensões, e talvez por isso, daqueles que penetraram nas lições da abnegação com simplicidade, nem todos tiveram a coragem de ir além e enfrentar as decepções de quem assume os lauréis das necessárias transformações, dolorosas em si e no seu ambiente de lutas, preferindo então a zona de conforto, a despeito de seus significativos esforços.

Amigos espíritas, essa terra que honrou a história do País com o brilhantismo da inteligência e com a grande capacidade de articulação política deverá, igualmente, oferecer à comunidade brasileira as premissas de um tempo de fraternidade, indicando a espiritualização ao povo. O diferencial para isso é o Evangelho estudado e aplicado.

Mais que nunca o Evangelho de Jesus, agora clarificado pela chave da Doutrina Espírita, é a segurança para as horas tormentosas que passam a coletividade doutrinária.

O trabalho unificado, a coesão de percepções não é tarefa fácil, porque significa o encontro das diferenças e dos diferentes, resguardando, apesar disso, o clima da legítima solidariedade Cristã.

Para que gastar o tesouro precioso do tempo na conquista dos galarins da fama personalista em cargos e realizações que deveriam significar, tão somente, oportunidade de servir?

Por que o desprezo a irmãos queridos do ideal, quando o serviço é enorme e todos são necessários?

Os ofícios da unificação, sem dúvida, devem pugnar pela unidade do conhecimento, resguardando a Doutrina das desfigurações e favorecendo a linguagem do entendimento. Todavia, a coerência doutrinária não basta para unir e nem para instituir a fraternidade, porque essa nasce espontaneamente nas fontes do coração quando, no foro íntimo, ele se abre para o amor. Mesmo

se tratando de uma questão íntima, pessoal, há urgente e flagrante necessidade de enviar-se campanhas pela união em torno dos sentimentos evangélicos, para apresentarem-se de mãos dadas pelo respeito mútuo efetivando exemplos de perdão e recomeço quantas vezes se fizerem necessárias.

Se a pureza doutrinária tiver o preço da depreciação alheia e da abstração ética, da difamação e da crítica despeitosa, então já se terá conspurcado o ideal com a sujidade das emoções anti-fraternais.

Os herdeiros da gloriosa missão de restaurar a mensagem de Jesus para os dias modernos, estabelecendo o reinado da paz e da felicidade, não podem ser uma referência contrária para que não percam a autoridade ao desiderato em pauta. Essas micro-violências contra o próximo não deixam de ser o reflexo dos grandes crimes perpetrados noutras eras. Entretanto, a matrícula no educandário do Senhor inclui o sacrifício de superação dessas mazelas para que se realize o encontro Divino com o próximo, em tolerância autêntica.

Os “crimes” de hoje são a inveja e o ciúme que precisam ser exterminados para que o título de embaixadores da paz se torne uma realidade. Se a clava tiver que ser erguida, que seja contra o homem envelhecido nos hábitos enfermiços de outrora.

O movimento humano pelo Espiritismo Cristão não prescinde das atitudes de perdão, benevolência e indulgência que, como asseveraram as Vozes da Verdade a Allan Kardec, são as características da verdadeira caridade.

Nesse celeiro de bênçãos, que é a Minas Gerais espírita, é depositado uma delegação de grandes responsabilidades pela concretização de frentes de serviço Cristão, através da criação de círculos de cooperação e forças produtivas. Portanto, mantenham as mãos entrelaçadas no trabalho e estendidas para o apoio solidário.

Conquanto as divergências naturais que fazem parte do princípio da evolução sob o qual cada um vê a experiência espiritual por sua ótica, formando grupos de afinidades espontâneas, mantenham a abnegação de reconhecer que há espaço e labor para todos. Abram mão dos direitos que supostamente alguém possa com eles se iludir, e pensem no dever a ser cumprido.

As qualidades morais desenvolvidas na têmpera de espíritas mineiros, sensibilizados e comprometidos com o Evangelho, hão de ser uma medida pró-ativa para os destinos novos da gleba

Doutrinária.

A unificação sem a cruz é apenas a história incompleta do renascimento pessoal sob a égide das diretrizes doutrinárias, sem se constituir testemunho honroso para glorificar e fermentar, decisivamente, os rumos que o Mais Alto declina para o futuro da abençoada Doutrina Espírita.

O momento de cada um será respeitado com amor. Porém, as determinações excelsas para a coletividade são extensas demais em compromissos e necessidades para aguardar, indefinidamente, a todos que são chamados. Assim, somente os que se fizerem escolhidos, imolando-se na cruz das lutas, dispostos a não serem compreendidos e a servirem sem condições, estarão lavrando um “contrato de assistência intercessória” face aos inauditos desafios a vencer.

A caridade, que é o canal pelo qual fluem as bênçãos da misericórdia Divina, precisa ser implementada em doações continuadas, sem interregnos indesejáveis, porque o tempo é curto para o muito a ser realizado.

Habituem-se aos farnéis da alma, já que o Consolador Prometido é o grande depositário da esperança frente ao materialismo.

Sem quaisquer patriotismos regionalistas é mister acentuar o que se espera de Minas Gerais, para que os militantes se compenetrem na formação de fileiras sólidas que se tornem couraças protetoras contra as adversidades do momento. A fortaleza desse processo está em entrelaçar os dirigentes na **unidade de corações** onde, verdadeiramente, opera-se a unificação em aproximação afetiva da amizade, da cordialidade e do respeito. Afeto esse que será capaz de construir para os dias vindouros o “Gólgota” glorioso, fazendo de Minas Gerais a terra do Espiritismo Cristianizado com exemplos vigorosos de ação no bem.

Sem ufanismo, que é invigilância declarada, e sem o desânimo, que aumenta as deserções no labor, prossigam fazendo, o quanto antes, o que puderem pelo entendimento urgente e imprescindível.

A ausência de horizontes tem levado a “muitas baixas” no serviço das direções. Reflexo eminente do isolacionismo provocado pela antifraternidade, tem agredido a muitos corações sensíveis e laboriosos, porém, inexperientes, que se afastam ante tantas dissensões, crendo ser esse o melhor caminho a seguir. Resgatem esses servidores colhidos pelo agastamento, acenando-lhes com melhores horas na convivência e perspectivas mais auspiciosas. O

amparo não faltará aos que tomarem a cruz.

Uma plêiade de incontáveis homens e mulheres, que palmilharam desde as Capitâneas Hereditárias até os dias recentes, em reencarnações vitoriosas, zelam, sem privilégios, por todos os segmentos e iniciativas desse Estado, tendo como seu representante augusto o “alferes de Deus”, o heróico Tiradentes, na condução dos destinos específicos desse torrão.

Nos quinhentos anos desse jovem País ⁽¹⁾, credor da respeitabilidade em todas suas regiões, presto assim minha homenagem enaltecendo e, a um só tempo, alertando-vos para os empreendimentos que o Divino Pastor entregou à terra dos que adquiriram o justo título de “trabalhadores no silêncio”.

Pacifiquem a Seara na vivência plena dos ensinamentos do Mestre, e que Ele guarde os seus dias honrados no sacrifício,

ANTÔNIO LIMA

(1) Comemorado em 21 de abril de 2000.

ANTÔNIO LIMA

Nasceu em 30 de março de 1864, na cidade do Rio de Janeiro - RJ.

Escritor, jornalista e grande expositor da Doutrina Espírita, deixou uma vasta bibliografia espírita e não espírita, além de várias traduções.

Fiel defensor da pureza doutrinária, fundador e primeiro presidente da União Espírita Mineira, e um dos incentivadores do movimento de unificação.

Desencarnou em 26 de março de 1946, na cidade de Paraíba do Sul.

UNIFICAÇÃO NA ATUALIDADE

Vivemos um tempo de constantes necessidades de reciclagem. A estagnação mental que gera o imobilismo é incompatível com as atuais noções de dinamismo, em que a informação se processa com velocidade incomparável em todos os tempos.

Semelhante estado de permanente mudança e readaptação costuma causar uma sensação de insegurança e mal-estar naqueles que se habituaram a eleger padrões conservadores de ação para os variados misteres da vida.

A facilidade das comunicações e a quebra contínua de paradigmas estabeleceram novas formas de relacionamento na administração institucional.

No campo pessoal, os valores da parceria cooperativa e do compartilhamento são acolhidos como manifestações sadias em todas as relações, seja no lar, na escola, na empresa, em razão de permitir a interatividade, a soma de valores.

No campo institucional mais que nunca são privilegiados os colegiados, a gerência participativa na obtenção de melhores resultados através da maior cumplicidade e motivação.

Tal ordem de idéias e tendências precisa ser absorvida pelas sociedades espíritas, a fim de adequarem o progresso e as conquistas das ciências aos usos e costumes do movimento humano em torno do Espiritismo. Uma análise histórica e antropológica da sociedade espírita remete-nos a explicações muito plausíveis para fatos que ainda hoje ocorrem corriqueiramente, mormente no campo da unificação, que funciona como uma “válvula reguladora” de variadas situações. Podem ser verificados quadros que merecem estudos sérios e aprofundados na busca de soluções, isso se desejamos a erradicação de alguns males que oneram os objetivos da causa nesse terreno específico.

O processo histórico do movimento espírita elegeu valores

institucionais que se faziam necessários na consolidação de uma identidade social. Em razão da proposta organizacional, nutrida pelas melhores intenções na condução dos interesses coletivos, foram substituídas as referências morais e humanas em detrimento de relações de hegemonia que, a princípio, justificaram-se face ao ingente apelo para traçar limites a perfis filosóficos e doutrinários do Espiritismo. Era uma época de sincretismos, e a ação estóica dos órgãos unificadores preservou os princípios estruturais em favor de uma noção mais exata da identidade cultural para os ensinos da Falange Verdade.

Ante o quadro de formalismo que tais relações delinearam nos serviços unificadores, torna-se imperativo uma **releitura**, um **repensar** em busca de soluções estimuladoras e eficazes, a fim de que o sublime ideal da unificação não fique restrito ao âmbito da administração centralizada, e passe a ser dinamizado como operação das bases, delegada a “plantéis” específicos de forças capazes de aglutinar, espontaneamente, pelas leis da afinidade e da motivação, um certo número de entidades espíritas para a formação de frentes de serviço produtivas inspiradas na solidariedade e no intercâmbio.

Aumento dos territórios culturais, ausência de burocracia, sublimação da hierarquia, mais eficiência, eis os resultados que se obterão, quando forem substituídas as relações convencionais por um novo **processo** de arregimentação de valores humanitários nas mesmas, buscando a construção de mais gratificantes elos entre trabalhadores e dirigentes espíritas, suprimindo o excesso institucional, privilegiando a simplicidade com disciplina e o afeto com equilíbrio.

O ufanismo injustificável com organizações temporais, como se elas constituíssem em si a nossa causa, é lamentável equívoco do orgulho humano que, mesmo entre os novos aprendizes da mensagem de Jesus, já hipnotizou muitos corações distraídos com sua influência fascinante.

Esse mesmo ufanismo tem contagiado a outros em sua imaturidade espiritual, levando a crer que a “verdade” é toda nossa, projetando um “futuro espírita” para todos os homens, desejando o Espiritismo para todos sem aplicá-lo moralmente a si mesmos.

Categorizamos, comumente, como assistidos da casa espírita aquelas criaturas calejadas pelos dramas e calamidades sociais que causam estardalhaço; não será, igualmente, um drama de conseqüências incalculáveis as barreiras sedimentadas para o encontro entre os dirigentes espíritas? Não será incoerência, tomar

medidas excludentes dentro de um processo cujo propósito é ajuntar e reunir?

Temos para nós que o movimento espírita é uma valorosa enfermaria no hospital da terra, em que os pacientes são, em grande maioria, almas compromissadas com o ideal do Evangelho de Jesus na tarefa de libertá-lo do dogmatismo e do sacerdotismo, donde se conclui facilmente os porquês de tanto religiosismo do qual muitas mentes estão impregnadas a séculos. Condutores ou servidores são doentes trabalhando por sua própria recuperação.

É hora de **repensar** as relações entre nós e de nós para com o mundo, sendo isso uma medida de cautela, prevenção e profilaxia contra o alheamento sistemático que levou muitas religiões ao fracasso fulminante devido à criação de paraísos celestes e expectativas de conversão em massa.

Unificação mais que nunca em torno do Evangelho, uma unificação ética é o que precisamos agora, para que, após cinqüenta anos do Pacto nobre de 05 de outubro ⁽¹⁾, tenhamos as condições para sair da infância de nosso movimento e deslocá-lo a ações mais enobrecedoras e cooperativas junto à gleba e também à sociedade como um todo.

Entre nós os desencarnados, desde o surgimento do movimento espírita nascente com a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, não houve sequer um só aprendiz que tenha sido considerado um obstáculo aos destinos da causa, e todos os que tiveram a honra de oferecer seu contributo para a história do Espiritismo, seja em que proporção for, recolheram seus frutos, de conformidade com a extensão de sua obra.

Já não é mais tempo de mártires. Jesus decretou o fim dos holocaustos farisáicos em plena praça pública, quando os homens queriam apedrejar suas culpas em uma mulher incipiente. Esse martirologio da hipocrisia é sintoma da infantilidade espiritual. É uma estratégia inferior de localizar inimigos com objetivo de fortalecer uma instituição, um grupo.

Diferente, porém, é o martírio de Estevão pela obra!!!

Combatamos esse ufanismo pernicioso e essa crença desprovida de bom senso de que o movimento espírita é **gestor exclusivo** das idéias espíritas, quando os reflexos dos princípios doutrinários ultrapassam em muito os estreitos limites da Seara, fazendo simpatizantes e adeptos em rincões inimagináveis, das formas mais inusitadas possíveis. O verdadeiro administrador da

doutrina chama-se **renovação social**...

Não podia ser diferente já que a finalidade social do Espiritismo é sublimar a religião, espiritualizar a ciência e convocar a filosofia a uma síntese ética para o equilíbrio humano.

Face a isso, é completamente indesejável o patrulhamento doutrinário medieval e descaridoso. Estamos num tempo de pluralismo, perfeitamente concorde com a evolução humana, portanto, abandonemos o receio das desfigurações e das enxertias.

Pugnemos por lógica, bom senso e ética; isso basta para que a Verdade supere os contornos de nossos limites e visões acanhadas e penetre nos corações de todos nós ao longo dos milênios.

O que importa é que a estrutura das bases doutrinárias racionais, fundamentadas em seus elementares princípios, sejam desdobradas em consonância com a **ética do espírito**, ensinando o homem a viver e conviver tendo sempre como referência a vida imortal, pois do contrário o título de “espíritas” será simplesmente um adorno religioso de quase nenhum valor para a paz e a estabilidade do ser em ambos os planos da vida.

Já dissemos oportunamente que a doutrina dispensa os vigilantes do purismo e requer com urgência os operários decididos ao sacrifício de edificar novas alternativas para a humanidade faminta de espiritualidade.

Vivência cristã e ética de fraternidade nas relações, primeiramente em nós, sem as quais dificilmente edificaremos esse monumento de união sonhado por todos.

Retifiquemos nossos conceitos sobre a unificação como uma medida inicial de atualização para o bem de nossos serviços espíritas.

Sim, estamos em campanha por dias mais fraternos na gleba que, segundo a parábola do Semeador, é a terra fértil na qual as sementes deveriam viçar a cem por uma.

Estamos em campanha pela defecção da centralização administrativa a pretexto de defesa doutrinária e organização da comunidade.

Estamos em campanha pela delegação que capacita e promove ao invés da manutenção de feudos de suposta competência que, muita vez, não passam de agrupamentos que se adornam na excessiva estima de si mesmos, em delírios de vaidade no desprezo

à capacidade de operar da grande maioria dos seareiros.

Estamos em campanha pelo rompimento com a excessiva formalidade e os rótulos encantadores, que dilatam valores pessoais, sob a lente da bajulação e das cerimônias, onerando ombros frágeis com lauréis que não lhes asseguram paz e estabilidade espiritual, ou conduzindo almas valorosas a descuidar do dever de operar incondicionalmente no bem e na simplicidade.

Estamos em campanha pelo Evangelho estudado e aplicado.

Estamos em campanha pela convivência genuína sem os adornos da polidez insensata que sustenta a mentira.

Estamos em campanha pelo dinamismo operacional sem os desastres do imprevisto.

Estamos em campanha pelo diálogo límpido para que as páginas dos periódicos espíritas, no futuro, fiquem livres das provocações e críticas pessoais, por parte daqueles que consideram ser essa, em muitos casos, a única forma de manifestação e contato ante o fechamento defensivo em que se encontram as entidades de maior influência na comunidade.

Estamos em campanha pela “voz dos centros espíritas” e, igualmente, por colocá-lo como objetivo primário de todos os nossos investimentos na Seara.

Estamos em campanha pela superação da ilusão com os cargos que, facilmente, alimenta o personalismo e levam-nos a esquecer as obrigações essenciais.

Estamos em campanha pela ética do amor que concretizará o “ecumenismo da fraternidade” no qual haja **unidade afetiva com diversidade interpretativa**, realizando o encontro solidário entre diferenças e diferentes no fortalecimento da causa espírita.

Estamos em campanha para que a nossa grande causa seja o **amor**, acima mesmo do Espiritismo que se lhe torna senda promissora e rota segura.

Estamos em campanha para que todo centro espírita seja considerado o verdadeiro pólo da unificação e tenha fóruns de legitimidade e aceitação, a fim de não ter torpedeadas e cerceadas suas ações solidárias, na aglutinação e condução de outras instituições a ofícios de capacitação e melhoria de condições da coletividade.

Estamos em campanha pelas atitudes unificadoras sem as quais nunca haverá união e, tão pouco, a almejada unidade no campo dos sentimentos.

Aqueles que sintonizarem com essas premissas receberão o “contrato de conciliação” para regime de amparo especial em busca de novos e mais salutares dias nos arraiais espiritistas.

Atualização sim, hoje e sempre. Jesus atualizando Moisés decretou o amor. Kardec atualizando Jesus pesquisou a verdade. Agora precisamos nós atualizar a conduta.

ARMANDO DE OLIVEIRA ASSIS e CÍCERO PEREIRA ⁽²⁾

(1) Pacto Áureo, realizado em 05 de outubro de 1949.

(2) Mensagem primeiramente enviada por Armando de Oliveira Assis e posteriormente complementada por Cícero Pereira.

ARMANDO DE OLIVEIRA ASSIS

Armando de Oliveira Assis desencarnou no dia 1º de dezembro de 1988, cerca das quatro horas da madrugada em sua residência, aos setenta e oito anos de idade.

Foi um dos mais lúcidos e profícuos presidentes da Federação Espírita Brasileira e, por força do cargo, diretor do Reformador. Eleito em agosto de 1970, sucedendo ao presidente Antônio Wantuil de Freitas, ao lado deste durante longos anos participou da diretoria da FEB, primeiro como segundo-secretário, cargo para o qual foi eleito em 1949 e sucessivamente reeleito até 1954, quando foi então e durante quinze anos sucessivos o seu vice-presidente. Como Presidente permaneceu cinco anos, até 1975. Não desejando mais se candidatar, foi substituído por Francisco Thiesen.

CÍCERO DOS SANTOS PEREIRA

Nasceu em 14 de novembro de 1881, no povoado de Gorutuba, próximo à Diamantina – MG.

Além do exercício do magistério, foi guarda-livros, taquígrafo e bacharel em direito.

Foi presidente da União Espírita Mineiro (1937 a 1940) e fundador de vários centros espíritas em Belo Horizonte e Montes Claros. Foi um dos fundadores do “Abrigo Jesus”, instituição espírita de amparo à criança carente, na capital mineira.

Foi colaborador da imprensa espírita, especialmente “O Espírita Mineiro”.

Desencarnou em 04 de novembro de 1948, na cidade de Belo Horizonte.

Capítulo 49

EM PANOS

“E deu à luz a seu filho primogênito, e envolveu-o em panos, e deitou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem.”

Lc, 2:7

Meus caríssimos irmãos, que o amantíssimo Mestre Jesus vos guarde na esperança, na paz e na alegria.

Ao tempo do povo judeu, às vésperas do nascimento do Mestre, o ambiente era de tumulto e guerra, política e disputa. Em pleno momento de tormenta nasce Jesus. Narra o evangelista Lucas que Maria, o espírito pulcro, o envolveu em panos.

Eis que a história se repete em nossos tempos, e nós, que tivemos a felicidade de palmilhar o Espiritismo em nosso Brasil desde a primeira hora, podemos dizer com certeza que neste instante estamos revivendo um momento de nascimento de Jesus. Não nos referimos a questões individuais, íntimas, mas, numa análise de conjuntura, numa visão estrutural nesse momento de tumulto e de guerras, quando o farisaísmo disfarçado ainda faz parte das nossas personalidades, vemos Jesus nascer como a solução para o futuro. Percebemos no seio das discórdias, das dissidências, das desuniões, o espírito do amor, sedento, flamular fortemente entre aqueles que vieram fincar balizas novas para o futuro da nossa abençoada Seara. É Jesus nascendo na estrebaria do movimento espírita, pequenino, ainda com muito a desenvolver.

Diz Lucas que Maria, a Mãe Santíssima, o envolveu em panos. Eis aí a nossa grande meta. É preciso que nós, os trabalhadores de cá e daí, envolvamos Jesus em panos com os nossos cuidados, com o espírito de mãe, com o espírito de pai, sob a nossa responsabilidade que é o trabalho espiritual. Co-criadores que somos, devemos dar

a este Jesus que está nascendo nas sutilezas do momento, dos instantes de tumulto, todas as nossas forças.

Conclamamos os irmãos comprometidos com o trabalho unificador a uma aliança. Uma aliança com Jesus. Com o Jesus nascituro, com o Jesus menino, com o Jesus que ainda crescerá. Esta aliança deverá permanecer no campo do pensamento de cada um, mas também no campo da ação concreta.

Nos planos espirituais superiores não há maiores mobilizações e atuações concentradas de esforços visando a unificação e a unidade doutrinária, já que as mesmas, doravante, se farão ardentemente entre todos aqueles que estão assimilando os momentos novos pelos quais vêm passando a nossa Seara. Os esforços hoje são direcionados à nova era. Essa era nascente só se estabelecerá através da aliança dos corações que hoje estão vibrantes dentro do ideal da “Boa Nova”, o Evangelho de Jesus.

Que o passado doutrinário nos sirva para que possamos aquilatar o quanto aprendemos desde o momento dos místicos e dos científicos, até esse instante de espiritismo cristão. Ao olharmos para o ângulo “comprometedor” desse passado, onde nem sempre nossas ações foram felizes, assim o façamos apenas para concluir, na nossa intimidade, o quanto ainda temos a envolver em panos o atual trabalho que nos está entregue.

Ocasão abençoada será esta quando se reunirão os formadores de força e de opinião, os responsáveis por um mundo novo. Pedimos ao Senhor que, nesse momento e nessas horas, aquela estrela fulgurante que guiou os reis magos possa igualmente, no céu íntimo de cada um, trazer o ouro do Evangelho, o incenso da Doutrina que purifica e a mirra da coerência, levando-nos a destinos novos, rumo ao amanhã.

Senhor da Vida, guarda-nos a todos para que saibamos honrar teu nascimento na intimidade dos nossos corações, em cântico de louvores. Que a tua paz Senhor, seja o clima do nosso encontro. Assim seja.

EWERTON QUADROS

FRANCISCO RAIMUNDO EWERTON QUADROS

Nasceu em 17 de outubro de 1841, na capital do Maranhão.

Foi Marechal do Exército Brasileiro e doutor em engenharia.

Participou ativamente da Federação Espírita Brasileira, e foi eleito seu primeiro presidente (1884-1888), antes de ceder o posto ao Dr. Bezerra de Menezes.

Colaborou no “Reformador” e em outros órgãos da imprensa espírita.

Deixou-nos várias obras literárias, como: “História dos Povos da Antigüidade”, “Os Astros”, “O Espiritismo”, “As manifestações do Sentimento Religioso Através dos Tempos”, “Catecismo Espírita” e outras.

Desencarnou em 20 de novembro de 1919, na cidade do Rio de Janeiro - RJ.

Capítulo 50

UNIFICAÇÃO NO EVANGELHO

“Perguntastes se a multiplicidade dos grupos, em uma mesma localidade, não seria de molde a gerar rivalidades prejudiciais à Doutrina. Responderei que os que se acham imbuídos dos verdadeiros princípios desta Doutrina vêem unicamente irmãos em todos os espíritos, e não rivais. Os que se mostrassem ciosos de outros grupos provariam existir-lhes no íntimo uma segunda intenção, ou o sentimento do amor-próprio, e que não os guia o amor da verdade. Afirmo que, se essas pessoas se achassem entre vós, logo semeariam no vosso grupo a discórdia e a desunião.

O verdadeiro Espiritismo tem por divisa benevolência e caridade. Não admite qualquer rivalidade, a não ser a do bem que todos podem fazer. Todos os grupos que inscreverem essa divisa em suas bandeiras estenderão uns aos outros as mãos, como bons vizinhos, que não são menos amigos pelo fato de não habitarem a mesma casa.

Os que pretendam que os seus guias são Espíritos melhores que os dos outros deverão prová-lo, mostrando melhores sentimentos. Haja, pois, luta entre eles, mas luta de grandeza d’alma, de abnegação, de bondade e de humildade. O que atirar pedra a outro provará, por esse simples fato, que se acha influenciado por maus Espíritos. A natureza dos sentimentos recíprocos que dois homens manifestem é a pedra de toque para se conhecer a natureza dos Espíritos que os assistem.”

Fénelon
O Livro dos Médiuns

Mensagem XXII “Dissertações Espíritas”

A mensagem de Fénelon é de rara beleza, constituindo-se verdadeira síntese sobre nossos princípios de unificação. Longe de nós o propósito de crescer algo. Faremos apenas alguns apontamentos, sob o pálio das sábias palavras dessa nobre alma.

Comparemos o nosso movimento doutrinário a um edifício de gigantescas proporções, cujas pilastras mantenedoras são as balizas do Espiritismo e as moradias seriam os centros espíritas. Nessa figuração, é comum encontrarmos os núcleos doutrinários, cada qual olhando da janela de suas experiências aquilo que lhe constitui o interesse.

Nos espaços comuns desse edifício, verificamos a presença benfazeja dos órgãos unificadores em suas iniciativas de integração. Contudo, assim como rotineiramente ocorre nessa espécie de moradia, as portas estão freqüentemente cerradas, em toda a extensão da palavra, aos vizinhos.

O momento que estamos vivenciando nos convida a uma outra postura; é a hora das portas abertas aos nossos vizinhos para o intercâmbio sadio. Há um clamor para se dirimir a “solidão em grupo”. Nossas Casas estão muito solitárias; nossos irmãos, vizinhos, estão muito sozinhos. Daí ser urgente que nossos grupos se encontrem, se conheçam e se apoiem.

Não existe Cristianismo sem espírito familiar.

Não há unificação sem união entre os espíritas.

É fácil deduzir que, sem Evangelho estudado, entendido e aplicado, não cultivaremos os valores do intercâmbio e da amizade que solidariza.

Sem Evangelho, a unificação verdadeira que se consolida na intimidade de cada um de nós não encontra o campo fértil à proliferação.

Somente no caminho do Evangelho vivido, perceberemos que os espíritas encontrarão ingredientes imprescindíveis para vencer duas das grandes barreiras que separam e distanciam o ser humano: a dificuldade na arte de comunicar e na capacidade de administrar os sentimentos. Esses temas merecem estudos aprofundados para melhor compreensão das lutas íntimas, às quais somos submetidos nos serviços unificadores do Cristianismo Redivivo.

É a unificação no Evangelho retomando as origens dos primeiros tempos do Cristianismo primitivo. Casas vizinhas, Casas irmãs; cada Casa para várias Casas; várias Casas para muitas outras.

Nos censos, constata-se milhares de instituições espíritas assentadas no Brasil. Temos por conta que se um por cento delas abrirem suas portas, se lançarem-se, altruístas, pelo bem de outras tantas, tornar-se-ão células operosas e parceiras da tarefa unificacionista. Como referenda Fénelon, a multiplicação não deve gerar rivalidades. Nessa ação, o centro espírita constituirá o laboratório de experiências enriquecedoras que serão modelos inspiradores aos labores de outras Casas em fortalecimento e troca.

O centro espírita passará a ser um pólo irradiador dos melhores sentimentos para as co-irmãs e, em atitude jubilosa, repartirá com seus vizinhos a abundância dos benefícios que tem auferido, portas adentro de seu aprendizado.

Ainda há tanto por realizar, há tanto por construir e reconstruir, que seria uma ilusão de nosso comodismo acreditar que nossas dignas representantes de unificação teriam condições de realizar a obra sem essa parceria.

Não estamos incentivando a animosidade e os embates verbais, tampouco motivando lutas sectárias nos terrenos de nosso movimento, já tão castigado por nossas mazelas. Entretanto, não nos resta dúvidas de que temos de multiplicar, sobejamente, as entidades promotoras dos serviços de união e fraternidade legítima entre os espíritas-cristãos.

Se houver rivalidade, como afirma Fénelon, seja pela competência em amar e servir, nutridos de despreensão e guardando a consciência tranqüila de favorecer o bem.

Analisemos os alvos pelos quais deveríamos velar em nossas agremiações espíritas-cristãs:

- um local para confraternização da família;
- um templo socorrista para as necessidades do homem integral;
- um núcleo de revitalização da fé cristã;
- uma escola para estudar e entender o Evangelho;
- uma entidade parceira e operosa nos deveres de união;
- um púlpito generoso da palavra que conforta, esclarece e

liberta;

- um recanto para recolhimento das benesses mediúnicas do mundo maior;
- uma Casa abençoada para prosseguir a obra começada por Kardec.

Como lograr semelhantes alvos se não nos dermos as mãos, cada qual oferecendo o que pode de si para o bem de todos?

Essa a conceituação mais oportuna de unificar: abriremos as portas de nosso “lar espiritual” para as amplas carências de nossos confrades de ideal.

Empenhemo-nos nessa campanha de abraçarmos a casa espírita acompanhando-a, amparando-a e motivando-a para o trabalho correto e comunitário.

Como nos tempos idos, façamos reviver entre nós a alegria dos corações simples que visitavam as igrejas uns dos outros em clima de verdadeira família.

O Senhor vai amparar nossos projetos e ações, a fim de que eles atendam à grande propositura dessa hora: a unificação e o centro espírita sob o ósculo confortante e seguro de Jesus, frente à amplitude de nossas imperfeições.

Façamos cada qual a sua parte e o Senhor multiplicará infinitamente nossos misérrimos esforços na obra que a Ele pertence.

Com a alegria de contribuir com nossas reflexões, rogamos a bênção de Jesus a nossos companheiros.

FRANCISCO THIESEN

FRANCISCO THIESEN

Nasceu em 28 de março de 1927, na cidade de Cruz Alta - RS.

Durante quinze anos exerceu a presidência da Federação Espírita Brasileira, sendo eleito para a primeira gestão em 16 de agosto de 1975.

Sob sua gestão foi lançada, no Rio de Janeiro, em 09 de outubro de 1977, a Campanha Nacional de Evangelização Infanto-Juvenil.

Promoveu a modernização do parque gráfico, lançou campanhas do

Estudo Sistematizado, aprimorou as zonais e concluiu a sede em Brasília.
Desencarnou em 06 de agosto de 1990.

Capítulo 51

UNIVERSO UNIFICADO

“Eu e o Pai somos um.” Jo. 10:30

Se nos permitirmos analisar com maior profundidade a natureza do Universo, iremos perceber que todo ele expressa uma única lei que o rege e da qual resplandece o equilíbrio e a harmonia.

Não poderia ser diferente, uma vez que a causa primária de todas as coisas é única. Reside em Deus.

É portanto natural que todos os mundos e as criaturas que o habitam, tendo como origem um mesmo princípio de criação, reflitam automática e naturalmente como um grande espelho cósmico a figura de Seu Criador. Este princípio da unidade, na grande maioria da criação, reflete a imagem de nosso Pai criador com toda nitidez, grandeza e beleza.

Mas, porque as Leis Divinas, além de eternas e imutáveis, são também profundamente sábias, permite Ele a toda sua criação o direito de agregar-se consciente e voluntariamente a elas, a fim de que, nos mais recônditos campos do Universo, a Sua presença seja perfeitamente perceptível.

Na Sua magnanimidade, aguarda que as criaturas despertem para a Sua existência na intimidade de si mesmos. Concede à humanidade o tempo e as oportunidades de que se encontra necessitada, para reconhecer o caminho único e comum determinado pela Lei de Progresso, aplicada à evolução de toda sua criação.

Favorece todos os meios para que os corações humanos, na limitação de seus recursos individuais, identifiquem a necessidade da fraternidade legítima, para que, através da Lei de Sociedade, da cooperação mútua e fraterna, as criaturas se unam.

No campo das ciências, das filosofias e religiões, tem o Criador, através dos seus mensageiros divinos, induzido e direcionado o raciocínio e o sentimento das criaturas, no sentido de que busquem a união, em bases de entendimento e amor, para que as mentes

e corações, assim unidos no mesmo ideal de nobreza espiritual, formem um imenso espelho para que Sua imagem se reflita e se corporifique em cada orbe.

No que tange à Terra, podemos, na atualidade, perceber os primeiros acordes de conscientização perante a ordem de agregação fraterna. O que temos oferecido ao Criador são inúmeros fragmentos de um espelho que, por falta de esforço e legítima maturidade espiritual e moral, ainda não se uniu para Lhe refletir a imagem.

Enquanto perquirimos os campos científico, filosófico e religioso que sustentam as lutas evolutivas da humanidade terrestre, até o presente momento, registramos movimentos isolados e sem ligação entre suas bases de sustentação e a proposta divina.

Quando vemos desabrochar no seio da Doutrina da Verdade os ideais de unificação, reconhecemos, nesta planta tenra e nobre, todos os elementos essenciais ao surgimento de uma árvore robusta, capaz de produzir e reproduzir infinitamente a unidade que vige em toda Criação.

A unificação legítima do movimento espírita só se dará quando o mesmo refletir em sua face toda a origem divina da Doutrina dos Espíritos. É fundamental, para a unidade de vistas, que haja unidade de entendimento, e para que esta exista é necessário, além do profundo conhecimento doutrinário, que cada um se diminua para que o Pai cresça cada vez mais na intimidade de todos nós.

Não há lugar para pontos de vistas pessoais, e sim visão global do que o Pai espera de nós. Não é tempo de interesses personalísticos, porque o Pai nos chama para o trabalho e para a aquisição de bens comuns.

Se não voltarmos as atenções para nosso universo íntimo, procurando nele as mesmas leis que regem o universo infinito, e colocarmos estas leis em vigor na nossa intimidade sob o império da vontade e da determinação, não alcançaremos jamais o grau de renúncia e abnegação para implantação da Realidade Divina em nós.

Possa o Divino Criador dinamizar em nosso íntimo as forças de atração para buscarmos os corações dos irmãos em humanidade, tal qual os astros se atraem e se equilibram na imensidão dos céus, trazendo a harmonia que sustenta os mundos no universo infinito para dentro de nossos corações.

Do sempre irmão,

ANTÔNIO VANTUIL DE FREITAS

ANTÔNIO WANTUIL DE FREITAS

Nasceu em 23 de outubro de 1895, em Patrocínio do Muriaé (MG).

Presidente da Federação Espírita Brasileira por 27 anos, foi trabalhador dos mais realizadores, sendo considerado o missionário do livro espírita, fundamentando e ampliando o parque gráfico da Federação, a partir do que o livro ganhou espaço vastíssimo na divulgação do Espiritismo.

Desencarnou em 11 de março de 1974, no Rio de Janeiro – RJ.

Capítulo 52

O DANO

“Na verdade é já realmente uma falta entre vós, terdes demandas uns contra os outros. Porque não sofreis antes a injustiça? Porque não sofreis antes o dano?”

I Co 6:7

Não têm faltado na história das coletividades elementos balizadores da conduta moral no que tange às contendas e divergências de entendimento e posições.

Levando em consideração os diferentes graus de aptidões das criaturas, é natural que o caminho evolutivo dos homens esteja eivado de pedras e tropeços, a redundarem, apesar disso, num caminhar lento, porém progressivo.

Para não nomear uma série de espíritos missionários que vieram para o testemunho do trabalho operoso e silencioso, em nome de Deus e em favor do cumprimento de suas Leis, detenhamo-nos em Jesus, Guia e Mestre de nossas vidas.

Sua presença e mensagem comoveu e revolucionou com tal profundidade a vida dos homens, que Ele se erige hoje como o Caminho, a Verdade e a Vida.

Em sua época, porém, mesmo entre os que privavam de sua intimidade não faltaram os que duvidaram de sua natureza divina, da sua missão e da sua grandiosa mensagem.

Atuando num ambiente com tantas limitações e mentalidades rudimentares no limiar da maturidade espiritual, legou-nos o Mestre o “modus operandi” de todos os que tomam sobre si a disponibilidade de trabalhar em sua Seara.

A todos os reveses e incompreensões respondeu Ele com entendimento, amor e silêncio operoso na ação construtiva. Não faltaram ataques e questionamentos de nenhum segmento da sociedade na qual Ele temporariamente se albergou. A incredulidade, a insegurança e a dúvida avançaram portas adentro do próprio colégio apostólico.

Mesmo assim, do alto do supremo testemunho, roga Ele por toda humanidade, ensinando-nos a aceitar e compreender as diferentes condições de entendimento de cada criatura.

Inspirado pelas falanges do Cristo, Gamaliel em sua sabedoria expressa o campo de segurança na atuação do trabalho crístico: “ (...) Dai de mão a estes homens, e deixai-os, porque se este conselho ou esta obra é de homens, se desfará, mas se é de Deus, não podereis desfazê-la; para que não aconteça serdes também achados combatendo contra Deus.” ⁽¹⁾

Percebe-se nos trabalhos do movimento espírita muito zelo, indicador de relativa maturidade, realizados em nome do Cristo, mas a se expressar, na maioria das vezes, por sentimentos de incompreensão e inaceitação às ações levadas a efeito no campo físico, que visam, assim acreditamos, o progresso e a união das criaturas em torno do Cristo.

Se de um lado percebemos o esforço de abençoadas instituições pela organização e progresso da Doutrina, de outro também registramos atuações construtivas e dinâmicas para a implantação do Reino de Deus.

Não há hoje no orbe uma única instituição, organização ou grupo de trabalho que detenha a exclusividade das condições ideais para a continuidade do trabalho do Cristo, bem como a autoridade para obrar em seu nome. São todos chamados, de acordo com suas aptidões e recursos, a atuar nos diversos segmentos da sociedade e do trabalho evangélico-doutrinário, a favor da implantação das Leis Divinas.

Como então aceitarmos incompreensões, revides e discriminações causados pela falta de entendimento, aceitação e diálogo no seio da família espírita? Como aceitar tantos danos ao progresso da divulgação da Boa Nova causados, não pelos adversários da Doutrina, mas pelos próprios irmãos que militam na seara espírita?

É de dilacerar os nossos corações percebermos os irmãos

que deveriam estar reunidos na mesma família cristã, em ambiente de fraternidade e amor, agindo em nome do Cristo, em ambientes de discórdia contumaz, para preservar sua Doutrina, a pureza doutrinária, a estabilidade aparente de cada grupo de trabalho.

Não são todos obreiros de uma mesma vinha? Não estão todos assalariados pelo mesmo Senhor? Por que então reivindicar a exclusividade na verdade e na infalibilidade das propostas de cada frente de trabalho?

Será que a imagem que a Pátria do Evangelho irá passar para o mundo é a que hoje se encontra em vigor na realidade de nosso movimento espírita? Onde o entendimento, o respeito mútuo, a convivência pacífica e harmônica pregada, vivida e exemplificada pelo Cristo?

Pouco tempo após a vinda de Jesus, Paulo nos retrata estas mesmas lutas de hoje: "Olhais para as coisas segundo a aparência? Se alguém confia de si mesmo que é do Cristo, pense outra vez isto consigo, que, assim como ele é do Cristo, também nós de Cristo somos." (2)

Não adiemos por mais tempo o chamado de Jesus. A seu exemplo, abramos o coração ao entendimento.

Estamos no campo da verdade quando atuamos com consciência dos fatos. Com nossas palavras e ações podemos disseminar idéias pessoais e influenciar a quantos possamos atingir com a convivência. É-nos outorgado o livre-arbítrio, ainda que temporário, de obrar em nome de Deus e de zelar pelos interesses do Pai em favor das criaturas.

Se o nosso raio de atuação não for legitimamente afinado com o do Cristo, tudo o que tivermos feito findará para todos, menos para nós mesmos, porque na intimidade seremos chamados a repassar e analisar nossa conduta individual na família cristã. Perguntar-nos-emos se agimos em nome da divulgação e prática dos ensinamentos crísticos ou se defendemos estes princípios em favor do interesse pessoal ou de grupo.

Se entre irmãos deve imperar o entendimento, o legítimo amor fraternal, não será preferível que soframos os danos da incompreensão e inaceitação dos nossos irmãos da família Divina, do que nos contendermos uns com os outros, em nome do nosso Pai de amor, mas na verdade lutando para impor o nosso jeito de entender e fazer as coisas?

Não é Ele único? Não é Ele todo amor? Como então em seu seio de amor infinito seus filhos se negarão ao testemunho da fraternidade? Não será preferível sofrer antes o dano?

Responderão nossos irmãos ser necessário manter a Doutrina incólume e original conforme nos foi legada por herança do nosso Pai. Perguntamo-vos: O que ficará? A obra de Deus ou a dos homens? O que é o pequeno cascalho diante da roda do progresso e da vida? Estamos atuando como irmãos abnegados e devotados ou temos causado mais danos?

Voltemos os olhos para nossa intimidade e perguntemos: não será preferível sofrer antes o dano?

OSVALDO MELLO

(1) Atos 5:38 e 39

(2) II Co 10:7

OSVALDO FERREIRA DE MELLO LUIZ

Oswaldo Ferreira de Melo Luiz nasceu em Florianópolis (SC), em 21/07/1893 e desencarnou em 25/07/1970.

Escritor e jornalista, fundou a Federação Espírita Catarinense, da qual foi presidente por 23 anos. Secretariou a reunião realizada na Federação Espírita Brasileira, da qual resultou, em 05/10/1949, o Pacto Áureo de unificação do Espiritismo no Brasil.

Consta desses anais que Oswaldo Melo, num momento decisivo para a concretização desse Pacto importantíssimo para o Movimento Espírita, foi médium de Guilon Ribeiro, em reunião íntima com os companheiros da caravana, quando este afirmou ser chegado o momento daquele grandioso passo.

NOVOS HORIZONTES

Amigos, o movimento espírita precisa ser redefinido em seu caráter conceptual e metodológico, a fim de que nele encontremos uma Seara de benesses para a alma, pois do contrário a ausência de reciclagem torná-lo-á impotente aos apelos do homem espiritual do terceiro milênio.

A falta de horizontes tem favorecido o desânimo.

Líderes e trabalhadores, muita vez, têm se perdido nos deveres e testemunhos no centro espírita pela falta de perspectiva quanto aos desafios que a própria tarefa lhes impõe. Sobrecarregados na rotina, acabam por tisonar suas possibilidades de visão acerca dos desafios múltiplos e contínuos que se lhes apresentam.

O contato com o mundo espiritual, pelas vias mediúnicas, não tem constituído ampliação da visão sobre as responsabilidades a que todos são convocados, enquanto seria de esperar que abundante fonte de estímulo e novos panoramas decorressem desses conúbios entre os dois mundos.

A tarefa que representava a princípio um oásis de bênçãos ante as lutas do mundo, com o passar dos anos, acaba por constituir-se em uma “ilha” na qual o servidor se sente sozinho e com maiores somas de problemas que soluções.

Por isso é imperioso sair das ilhas e navegar no mar das experiências novas e salutares para promover o encontro com outros que ousaram enfrentar as ondas tempestuosas em busca de respostas.

Nenhum desafio será vencido sem riscos. Arriscar nos terrenos do espírito é ter coragem de olhar o “desconhecido”. E tudo que nos é desconhecido causa temores e dúvidas.

Não temos outra opção. As mudanças e soluções só são implantadas quando dispomos a vencer a conformidade em busca

de alternativas criativas, incomuns, porém, seguras e consistentes.

A grande segurança nesse empreendimento é a ética.

Se os atos de coragem e idealismo tiverem o aval dos comportamentos saudáveis exarados em o Evangelho - essência moral do Espiritismo - nada nos deve deter.

Novos horizontes surgem quando promovemos ações transformadoras sob a égide do amor.

As convenções culturais não podem e não vão deter a marcha progressiva dos fundamentos doutrinários espíritas, por outro lado o conhecimento espírita necessita de urgente releitura, a fim de que as idéias dogmáticas e as concepções reducionistas não continuem a empanar a excelsitude da lógica do pensamento espírita.

A força do atavismo, que por muito tempo impulsionou a conquista de valores espirituais, é incompatível com a fé racional.

Se as entidades promotoras da salvaguarda do corpo doutrinário não revirem seus objetivos, uma “terceira via”, que já se amolda, cumprirá o desiderato de imprimir uma oxigenação na cultura e na mentalidade espíritas.

E enquanto muitos aguerridos batalhadores sentem-se ameaçados com os horizontes que desenovelam um cenário repleto de alternativas novas, por nossa vez agradecemos a Deus os rumos promissores, os horizontes que se descerram...

Sem reprimendas e exclusões, gozando do livre exame e do direito de discordar, façamos fervorosa e equilibradamente a nossa parte.

Considerando os homens, suas instituições e também os seus limites, usemos do sagrado direito de discordar das idéias sem ser contra ninguém, mas a favor da verdade...

Jesus, o maior revolucionário da humanidade, soube construir o paradigma da vida futura em plena sociedade idólatra e preconceituosa, ampliando novos horizontes ao povo sofrido de Israel; e não consta nos textos de O Novo Testamento que tenha, propositalmente, ferido a ninguém.

ERMANCE DUFAUX

ERMANCE DE LA JONCHÉRE DUFAUX

Nasceu em 1841, na cidade de Fontainebleau - França.

Colaborou, como médium, com Kardec na elaboração da segunda edição de “O Livro dos Espíritos”, de 1860, que se popularizou.

O seu guia espiritual deu grande incentivo a Kardec para publicar a “Revue Spirite”. Ermance, com seu pai, tornou-se sócia fundadora da “Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas”.

RUMORES DE GUERRA

“E ouvireis de guerras e de rumores de guerras; olhai não vos assusteis, porque é mister que isso tudo aconteça, mas ainda não é o fim. Porquanto se levantará nação contra nação, e reino contra reino...”

Mt. 24: 6 e 7

Quando reunidos em grupo em torno do Evangelho para partilhar de suas luzes, ao nos depararmos com palavras alertivas sobre os embates a serem enfrentados nesse período de transição, somos automaticamente levados a transferi-los para os grupos sociais, políticos e tantos outros que se digladiam em nossa humanidade.

Como a comprovar estas nossas reflexões, as notícias de guerras que eclodem nos mais variados rincões do orbe nos retratam o grau de endurecimento e pouca fraternidade que campeia em nosso mundo.

Agregados sob o manto protetor da crença espírita-cristã, sentimo-nos completamente a salvo dessas injunções constrangedoras das lutas fratricidas que varrem nossos horizontes atuais.

É, portanto, com perplexidade, dor e sofrimento que identificamos, no seio de nosso abençoado movimento espírita, estes rumores de guerra. Somos praticamente tomados de assalto pela surpresa e grande espanto, ao vermos irmãos que compartilham por muito tempo de nossas crenças e ideais superiores, sedimentados ao longo do extenso período de trabalho em comum, entregando-se a esse clima.

Mas as palavras do Mestre são para que não nos assustemos. Isto porque aquele estado d’alma expressa muitas vezes a nossa decepção em torno das atitudes e palavras beligerantes, que nos envolvem partindo daqueles que nos partilhavam os esforços e até

nos ajudaram a sustentar e traçar projetos de trabalhos embasados nos ideais espirituais mais nobres.

Ao permitirmos que estes sentimentos de perplexidade e incompreensão abatam o nosso ânimo, abrimos um canal magnético de sustentação e ampliação das ondas mentais de desagregação dos valores evangélicos do Cristo, para serem paulatina e imperceptivelmente substituídos pelos interesses pessoais em relação à Doutrina.

Não vos assusteis, é o que o Cristo nos propõe. Porque só assim, sem alimentar a guerra das lutas pessoais em nossos ambientes espiritistas, podemos atuar com compreensão sem conivência, com tolerância sem abono ao personalismo, com amor sem aceitação inerte perante os trabalhos e desígnios traçados pelo plano maior, do qual somos simples instrumentos.

Mantenhamos portanto a serenidade ante as críticas, as censuras e revezes, porque é necessário que tudo isto ocorra. É imprescindível que os valores reais e verdadeiros, conquistados legitimamente na Seara do Cristo, em clima de sincera renúncia do eu, para que o Cristo se expresse verdadeiramente em nossas ações e trabalhos, sejam apurados no cadinho das incompreensões e reveses que expressam a rebeldia pessoal de grupos ante as Leis de Progresso, traçadas pela sabedoria do Pai.

Se nações se levantarão contra nações e reinos contra reinos, o Mestre nos chama a atenção para as contendidas que surgem no seio de semelhantes que trafegam na mesma via das crenças espirituais. E não é por ser a Doutrina Espírita o maior farol a iluminar os caminhos da evolução humana que estará isenta de ter em seu ambiente lutas e embates.

É nessa hora que o testemunho individual e pessoal de Jesus assinala para nós a única e imprescindível postura para passarmos incólumes pelos ambientes de contendidas, sem perdermos a nossa paz e, sobretudo, a nossa crença nos valores eternos plasmados pelo Pai em nós, e em todos os nossos irmãos em humanidade.

Que o reconhecimento deste destino irrevogável de crescimento em direção à perfeição, da qual nenhuma alma se omitirá, e para a qual poderemos e deveremos contribuir tal qual o próprio Cristo o fez, sem alarde, com compreensão, aceitação e amor que a tudo supera, espera e perdoad na construção eterna e imutável do amor de Deus, nos sustente em nossa lida...

Paz e trabalho.

ANTÔNIO LUIZ SAYÃO

Nasceu em 1829, na cidade do Rio de Janeiro.

Diplomou-se em advocacia, profissão que exerceu durante muitos anos.

Estudioso dos evangelhos, publicou algumas obras, como: “Trabalhos Espíritos de Um Pequeno Grupo de Crentes” (1893) e “Estudos dos Evangelhos em Espírito e Verdade” (1897), sendo essa obra reeditada com novo título: “Elucidações Evangélicas à Luz da Doutrina Espírita” (1902).

Desencarnou em 31 de março de 1903, na cidade do Rio de Janeiro.

PUREZA E COERÊNCIA

A necessidade do homem delimitar territórios conceituais e alinhamentos ideológicos ainda são subprodutos morais inflamáveis, originados do comburente do egoísmo.

Durante decênios, a ação dos espíritas moveu-se pela coesão em torno de um modelo pré-estabelecido de interpretação dos textos da codificação e da unidade de práticas. Estabeleceu-se a expressão “pureza doutrinária” para dar sentido à iniciativa de zelar pela integridade das concepções, evitando adulterações e enxertos que poderiam conspurcar o conceito de Espiritismo. E para alcançar semelhantes fins, as balizas éticas exaradas pela doutrina foram subestimadas e clamorosas atitudes de exclusão, processos estratégicos de bastidor e infelizes expressões de preconceito foram e são levados a efeito no seio do organismo doutrinário.

Nesse quadro em que o fator institucionalizante esmaga a ética do amor, somos obrigados a assinalar que o egoísmo humano está patrocinando, mais uma vez, o “Édito de Milão” ou as “cruzadas” dos tempos modernos, justo entre nós que avocamos a titularidade absoluta de revivescência do Cristianismo primitivo.

A massa cultural, esculpida a partir do Espiritismo brasileiro, deve ser respeitada como um processo sócio-histórico inevitável e necessário, mas daí a circunscrevê-lo como padrão universal de “pureza doutrinária” a ser seguido é um desrespeito às demais culturas. Embora ressaltemos que hoje isso ainda não constitua um problema de proporções, quando analisamos esse tema para dentro dos rincões brasileiros, assinalamos com pesar os efeitos deletérios dessa cultura obsoleta de resguardar um perfil unitário de concepção doutrinária.

Imprescindível renovar nossas conceituações nessa temática.

Carecemos, em verdade, é de coerência com a lógica do raciocínio espírita, com o método que foi empregado pelo Codificador.

O avanço da inteligência nos dias de hoje torna-se incompatível com feudos conceituais de qualquer natureza.

Os limites da informação são superados a todo instante e guardar-se guindado a definições estáticas é promover a estagnação das necessárias mudanças.

Os textos mesmos da codificação merecem nosso indeclinável louvor, porque foram construídos a partir de validações efetuadas em rigorosas observações provenientes da fleuma científica de Allan Kardec, mas nem mesmo eles podem ser dogmatizados pela letra que gera interpretações unívocas e acabadas.

Devido à riqueza do Espiritismo, enquanto um conjunto de princípios universais enviados à Terra com o objetivo de cooperar com a espiritualização da humanidade, é exatamente o plural de seus significados que devem se atrelar ao bom senso e à lógica, permitindo assim a variedade interpretativa que será delineada de conformidade com a estirpe intelecto-moral, criando identidades próprias a partir dos grupos que o assimilarem.

Por isso o livre exame e a pluralidade de movimentos em torno de seus fundamentos devem ser percebidos com alegria e fraternidade.

Quando as “vozes do além” asseveraram que o Espiritismo “se tornaria crença comum” ⁽¹⁾ não afirmaram eles que se tornaria “religião comum”, como a dizer que seus fundamentos fariam parte dos conhecimentos da sociedade, sem que ela necessariamente devesse assumir o compromisso de se tornar espírita.

Essa coerência a que referimos acima deverá ser almejada por nós, não somente no tocante à postura positivista e de fé racional empregada por Allan Kardec, mas também e, prioritariamente, na sua conduta ética de amor.

A informação - esse talento precioso - já não é mais tão exclusiva como em tempos passados. A dinâmica do conhecimento permitiu uma visão mais profunda da realidade intrínseca de suas organizações e do ideário espírita que é cada vez mais discutida, repensada, a partir de pressupostos ajustados à realidade dos tempos presentes.

Daí não ser mais prudente o patrulhamento e a linearidade de modelos e estereótipos herméticos que, quase sempre, estimulam facções e disputas injustificáveis, embasadas no egocentrismo e na egolatria.

Revisemos nosso conceito de pureza e o transformemos para coerência.

A postura coerente é rica de sentidos, propiciadora de entendimento e da união gestados em clima de harmonia e respeito.

Ter coerência com a doutrina é ministrar integridade moral, acima de rótulos e quaisquer exterioridades dispensáveis à conquista das relações consistentemente fraternas e operosas no bem.

Ampliemos nossos conceitos para libertar nossos sentimentos nobres. Sejamos ecumênicos no sentir, ainda que por agora não o sejamos no campo das idéias.

Pureza, só uma deve nos interessar, e quem a estatuiu foi Jesus ao dizer “Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus” (2).

ANTÔNIO LIMA

(1) O Livro dos Espíritos - questão 798

(2) Mt. 5:8

ANTÔNIO LIMA

Nasceu em 30 de março de 1864, na cidade do Rio de Janeiro - RJ.

Escritor, jornalista e grande expositor da Doutrina Espírita, deixou uma vasta bibliografia espírita e não espírita, além de várias traduções.

Fiel defensor da pureza doutrinária, fundador e primeiro presidente da União Espírita Mineira, e um dos incentivadores do movimento de unificação.

Desencarnou em 26 de março de 1946, na cidade de Paraíba do Sul.

OS PRESSUPOSTOS DIANTE DA CRISE

Os modelos institucionais de nosso movimento espírita estão em crise.

As respeitáveis entidades de unificação e os centros espíritas vêm sofrendo provas de resistência acentuadas.

Embora se costume avaliar tais pressões sob a ótica de heróicos testemunhos, urge considerar, também, que os sistemas em crise apelam para novos pressupostos.

Então, seria oportuno indagar sobre quais seriam os pressupostos que norteariam, satisfatoriamente, as expectativas e necessidades que ora se apresentam às organizações doutrinárias do Espiritismo.

Resumamos nossas considerações em duas.

É inconcebível querer resguardar a unificação sob o paradigma de atos administrativos, gestados em eventos ocasionais que, por mais denodo de seus dignos representantes, ainda resultam em estreitos benefícios para a Seara, enquanto um pressuposto novo vem sedimentando novas alternativas através da ética da diversidade. Nessa ética a unificação deixa o caráter de formalismo cerceador e reducionista e penetra nos arcanos sagrados das relações encetadas por um processo de espontânea adesão, com alto índice motivacional face ao contingente de conteúdo e diretrizes disseminados por agentes facilitadores. Esses se formam dentro de um clima de idealismo e maturidade nos terrenos sadios da produtividade e do carisma, ao longo de anos vividos na experiência das realizações doutrinárias.

Outro pressuposto se refere à unidade basilar do movimento, o centro espírita, que vem sendo convocado a assumir sua função

espiritual na sociedade, libertando-se da sua primária condição de entidade beneficente e constituindo-se em centro de reeducação e formação do homem de bem.

A unificação ética e a reeducação social são pressupostos que preencherão de incentivo e equilíbrio as sociedades espíritas nos dias que correm.

A vivência da alteridade na relação, o respeito às diferenças face à heterogeneidade de nosso movimento é o “salvo-conduto” para tempos mais felizes e pacíficos. É o conceito novo de unificar nas diferenças, abandonando de vez a utopia da uniformidade incongruente com o pluralismo da essência do Espiritismo.

Por outro lado, a casa espírita, cumprindo seu papel de preparadora espiritual, oferecendo através de suas realizações os ingredientes para a conscientização individual pela demonstração tácita do valor de plenificar uma ética de valores dignificantes, frente à imortalidade da alma e à palingenesia, ensinará a estabilidade e empatia de seus trabalhadores, que serão sensibilizados e motivados a se comprometerem com mais amplas e extensas responsabilidades pelo bem da coletividade espírita, quem sabe se tornando esses agentes facilitadores, criando vínculos entre os pressupostos por nós aqui analisados.

As crises de nossos modelos institucionais apelam para a reciclagem de valores e metodologias.

O surgimento de novos empreendimentos dinamizadores, nesse estágio de volubilidade organizacional, é de inestimável valor, conquanto devamos frisar que o surgimento de novas frentes deveriam ser sempre balizadas pelo perfil ético que a hora reclama, pois fazer oposições sistemáticas, ainda que justas, com a velha antifraternidade, é apenas revitalizar o círculo vicioso de rebeldia personalista.

Tais valores, para que sirvam de base a ações renovadoras, precisam ser assentados nessa ética de alteridade, através do respeito incondicional e do amor aplicado.

Se o exemplo individual é fermento renovador, igualmente a referência institucional, construída em premissas éticas consistentes, é oxigenação para os ares intelectuais e esperança motivadora a muitos lidadores de valor, que se cansaram da faina desgastante, provocada pelo marasmo e despotismo ainda presentes na atitude

de muitos dirigentes...

Propaguemos o ecumenismo afetivo, ainda que as idéias diverjam.

Amemo-nos, apesar das diferenças.

Consagremos o direito alheio de pensar diversamente.

O sábio maior, Jesus, conhecendo essas máximas declarou que os seus discípulos seriam conhecidos por muito se amarem. ⁽¹⁾

CAMILO RODRIGUES CHAVES

(1) João, 13;35

CAMILO RODRIGUES CHAVES

Nasceu em 28 de julho de 1884, no povoado de Campo Belo do Prata, hoje cidade de Campina Verde - MG.

Foi senador, deputado, parlamentar e diretor da Loteria de Minas.

Exerceu o cargo de presidente da União Espírita Mineira. Fez circular com regularidade o “Espírita Mineiro”, com orientação doutrinária segura.

Elaborou novos Estatutos e ampliou os Departamentos da Sociedade, como do Conselho Federativo Estadual, obedecidas as normas constantes do “Pacto Áureo” da unificação.

Promoveu o Segundo Congresso Espírita Mineiro, quando da aprovação da “Declaração de Princípios Espíritas”.

Desencarnou em 03 de fevereiro de 1955.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bíblia Sagrada - O Antigo e o Novo Testamento
Traduzido em Português por João Ferreira de Almeida, 87a
impressão.
São Paulo - SP - 1997.
Editora Imprensa Bíblica Brasileira e Editora Vida